



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 11 - Décimo Primeiro levantamento | **AGOSTO 2017**



Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Clovis Campos de Oliveira

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N. 11 - Décimo primeiro levantamento |
AGOSTO 2017

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Décimo primeiro levantamento, Brasília, p. 1-171
agosto 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctá da Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Júnior, José Bosqui, Rafael Fogaca, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agneze (RR); Carlos Bestetti, Ale-Xandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); César Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Ateam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematcer); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Emparer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(os)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade ----- 17



5. Estimativa de produção ----- 23



6. Crédito rural ----- 29



7. Análise climática - Inmet ----- 38



8. Monitoramento agrícola ----- 43



9. Análise das culturas	58
9.1. Culturas de verão -----	58
9.1.1. Algodão -----	58
9.1.2. Amendoin -----	65
9.1.2.1. Amendoin primeira safra-----	65
9.1.2.2. Amendoin segunda safra-----	66
9.1.2.3. Amendoin total-----	69
9.1.3. Arroz-----	70
9.1.4. Feijão -----	75
9.1.4.1. Feijão primeira safra-----	75
9.1.4.2. Feijão segunda safra-----	81
9.1.4.3. Feijão terceira safra-----	88
9.1.4.4. Feijão total -----	93
9.1.5. Girassol -----	97
9.1.6. Mamona -----	99
9.1.7. Milho -----	102
9.1.7.1. Milho primeira safra-----	102
9.1.7.2. Milho segunda safra-----	108
9.1.7.3. Milho total -----	112
9.1.8. Soja -----	115
9.1.9. Sorgo -----	120
9.2. Culturas de inverno -----	125
9.2.1. Aveia-----	125
9.2.2. Canola -----	128
9.2.3. Centeio -----	129
9.2.4. Cevada -----	130
9.2.5. Trigo -----	131
9.2.6. Triticale -----	136
10. Receita bruta -----	137
11. Balanço de oferta e demanda -----	145
12. Calendários de plantio e colheita -----	147







1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

Para a safra 2016/17 a estimativa é de 238,22 milhões de toneladas. Crescimento de 27,7% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 51,6 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60,66 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 4% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: as boas condições climáticas proporcionam uma boa safra para este ano. Em Mato Grosso, maior estado produtor, a colheita se encontra com cerca de 20% e em Goiás e Bahia, segundo maior produtor, em fase final de colheita.

Amendoim primeira safra: colheita concluída, com produção de 438,8 mil toneladas e crescimento de 12,9% em relação à safra anterior.

Arroz: colheita concluída e as condições climáticas foram favoráveis ao longo de todo o ciclo, resultando em 12,3 milhões de toneladas de produção.

Feijão primeira safra: colheita concluída e a produção é de 1,39 milhão de toneladas, sendo 858,2 mil toneladas de feijão-comum cores, 319,5 mil toneladas de feijão-comum preto e 210,9 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão segunda safra: o acréscimo de área nessa safra e as boas expectativas de produtividades resultam

numa safra de 1,22 milhão de toneladas. A produção deverá ser de 591,2 mil toneladas de feijão comum cores, 177,4 mil toneladas de feijão comum preto e 446,5 mil toneladas de feijão caupi.

Feijão terceira safra: plantio finalizando, prevalecendo os estágios de formação de grãos e maturação com expectativa de plantio de 621,5 mil hectares e produção de 750,3 mil toneladas.

Milho primeira safra: colheita em conclusão, com produção estimada de 30,5 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: colheita em andamento, com

estimativa de produção total de 66,7 milhões de toneladas cultivadas em 12 milhões de hectares.

Soja: com a colheita finalizada nos principais estados produtores e a produção atingiu 114 milhões de toneladas.

Trigo: confirma-se a estimativa de redução na área plantada, estimada em 1,83 milhão de hectares em razão do preço do produto e aos estoques de ótima qualidade da safra passada. No Paraná, maior estado produtor, a colheita se inicia em setembro, e no Rio Grande do Sul, prevalece os estádios de desen-





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório, construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as

culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural

(oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.



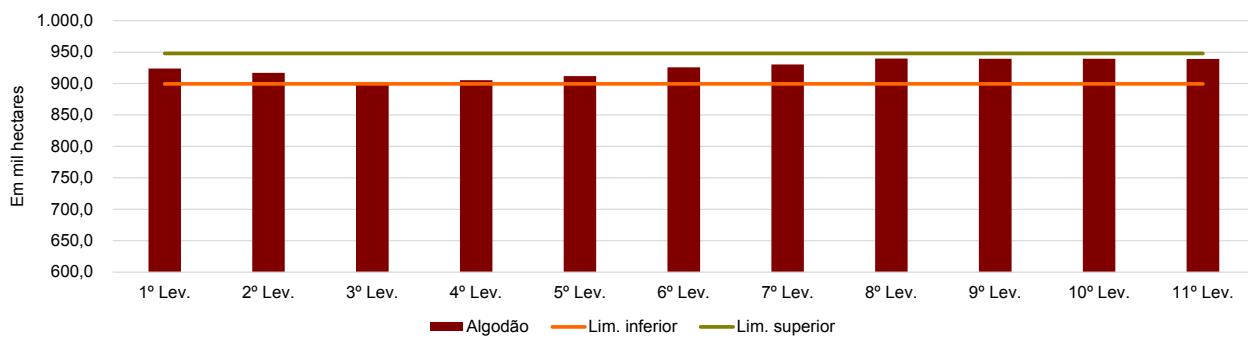


3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Nesse décimo primeiro levantamento se estima que 60,7 milhões de hectares sejam cultivados com grãos. A variação de 0,1% em relação ao levantamento passado traz a consolidação da área plantada das culturas de primeira e segunda safras, além do avanço do plantio de feijão terceira safra e das culturas de inverno, mas permanece o quadro de redução de área, sobretudo o trigo, maior área cultivada entre essas culturas. O aumento de área plantada em relação à última safra é de aproximadamente 2,3 milhões de hectares.

Nessa safra o algodão tem sido cultivado em quatro das cinco regiões do país, porém, em face das condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação, permanece concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão e Minas Gerais. Esses estados correspondem a 98% da área total. Assim, o Brasil tem uma área de algodão estimada em 939,4 mil hectares e a colheita está avançada.

Gráfico 1 – Estimativa de área semeada de algodão - 2016/17

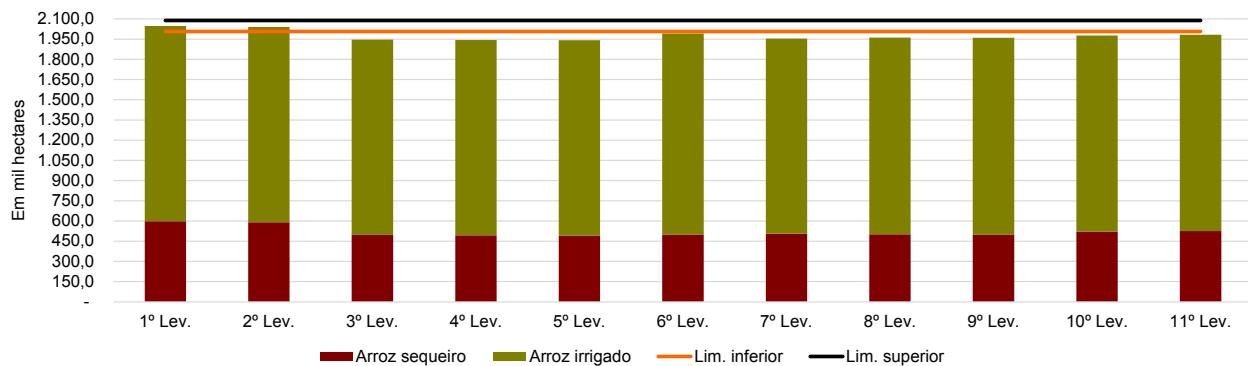


Fonte: Conab.

Para a cultura do arroz, a safra se consolidou em 1,98 milhão de hectares. Como mencionado nos outros levantamentos, esta safra seguiu a tendência das últimas estimativas.

mas, com redução da área semeada de sequeiro em quase todos os estados produtores e manutenção e/ou incremento das áreas irrigadas.

Gráfico 2 – Estimativa de área semeada de arroz - 2016/17

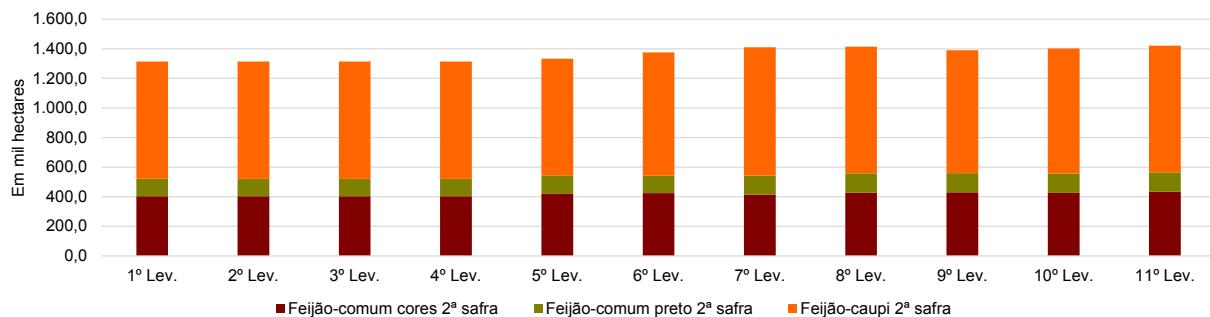


Fonte: Conab.

Em relação ao feijão, esse levantamento confirma os prognósticos das últimas estimativas, com acréscimo de área de 11,1% em relação à safra passada, totalizando 3,15 milhões de hectares de área semeada. O aumento ocorreu para os três tipos de feijão, o comum

cores, caupi e comum preto. O produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra, por não concorrer com a soja e também porque a colheita é realizada em época com menor intensidade de chuvas.

Gráfico 3 – Estimativa de área semeada de feijão segunda safra - 2016/17



Fonte: Conab.

O feijão terceira safra é cultivado sob regime de irrigação no Centro-Sul e coincide com o período chuvoso na Região Norte/Nordeste. Essa cultura tem grande variação de área cultivada entre as diferentes safras porque depende muito do comportamento da primei-

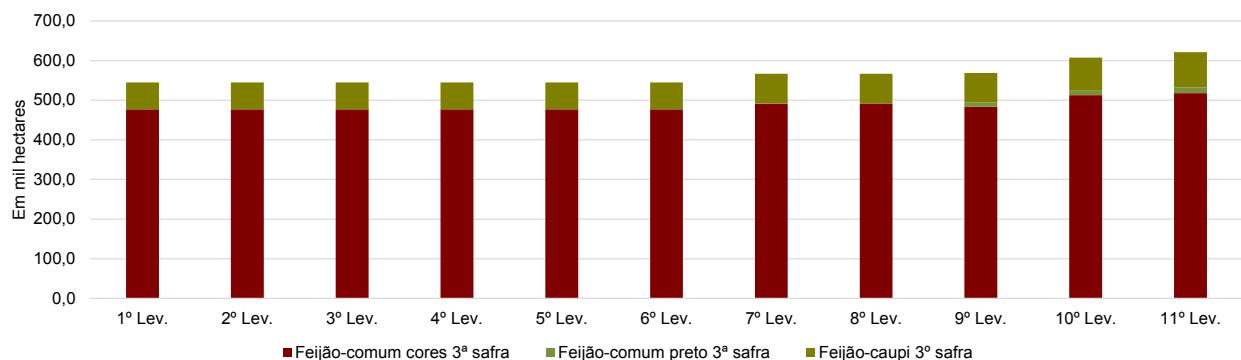
ra e segunda safras. Com problemas na colheita da segunda safra, a estimativa para a terceira safra tem aumentado em face da oportunidade dos produtores de alcançar boa rentabilidade com a cultura. A estimativa é de cultivo de 621,5 mil hectares, 2,3% superior ao



levantamento anterior e 13,5% à safra passada. Desse total, 512,7 mil hectares com feijão-comum cores, 83,8

mil hectares com feijão-caupi e 11,2 mil hectares com feijão-comum preto.

Gráfico 4 – Estimativa de área semeada de terceira safra - 2016/17

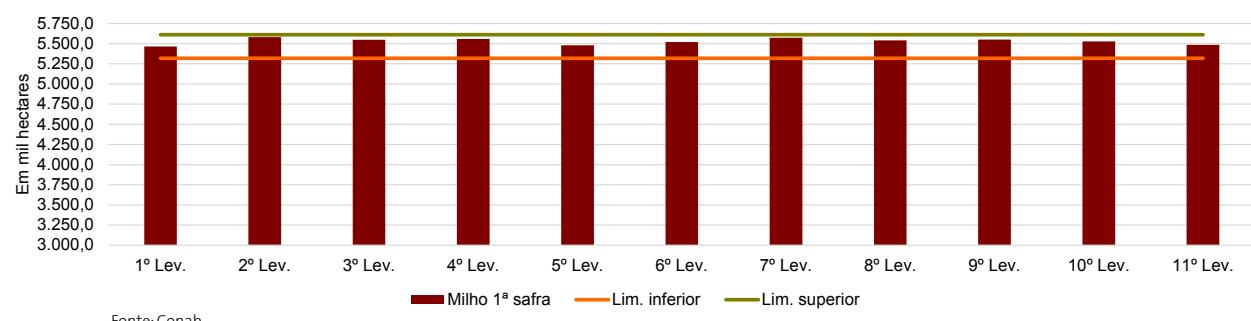


Fonte: Conab.

O milho primeira safra é plantado em diferentes épocas nas diferentes regiões do país. Esse calendário diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tarde. Porém,

a área permanece dentro dos limites divulgados no primeiro levantamento e bem estável entre os levantamentos e semelhante ao divulgado nos últimos levantamentos, 5,5 milhões de hectares.

Gráfico 5 – Estimativa de área semeada de milho primeira safra - 2016/17

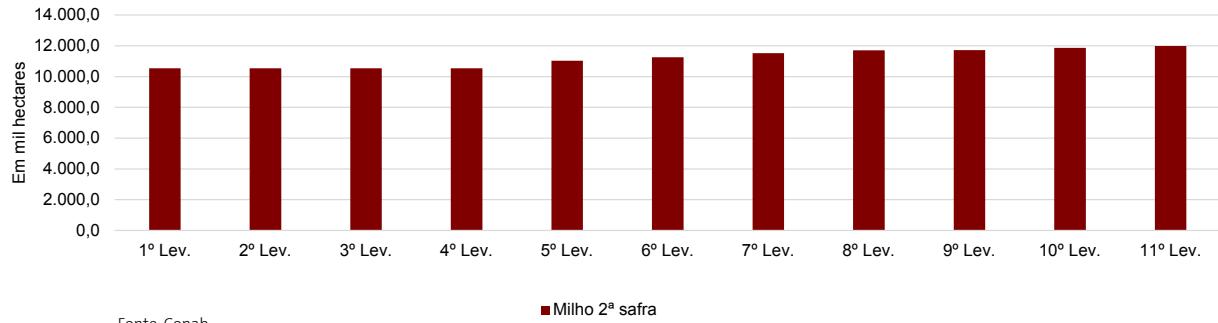


Fonte: Conab.

A segunda safra de milho, nesse levantamento, indica aumento na área semeada, alcançando 12 milhões de hectares. Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de janeiro, após a

colheita da soja. A colheita já está em fase final em grande parte das áreas cultivadas.

Gráfico 6 – Estimativa de área semeada de milho segunda safra - 2016/17



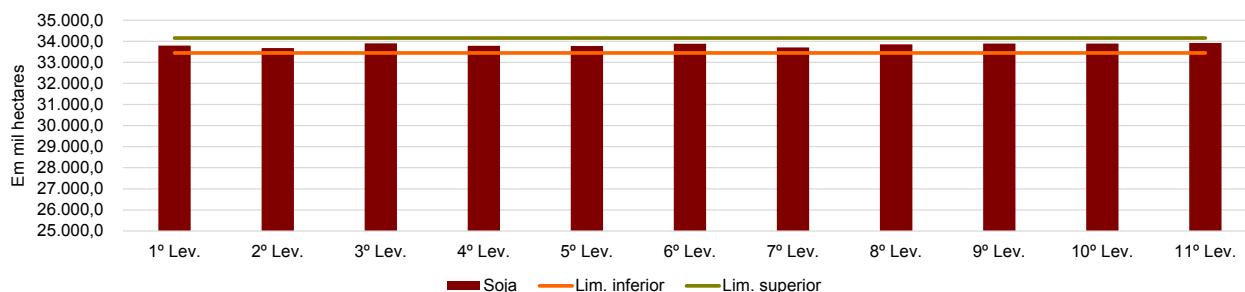
Fonte: Conab.



A área de soja se consolidou em 33,9 milhões de hec-

tares. A soja praticamente já teve a sua colheita totalizada, com exceção da Região Norte.

Gráfico 7 – Estimativa de área semeada de soja - 2016/17

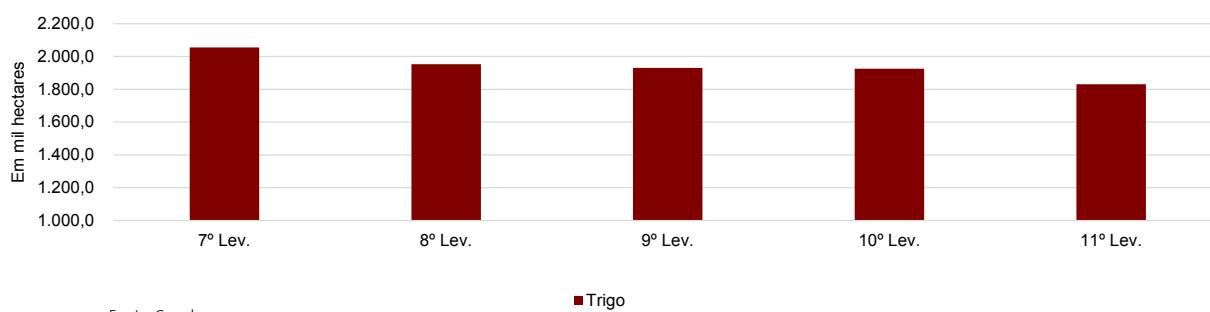


Fonte: Conab.

O trigo, devido à boa safra no ano passado, teve a sua área reduzida. Em algumas regiões a expectativa era que a redução pudesse ser ainda maior em razão das condições climáticas no início da época de semeadura.

Com a melhora dessas condições e a adequada evolução da semeadura, alguns produtores que inicialmente não cultivaram o cereal, ou o fariam em área menor, sentiram-se mais motivados.

Gráfico 8 – Estimativa de área semeada de trigo - 2016/17



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos - Brasil

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Jul/2017 (b)	Ago/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	955,2	939,4	939,1	(1,7)	(16,1)
AMENDOIM TOTAL	119,6	129,7	127,3	6,4	7,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	118,7	118,3	7,3	8,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	11,0	9,0	(3,2)	(0,3)
ARROZ	2.008,0	1.977,1	1.982,5	(1,3)	(25,5)
ARROZ SEQUEIRO	607,7	521,1	526,2	(13,4)	(81,5)
ARROZ IRRIGADO	1.400,3	1.456,0	1.456,3	4,0	56,0
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	3.120,2	3.151,2	11,1	313,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.111,0	1.111,0	13,5	132,4
CARIOSA	409,9	478,5	478,2	16,7	68,3
PRETO	180,5	174,2	174,7	(3,2)	(5,8)
CAUPI	388,2	458,3	458,1	18,0	69,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.311,2	1.401,5	1.418,7	8,2	107,5
CARIOSA	404,6	425,3	431,6	6,7	27,0
PRETO	118,0	130,1	131,5	11,5	13,5
CAUPI	788,6	846,1	855,6	8,5	67,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	547,7	607,7	621,5	13,5	73,8
CARIOSA	467,8	512,7	517,8	10,7	50,0
PRETO	9,6	11,2	14,3	49,0	4,7
CAUPI	70,3	83,8	89,4	27,2	19,1
GIRASSOL	51,5	62,3	62,3	21,0	10,8
MAMONA	31,8	29,3	27,9	(12,3)	(3,9)
MILHO TOTAL	15.922,5	17.391,1	17.470,7	9,7	1.548,2
MILHO 1ª SAFRA	5.289,4	5.529,1	5.486,4	3,7	197,0
MILHO 2ª SAFRA	10.633,1	11.862,0	11.984,3	12,7	1.351,2
SOJA	33.251,9	33.888,7	33.925,0	2,0	673,1
SORGO	579,0	641,8	634,1	9,5	55,1
SUBTOTAL	55.757,0	58.179,6	58.320,1	4,6	2.563,1
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Jul/2017 (b)	Ago/2017 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	291,5	336,0	330,4	13,3	38,9
CANOLA	47,5	47,3	47,9	0,8	0,4
CENTEIO	2,5	3,0	3,6	44,0	1,1
CEVADA	95,6	109,1	109,1	14,1	13,5
TRIGO	2.118,4	1.925,7	1.830,4	(13,6)	(288,0)
TRITICALE	23,5	21,6	22,7	(3,4)	(0,8)
SUBTOTAL	2.579,0	2.442,7	2.344,1	(9,1)	(234,9)
BRASIL	58.336,0	60.622,3	60.664,2	4,0	2.328,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



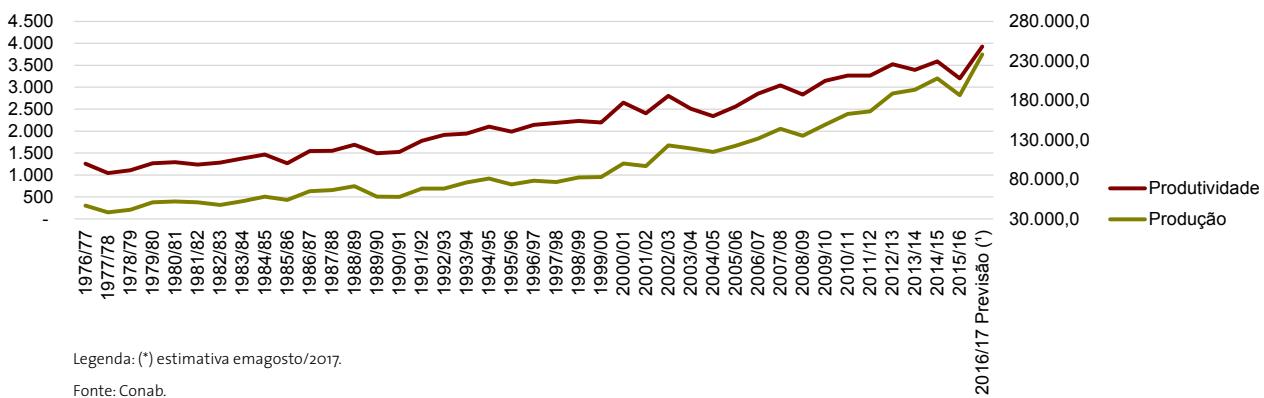


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Neste ano, a Conab completa 40 anos de monitoramento das safras brasileiras de grãos. Nos últimos levantamentos fizemos comparativos de área e produção entre a safra atual e a safra 1976/77.

Nesse levantamento vamos destacar o salto de produtividade que a agricultura brasileira experimentou nos últimos 40 anos e como ela influenciou na produção.

Gráfico 9 – Evolução dos níveis de produção e produtividade da safra brasileira



É possível depreender no gráfico que a variação na produção está diretamente relacionada à variação da produtividade.

A maior utilização de tecnologia no campo, presente não só em máquinas e implementos, mas também em sementes, técnicas de cultivo e também do uso de irrigação são os motivos apontados para o aumento de produtividade nas culturas que atualmente possuem um bom pacote tecnológico, situação completamente distinta da observada na safra 1976/77. Esses fatores reunidos provocaram grande mudança nos patamares de produtividade da agricultura brasileira.

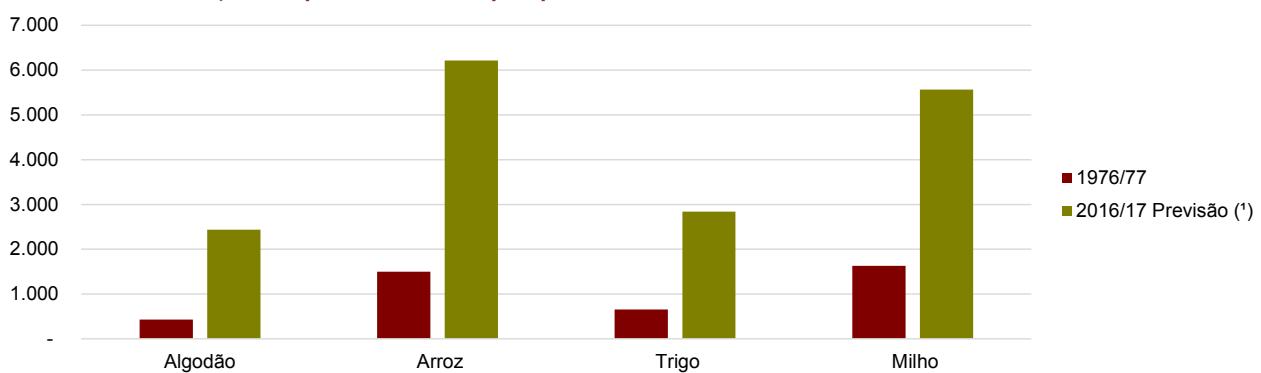
A cultura do algodão, que utiliza um dos melhores pacotes tecnológicos, aumentou sua produtividade em

mais de 400%, nesses últimos 40 anos.

O arroz foi outra cultura que elevou bastante seus níveis de produtividade. Considerado como um cultivo de abertura de novas áreas, o arroz viu sua produtividade aumentar principalmente com a implementação do cultivo sob irrigação.

Culturas importantes como trigo e milho também aumentaram consideravelmente seus níveis de produtividades. Apesar do clima exercer bastante influência e poder limitar os valores de produtividade obtido, ainda existe bastante espaço para avançar com o pacote tecnológico nessas culturas e, assim, elevar os atuais patamares de produtividade.

Gráfico 10 – Evolução da produtividade por produto



Legenda: (*) estimativa em julho/2017.

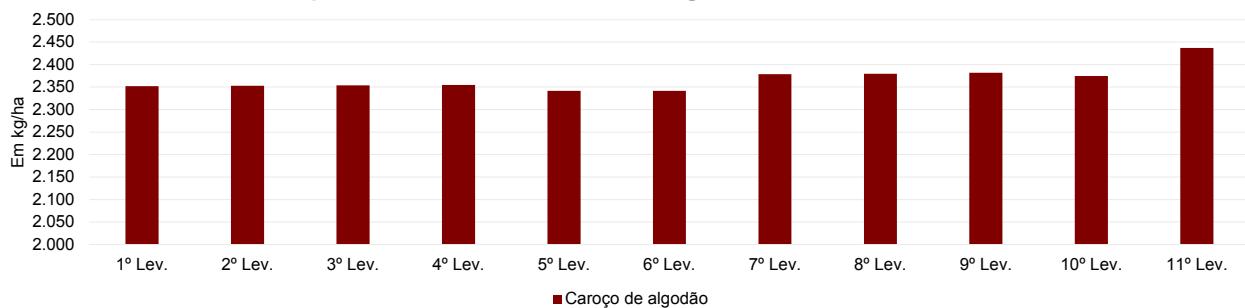
Fonte: Conab.

Nessa safra, o algodão tem sido favorecido por boas condições climáticas em todas as regiões produtoras. Em razão da utilização de elevado pacote tecnológico, a cultura consegue responder bem às condições climáticas favoráveis e, com a colheita avançando, as

boas produtividades têm se confirmado. A estimativa de produtividade atual é de 2.437 kg/ha de caroço de algodão e 1.580 kg/ha de pluma, sendo a segunda melhor produtividade média alcançada pelo país.

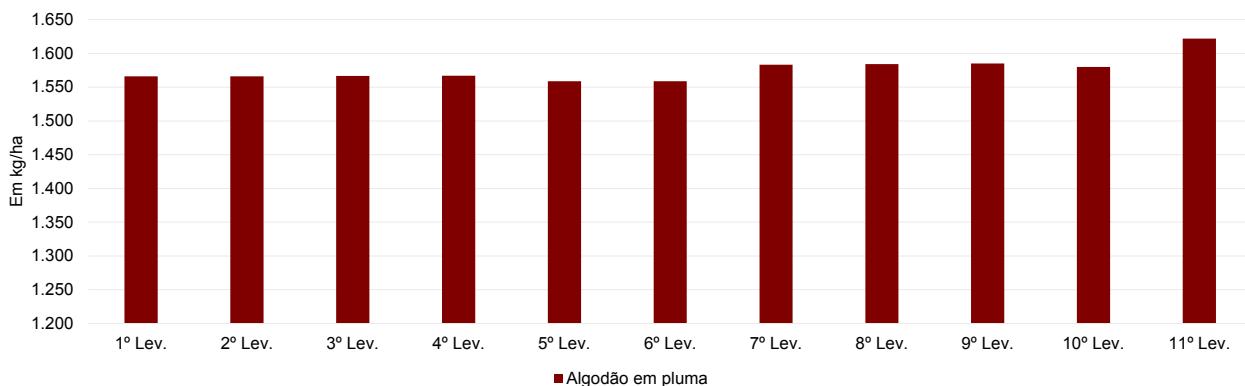


Gráfico 11 – Estimativa de produtividade de caroço de algodão – 2016/17



Fonte: Conab.

Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de algodão em pluma – 2016/17

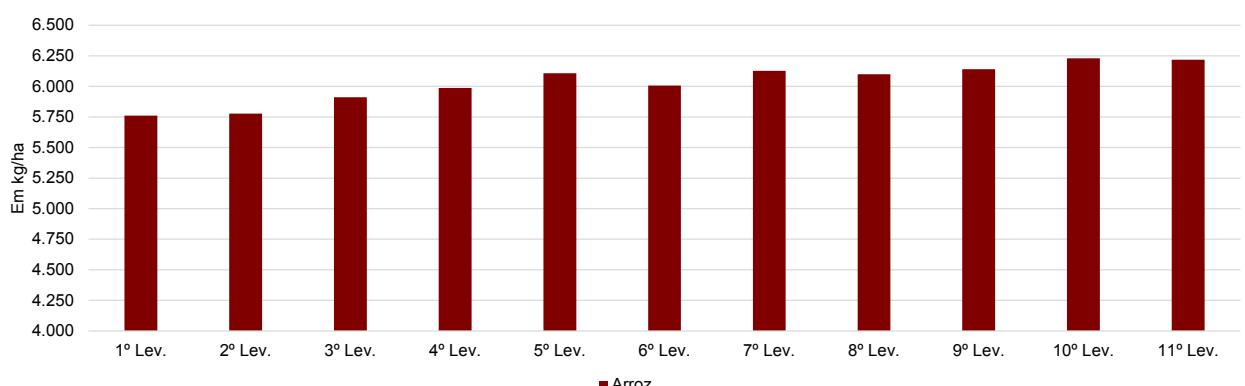


Fonte: Conab.

O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz do Brasil, nessa safra, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade muito superior ao de sequeiro. Além disso, as boas condições climáticas em todo o desen-

volvimento da cultura influenciaram o aumento das estimativas de produtividade de arroz. Com a colheita próxima do término, a previsão é que a média se situe em 6.218 kg/ha, a maior da série histórica e 13% superior à melhor.

Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de arroz – 2016/17



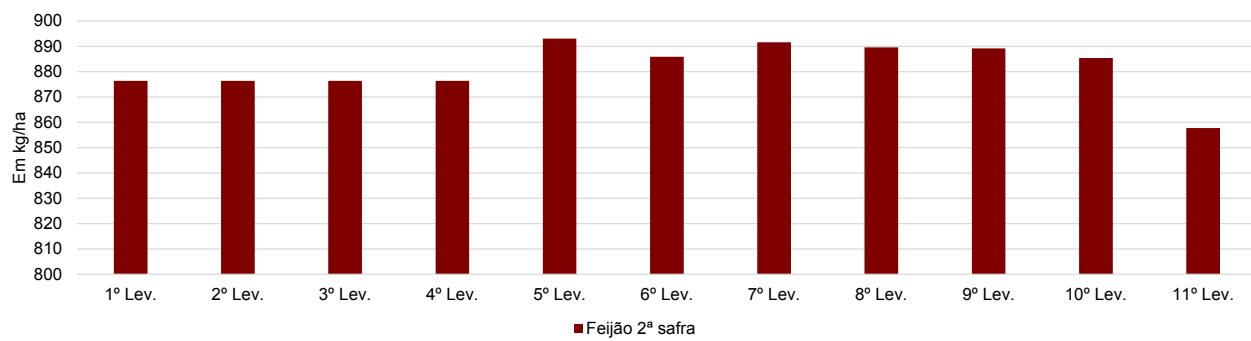
Fonte: Conab.

O feijão segunda safra mantém a expectativa de ter uma boa safra em termos de produtividade. A colheita praticamente finalizada confirmou boas produti-

vidades em todas as regiões, com exceção da Região Sul, onde o excesso de chuva no momento da colheita reduziu a produtividade média da cultura.



Gráfico 14 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra – 2016/17

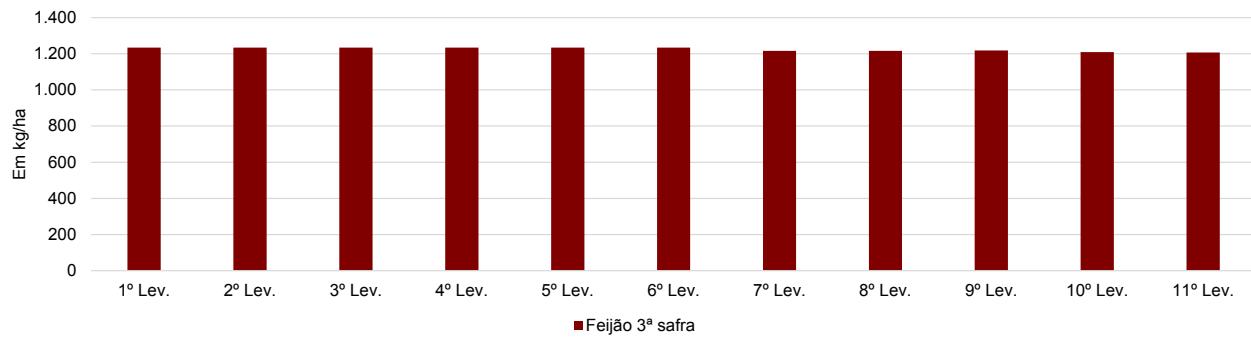


Fonte: Conab.

O feijão terceira safra normalmente possui pouca variação de produtividade entre os levantamentos porque a cultura é cultivada sob irrigação na Região Centro-Sul e no período chuvoso na Região Norte/

Nordeste, o que, de certa forma, garante uma boa produtividade. Permanece as boas expectativas de produtividade.

Gráfico 15 – Estimativa de produtividade de feijão terceira safra – 2016/17

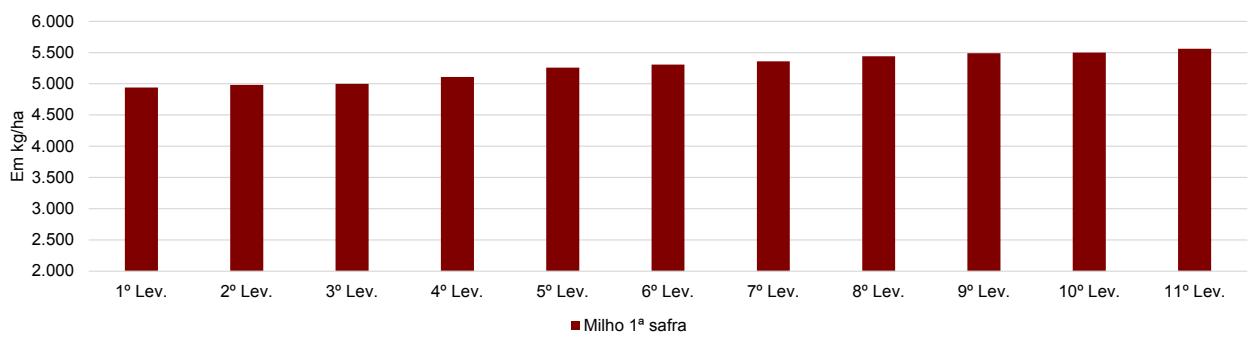


Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra no ano passado levou muitas Unidades da Federação, principalmente aquelas que possuem grande volume para consumo próprio, a investir nessa cultura na primeira safra, tanto com aumento de área, como com

melhores tratos culturais. Aliada às boas condições climáticas, nessa safra, a cultura tem apresentado bons resultados, sendo a melhor produtividade média registrada no país (5.561 kg/ha).

Gráfico 16 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra – 2016/17



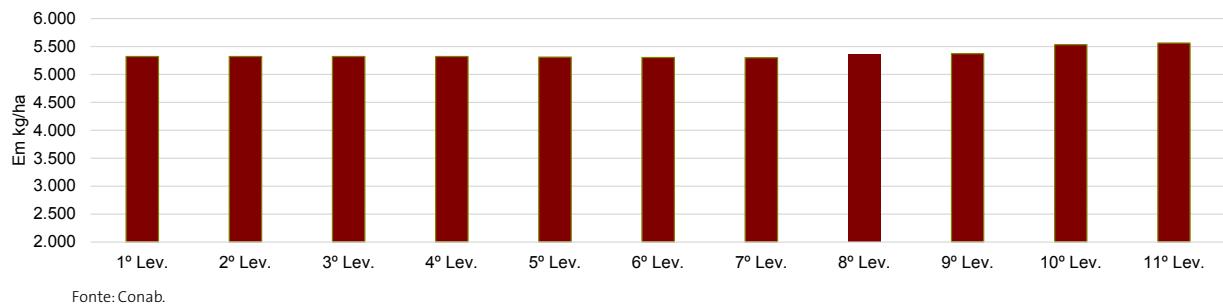
Fonte: Conab.

A expectativa para o milho segunda safra, após o baixo rendimento na última safra, não é apenas de recuperação da sua produtividade. As condições cli-

máticas favoreceram a cultura e, com a colheita em andamento, a estimativa de produtividade, de 5.564 kg/ha.



Gráfico 17 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra – 2016/17

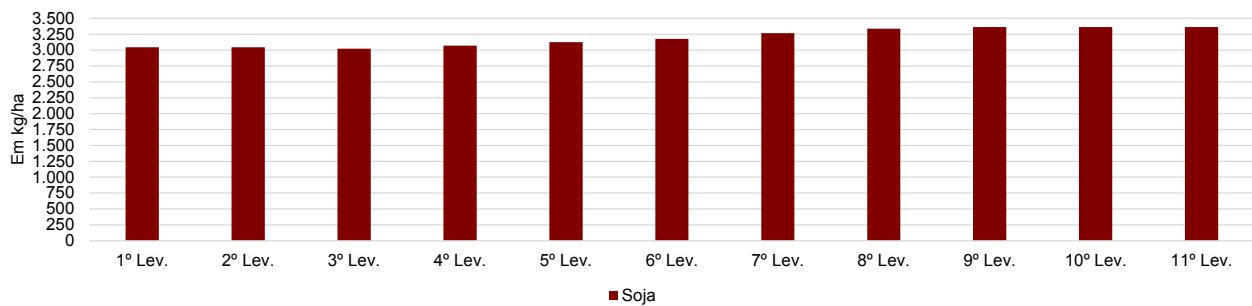


Fonte: Conab.

Com a colheita praticamente finalizada, faltando apenas a Região Norte devido ao calendário diferenciado, o bom desenvolvimento da cultura ao longo de todo o

ciclo resultou em produtividade média bem superior à observada na última safra. A estimativa permanece em 3.362 kg/ha na presente safra.

Gráfico 18 – Estimativa de produtividade de soja – 2016/17

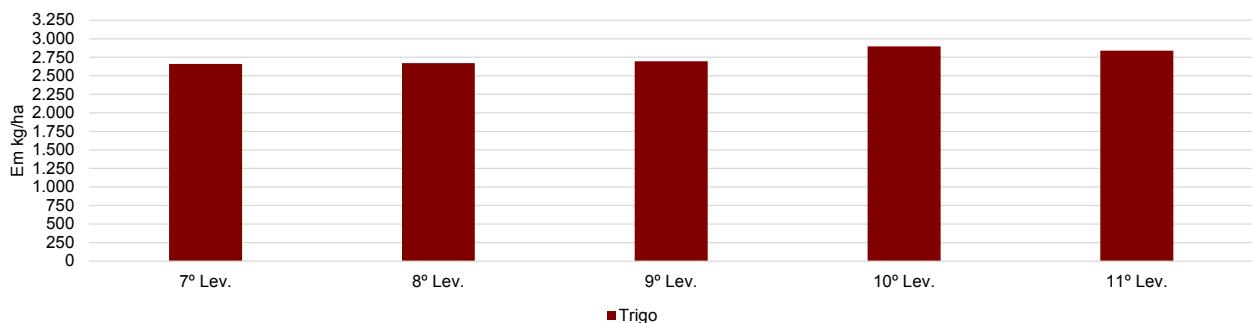


Fonte: Conab.

A semeadura do trigo praticamente finalizou na Região Sul, e com o avanço do desenvolvimento da cultura, a produtividade vai sendo ajustada. A produtividade estimada para a atual safra leva em consideração o pacote tecnológico utilizado pelos produtores e a influência das condições climáticas sobre o desen-

volvimento da cultura. A safra 2016 foi recorde para a cultura devido às condições climáticas que foram favoráveis ao longo de todo o ciclo, portanto as produtividades para a atual safra permanecem estimadas abaixo da safra anterior.

Gráfico 19 – Estimativa de produtividade de trigo – 2017



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

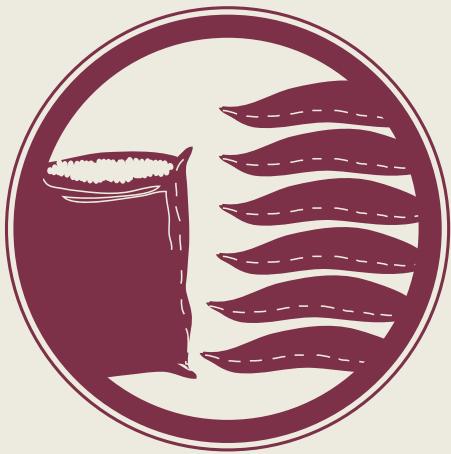
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Jul/2017 (b)	Ago/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.028	2.375	2.437	20,2	409,1
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.580	1.622	20,1	271,9
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.602	3.625	6,7	228,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.701	3.709	5,2	184,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.534	2.520	34,5	647,1
ARROZ	5.280	6.230	6.218	17,8	937,4
ARROZ SEQUEIRO	2.028	2.351	2.341	15,4	312,7
ARROZ IRRIGADO	6.692	7.618	7.618	13,9	926,9
FEIJÃO TOTAL	886	1.078	1.064	20,2	178,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.250	1.250	18,3	193,1
CORES	1.619	1.795	1.795	10,9	176,3
PRETO	1.601	1.829	1.829	14,2	227,5
CAUPI	210	461	461	118,8	250,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	885	856	23,1	160,5
CORES	1.226	1.443	1.369	11,7	143,3
PRETO	1.494	1.438	1.350	(9,7)	(144,3)
CAUPI	305	520	522	71,3	217,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.034	1.210	1.207	16,7	173,2
CORES	1.008	1.276	1.285	27,5	277,4
PRETO	420	575	552	31,5	132,2
CAUPI	578	889	862	49,2	284,4
GIRASSOL	1.224	1.486	1.648	34,7	424,4
MAMONA	465	518	490	5,3	24,7
MILHO TOTAL	4.178	5.522	5.563	33,1	1.384,7
MILHO 1ª SAFRA	4.867	5.498	5.561	14,2	693,3
MILHO 2ª SAFRA	3.836	5.533	5.564	45,1	1.728,5
SOJA	2.870	3.362	3.362	17,1	491,5
SORGO	1.782	2.914	2.952	65,7	1.170,5
SUBTOTAL	3.202	3.959	3.972	24,0	770,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Jul/2017 (b)	Ago/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.840	2.486	2.563	(9,8)	(277,0)
CANOLA	1.514	1.569	1.501	(0,9)	(13,0)
CENTEIO	2.600	1.767	2.500	(3,8)	(100,0)
CEVADA	3.921	3.229	3.555	(9,3)	(366,0)
TRIGO	3.175	2.897	2.839	(10,6)	(336,0)
TRITICALE	2.898	2.671	2.661	(8,2)	(237,0)
SUBTOTAL	3.131	2.826	2.804	(10,4)	(327,0)
BRASIL (2)	3.199	3.913	3.927	22,8	727,9

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

Com o avanço da colheita da segunda safra, a definição da área cultivada com feijão terceira safra e culturas de inverno, aumenta a possibilidade de que a safra brasileira de grãos mantenha números para uma produção recorde. A safra brasileira estima mais um recorde na produção nacional de grãos. A expectativa é que o Brasil colha 238,2 milhões de toneladas de grãos, aumento de 27,7%. Serão 51,6 milhões de toneladas a mais sendo colhidas.

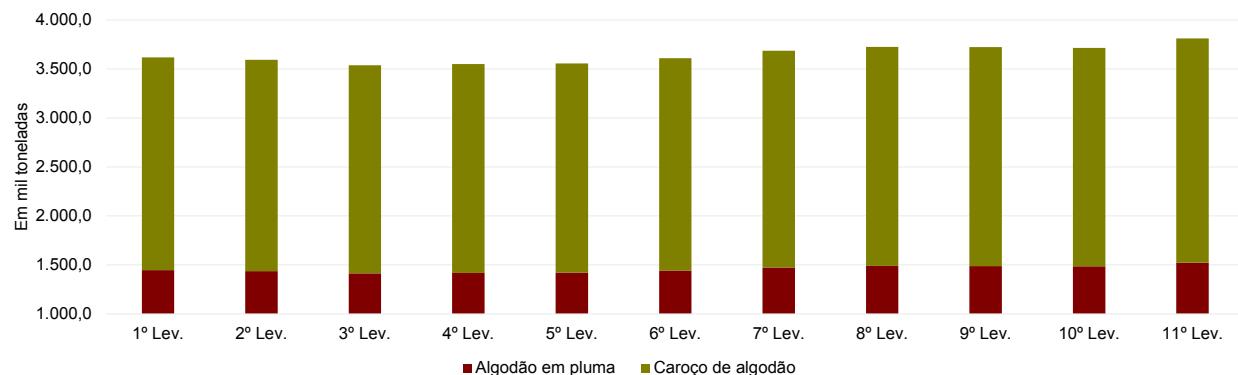
Para a soja, permanece a estimativa de produção é de 114 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 97 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (30,5 milhões de toneladas) e segunda safra (66,7 milhões de toneladas).

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 12,3 milhões de toneladas e 3,4 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuída por safra, a produção de feijão está estimada em 1,39 milhão de toneladas na primeira safra (colheita finalizada), 1,22 milhão de toneladas na segunda safra (colheita finalizada) e 750,3 mil toneladas na terceira safra. A produção de feijão-comum cores deve alcançar 2,1 milhões de toneladas, a de feijão-comum preto está estimada em 505 mil toneladas e a de feijão-caupi em 734,7 mil toneladas.

A estimativa para o trigo é que possua uma produção abaixo da observada no ano passado devido à diminuição de área plantada e expectativa de redução da produtividade, visto que o clima foi muito favorável naquela safra. Espera-se, nessa safra, uma produção

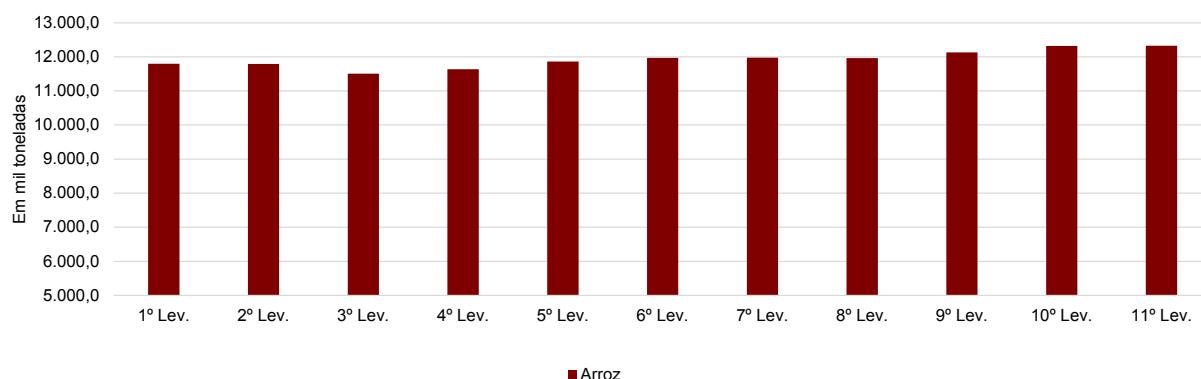
de 5,2 milhões de toneladas.

Gráfico 20 – Estimativa de produção de algodão (caroço e pluma) – 2016/17



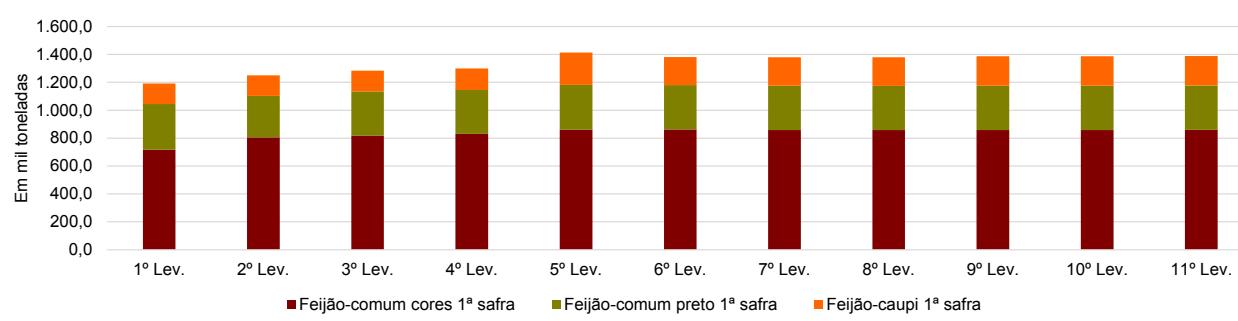
Fonte: Conab.

Gráfico 21 – Estimativa de produção de arroz – 2016/17



Fonte: Conab.

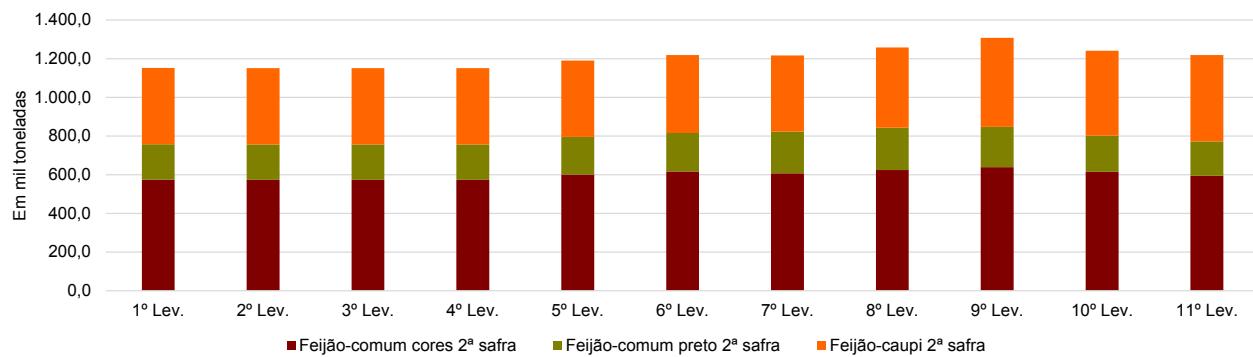
Gráfico 22 – Estimativa de produção de feijão primeira safra – 2016/17



Fonte: Conab.

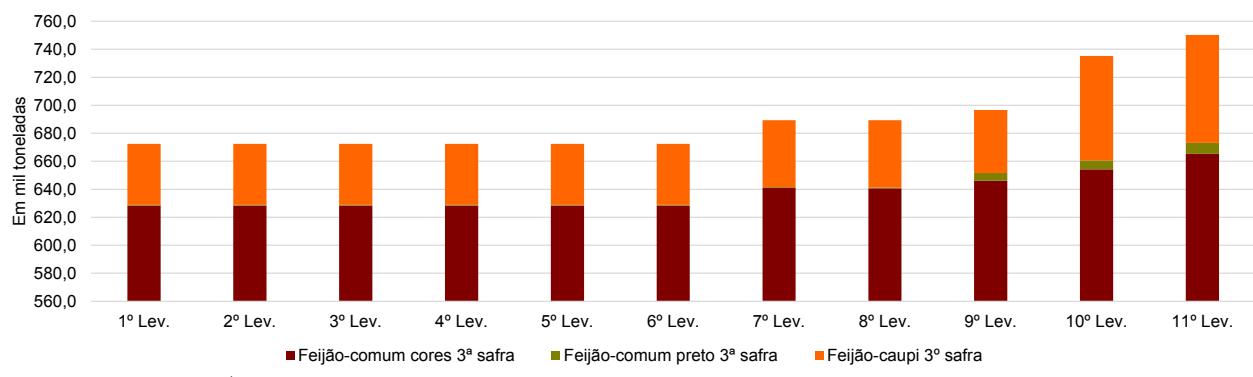


Gráfico 23 – Estimativa de produção de feijão segunda safra – 2016/17



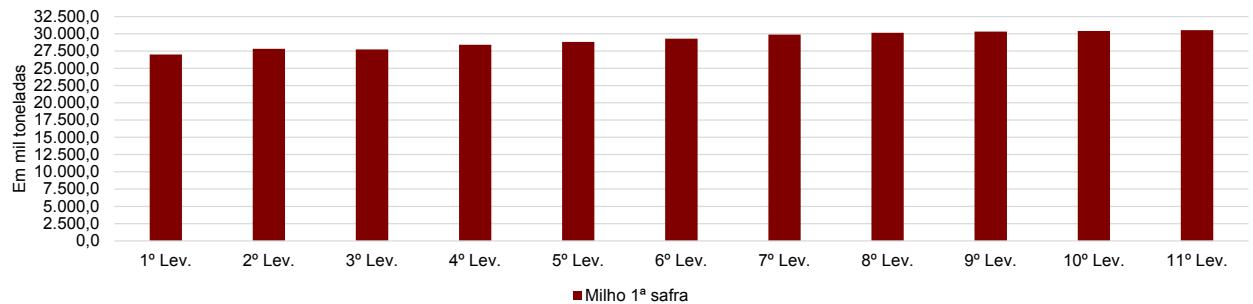
Fonte: Conab.

Gráfico 24 – Estimativa de produção de feijão terceira safra – 2016/17



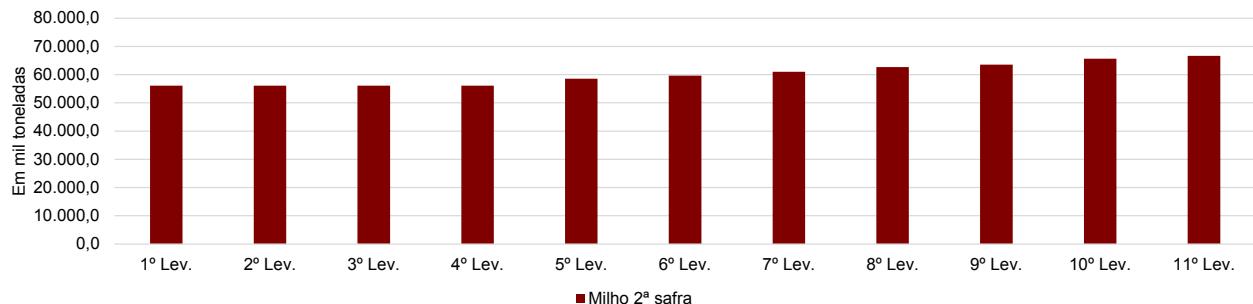
Fonte: Conab.

Gráfico 25 – Estimativa de produção de milho primeira safra – 2016/17



Fonte: Conab.

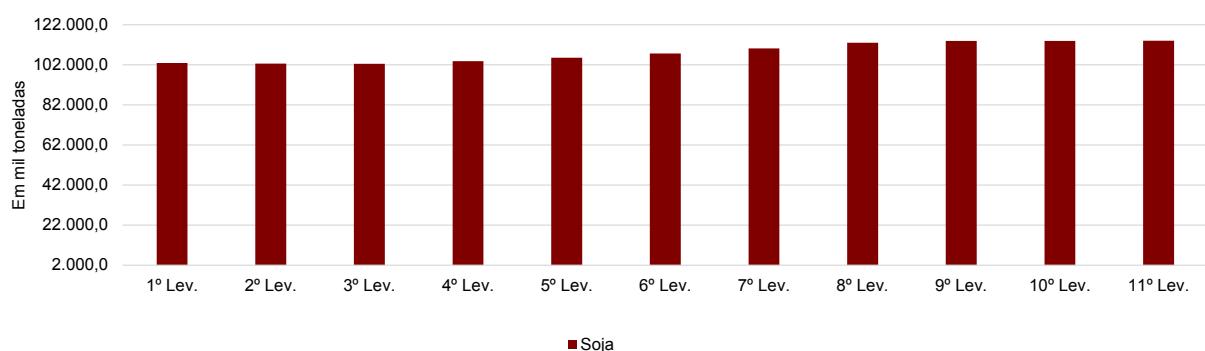
Gráfico 26 – Estimativa de produção de milho segunda safra – 2016/17



Fonte: Conab.

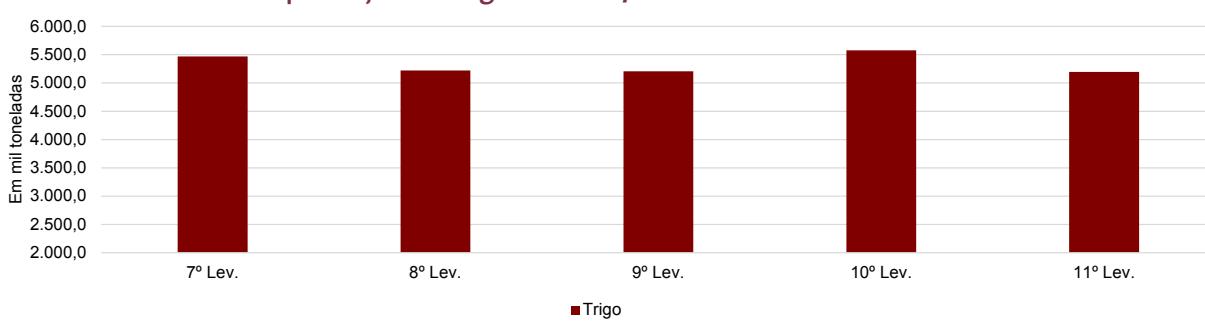


Gráfico 27 – Estimativa de produção de soja – 2016/17



Fonte: Conab.

Gráfico 28 – Estimativa de produção de trigo – 2016/17



Fonte: Conab.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Jul/2017 (b)	Ago/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	1.937,1	2.230,5	2.288,5	18,1	351,4
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.484,7	1.523,2	18,2	234,0
AMENDOIM TOTAL	406,1	467,2	461,4	13,6	55,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	439,3	438,8	12,9	50,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	27,9	22,6	30,6	5,3
ARROZ	10.603,0	12.317,7	12.326,6	16,3	1.723,6
ARROZ SEQUEIRO	1.232,6	1.225,2	1.231,8	(0,1)	(0,8)
ARROZ IRRIGADO	9.370,4	11.092,5	11.094,8	18,4	1.724,4
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.364,0	3.354,1	33,5	841,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.388,6	1.388,7	34,3	354,4
CARIOCA	663,5	858,9	858,2	29,3	194,7
PRETO	289,1	318,7	319,5	10,5	30,4
CAUPI	81,7	211,0	210,9	158,1	129,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	912,6	1.240,3	1.215,0	33,1	302,4
CARIOCA	496,1	613,8	591,2	19,2	95,1
PRETO	176,3	187,0	177,4	0,6	1,1
CAUPI	240,2	439,6	446,5	85,9	206,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,6	735,1	750,3	32,4	183,7
CARIOCA	521,8	654,2	665,3	27,5	143,5
PRETO	4,0	6,5	7,9	97,5	3,9
CAUPI	40,7	74,5	77,1	89,4	36,4
GIRASSOL	63,1	92,7	102,8	62,9	39,7
MAMONA	14,8	15,2	13,6	(8,1)	(1,2)
MILHO TOTAL	66.530,6	96.025,2	97.191,3	46,1	30.660,7
MILHO 1ª SAFRA	25.745,5	30.396,3	30.508,2	18,5	4.762,7
MILHO 2ª SAFRA	40.785,3	65.628,9	66.683,1	63,5	25.897,8
SOJA	95.434,6	113.930,2	114.041,9	19,5	18.607,3
SORGO	1.031,5	1.870,0	1.871,9	81,5	840,4
SUBTOTAL	178.534,5	230.312,7	231.652,0	29,8	53.117,5
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Jul/2017 (b)	Ago/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	835,3	846,8	2,3	19,0
CANOLA	71,9	74,2	71,9	-	-
CENTEIO	6,5	5,3	9,0	38,5	2,5
CEVADA	374,8	352,3	387,8	3,5	13,0
TRIGO	6.726,8	5.578,1	5.196,2	(22,8)	(1.530,6)
TRITICALE	68,1	57,7	60,4	(11,3)	(7,7)
SUBTOTAL	8.075,9	6.902,9	6.572,1	(18,6)	(1.503,8)
BRASIL (²)	186.610,4	237.215,6	238.224,1	27,7	51.613,7

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.927,6	15,3	2.731	3.236	18,5	6.937,1	9.473,3	36,6
RR	39,9	54,8	37,3	3.900	4.215	8,1	155,6	231,0	48,5
RO	474,1	553,0	16,6	3.338	3.371	1,0	1.582,5	1.863,9	17,8
AC	52,4	46,8	(10,7)	2.065	1.979	(4,2)	108,2	92,6	(14,4)
AM	11,4	19,2	68,4	1.912	2.214	15,8	21,8	42,5	95,0
AP	4,6	4,6	-	891	957	7,4	4,1	4,4	7,3
PA	730,8	873,1	19,5	2.931	3.088	5,3	2.142,3	2.695,7	25,8
TO	1.226,9	1.376,1	12,2	2.382	3.302	38,6	2.922,6	4.543,2	55,5
NORDESTE	7.396,9	7.862,1	6,3	1.329	2.305	73,4	9.827,4	18.121,4	84,4
MA	1.420,1	1.565,3	10,2	1.748	3.061	75,1	2.481,7	4.790,7	93,0
PI	1.360,0	1.475,4	8,5	1.089	2.483	128,0	1.480,5	3.663,5	147,5
CE	850,3	918,5	8,0	267	640	139,7	227,3	587,9	158,6
RN	56,6	67,6	19,4	323	478	47,9	18,3	32,3	76,5
PB	173,1	193,8	12,0	191	428	124,0	33,1	82,9	150,5
PE	388,1	349,2	(10,0)	176	326	85,5	68,3	114,0	66,9
AL	61,6	80,1	30,0	722	790	9,5	44,5	63,3	42,2
SE	195,9	198,4	1,3	923	3.803	312,0	180,9	754,5	317,1
BA	2.891,2	3.013,8	4,2	1.831	2.665	45,6	5.292,8	8.032,3	51,8
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.771,8	5,0	3.192	4.127	29,3	75.290,5	102.222,2	35,8
MT	14.001,5	14.963,7	6,9	3.101	4.063	31,0	43.425,3	60.801,9	40,0
MS	4.213,1	4.420,0	4,9	3.267	4.203	28,7	13.765,7	18.578,9	35,0
GO	5.213,9	5.226,5	0,2	3.366	4.206	25,0	17.549,7	21.982,6	25,3
DF	155,7	161,6	3,8	3.531	5.314	50,5	549,8	858,8	56,2
SUDESTE	5.315,5	5.544,7	4,3	3.658	4.228	15,6	19.444,4	23.441,1	20,6
MG	3.304,5	3.384,1	2,4	3.574	4.179	16,9	11.809,3	14.142,3	19,8
ES	24,4	24,0	(1,6)	2.098	2.050	(2,3)	51,2	49,2	(3,9)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.131,8	7,5	3.822	4.335	13,4	7.575,7	9.240,3	22,0
SUL	19.499,3	19.559,9	0,3	3.852	4.344	12,8	75.111,0	84.961,5	13,1
PR	9.686,4	9.640,2	(0,5)	3.700	4.312	16,5	35.842,0	41.569,0	16,0
SC	1.279,9	1.312,8	2,6	4.880	5.318	9,0	6.245,9	6.981,5	11,8
RS	8.533,0	8.606,9	0,9	3.870	4.230	9,3	33.023,1	36.411,0	10,3
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.789,7	8,6	1.687	2.558	51,6	16.764,5	27.594,7	64,6
CENTRO-SUL	48.399,0	49.876,4	3,1	3.509	4.223	20,3	169.845,9	210.624,8	24,0
BRASIL	58.336,0	60.666,1	4,0	3.199	3.927	22,7	186.610,4	238.219,5	27,7

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.





6. CRÉDITO RURAL

Apartir de julho, pode-se observar o incremento na intensidade de aquisição dos insumos para a safra 2017/18. Nesse período são observados os reflexos da execução do plano agrícola e pecuário 2017/18, anunciado em junho de 2017, o qual apresenta crescimento em relação à safra anterior de 2,4% no crédito, com um volume total de recursos de R\$ 200,25 bilhões. Nas culturas presentes nessa análise, ressalta-se que o feijão terceira safra e as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo) encontram-se em fase de término do plantio e em maturação em alguns países. O algodão e o milho segunda safra estão no momento central da colheita. Para as demais culturas: arroz, feijão primeira e segunda safra, milho primeira safra e soja observa-se o período final da colheita.

As informações ora disponibilizadas podem contribuir para a compreensão e o acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. Deve-se levar em conta que as análises são realizadas tomando por base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco de janeiro a junho dos anos 2013 a 2017.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo acesso foi realizado em 17 de julho de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa

Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DO SICOR E DO BACEN

O Gráfico 1 demonstra que a utilização do crédito de custeio no período tem desempenho relativamente semelhante ao ano anterior, porém, ainda se observa tendência de crescimento na série analisada.

Comparando apenas o período entre janeiro e junho de 2016 e 2017, no financiamento sem vínculo a programa específico o crescimento é de 1,83%, com destaque para o incremento no custeio de feijão (22,40%) e para a aveia, canola e cevada (32,87%).

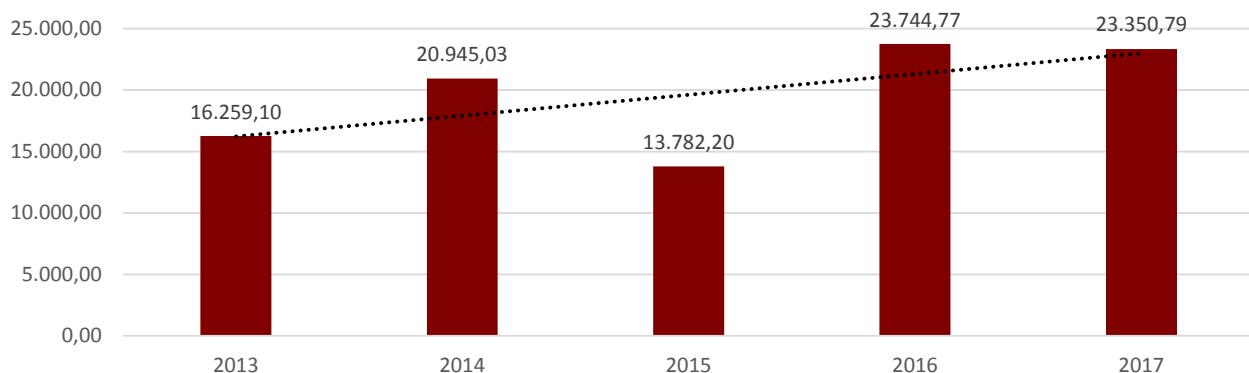
No Pronamp, o aumento é observado no algodão

(39,90%), feijão (10,68%) e para a aveia, canola e cevada (0,48%). No Pronaf, destaca-se o crescimento na utilização de crédito para o feijão (58,58%), milho (5,64%) e aveia, canola e cevada (57,85%).

O financiamento do trigo é inferior à safra passada em todas as fontes de financiamento, o que confirma o cenário já anunciado em razão da redução de área para essa safra.

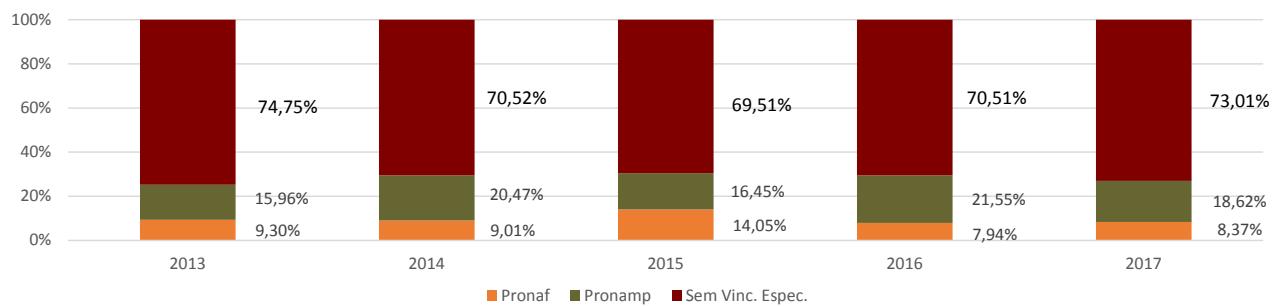
A situação relatada acima explica a participação percentual dos programas observados no Gráfico 30.

Gráfico 29 – Financiamento – Todos os programas – Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 30 – Tipo de financiamento – Participação programas – Janeiro a junho de 2013 a 2017



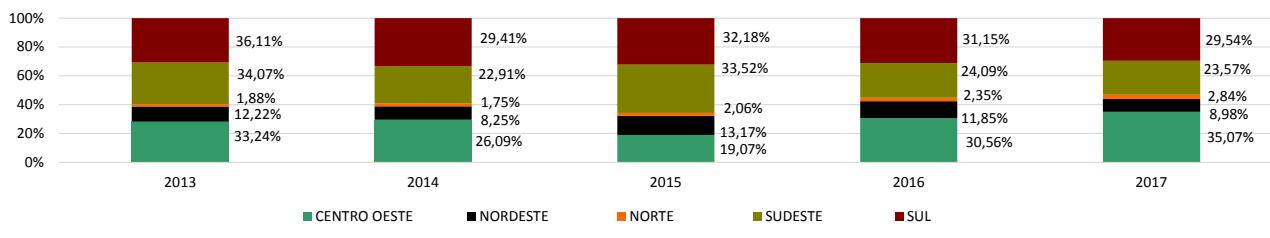
Fonte: Bacen.

O Gráfico 31 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica, o que é coerente com o processo produtivo. O comportamento dos aportes

em cada região apresenta decréscimo nas Regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul e incremento nas Regiões Norte (18,24%) e Centro-Oeste (12,48%).



Gráfico 31 – Participação por região – Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, algodão, feijão, milho, soja, trigo e para o grupo agregado de aveia, canola e cevada; tendo

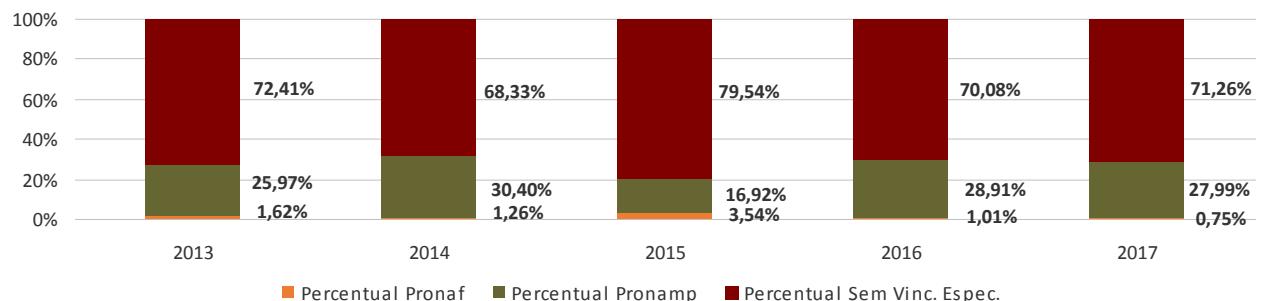
como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2017.

6.2. A CULTURA DO ARROZ

Pode-se observar que a área do arroz de sequeiro tem sofrido redução relevante em relação à safra anterior (14,2%), seja pela baixa utilização do arroz para abertura de área de produção, seja pela migração para outras culturas mais rentáveis. Essa situação pode explicar o

comportamento na utilização do crédito pelo Pronaf e do Pronamp (Gráfico 32). Por outro lado, no momento a colheita já foi finalizada na principal região produtora.

Gráfico 32 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a junho de 2013 a 2017

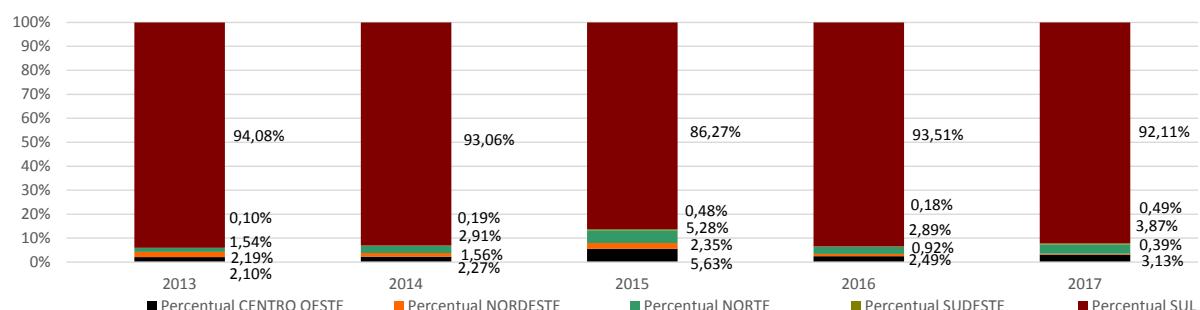


Fonte: Bacen.

A Região Sul (92,11%) concentra os recursos do crédito. Tal situação espelha a importância dessa região na produção de arroz no Brasil (Gráfico 33), com 64,39% da área relacionada a esse produto e 81,32% da produção brasileira. Apesar da produção apresentar per-

centual pequeno em relação às regiões citadas, observa-se aumento de 20,5%, se comparada com a safra 2015/16, na Região Centro-Oeste, que se explica pelo aumento de área em Mato Grosso do Sul (5%).

Gráfico 33 – Arroz - Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

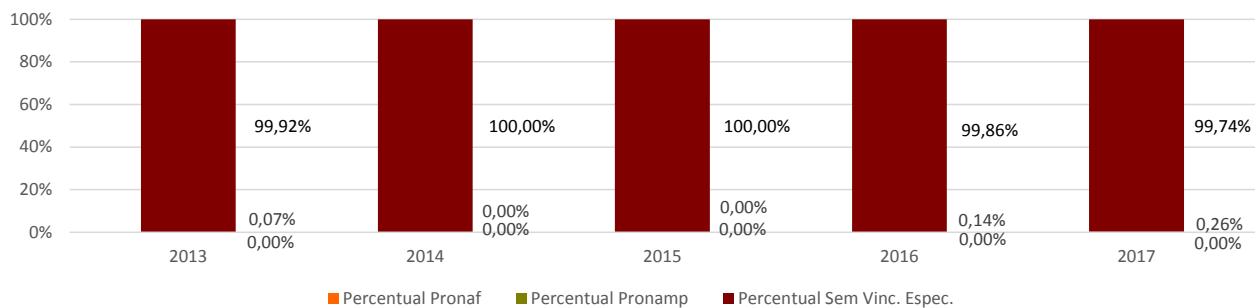


6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

A concentração do crédito no financiamento sem vínculo específico (Gráfico 34) se explica pela característica do sistema de plantio, que exige altos investimentos. Todavia, em relação a 2016, houve aumento de

39,90%, no programa Pronamp, do crédito utilizado principalmente pelo aumento de área em Mato Grosso, maior estado produtor.

Gráfico 34 – Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a junho de 2013 a 2017

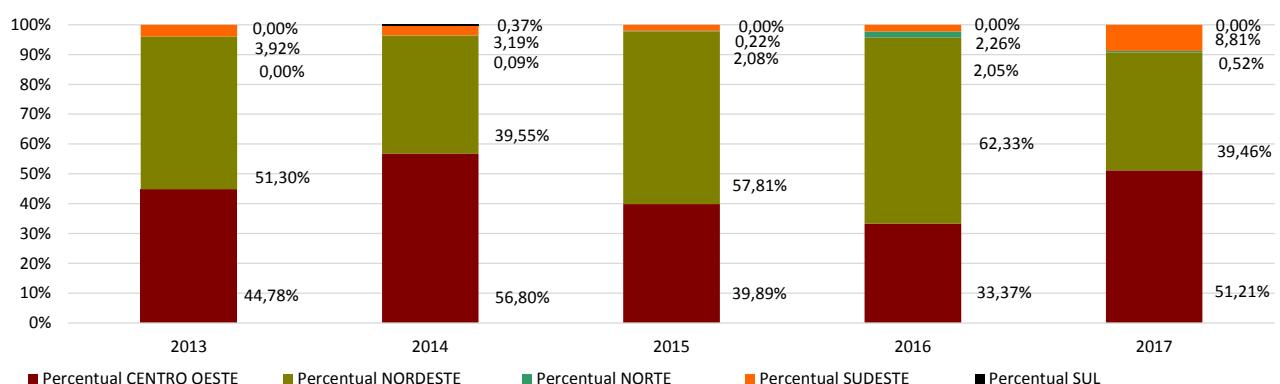


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste são as principais regiões produtoras, o que explica as informações do

Gráfico 35. Os preços do algodão incentivam os investimentos na cultura.

Gráfico 35 – Algodão - Participação por região – Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

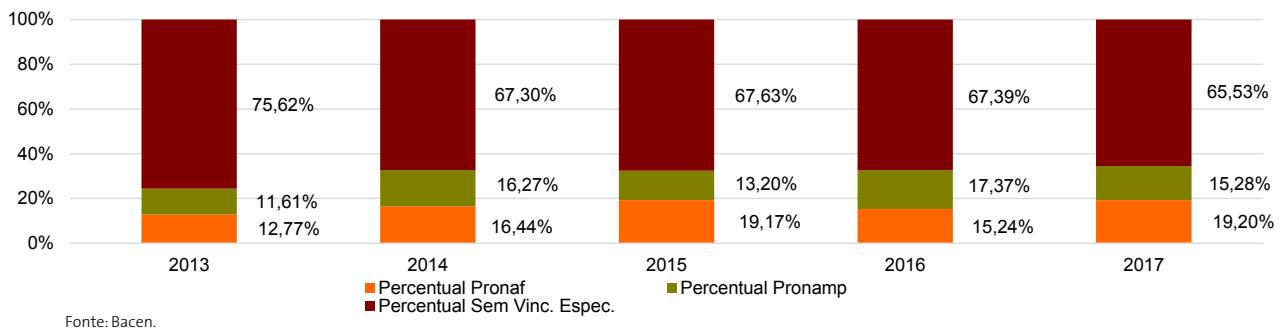
6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Pelo que consta no Gráfico 36, percebe-se que a participação do Pronaf retoma o mesmo nível de 2015. No momento há colheita e plantio de feijão, dependendo da região. A expectativa é de aumento de área para

o plantio do feijão, o que explica o crescimento de 25,87% na utilização do crédito, se comparada com a safra passada.



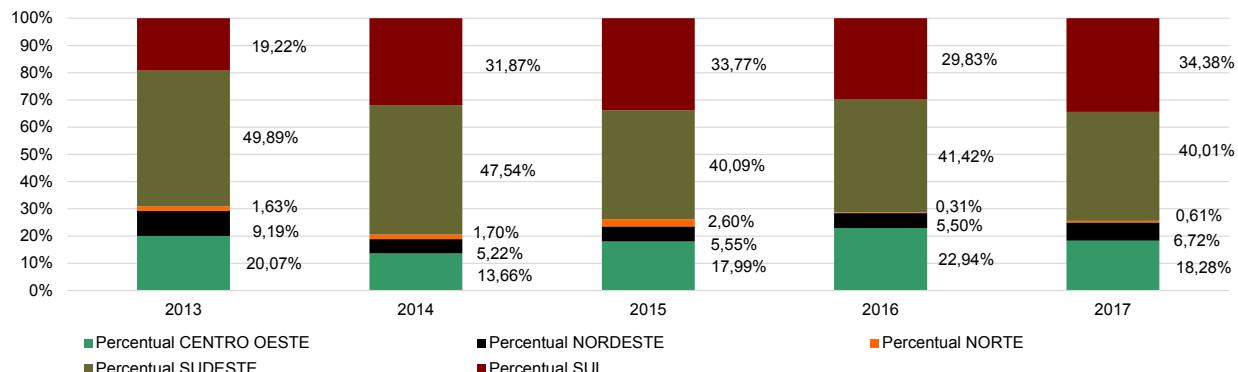
Gráfico 36 – Feijão – Tipo de financiamento – Participação por programa-Janeiro a junho de 2013 a 2017



As informações constantes do Gráfico 37 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na safra de

feijão que, pelas informações da Conab (décimo levantamento), indicam aumento expressivo na produção em todas as regiões geográficas.

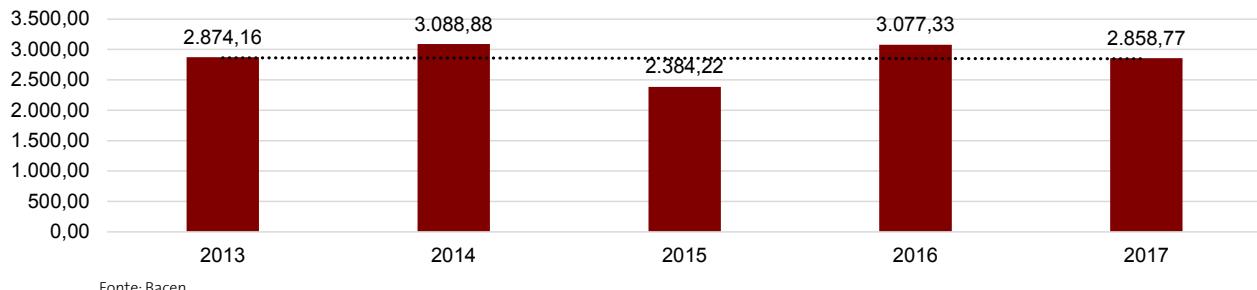
Gráfico 37 – Feijão - Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2017



6.5. A CULTURA DO MILHO

Observa-se que a utilização do crédito de milho teve aumento no financiamento pelo Pronaf (5,64%).

Gráfico 38 – Milho – Financiamento todos programas - Janeiro a junho de 2013 a 2017

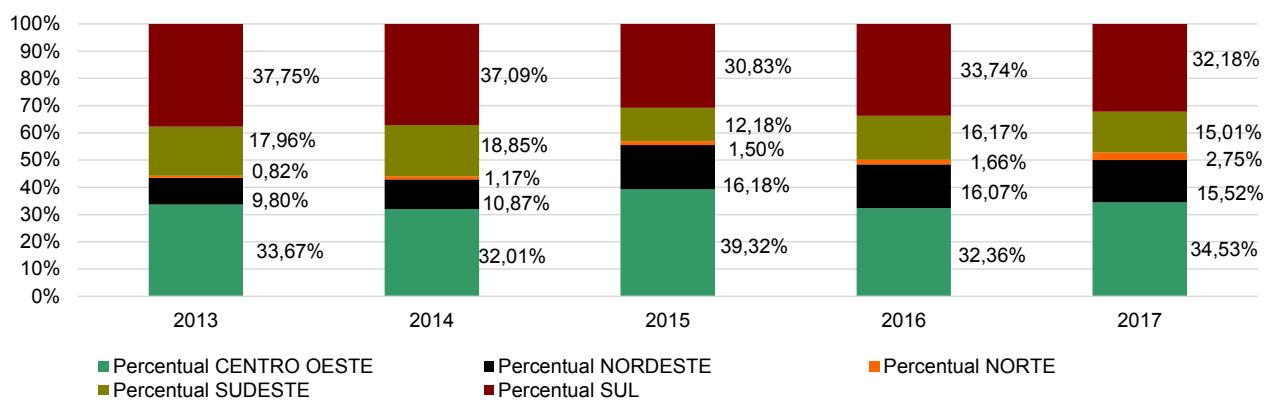


A previsão de produção é de crescimento de 44,3% em relação à safra 2015/16. As maiores regiões produtoras são, pela ordem, o Centro-Oeste, o Sul e o Sudeste, o que é compatível com as informações

constantes do Gráfico 39. As Regiões Norte e Nordeste apresentam fortes perspectivas de crescimento, principalmente a Região Nordeste, com aumento de produção na ordem de 93,1%.



Gráfico 39 – Milho - Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2017



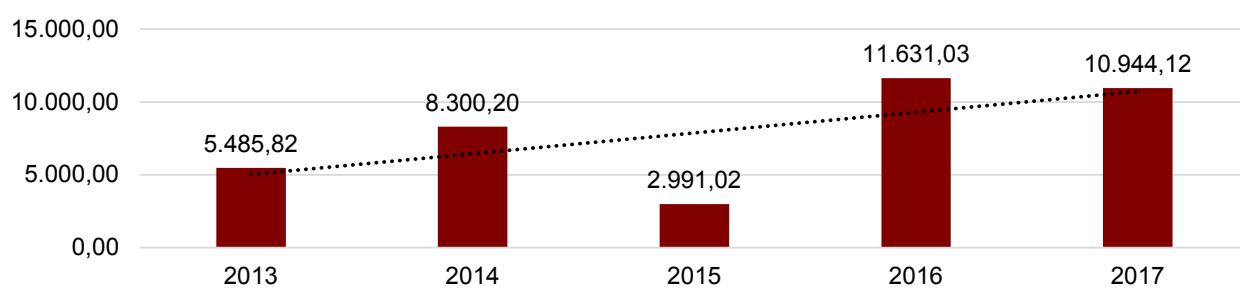
Fonte: Bacen.

6.6. A CULTURA DA SOJA

Observa-se, no período de análise, um crescimento em relação ao período imediatamente anterior do financiamento para o plantio da soja. Esse incremento

tem relação direta com previsão de aumento da produção, que pode atingir 114 milhões de toneladas (Gráfico 40).

Gráfico 40 – Soja - Financiamento todos programas – Janeiro a junho de 2013 a 2017

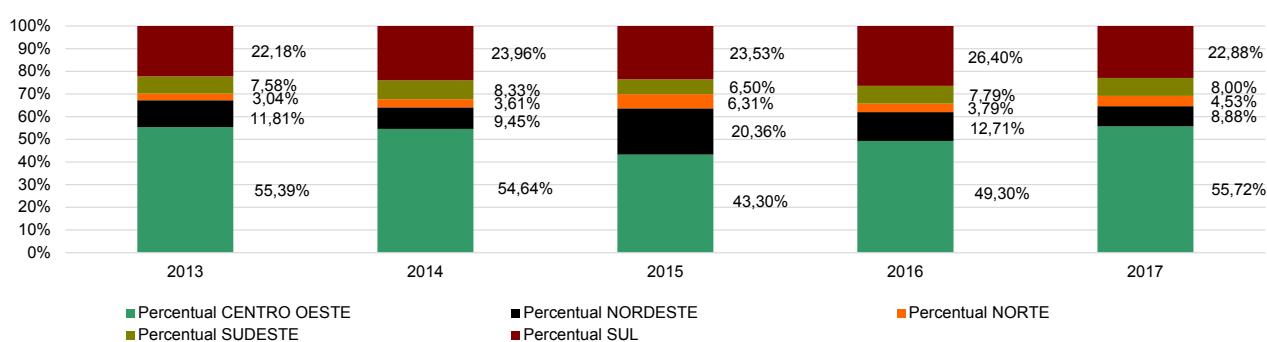


Fonte: Bacen.

A partir das informações disponibilizadas pela Conab no décimo levantamento de safra de grãos a produção brasileira de soja concentra-se na Região Centro-Oeste e na Região Sul as quais, juntas, correspondem

a 80% da produção brasileira. Logo, as informações do Gráfico 41 espelham a magnitude da produção das regiões produtoras.

Gráfico 41 – Soja – Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

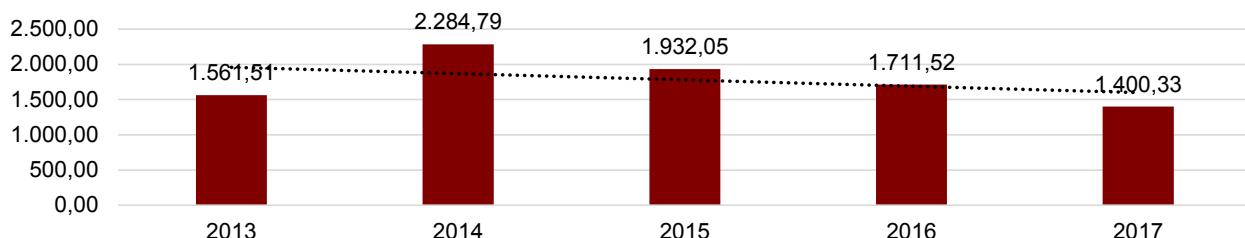


6.7. A CULTURA DO TRIGO

A estimativa de safra da Conab (décimo levantamento) indica redução de 9,1% na área de plantio de trigo. O montante de crédito utilizado para o custeio em 2017 (Gráfico 42) demonstra a tendência de menor

produção. O décimo levantamento confirma a postura do produtor em não apostar na cultura do trigo, transferindo as possibilidades de cultivo para outras culturas de inverno.

Gráfico 42 – Trigo - Financiamento todos programas – Janeiro a junho de 2013 a 2017

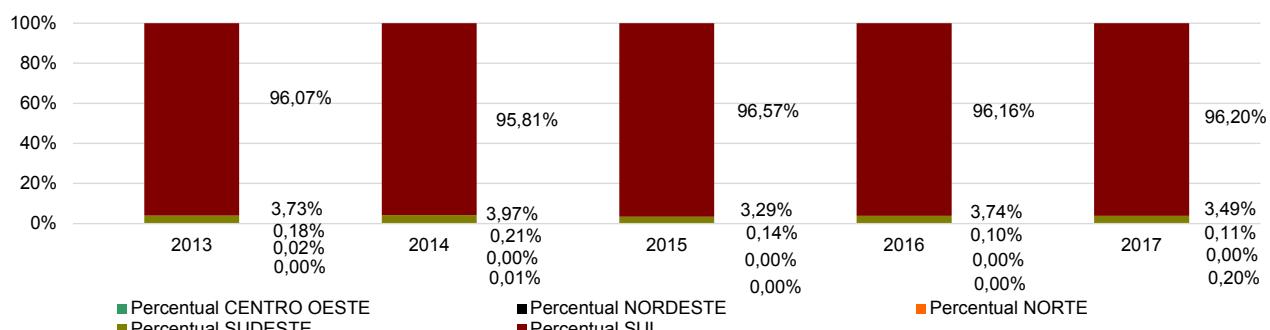


Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 43 espelham a concentração do plantio na Região Sul, responsável por quase 90% da produção. A análise do crédito nos

indica queda no financiamento de trigo em todas as regiões produtoras.

Gráfico 43 – Trigo – Participação por região - Janeiro a junho de 2013 a 2017



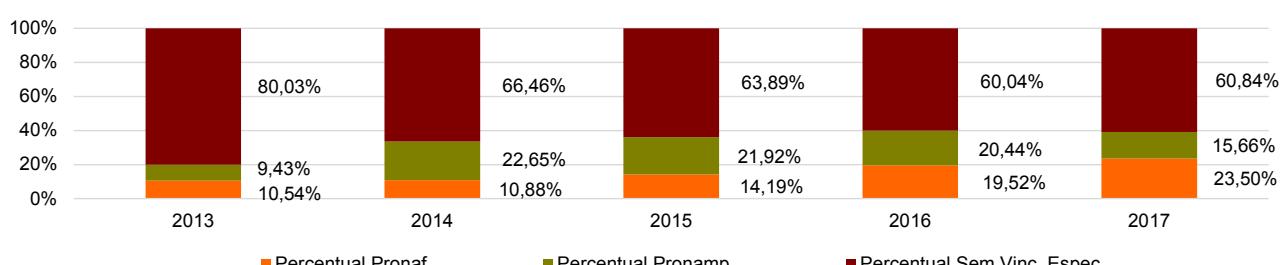
Fonte: Bacen.

6.8. AS CULTURAS DE AVEIA, CANOLA E CEVADA

Na safra passada a produção dessas culturas fez parte da opção do produtor no plantio de inverno. No Gráfico 44 se observa o uso do Pronaf com maior intensidade nessa safra, com um crescimento no aporte,

via esse programa, de 57,85%. Considerando as informações obtidas pela Conab, percebe-se tendência de incremento da produção no conjunto dessas culturas.

Gráfico 44 – Aveia, canola e cevada – Tipo de Financiamento – Participação por programa - Janeiro a junho de 2013 a 2017



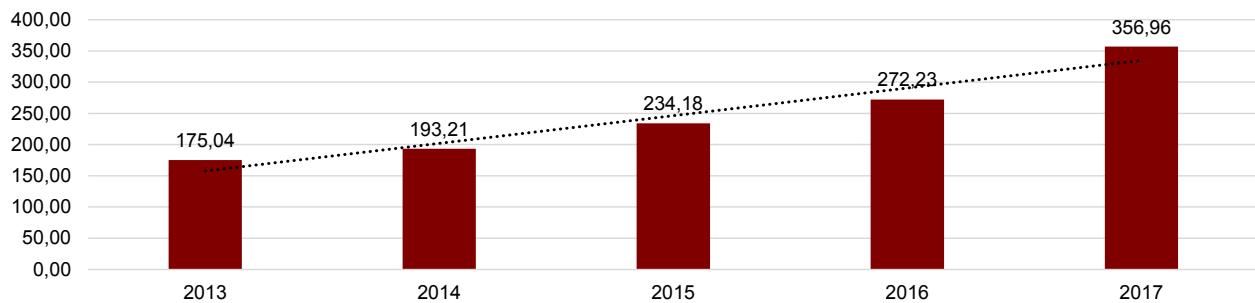
Fonte: Bacen.



A Região Sul concentra 99% dos créditos utilizados para o custeio dos produtos de inverno tratados nesse espaço. O Gráfico 45 nos oferece informações de

tendência com características de evolução desde 2013, visto que neste ano o crédito já é maior que nas safras anteriores.

Gráfico 45 – Aveia, canola e cevada - Financiamento todos programas – Janeiro a junho de 2013 a 2017

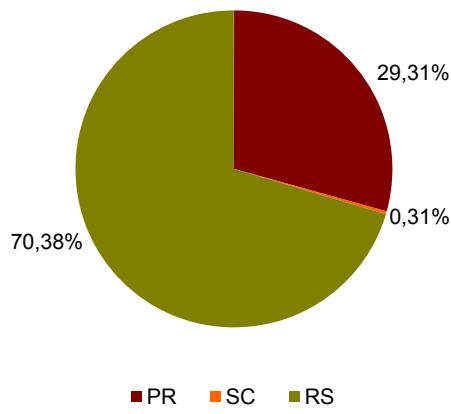


Fonte: Bacen.

O décimo levantamento aponta, para a safra 2016/2017, que 97,6% da produção do conjunto aveia, canola e cevada está presente na região Sul. Isso pos-

to, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentam, 29,31%, 0,31% e 70,38% respectivamente da produção de aveia, canola e cevada na Região Sul.

Gráfico 46 – Aveia, canola e cevada – Produção – Sul – Safra 2016/17



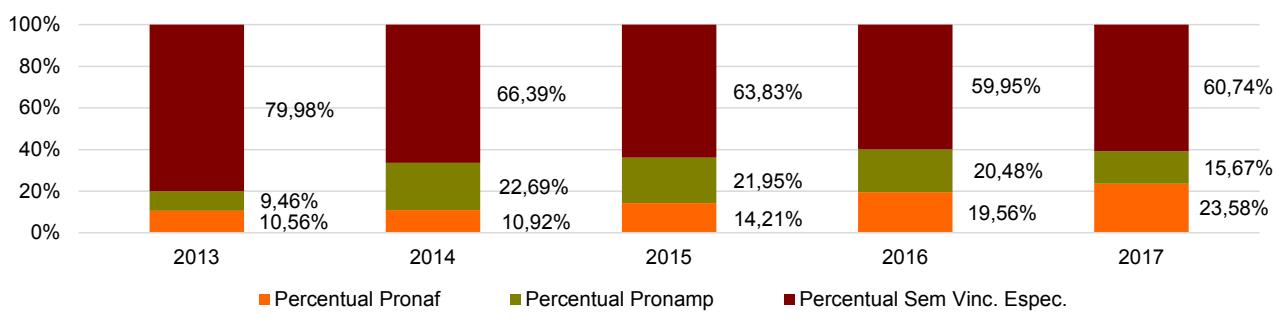
Fonte: Bacen.

A partir dessa informação, pode-se averiguar qual o comportamento do aporte de crédito na Região Sul, de acordo com os programas disponíveis e a participação de cada Unidade da Federação no valor total.

O Gráfico 47 apresenta a participação de cada tipo de financiamento, com destaque para a Região Sul, na qual, pode-se constatar uma distribuição parecida en-

tre cada tipo de financiamento, demonstrando a presença de distintos tipos de produtores que cultivam o conjunto aveia, canola e cevada, principalmente por meio do aporte sem vínculo com programa específico. O conjunto dessas culturas apresenta crescimento contínuo no aporte de financiamento, para o período em análise, podendo ser consequência da substituição da cultura do trigo.

Gráfico 47 – Aveia, canola e cevada – Sul – Tipos de financiamento – Janeiro a junho de 2013 a 2017

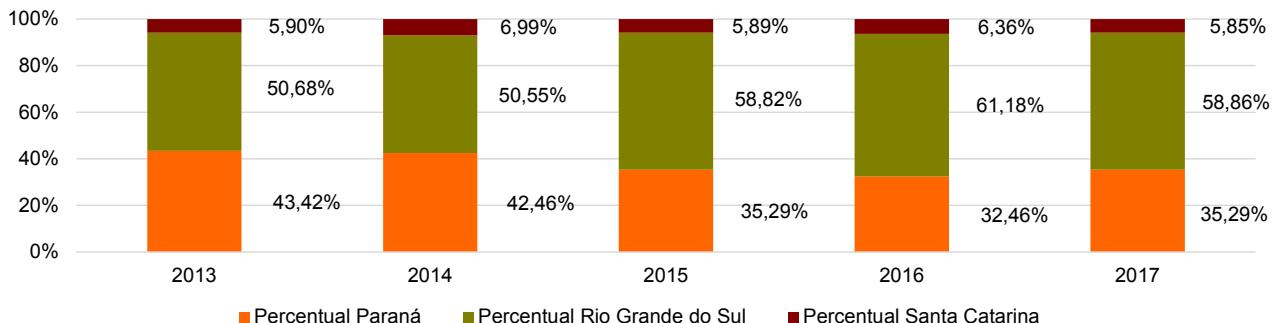


Fonte: Bacen.

O Gráfico 48 apresenta a participação de cada Unidade da Federação no aporte de custeio destinado à Região Sul. As informações observadas na representação gráfica ratificam a participação de cada um dos

estados na produção de aveia, canola e cevada na Região Sul, ou seja, a dominância do Paraná (35,29%) e Rio Grande do Sul (58,86%).

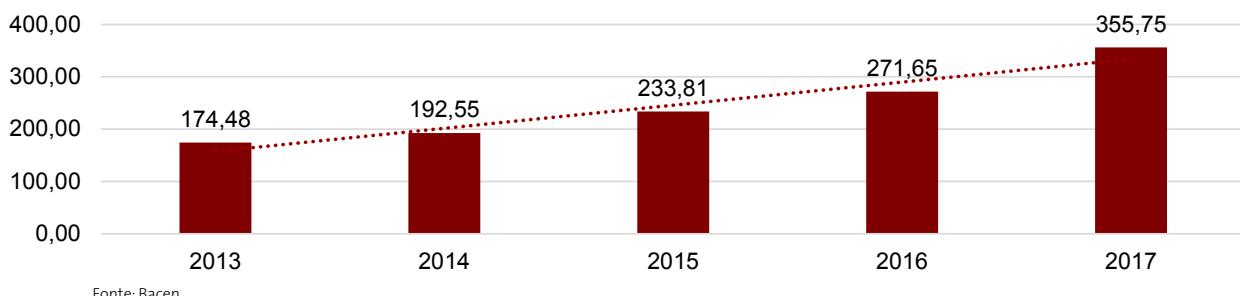
Gráfico 48 – Aveia, canola e cevada – Sul – Unidades da Federação – Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Observa-se, também, incremento expressivo no aporte de custeio, desde o início da série (2013), Gráfico 49.

Gráfico 49 – Aveia, canola e cevada – Sul – Região Sul – Janeiro a junho de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.



7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JULHO DE 2017

De forma geral, a distribuição espacial das chuvas durante julho seguiu as suas características típicas do período, com ausência de precipitação no interior do Brasil. As chuvas basicamente ficaram concentradas na faixa leste do Nordeste, no norte da Região Norte e em alguns pontos da Região Sul (Figura 1).

Nas áreas mais ao norte da Região Norte, os totais de chuva ficaram entre 50 e 200 mm, enquanto os volumes nas localidades mais ao sul ficaram abaixo de 50 mm, porém, dentro da faixa normal do período. No leste do Nordeste (incluindo parte do semiárido) – faixa que vai do extremo Sul da Bahia até o litoral leste do Rio Grande do Norte –, os acumulados variaram entre 90 e 400 mm, ultrapassando a média do mês em diversas localidades, inclusive em áreas de cultivo do milho segunda safra nos estados de Sergipe e no nordeste da Bahia.

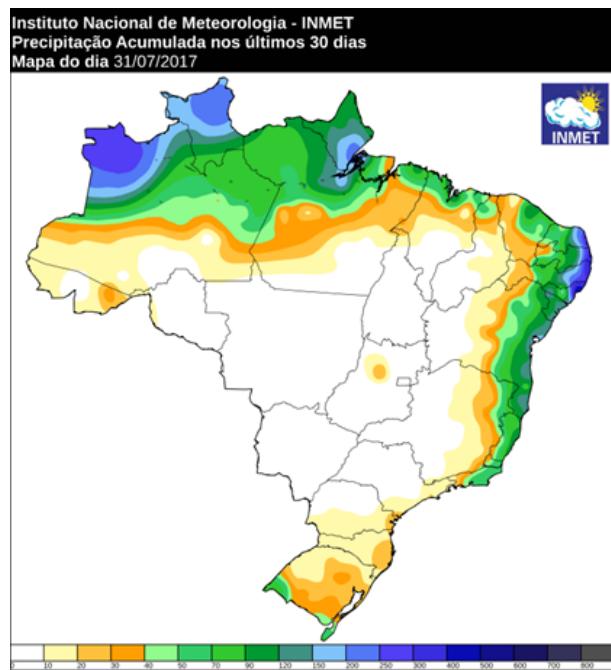
Já na Região Centro-Oeste, em grande parte do Sudeste e no Matopiba, a ausência de chuvas, comum para esse período, apresentou condições favoráveis para as lavouras de milho segunda safra durante a fase de colheita.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília

Com registros inferiores a 60 mm, as chuvas de julho na Região Sul foram menos intensas que nos meses anteriores, resultando em acumulados bem inferiores

à média do mês em praticamente toda a região, principalmente, no Paraná, onde praticamente não choveu.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em julho de 2017

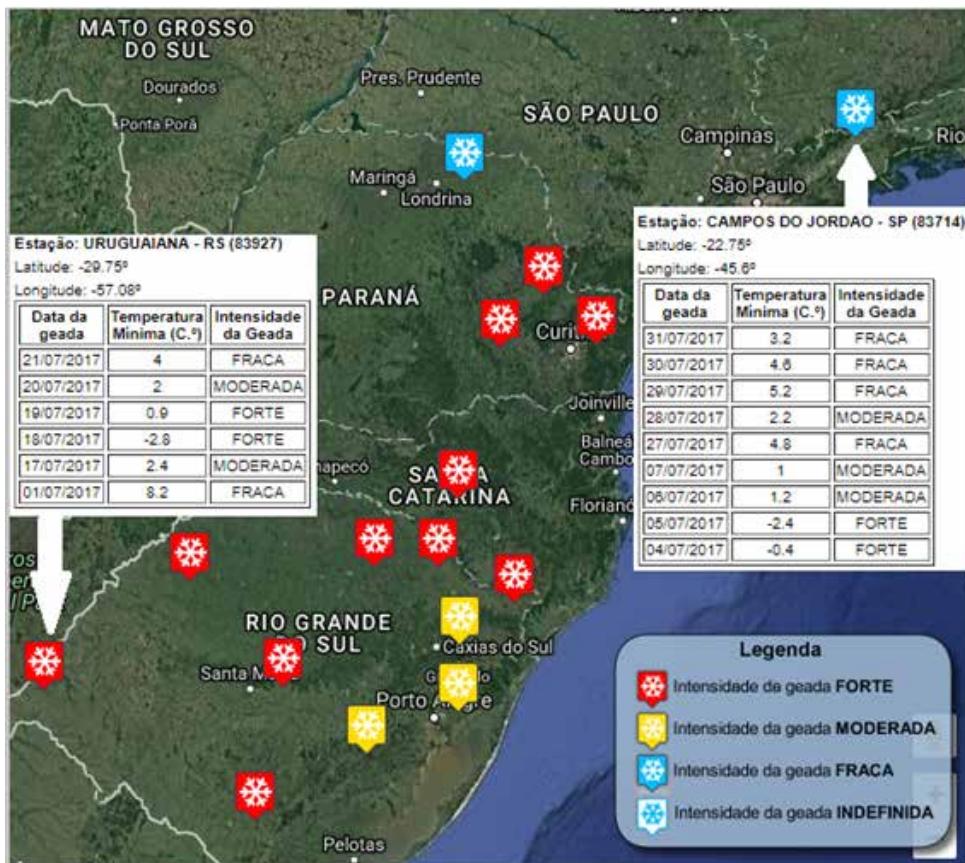


O destaque, porém, foi o frio causado por ondas de frio que derrubaram as temperaturas, principalmente na Região Sul, onde foram registrados vários dias com temperaturas abaixo de zero grau em diversas estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), como em Bom Jardim da Serra-SC, com temperatura mínima de -7,8 °C no dia 18, e São Mateus do Sul-PR, com mínima de -5,2 °C no dia 19. Os termômetros também registraram temperaturas negativas fora da Região Sul, como em Campos do Jordão, em São Paulo.

Em consequência dessa onda de frio, aumentou a frequência de geadas. Nesse mês, as geadas observadas pelo Inmet atingiram localidades nos três estados da Região Sul e em São Paulo. Nos estados do Sul, o número de dias com registro do fenômeno por localidade variou entre 1 e 6. Porém, a localidade de Campos do Jordão, em São Paulo, teve nove ocorrências de geadas registradas. A Figura 2 mostra um mapa com localização dos pontos com ocorrência de geadas e a intensidade predominante durante junho, com destaque para as estações meteorológicas de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, e Campos do Jordão, em São Paulo.



Figura 2 - Localização e intensidade predominante das geadas em julho de 2017



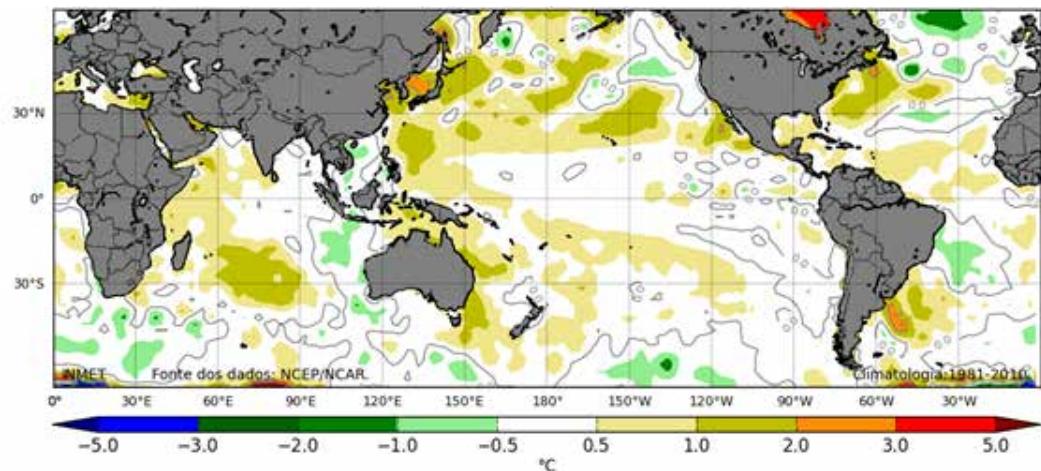
Fonte: Inmet.

7.1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da última quinzena de julho (Figura 3) mostra o predomínio de anomalias entre 0,1 e 0,5 °C no Oceano Pacífico Equatorial, caracterizando uma condição de neutralidade até o momento.

Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, as anomalias positivas próximas ao litoral norte do Brasil favoreceram o aumento da evaporação na superfície do mar e o transporte de umidade em direção à costa, fatores que favoreceram a precipitação no norte do país.

Figura 3 - Mapa de anomalias da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 31 de julho/2017



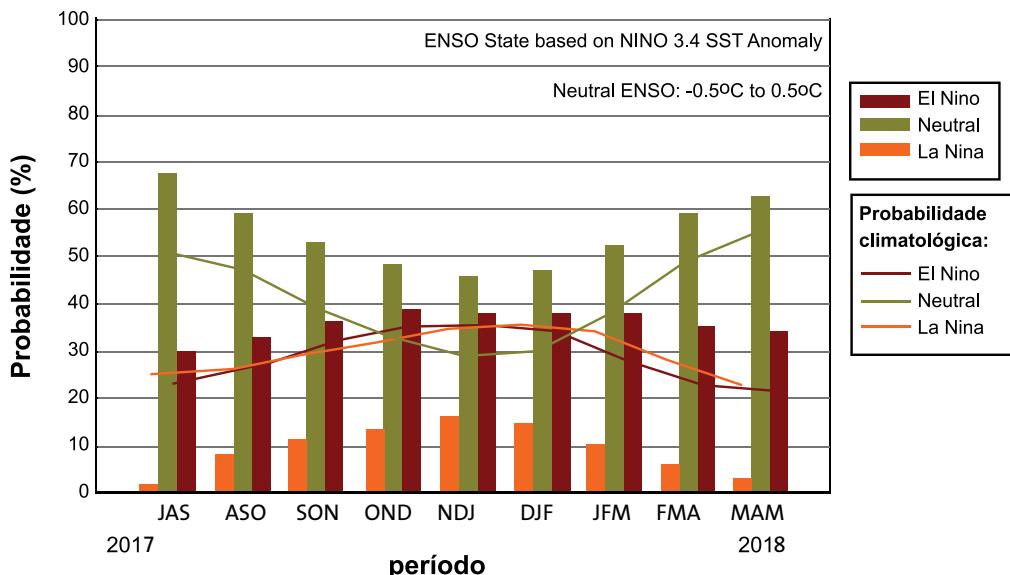
Fonte: Inmet.



Em relação às projeções anteriores, a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior incerteza quanto à ocorrência de um novo episódio de El Niño, com predomínio da probabilidade de manutenção das condições de neutralidade.

Com base no cenário atual do Oceano Pacífico e nas previsões dos modelos, a chance de se formar um novo El Niño, ainda em 2017, é pouco provável, mas caso ocorra, será na categoria fraco e de curta duração (Gráfico 50).

Gráfico 50 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.

7.1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO AGOSTO-SETEMBRO-OUTUBRO/2017

Os modelos de previsão climática indicam, para a Região Sul, maior probabilidade em que as chuvas ficarão dentro da faixa normal na maioria das localidades da região, com possibilidade de chuvas acima da média apenas no extremo sul do Rio Grande do Sul. Quanto à temperatura, os modelos indicam que as temperaturas devem permanecer dentro da faixa normal e com algumas áreas acima desse limite. Tal condição térmica é um indicativo de menor frequência de geadas, especialmente as de maior intensidade durante o período.

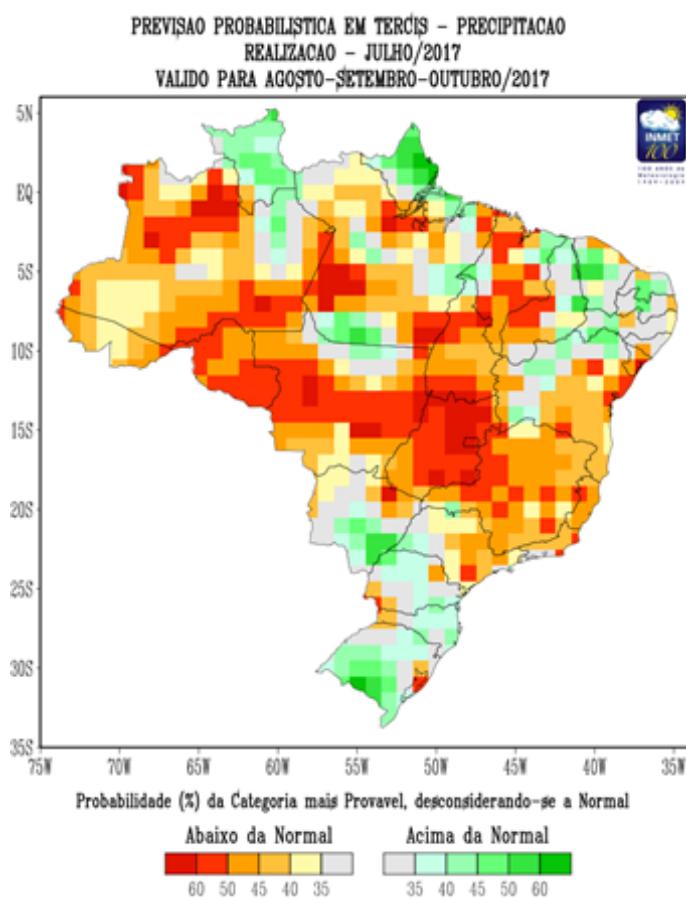
Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste prevalecem as áreas com a característica típica do período que é de baixa precipitação, principalmente em agosto e setembro.

Na Região Nordeste, a previsão climática indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre, principalmente nas regiões do semiárido e centro-sul da Bahia. Nas demais áreas da região, a probabilidade maior é que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal, podendo ocorrer acumulados acima da média em pontos isolados (Figura 5).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre ASO/2017



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2016/17) E DE INVERNO (SAFRA 2017) - JULHO/2017

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas e na condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos, exemplos: precipitação acumulada, desvios da precipitação com relação à média histórica (anomalia), deficit e/ou excesso hídrico e umidade disponível no solo, e/ou, os espectrais: índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que retratam as condições atuais da vegetação e refletem os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em gráficos no final desse capítulo e em tabelas na parte referente à análise das culturas, onde a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;

Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;

Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;

Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, ou, geadas e baixas tempe-

raturas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - JULHO/2017

Em julho as chuvas ficaram concentradas na faixa leste da Região Nordeste, no norte da Região Norte e em alguns pontos da Região Sul durante todo o mês (Figura 4), acarretando em um déficit hídrico acumulado significativo na maior parte do país. Essa condição favoreceu a maturação e a colheita do algodão e de milho segunda safra no Centro-Sul do país prejudicou os cultivos de inverno na Região Sul, principalmente onde as lavouras já se encontravam em fases reprodutivas.

Nos mapas da Figura 5 é possível visualizar as regiões com maiores déficits, assim como, onde houve excedente hídrico em julho. O excesso de chuvas no nordeste da Bahia favoreceu o milho segunda safra em desenvolvimento, floração e frutificação, mas pode ter causado algum impacto a lavouras de milho primeira safra no agreste pernambucano, onde as chuvas foram mais intensas (Figura 6).

O mapa da média diária do armazenamento hídrico no solo (Figura 7) mostra umidade baixa na região central do país. Ao se analisar os dados a cada dez dias (Figura 8), percebe-se que também houve uma redu-

ção gradativa do índice de umidade nos três estados da Região Sul. Mesmo com a ocorrência de precipitações pouco significativas e em pontos isolados em julho, o excesso de chuvas do mês anterior garantiu a manutenção da umidade no solo apenas na primeira metade do mês. A redução do índice prejudicou os cultivos de inverno em todos os estádios de desenvolvimento, principalmente, nos locais onde a umidade atingiu valores mais baixos e/ou as lavouras encontravam-se em floração/frutificação.

Além disso, ocorreram geadas em praticamente todas as regiões produtoras da Região Sul. Os mapas de temperatura mínima dos dias com ocorrência de geadas (17,18 e 19/07) – Figura 9 – mostram os locais onde as temperaturas mínimas foram mais baixas e, provavelmente, ocorreram maiores impactos. No entanto, apenas no Paraná havia cultivos de inverno em fases suscetíveis, o que piorou a situação das lavouras que já vinham sofrendo pela falta de chuvas. As regiões mais afetadas, onde a maioria das lavouras encontrava-se em floração/frutificação foram: o Oeste e o Centro Ocidental Paranaense.

Figura 5 – Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 22 a 31 de julho/2017

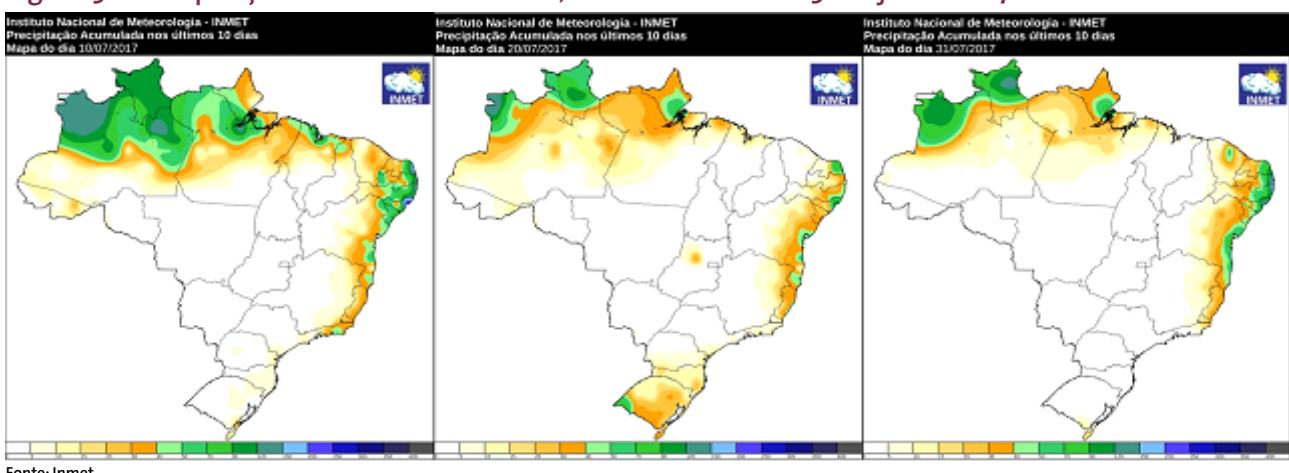
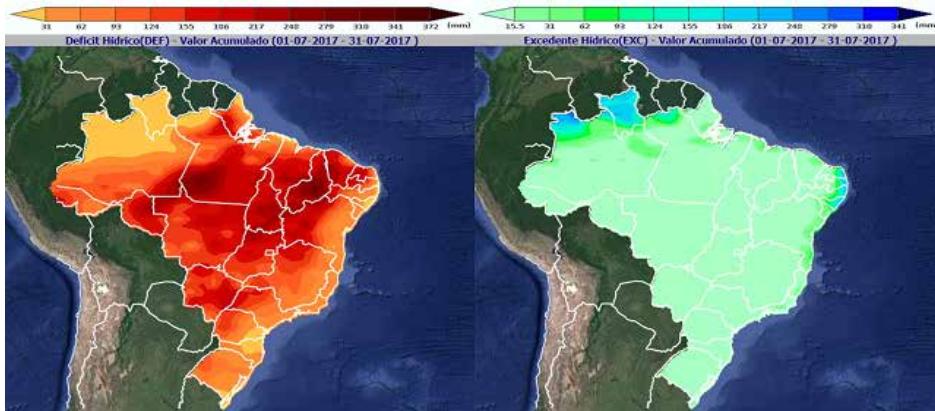
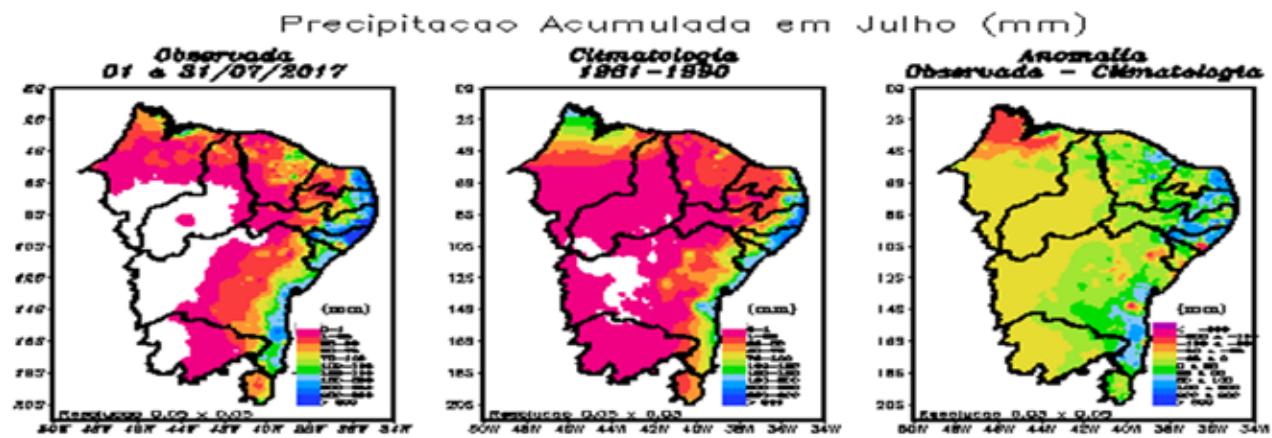


Figura 6 – Deficit e excedente hídrico acumulado em julho/2017



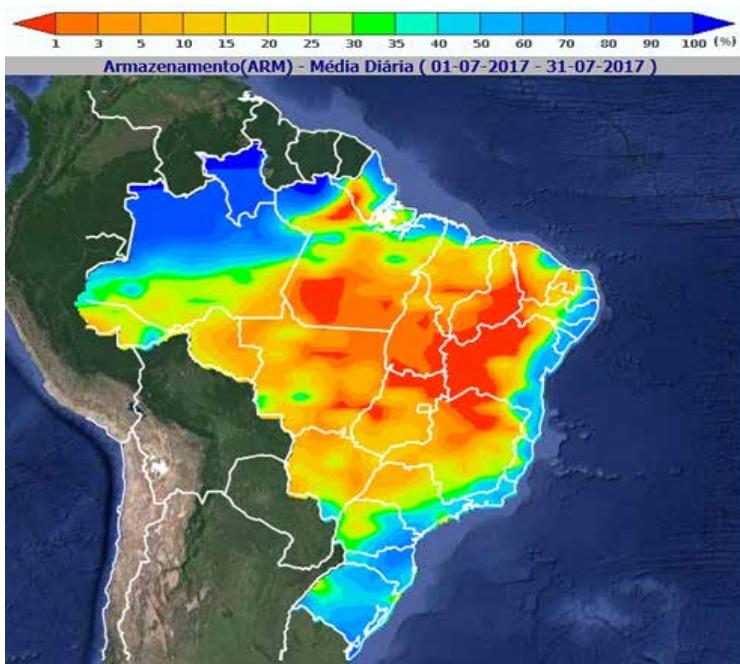
Fonte: Inmet /Sisdagro.

Figura 7 – Precipitação observada, climatologia e anomalia da precipitação da Região Nordeste, em julho/2017



Fonte: Inpe/CPTEC.

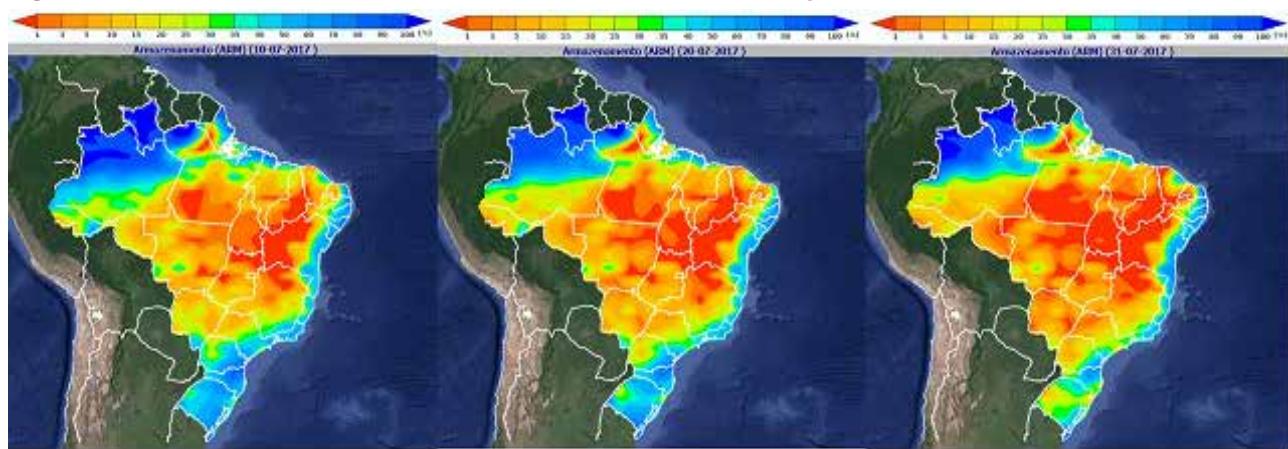
Figura 8 – Média diária do armazenamento hídrico no período de 1º a 31 de julho/2017



Fonte: Inmet /Sisdagro.

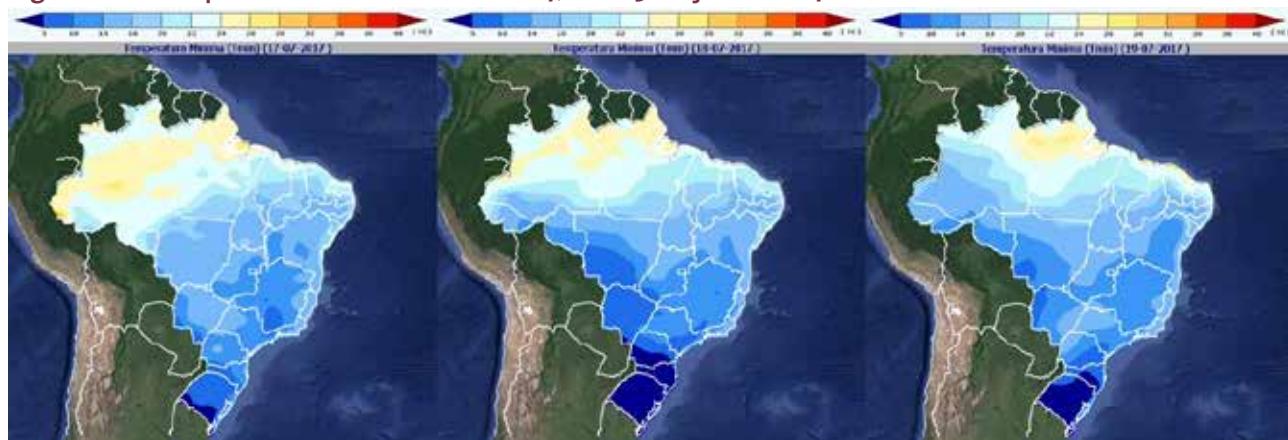


Figura 9 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 31 de julho/2017



Fonte: Inmet /Sisdagro.

Figura 10 – Temperatura mínima nos dias 17, 18 e 19 de julho/2017



Fonte: Inmet /Sisdagro.

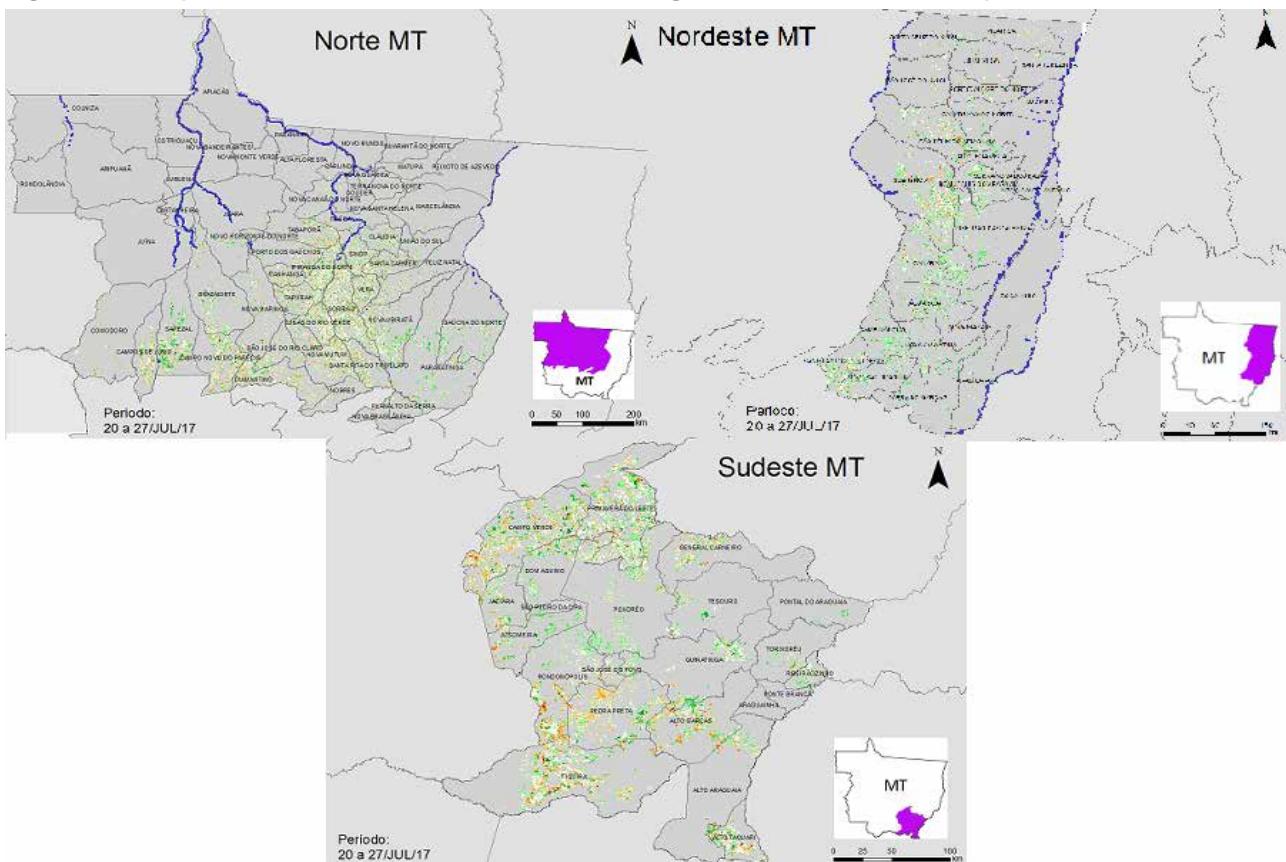
8.1. MONITORAMENTO ESPECTRAL - JULHO/2017

8.2.1. MATO GROSSO

Os mapas de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas do Mato Grosso (Figura 10) mostram um certo equilíbrio entre a quantidade de áreas com anomalias positivas (em verde) e negativas (em laranja). Essas anomalias devem-se, principalmente, às diferenças no calendário de plantio e colheita de cada área entre os anos safra. Apenas no Nordeste do Estado há uma predominância de anomalias positivas. Isso se deve, provavelmente, ao fato da colheita do milho segunda safra estar atrasada.

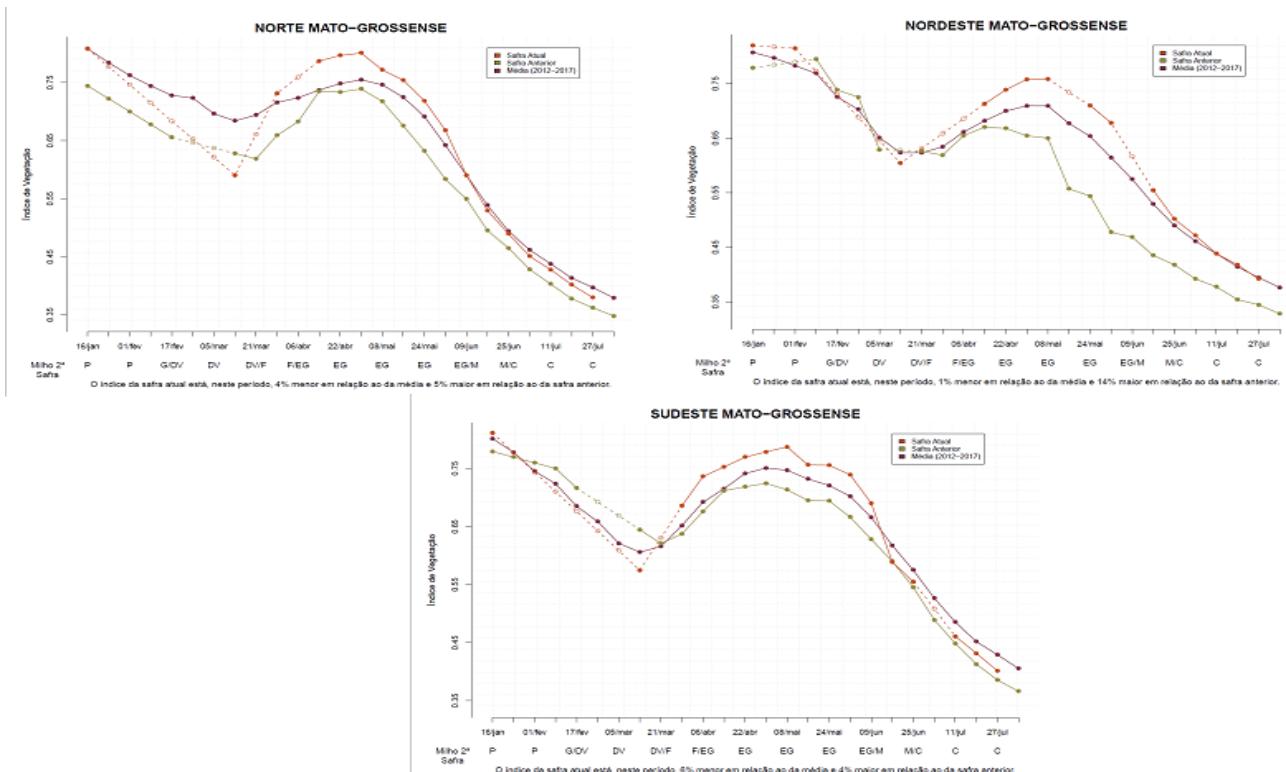
Nesse mesmo período no ano passado, havia uma maior quantidade de áreas colhidas, com baixos valores de IV. Já na safra atual, por ainda estarem em maturação, o IV é menos baixo. Os gráficos de evolução temporal do IV (Figura 11) mostram que embora atualmente a média ponderada do IV da safra atual esteja próxima (ou abaixo) da média histórica, ela esteve significativamente acima durante os períodos críticos do desenvolvimento das lavouras, desde a floração (6 de abril) ao enchimento dos grãos (1º de junho).

Figura 11 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Figura 12 – Gráficos de evolução temporal do IV



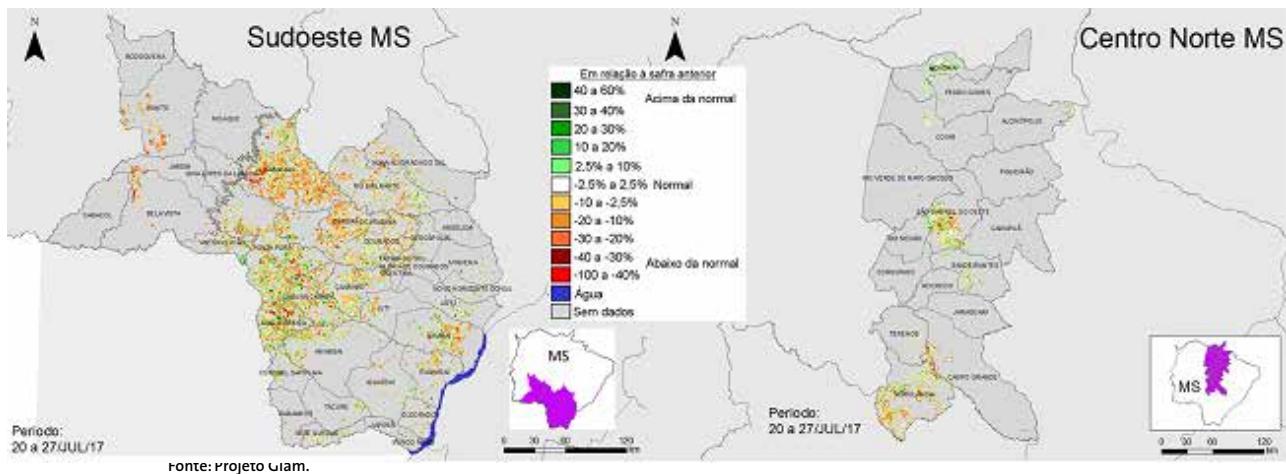
Fonte: Projeto Glam.

8.2.2. MATO GROSSO DO SUL

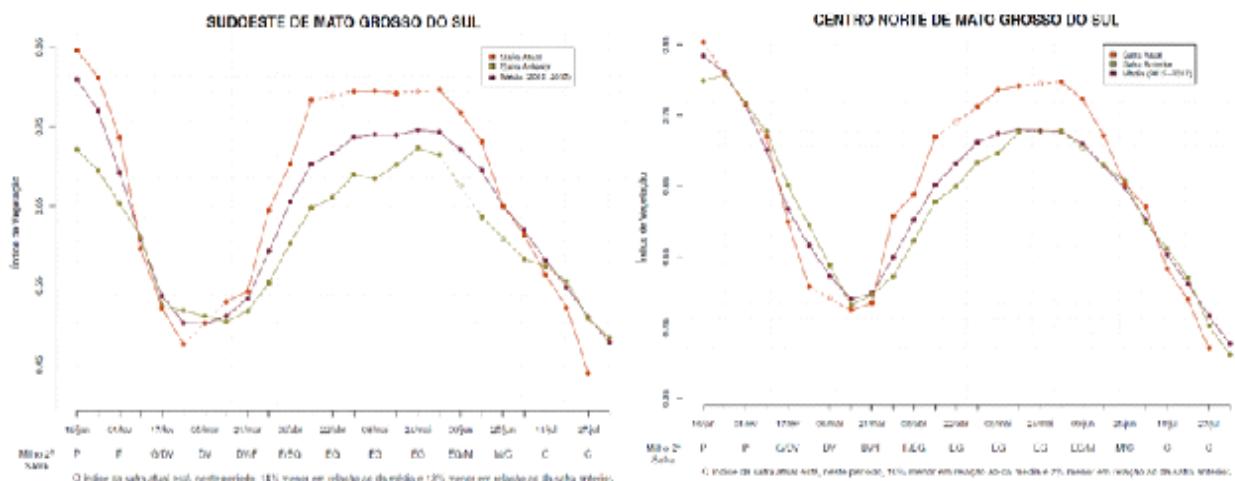
Os mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas do Mato Grosso do Sul (Figura 12) mostram uma predominância de áreas com anomalias negativas (em laranja). Nessas áreas, provavelmente, a maturação e a colheita do milho segunda safra acorreram mais cedo do que na safra anterior. Além disso, como o monitoramento considera todas as áreas cultivadas com soja e milho primeira safra e apenas parte dessa área é cultivada com milho segunda safra, essa

anomalia negativa também pode estar relacionada aos impactos da falta de chuvas e das geadas (Região Sudoeste) em outros cultivos que não o milho, como as culturas de inverno, as vegetações de cobertura e as pastagens anuais. Os gráficos de evolução temporal do IV (Figura 13) mostram que a média ponderada do IV da safra atual manteve-se acima da safra anterior e da média histórica desde o período de desenvolvimento até o início da maturação do milho segunda safra.

Figura 13 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Gráficos 51 - Evolução temporal do IV



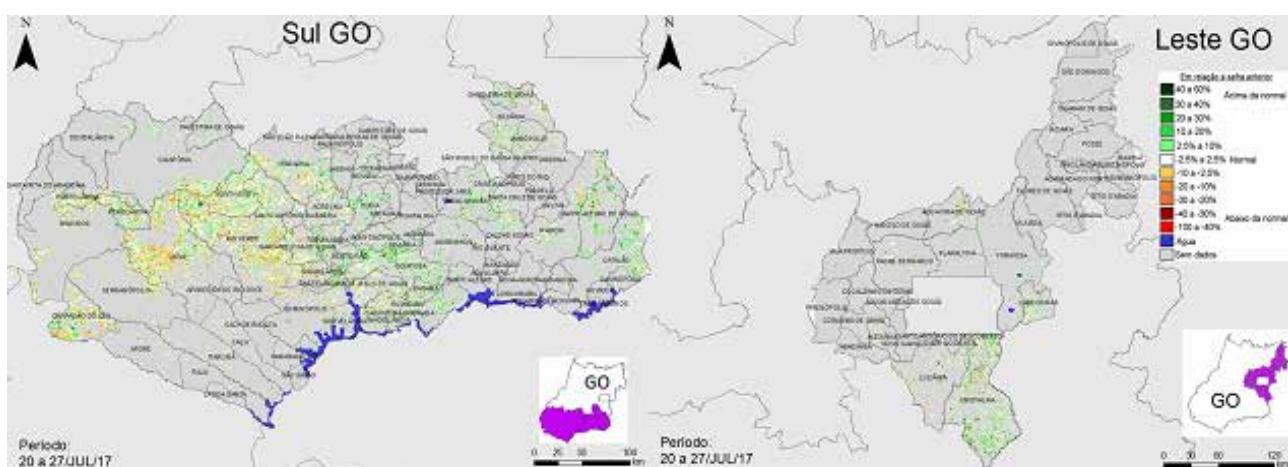
Fonte: Projeto Glam.

8.2.3. Goiás

Os mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas em Goiás (Figura 14) mostram um certo equilíbrio entre a quantidade de áreas com anomalias positivas (em verde) e negativas (em laranja). No entanto, há uma maior quantidade de áreas com anomalias negativas na porção oeste do Sul Goiano, em razão das diferenças no calendário de plantio do milho segunda safra. Nessa região, o plantio dessa safra ocorreu mais cedo que no ciclo anterior devido à colheita antecipada da soja. Por isso, há uma maior quantidade de áreas colhidas, enquanto na safra pas-

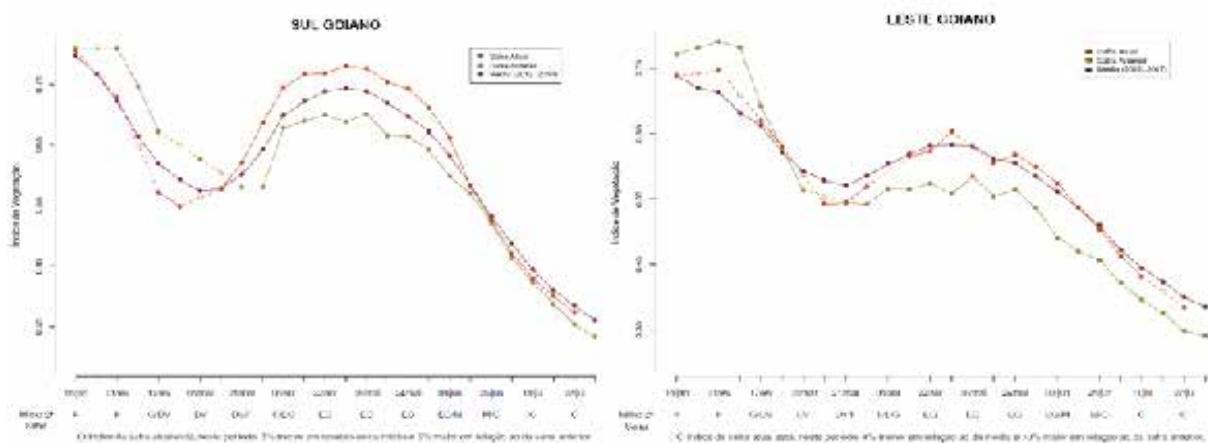
sada essas áreas ainda estavam em maturação, com IV menos baixo. Os gráficos de evolução temporal do IV (Figura 15) mostram a antecipação do plantio da safra atual de milho segunda safra e uma condição de desenvolvimento superior à safra anterior e à média histórica durante todo o ciclo, no Sul Goiano. No Leste do estado, a condição de desenvolvimento da safra atual teve algumas oscilações em abril/maiô em razão da falta de chuvas, mas permaneceu próxima da média histórica e acima da safra anterior, que foi fortemente prejudicada por estiagens.

Figura 14 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Gráficos 52 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam.

8.2.4. PARANÁ

Os mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas do Paraná (Figura 16) mostram diferentes padrões de anomalias entre as regiões. Essas diferenças estão relacionadas, principalmente, ao calendário de colheita do milho segunda safra e aos impactos que a falta de chuvas e a ocorrência de geadas em julho podem ter causado aos cultivos de inverno e às vegetações de cobertura. Nos gráficos de evolução do IV de todas as regiões monitoradas (Figura 17), observa-se uma redução da média ponderada do IV em relação ao período anterior.

Nas mesorregiões Oeste e Sudoeste a maior parte das lavouras de milho segunda safra teve condições favoráveis desde o plantio, apesar de ter sido semeada com atraso. Nos mapas, as áreas com anomalias negativas podem ser explicadas pela incidência de doenças de final de ciclo nas lavouras de milho segunda safra, pelas áreas colhidas de feijão segunda safra ou milho silagem e, principalmente, pelo impacto da estiagem e das geadas sobre os cultivos de inverno e as vegetações de cobertura no mês de julho. Nos gráficos de evolução temporal do IV, nota-se que nessas mesorregiões as lavouras do ciclo atual apresentaram IV superior à safra passada desde o início de abril. Na safra anterior houve estresse hídrico nessas regiões em abril, afetando a evolução do IV e culminando com a queda brusca em meados de junho devido à geada. A curva de ascendência do IV nessa safra ocorreu de duas a três semanas após o período de 2016 devido ao atraso no plantio. Já a redução da média ponderada do índice desde meados de junho deste ano ocorreu em razão da maturação/colheita de parte das lavouras, e acentuou-se no último período devido ao impactos da falta de chuvas e da ocorrência de geadas.

Nas mesorregiões Norte Central e Centro Ocidental as anomalias positivas do IV correspondem, provavelmente, às áreas onde a colheita do milho segunda safra está atrasada em relação ao ciclo anterior. Já as áreas com anomalias negativas, além de indicarem o inverso, podem corresponder a cultivos de inverno ou vegetação de cobertura afetados pela falta de chuvas

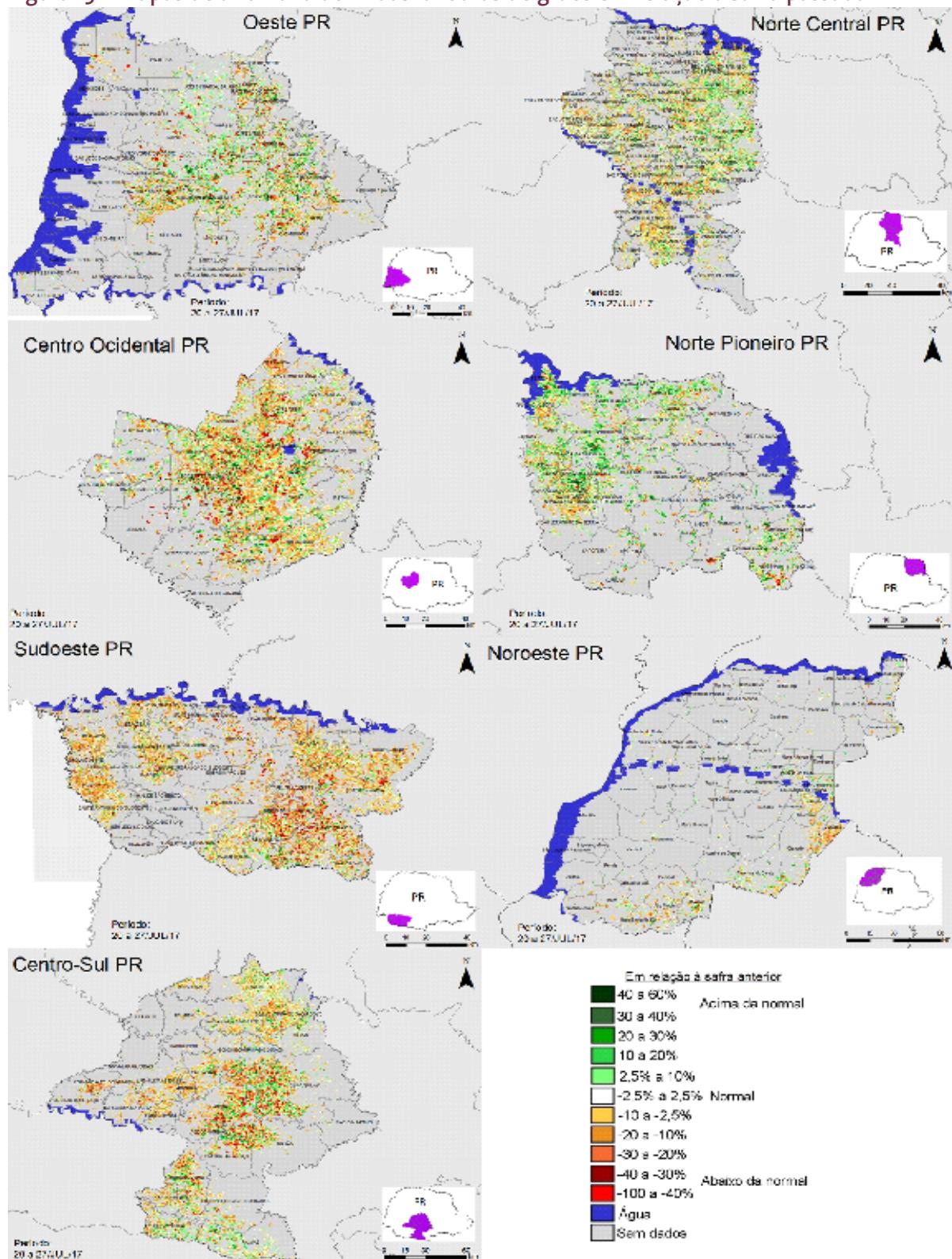
e a ocorrência de geadas em julho. Diferentemente das regiões oeste e sudoeste, o plantio não teve atraso substancial quando comparado à safra passada, a considerar a ascendência da linha vermelha nos gráficos de evolução do IV no mesmo período da safra passada. A curva nessa safra seguiu superior à safra anterior desde o início de abril devido à estiagem ocorrida em 2016. Em ambas as regiões a redução do IV a partir de meados de junho ocorreu em razão da maturação/colheita de parte das lavouras, e acentuou-se no último período por causa dos impactos da falta de chuvas e da ocorrência de geadas.

A mesorregião Norte Pioneiro, tradicionalmente, semia milho na metade norte e trigo na metade sul. Em ambas as regiões, as anomalias do IV devem estar associadas, principalmente, às diferenças no calendário de plantio e colheita do milho segunda safra e do trigo, entre a safra atual e a anterior. Vale lembrar que a maturação do milho em 2016 foi acelerada devido à geada, que acentuou a queda do IV a partir de junho. Além disso, a falta de chuvas em julho de 2017 pode ter afetado a floração e a frutificação do trigo, acarretando em anomalias negativas do IV.

Na mesorregião Noroeste Paranaense, a área de milho segunda safra é pequena, menos de 100 mil hectares. Assim como no restante do estado, a evolução do IV das lavouras foi bem melhor que em 2016 devido ao veranico e geada do ano passado em períodos críticos do desenvolvimento das lavouras.

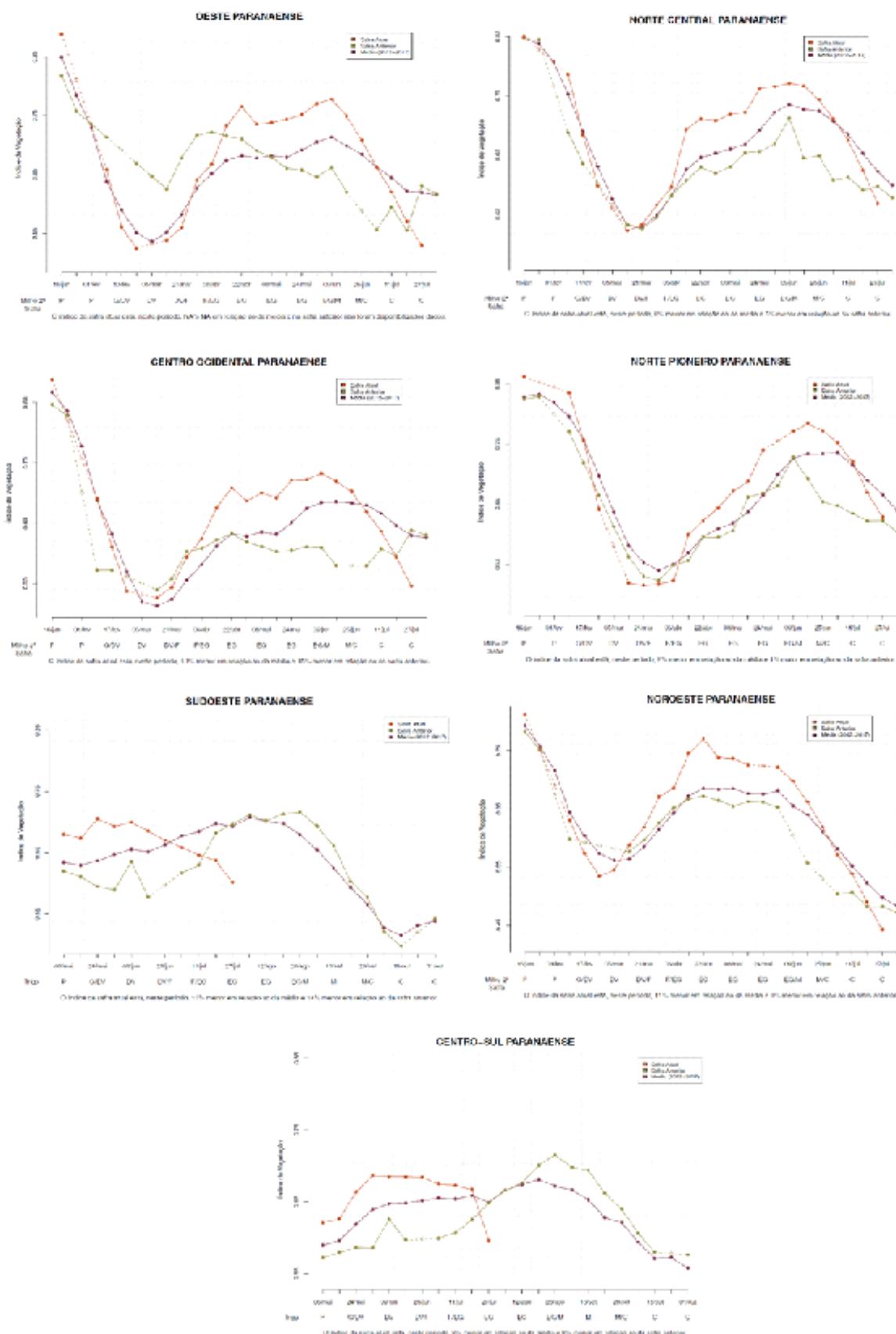
A mesorregião Centro Sul planta tradicionalmente cereais de inverno. O plantio está praticamente finalizado. No gráfico de evolução observa-se o crescimento do IV desde início de abril em um patamar superior à safra passada. Isso se deve ao aumento na área plantada com aveia, que é semeada logo após a colheita da soja. Já a redução do índice desde o final de junho deve-se, provavelmente, ao impacto da ocorrência de geadas sobre essas áreas de aveia e à falta de chuvas sobre os cultivos de inverno e as vegetações de cobertura.

Figura 15 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Gráficos 53 - Evolução temporal do IV

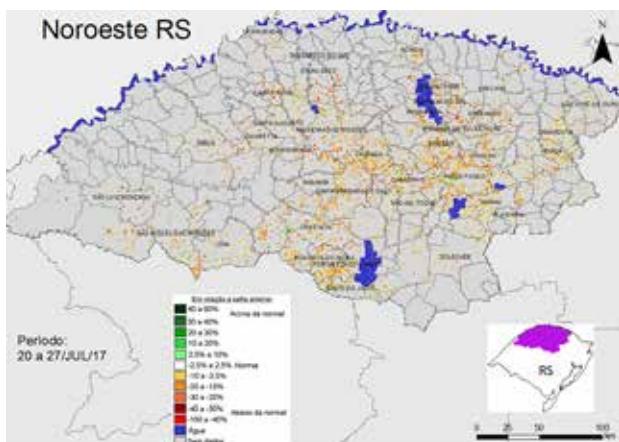


8.2.5. RIO GRANDE DO SUL

O mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada no noroeste do Rio Grande do Sul (Figura 18), principal mesorregião produtora do estado, mostra uma predominância de áreas com anomalias negativas (em laranja). Essas anomalias devem-se, principalmente, ao atraso no início do plantio do trigo e aos impactos da falta de chuvas em julho sobre as culturas de inverno, as pastagens anuais e as vegetações de cobertura. Os efeitos das geadas frequentes em julho também podem ter provocado essa anomalia, apesar de os cultivos de inverno estarem predominantemente em fases menos suscetíveis a esse tipo de restrição. No gráfico de evolução tempo-

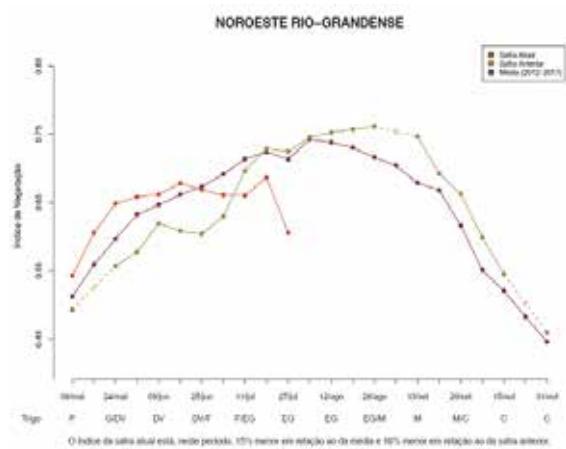
ral do Índice (Figura 19), observa-se pela linha da safra anterior, que foi recorde no estado, uma redução na média ponderada do IV entre o período de 9 a 25 de junho, seguida de um crescimento em 3 de julho, em função da intensificação do plantio e do início do desenvolvimento da maioria das áreas dos cultivos de inverno. Na safra atual, em razão do atraso no início do plantio, a primeira inflexão na linha de evolução do IV ocorreu depois, assim como, a retomada no crescimento. Além do escalonamento no plantio, a falta de chuvas e as geadas em julho também estão afetando o crescimento do IV, que caiu drasticamente no último período.

Figura 16 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 54 - Evolução temporal do IV



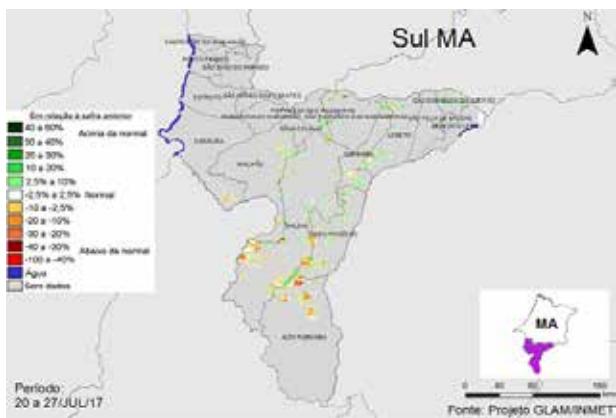
Fonte: Projeto Glam.

8.2.6. MARANHÃO

As condições climáticas favoreceram o plantio e o desenvolvimento do milho segunda safra no Maranhão neste ano, deferentemente da safra passada. Essa condição de favorecimento tem sido retratada no monitoramento agrometeorológico, e resultou, inclusive, em um aumento substancial da área plantada. No entanto, o mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada no Sul Maranhense (Figura 20), principal mesorregião produtora do estado, mostra atualmente muitas áreas com anomalias negativas (em laranja). A maioria dessas áreas deve corresponder a lavouras de milho segunda safra ou algodão em maturação ou colheita, com bai-

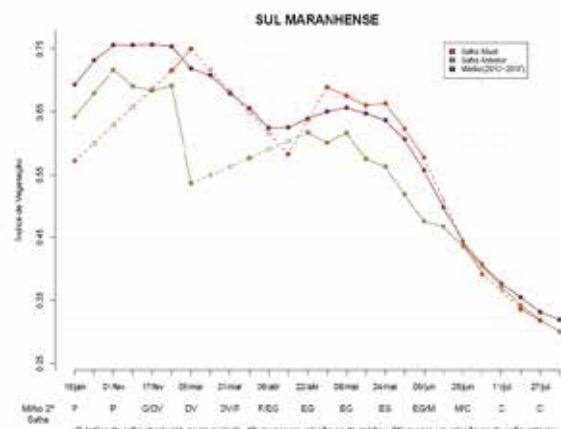
xo IV. Como houve aumento de área nesta safra, no ciclo passado essas áreas deviam estar ocupadas com alguma outra cobertura verde, ou em pousio, com IV mais alto. Além disso, a substituição de culturas e as diferenças no calendário de plantio entre a safra atual e a anterior também podem ocasionar anomalias no IV. O gráfico de evolução do IV (Figura 21) mostra, nos períodos onde não há dados interpolados, uma condição de desenvolvimento da safra atual bem superior à safra passada, durante praticamente toda a fase crítica de desenvolvimento do milho segunda safra na região.

Figura 17 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 55 -Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam.

8.2.7. SÃO PAULO

O mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada na mesorregião monitorada de São Paulo (Figura 22) mostra uma predominância de áreas com anomalias positivas (em verde). Isso se deve, principalmente, ao atraso na colheita do milho segunda safra em relação ao ciclo anterior. No mesmo período da safra passada havia uma maior quantidade de áreas colhidas, com baixo IV, enquanto na safra atual essas áreas ainda estão em maturação, com IV menos baixo. Além disso, parte das áreas cultivadas com milho na safra anterior podem ter substituídas pelo trigo, que ainda estaria em floração/frutificação,

com alto IV. As áreas com anomalias negativas (em laranja) também podem representar diferenças no calendário de colheita (situação inversa), assim como, substituições de culturas. O impacto da falta de chuvas em julho sobre os cultivos de inverno também pode ter provocado essa anomalia. O gráfico de evolução temporal do IV (Figura 23) mostra que embora o plantio do milho tenha sido mais lento do que nos anos anteriores, a média ponderada do IV da safra atual superou a safra passada e a média histórica nos períodos críticos do desenvolvimento.

Figura 18 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

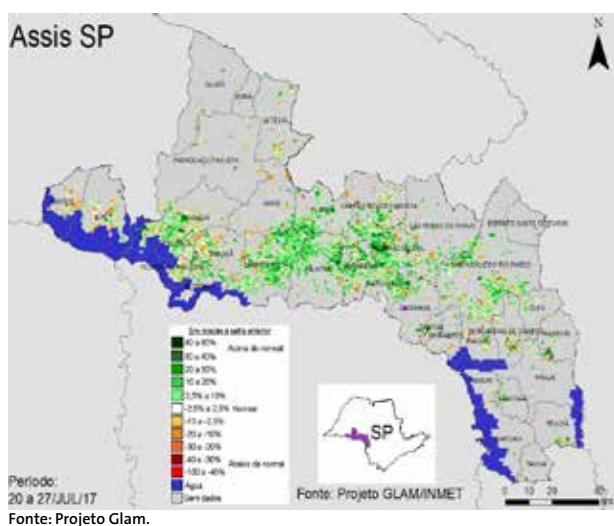
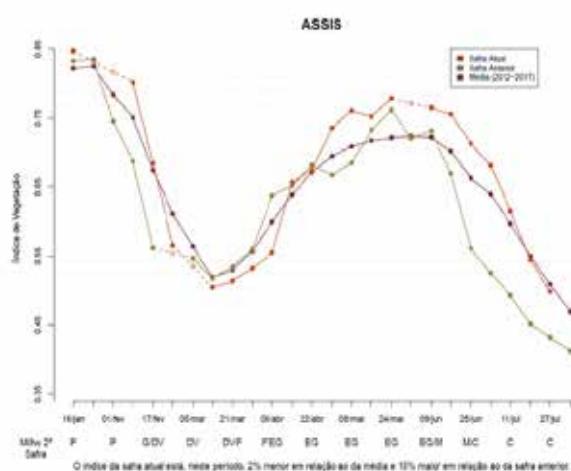


Gráfico 56 - Evolução temporal do IV

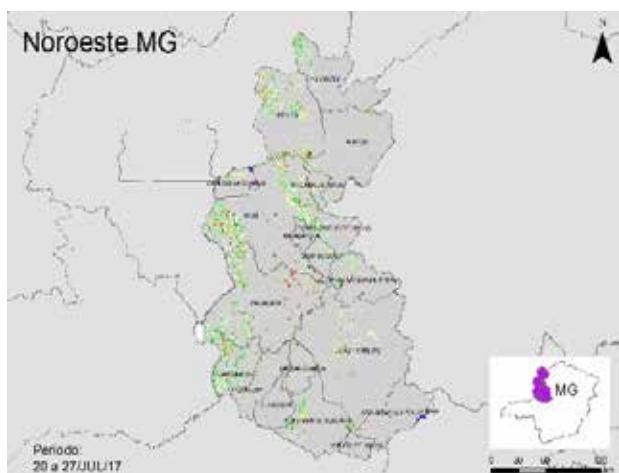


8.2.8. MINAS GERAIS

Os mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada no noroeste de Minas Gerais (Figura 24) mostra uma predominância de áreas com anomalias positivas (em verde). Essas áreas correspondem, provavelmente, aos locais onde a colheita do milho segunda safra está atrasada em relação ao ciclo anterior. No mesmo período da safra essas áreas já estavam colhidas, com baixo IV, enquanto na safra atual essas áreas ainda estão em maturação, com IV menos baixo. As áreas com anomalias negativas (em

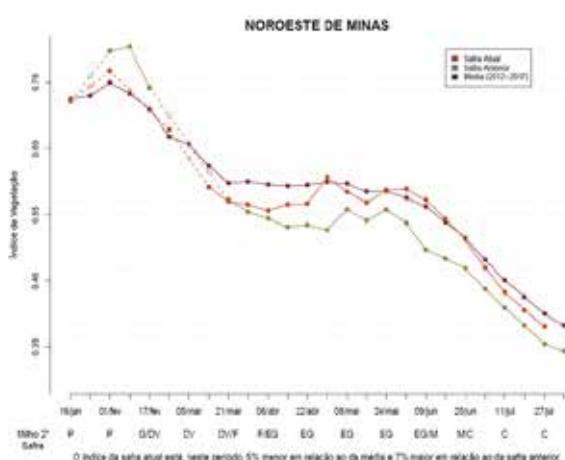
laranja) também podem representar diferenças no calendário de colheita (situação inversa), substituições de culturas ou, até, solos expostos – anomalias negativas intensas na região central da meso. Já no gráfico de evolução temporal do IV (Figura 25), observa-se que a condição de desenvolvimento da safra atual teve algumas oscilações em abril/maio, em razão da falta de chuvas, mas permaneceu próxima da média histórica e acima da safra anterior, que foi fortemente prejudicada por estiagens.

Figura 19 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 57 – Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam.

8.3. RESULTADO DO MONITORAMENTO AGRÍCOLA

A seguir são apresentados os resultados do monitoramento agrícola por cultura de julho. Na Figura a seguir é possível visualizar o peso do impacto de cada

condição em devido à da representatividade de cada mesorregião monitorada.

Figura 20 – Gráficos da condição por cultura, em julho de 2017



Fonte: Conab e Ibge.



9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

A safra de algodão está estimada em 939,1 mil hectares, 1,7% menor do que a ocorrida no exercício passado. A área plantada com a cultura, apesar da redução em relação à verificada no exercício anterior, apresentou aumentos ao longo dos diversos levantamentos, influenciada pela melhoria do quadro de oferta e demanda interno, que pressionavam os preços da pluma por ocasião do início do plantio. O bom desenvolvimento do clima, nos principais estados produtores, possibilitou o incremento na produção de algodão em caroço, estimado atualmente em 18,1%, comparado com à safra passada, atingindo 3.811,7 mil toneladas de algodão em caroço, correspondendo a 1.523,2 mil toneladas de pluma.

Para a Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área estimada de plantio totalizou 682,6 mil hectares. A região foi bastante influenciada pelas boas condições climáticas e deve alcançar incremento na produtividade em torno de 10,7% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso, a colheita de algodão tem se acelerado. O tempo seco contribui para o desenvolvimento dos trabalhos de campo. Estima-se que 20% do total da lavoura esteja colhido até o final de julho, com maior concentração dos trabalhos de campo em agosto. A qualidade da pluma é considerada excelente em

todas as regiões. A produtividade também é positiva, com expectativa de rendimento médio de 4.034 kg/ha, ante aos 3.664 kg/ha na safra anterior, que foi afetada pela estiagem. Assim, calcula-se a produção total de algodão em caroço de 2.532,5 mil toneladas, volume 15% maior do que as 2.201,3 mil toneladas da safra 2015/16. A cotação da pluma se desvalorizou no último mês, registrando preços abaixo dos R\$ 80,00/@ em todo o estado. Assim, os negócios na safra 2016/17 estão ocorrendo em ritmo lento nas últimas semanas, com cerca de 60% da produção esperada comercializada. As lavouras de algodão primeira safra, predominantemente localizadas na região sudeste do estado, estão sendo colhidas no momento, alcançando 50% em Primavera do Leste e 30% no estado. A área destinada ao cultivo primeira safra é de 88,2 mil hectares,

reco de 23,1% em relação aos 114,7 mil hectares da última temporada. Em relação à produtividade, por se tratar do ciclo maior, estima-se rendimento médio de 4.356 kg/ha, ante aos 3.578 kg/ha da safra anterior, ganho de 21,7% no período. Tal aumento se deve principalmente às condições climáticas satisfatórias registradas no atual ciclo. A área cultivada de algodão de segunda safra em Mato Grosso, de ciclo mais curto e semeadura mais tardia, foi de 539,5 mil hectares no ciclo 2016/17, incremento de 11% em relação aos 486,1 mil hectares semeados no ciclo 2015/16. O algodoeiro registra índice de colheita inferior ao da primeira safra, com cerca de 15% da área colhida no estado. A expectativa de rendimento é positiva, com produtividade média de 3.986 kg/ha, número 9,1% superior aos 3.655 kg/ha, registrados na safra anterior.

Figura 21 – Lavoura de algodão em Primavera do Leste-MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura do algodão ocorre predominantemente na região dos chapadões, maior área cultivada do estado, encontrando-se em fase de colheita. As expectativas de produtividade são mantidas em torno de 4.300 kg/ha. A área cultivada para essa safra foi estimada em 28,6 mil hectares, 4,3% inferior à safra passada, mantendo a tendência de redução dos últimos anos. Em contrapartida, para essa safra os produtores da fibra se encontravam um pouco mais otimistas em relação ao mercado, visto que até o momento a comercialização do produto se encontra em torno de 45% do total estimado. Em relação às pragas e doenças de final de ciclo, não foram registradas incidências que pudessem influenciar a produtividade.

Em Goiás, a safra 2015/16 foi bastante prejudicada pela forte estiagem vivenciada a partir de março de 2016, provocando uma significativa redução de produtividade em algumas áreas plantadas, nos municípios de Luziânia e Cristalina. A expectativa dos produtores

é que a safra 2016/17 será de recuperação da produtividade para patamares históricos devido a melhores condições climáticas. Na região leste a colheita do algodão está em ritmo lento em razão das baixas temperaturas que ocorreram na região, interferindo na abertura de capulhos e processo de dessecamento. No leste de Goiás 60% da área está colhida. Dentro de 45 dias, ou seja, em setembro (primeira quinzena) áreas ainda estarão sendo colhidas. A preocupação com o avanço lento da colheita se dá em razão da aproximação do início do vazio sanitário para a região 3, que abrange a maioria dos municípios da região leste (10 de agosto a 30 de outubro). Os rendimentos na região leste estão em torno de 320@/ha. No sudoeste goiano, onde se considera a maior parte de área safrinha, está em fase de colheita (45% de área colhida), com baixas temperaturas que influenciaram a abertura das plumas.



Figura 22 – Lavoura de algodão em Cristalina/GO



Fonte: Conab.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o levantamento indicou forte redução da área (12%), comparada com à safra anterior.

No extremo oeste da Bahia, o cultivo ocupa cerca de 201,6 mil hectares, com cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central, caracterizado por propriedades de grande porte. A produtividade média esperada é de 4.200 kg/ha de algodão em caroço, sendo a melhor produtividade observada nos últimos anos. A colheita foi iniciada em maio e já atingiu 50% da área. Espera-se a produção de cerca de 846,7 mil toneladas de algodão em caroço, representando aumento de 36,9% em relação à safra passada. Espera-se que a colheita esteja finalizada até o início de setembro. No centro-sul do estado, estima-se o plantio de 4,4 mil hectares com cultivos de sequeiro e irrigado, caracterizado por propriedades de médio e pequeno porte. A produtividade média esperada é de 1.500 kg/ha de algodão em caroço, e a colheita foi iniciada em maio e já atingiu 75% da área. No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 7,5 mil hectares de cultivo irrigado com pivô central, caracterizado por propriedades de grande e médio porte. A produtividade média esperada é de 1.203 kg/ha de algodão em caroço e a colheita foi iniciada em maio, atingindo 56% da área plantada.

No Maranhão, os cultivos de algodão primeira safra concentrados na região sul do estado possuindo uma área plantada equivalente a 22,5 mil hectares e expectativa de atingir uma produção próxima a 88,1 mil toneladas de algodão em caroço, que representa incremento de 6,8% em relação à safra passada. O plantio foi concluído como programado e a cultura se encontra em estádio de maturação de grãos. O município de Balsas pela primeira vez planta algodão de

segunda safra. As lavouras encontram-se em pleno estágio de maturação.

No Piauí, após revisão nas áreas de algodão, foi observado um aumento em relação à safra anterior, confirmado pela Associação Piauiense dos Produtores de Algodão (Apipa). Portanto, a área de algodão para essa safra deve atingir 5,6 mil hectares, incremento de 1,8% em relação à safra anterior. A expectativa de produtividade do algodão é de 3.514 kg/ha, sem alteração em relação ao levantamento anterior. Na maior parte do estado a lavoura se encontra em boas condições, em estágio inicial de colheita.

Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada, 22,7%.

Em Minas Gerais, os dados relativos à cultura, mantiveram-se inalterados em relação ao levantamento anterior. A qualidade do produto proveniente do sistema irrigado é boa e não apresentou problemas significativos no transcorrer do desenvolvimento. Já o sequeiro, especialmente o situado no norte do estado, a produtividade tem se mantido baixa e a qualidade do produto é considerada ruim. Vale ressaltar que em algumas dessas áreas o controle do bicho é realizado por catinga manual dos capulhos abortados no campo, o que onera o cultivo, impactando negativamente no custo de produção.

Em São Paulo, na região produtora onde se concentram as lavouras, Avaré e adjacências a safra já foi comercializada. Os produtores são tradicionais no plantio e as expectativas de mercado apontam para um mercado favorável para a cultura.



Figura 23 - Mapa da produção agrícola - Algodão

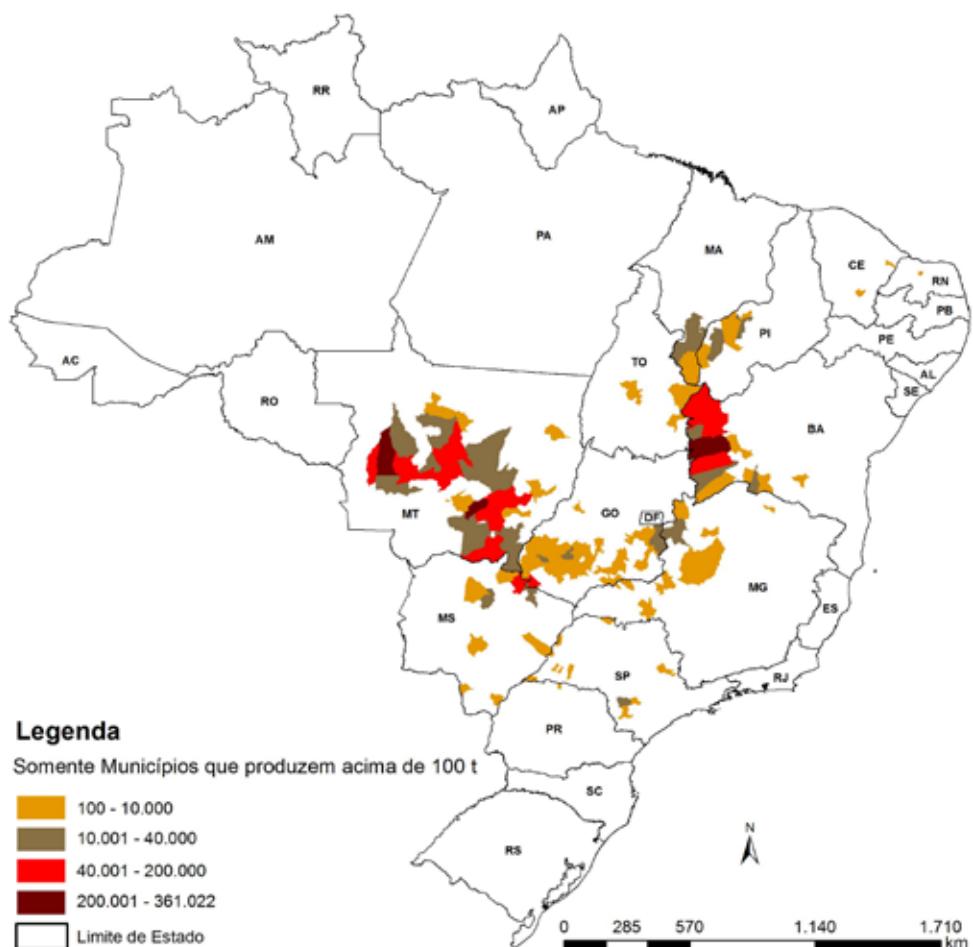
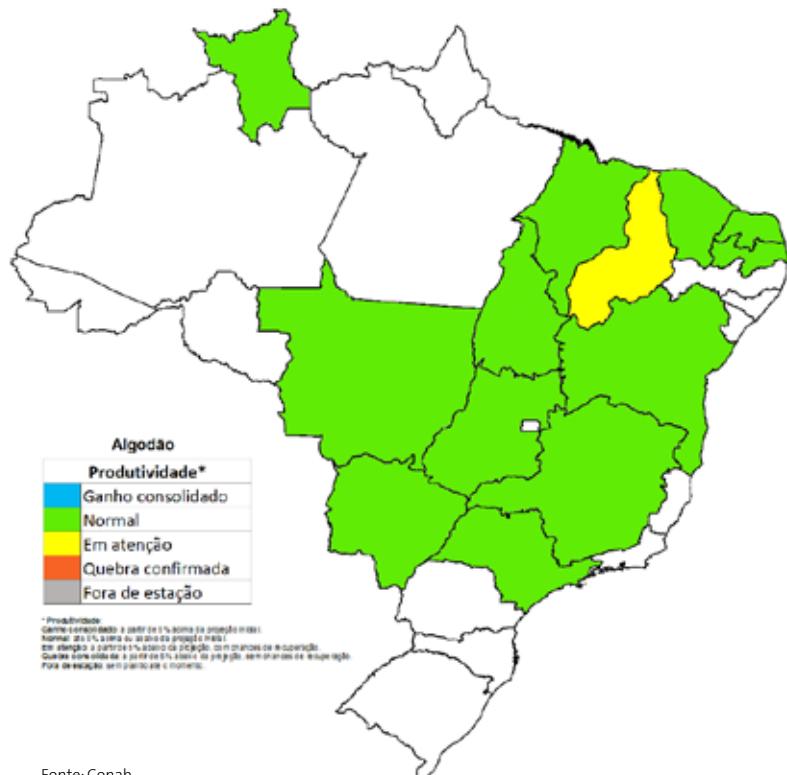


Figura 24– Mapa da estimativa de produtividade- Algodão



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		PP/P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	2.787	3.540	27,0	21,7	25,8	18,9
RR	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.196	14,7	21,7	15,3	(29,5)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	2.703	4.145	53,3	709,0	956,5	34,9
MA	20,9	22,5	7,6	3.949	3.915	(0,9)	82,5	88,1	6,8
PI	5,5	5,6	1,8	1.212	3.514	189,9	6,7	19,7	194,0
CE	0,3	0,4	19,5	534	1.080	102,2	0,2	0,4	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.461	3,7	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,4	300,0	414	839	102,7	-	0,3	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	2.629	4.200	59,8	618,3	846,7	36,9
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	3.653	4.046	10,7	2.412,7	2.761,8	14,5
MT	600,8	627,8	4,5	3.664	4.034	10,1	2.201,3	2.532,5	15,0
MS	29,9	28,6	(4,3)	4.090	4.300	5,1	122,3	123,0	0,6
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.056	35,2	89,1	106,3	19,3
SUDESTE	23,8	18,4	(22,7)	3.400	3.673	8,1	80,9	67,6	(16,4)
MG	19,6	15,6	(20,6)	3.420	3.739	9,3	67,0	58,3	(13,0)
SP	4,2	2,8	(33,3)	3.305	3.308	0,1	13,9	9,3	(33,1)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	2.706	4.126	52,5	730,7	982,3	34,4
CENTRO-SUL	685,1	701,0	2,3	3.643	4.036	10,8	2.495,6	2.829,4	13,4
BRASIL	955,2	939,1	(1,7)	3.378	4.059	20,2	3.226,3	3.811,7	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.115	1.387	24,4	8,7	10,1	16,1
RR	-	2,5	-	-	1.596	-	-	4,0	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.278	14,6	8,7	6,1	(29,9)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.081	1.658	53,3	283,6	382,6	34,9
MA	20,9	22,5	7,6	1.580	1.566	(0,9)	33,0	35,2	6,7
PI	5,5	5,6	1,8	485	1.406	189,9	2,7	7,9	192,6
CE	0,3	0,4	19,5	187	378	102,1	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.695	3,7	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,4	300,0	145	294	102,8	-	0,1	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.052	1.680	59,7	247,3	338,7	37,0
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	1.460	1.617	10,7	963,9	1.103,5	14,5
MT	600,8	627,8	4,5	1.466	1.614	10,1	880,5	1.013,0	15,0
MS	29,9	28,6	(4,3)	1.616	1.699	5,1	48,3	48,6	0,6
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.598	35,2	35,1	41,9	19,4
SUDESTE	23,8	18,4	(22,7)	1.357	1.467	8,1	32,3	27,0	(16,4)
MG	19,6	15,6	(20,6)	1.368	1.496	9,3	26,8	23,3	(13,1)
SP	4,2	2,8	(33,3)	1.305	1.307	0,1	5,5	3,7	(32,7)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.082	1.649	52,4	292,3	392,7	34,3
CENTRO-SUL	685,1	701,0	2,3	1.455	1.613	10,8	996,9	1.130,5	13,4
BRASIL	955,2	939,1	(1,7)	1.350	1.622	20,1	1.289,2	1.523,2	18,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.672	2.153	28,7	13,0	15,7	20,8
RR	-	2,5	-	-	2.604	-	-	6,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	1.918	14,7	13,0	9,2	(29,2)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.622	2.487	53,3	425,4	573,9	34,9
MA	20,9	22,5	7,6	2.369	2.349	(0,8)	49,5	52,9	6,9
PI	5,5	5,6	1,8	727	2.108	190,0	4,0	11,8	195,0
CE	0,3	0,4	19,5	347	702	102,3	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.766	3,8	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,4	300,0	269	545	102,6	-	0,2	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.577	2.520	59,8	371,0	508,0	36,9
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	2.194	2.429	10,7	1.448,8	1.658,3	14,5
MT	600,8	627,8	4,5	2.198	2.420	10,1	1.320,8	1.519,5	15,0
MS	29,9	28,6	(4,3)	2.474	2.602	5,2	74,0	74,4	0,5
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.458	35,2	54,0	64,4	19,3
SUDESTE	23,8	18,4	(22,7)	2.043	2.207	8,0	48,6	40,6	(16,5)
MG	19,6	15,6	(20,6)	2.052	2.243	9,3	40,2	35,0	(12,9)
SP	4,2	2,8	(33,3)	2.000	2.001	0,1	8,4	5,6	(33,3)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.623	2.477	52,6	438,4	589,6	34,5
CENTRO-SUL	685,1	701,0	2,3	2.187	2.424	10,8	1.498,7	1.698,9	13,4
BRASIL	955,2	939,1	(1,7)	2.028	2.437	20,2	1.937,1	2.288,5	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017..

9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 1º de agosto de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 23,03 milhões de toneladas e projeta-se para a safra 2017/18 uma produção de 24,89 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 8% na produção. Comparando-se a estimativa para a safra 2017/18, com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,48 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 15,85%.

Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.523,2 mil toneladas, este valor é 18,2% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 1,7% na área a ser plantada, de 955,2 mil para 939,4 mil hectares, um aumento significativo na produtividade de cerca de 20% deverá compensar as perdas de área. O clima favorável nas principais regiões produtoras foi o principal responsável por esse aumento na produção.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,47 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 110 mil toneladas de algodão. Sendo assim, os estoques mundiais de algodão deverão terminar essa safra no menor patamar dos últimos seis anos.

Com o aumento da oferta no mercado doméstico devido ao avanço da colheita, os preços devem continuar cedendo. Esses valores devem recuar até o suporte da paridade de exportação. Com o aumento de quase 20% na produção, comparando com a safra anterior, a tendência é ainda mais forte de que o mercado se aproxime desta paridade. O desempenho fraco da economia nacional também contribuirá para esse movimento.



Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (¹)	2017 (²)
O F E R T A	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.749,4
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.523,20
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.130,5
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	392,7
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	25,0
D E M A N D A	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.570,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	720,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	850,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	179,4
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	1,4

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab / Secex / SRF-MF / Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas

Favorável

Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

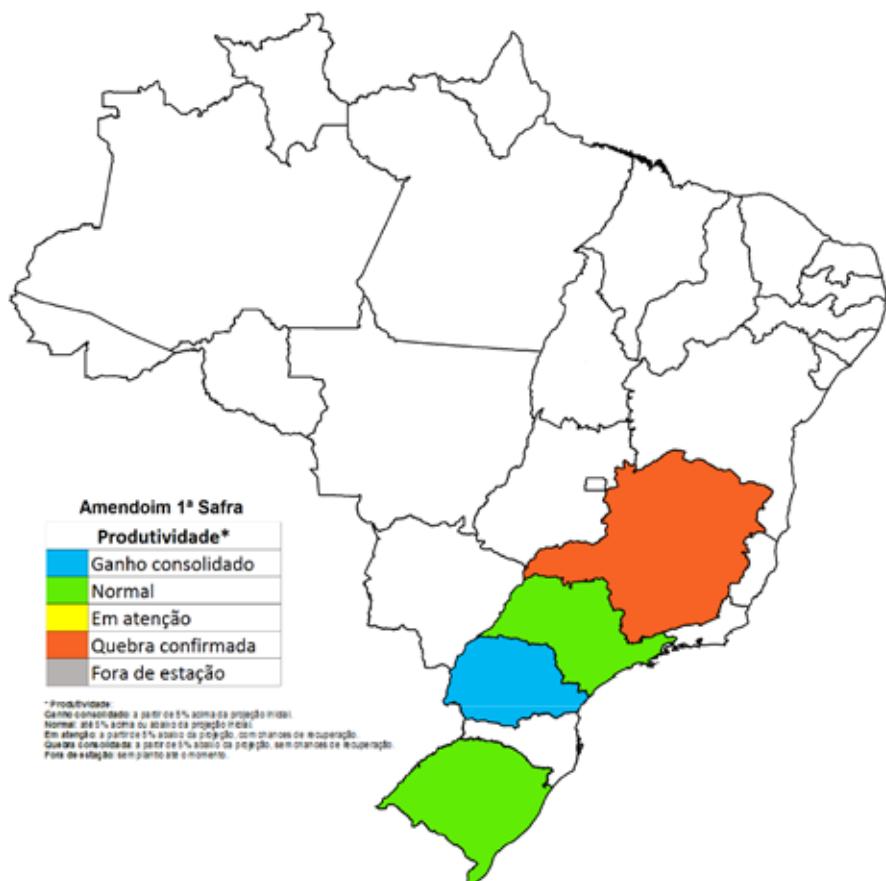
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	112,9	7,4	3.543	3.721	5,0	372,4	420,2	12,8
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	103,1	110,3	7,0	3.538	3.724	5,3	364,8	410,8	12,6
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	118,3	7,3	3.524	3.709	5,2	388,8	438,8	12,9
BRASIL	110,3	118,3	7,3	3.524	3.709	5,2	388,8	438,8	12,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Figura 25 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

A produção de amendoim segunda safra é estimada em 22,6 mil toneladas, cultivada em uma área de 9 mil hectares, com produtividade média de 2.520 kg/ha.

Em São Paulo o amendoim se encontra praticamente todo colhido. Apresenta redução de 43,1% na área plantada. Os produtores da região norte e noroeste do estado, na hora do plantio, tiveram certa restrição ao incremento da área devido ao grande risco de ausência de chuvas no período do seu desenvolvimento. Quanto à produtividade, esta apresenta redução de 5,5% em relação à última safra. O amendoim primeira safra, também chamado de amendoim das águas, é o mais plantado na região devido ao aproveitamento das condições climáticas ideais para a cultura. Já o amendoim segunda safra, também chamada de safra da seca, tem menor produção do que a primeira safra, por não encontrar condições climáticas tão ideais que o cultivo de amendoim requer e vêm reduzindo as áreas plantadas. De maneira geral, o amendoim é semeado em áreas de renovação de lavouras de cana-de-açúcar e por isso vem competindo com a soja por área. O relato é que os produtores têm preferido o cultivo da soja pela maior certeza de mercado.

Em Tocantins, conforme informação prestada pelos agentes responsáveis pelo cultivo, para a safra 2016/17 foi plantado apenas 0,3 mil hectares, área correspondente às duas fazendas de um único proprietário (sendo uma em Figueirópolis de 150 hectares e outra em Sucupira de 100 hectares). A queda na área plantada foi de 57,1% em relação à safra anterior. Esse número foi influenciado pela má condição das sementes comercializadas em safras anteriores, bem como da substituição da cultura pela soja, que é considerada como de melhor retorno ao capital investido. A cultura já foi toda colhida e comercializada. Quanto à produtividade foi constatado um aumento muito significativo de 175,9%, atingindo 4.800 kg/ha devido a melhores condições climáticas nessa safra e à utilização de sementes de melhor qualidade. Em relação à produção, apesar da redução da área de cultivo, foi constatado uma manutenção do quantitativo produzido (apenas 100 toneladas a menos) em razão da boa produtividade dessa safra.

No Ceará, o amendoim é semeado em regiões que são tipicamente mais úmidas, localizadas no Cariri Cearense e na Serra da Ibiapaba. O cultivo desse grão no estado



é realizado em propriedades familiares, em localidades onde muitos moradores, por tradição, plantam o legume. Grande parte da semente utilizada pelos produtores é crioula e, em menor escala, uma cultivar desenvolvida pela Embrapa. A BR-1, do grupo Valência, está sendo semeada na região por apresentar boa produtividade nas condições ambientais locais. O preparo do solo das lavouras dessa cultura é mecanizado, em grande parte das áreas. Porém, o plantio ainda é feito de forma

manual, com um instrumento agrícola denominado "matraca". Alguns agricultores plantam em consórcio com outras culturas anuais. Calcula-se que serão semeados 300 mil hectares nos municípios da pesquisa e estes se encontram lavrados e plantados. A safra da cultura se encerrou em junho. O preço do amendoim comercializado pelos agricultores varia de R\$ 3,00 a R\$ 7,00 o quilograma do grão, dependendo do município e da qualidade do grão.

Figura 26 - Amendoim em consórcio com milho na localidade de Monte Alverne, Crato/CE



Fonte: Conab.

A Paraíba em outras safras já chegou a mais de 1.000 hectares cultivados com amendoim. Na safra passada foram plantados 500 mil hectares, que teve a produtividade prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na presente safra foram plantados 400 mil hectares, com

a estimativa de produtividade na ordem de 985 kg/ha.

Da cultura já plantada grande parte das áreas estão colhidas, apresentando boas condições.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
AL	Agreste Alagoano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M	C	

Legenda:

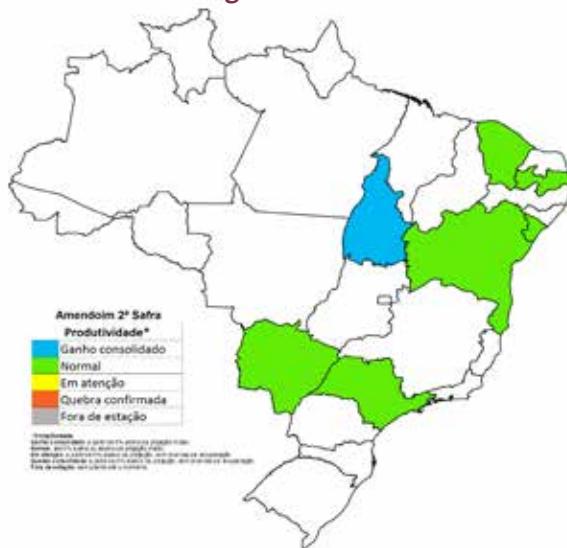
Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

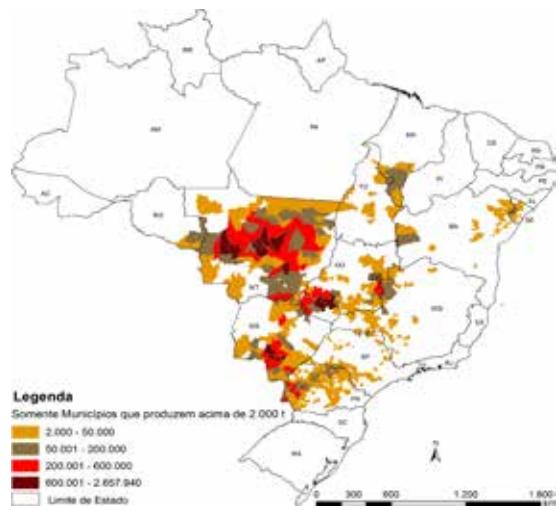


Figura 27 – Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.

Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.187	20,0	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,3	(16,3)	368	1.116	203,3	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,4	(12,0)	433	985	127,5	0,2	0,4	100,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	2,5	2.400,0	1.403	4.200	199,4	0,1	10,5	10.400,0
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MS	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
SUDESTE	5,1	2,9	(43,1)	2.490	2.354	(5,5)	12,7	6,8	(46,5)
SP	5,1	2,9	(43,1)	2.490	2.354	(5,5)	12,7	6,8	(46,5)
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.488	33,1	4,5	5,3	17,8
CENTRO-SUL	5,2	5,4	3,8	2.469	3.209	30,0	12,8	17,3	35,2
BRASIL	9,3	9,0	(3,2)	1.873	2.520	34,5	17,3	22,6	30,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 29 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)

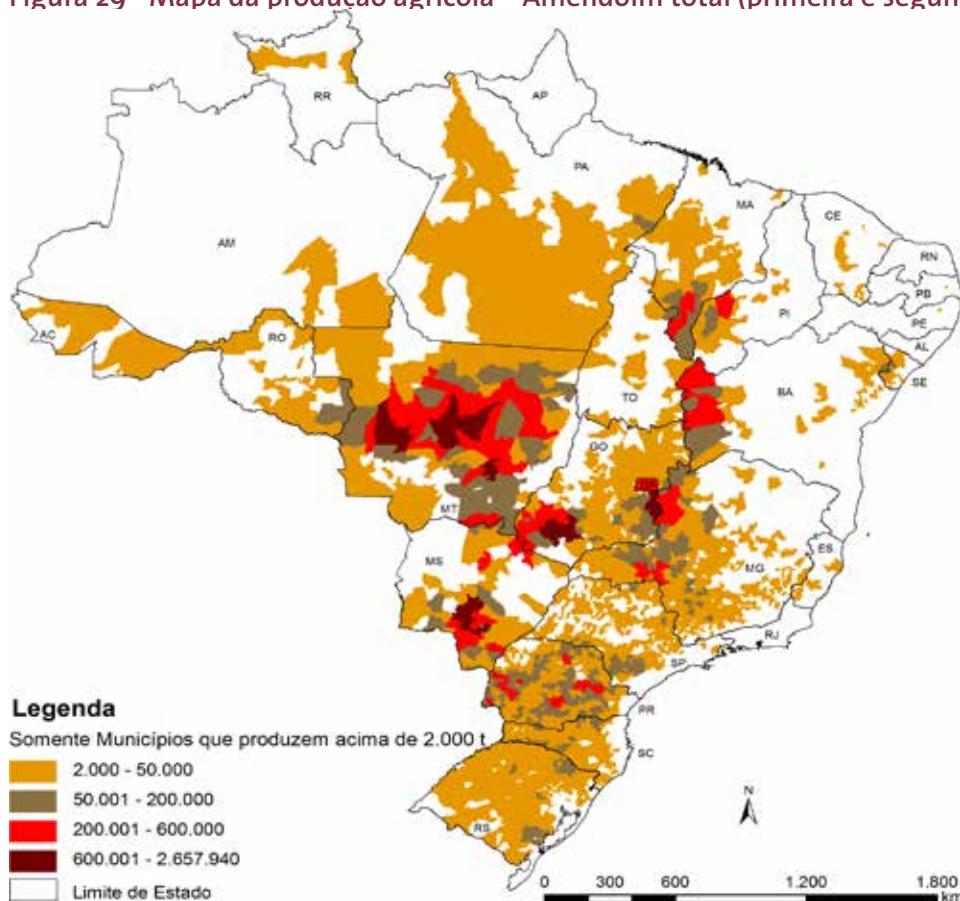


Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.187	20,0	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,3	-	368	1.116	203,3	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	985	127,5	0,2	0,4	100,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	2,5	2.400,0	1.403	4.200	199,4	0,1	10,5	10.400,0
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MS	-	2,5	-	-	-	-	-	10,5	-
SUDESTE	110,2	115,8	5,1	3.494	3.687	5,5	385,1	427,0	10,9
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	108,2	113,2	4,6	3.489	3.689	5,7	377,5	417,6	10,6
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.488	33,1	4,5	5,3	17,8
CENTRO-SUL	115,5	123,7	7,1	3.477	3.687	6,0	401,6	456,1	13,6
BRASIL	119,6	127,3	6,4	3.396	3.625	6,7	406,1	461,4	13,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.3. ARROZ

O décimo primeiro levantamento de arroz indica redução de 1,3% na área plantada em relação à safra passada, influenciada principalmente pela diminuição de áreas de plantio em sequeiro. Em compensação, observa-se o aumento do plantio em áreas irrigadas, o que ajuda a esclarecer a estimativa de aumento de produtividade em 17,8%. A produção deve chegar a 12.326 mil toneladas, aumento de 16,3% em relação à safra passada.

Na Região Sul, onde o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a colheita está finalizada. Responsável pela maior parte da produção do país, a região teve incremento de 1,9% na área em relação à safra passada, e fechou a safra com uma produtividade média de 7.868 kg/ha.

A Região Norte é a segunda maior produtora nacional de arroz e, mesmo com redução de 0,2% na área plantada, a expectativa é de aumento de produção em 6,7% em relação à safra passada.

No Pará, o cultivo de arroz ocupa a área de 70,8 mil hectares. A colheita está praticamente finalizada. O rendimento esperado é de 2.651 kg/ha, superior à safra anterior, que foi de 2.520 kg/ha. Os números da safra atual apresentam redução de área cultivada em 2,9%, se comparada à safra anterior. Entretanto, a produtividade e a produção aumentaram em 5,2% e 2,2%, respectivamente, muito devido ao excelente rendimento do plantio irrigado na Mesorregião do Marajó, que detém 5,1 mil hectares da área total cultivada no estado.

Em Rondônia, a área plantada, de 40,6 mil hectares, é 4,7% menor que a da safra passada. A perda de área é devido, principalmente, à competição por área com a cultura da soja. A colheita do produto se encontra encerrada em todos os municípios do estado onde a cultura está presente. A produtividade atual apurada foi de 2.956 kg/ha, 13,6% inferior à da safra passada. A redução da produtividade se deve, em primeiro lugar, por parte das lavouras estarem ocupando áreas novas anteriormente utilizadas com pastagens e que ora foram ocupadas com o arroz. Alguns imprevistos aconteceram de forma isolada em algumas lavouras, como a incidência de Bruzone e excesso de chuvas durante a colheita.

Em Roraima, mais de 75% da área, estimada em 12,3 mil hectares, já foi colhida e o restante está em fase de maturação, com colheita prevista para a primeira quinzena de agosto. As chuvas estão acima do normal, gerando custo adicional de mão de obra para os serviços de drenagem dos excessos de água. A estimativa

de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão.

No Amazonas, estima-se que a área cultivada, nessa safra, seja de 3,2 mil hectares, obtendo uma produtividade média de 2.183 kg/ha e produção total estimada em torno de 7 mil toneladas. A colheita começou em julho, especificamente nos municípios que não são tão afetados pela cheia dos rios.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 10,4%, enquanto a área sob cultivo irrigado é 158,1% maior em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a área estimada cultivada com arroz é de 162,3 mil hectares. A colheita de arroz de sequeiro, nos 151,4 mil hectares semeados, está finalizada. A produção esperada é de 488,4 mil toneladas, volume 13,4% maior que na última safra. Tal variação positiva se deve ao desempenho produtivo do cultivo de arroz mato-grossense, beneficiado pelas boas condições climáticas. Assim, a produtividade média deverá ser de 3.226 kg/ha, rendimento de 12,8% superior à safra anterior. As lavouras de arroz irrigado, que são plantadas somente na segunda safra em áreas de pivô, que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce, também já foram totalmente colhidas. A área cultivada sob pivôs no estado, na safra 2016/17, é de 10,9 mil hectares, ante aos 2 mil hectares da safra anterior. O rendimento médio na atual safra é de 3.815 kg/ha e estima-se a produção de 41,6 mil toneladas de arroz irrigado. Na safra 2016/17 não houve a necessidade de uso dos pivôs, tendo em vista a regularidade das precipitações pluviométricas. Estima-se que aproximadamente 70% da oferta resultante do ciclo 2016/17 já tenha sido comercializada. O cereal remanescente tende a ficar armazenado, apesar da baixa capacidade estática para o produto no estado, com as vendas ocorrendo aos poucos, a fim de conseguir melhores preços nos próximos meses.

Em Goiás a colheita foi finalizada. A maior parte do arroz produzido é plantado sob condições de irrigação, por meio do sistema de inundação. A área plantada sob esse sistema, nessa safra, foi estimada em 14,9 mil hectares e a produção em 93,9 mil toneladas. O cultivo de arroz de sequeiro se encontra sob forte declínio, sendo cultivado em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. Dessa forma, a área estimada foi 74,2% menor do que na última safra e a produtividade média alcançou 2.300 kg/ha, 41% menor do que na safra passada. A produção total do estado foi estimada em 109,3 mil toneladas.



Na Região Nordeste, tanto as áreas de sequeiro quanto de arroz irrigado apresentam redução, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. Nesse levantamento, a estimativa aponta para redução na área cultivada em 19,1% e, apesar dessa diminuição, a produção deverá ser 10,9% maior quando comparada ao exercício anterior.

O Maranhão deverá apresentar redução de 22% na área plantada em relação à safra 2015/16. Essa retração é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, mas as áreas irrigadas também devem sofrer redução em relação à última safra. A produção deve chegar a 255,9 mil toneladas, redução de 4,6% em relação à safra passada, e só não foi menor devido ao aumento de produtividade, 22,2% maior em relação à safra passada. A área plantada com arroz irrigado equivale 1,4 mil hectares, aproximadamente 1% do total das lavouras de arroz no estado e responsável por 2,7% da produção, provocada pelo alto rendimento de 5.020 kg/ha. Em relação ao arroz em sequeiro houve redução de 22% na área cultivada e 4,9% na produção em relação à safra passada. A produtividade, por sua vez, não seguiu o mesmo caminho, aumentando 21,9% devido às condições meteorológicas favoráveis para a cultura, diferentemente do ocorrido na safra anterior. As áreas com arroz irrigado estão todas em estádio de desenvolvimento vegetativo, enquanto as áreas de arroz em sequeiro já foram totalmente colhidas.

O Piauí deve chegar à produção de 106,2 mil toneladas de arroz, cerca de 77,9% maior em relação à safra passada. A área plantada com arroz corresponde a aproximadamente 65,2 mil hectares, contra 79,1 mil hectares da safra passada. O arroz irrigado deve ocupar 5,2 mil hectares de área e a produtividade esperada é de 4.453 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro, as lavouras se desenvolveram satisfatoriamente e já foram totalmente colhidas, apresentando produtividade em torno de 1.384 kg/ha em uma área de 60 mil hectares.

Sergipe se destaca pelas elevadas produtividades médias e como um dos estados que mais produz arroz no Nordeste. O cultivo está concentrado no Território do Baixo São Francisco sergipano, em áreas irrigadas por inundação. O plantio de arroz teve início em maio, com 4% da área plantada, enquanto que em junho foram plantados 7%, ganhando intensidade em julho com 28% de área e totalizando 40% até a presente data, com previsão de término em setembro. O excesso das chuvas e a demora na distribuição das sementes, por parte do governo estadual, atrasaram o plantio, que normalmente se encerra em agosto. A área de arroz estimada é de 4,7 mil hectares, confirmado a redução quando comparamos à área plantada da sa-

fra anterior, em virtude, principalmente, do avanço do mar sobre o rio São Francisco, causando a salinização de algumas áreas. De modo geral, a situação das lavouras de arroz é considerada boa. Em todas as áreas foram utilizadas sementes certificadas de primeira geração, distribuídas pelo governo estadual. Devido ao atraso no plantio, cerca de 70% das lavouras se encontram em estádio de germinação, 20% encontram em desenvolvimento vegetativo e 10% em floração. A expectativa de produção nesse levantamento é de 34,1 mil toneladas, cerca de 7,8% menor que a última safra, porém mantendo o rendimento médio em torno de 7.255 Kg/ha.

Em Alagoas, a área total plantada deverá ser de 2,8 mil hectares e a estimativa de produtividade é de 6.220 kg/ha, aumento de 8,7% em relação à safra anterior. A melhoria da produtividade foi possível devido aos fatores como o clima, assistência técnica e distribuição de sementes, que se adaptaram bem às condições do solo e clima da região.

No Ceará, em grande parte da área destinada ao plantio de arroz, o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente, semeado em covas. Normalmente, as lavouras são implantadas em áreas de várzea, de vertissolos e de baixios. A maior parte das áreas de plantio são de propriedades familiares, que plantam poucos hectares apenas para subsistência, vendendo o excedente. O arroz já foi praticamente todo colhido, restando apenas as áreas sob irrigação, que estão em fase final de colheita. A expectativa é para uma produção total de 10,5 mil toneladas.

No Rio Grande do Norte, estima-se que foram cultivados cerca de mil hectares de arroz, irrigado via sistema de inundação, principalmente em terras do vale do Apodi, principal região produtora do estado. As chuvas escassas e irregulares dos últimos anos vêm desestimulando o cultivo de arroz e a opção de substituição por outras culturas já é realidade para muitos produtores da região. Demandando muita água para inundação dos platôs de cultivo e diante das incertezas meteorológicas, muitos produtores têm optado pelo cultivo de outras culturas com menos exigência de água. Com o aumento na produtividade, devido à melhora nas precipitações em comparação com a safra anterior, a produção deverá chegar a 3,8 mil toneladas.

Na Região Sudeste, a cultura de arroz já foi totalmente colhida. A produção esperada é de 53,7 mil toneladas em uma área plantada de 15,8 mil hectares, 8,1% inferior ao se comparar com a safra passada.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Arroz

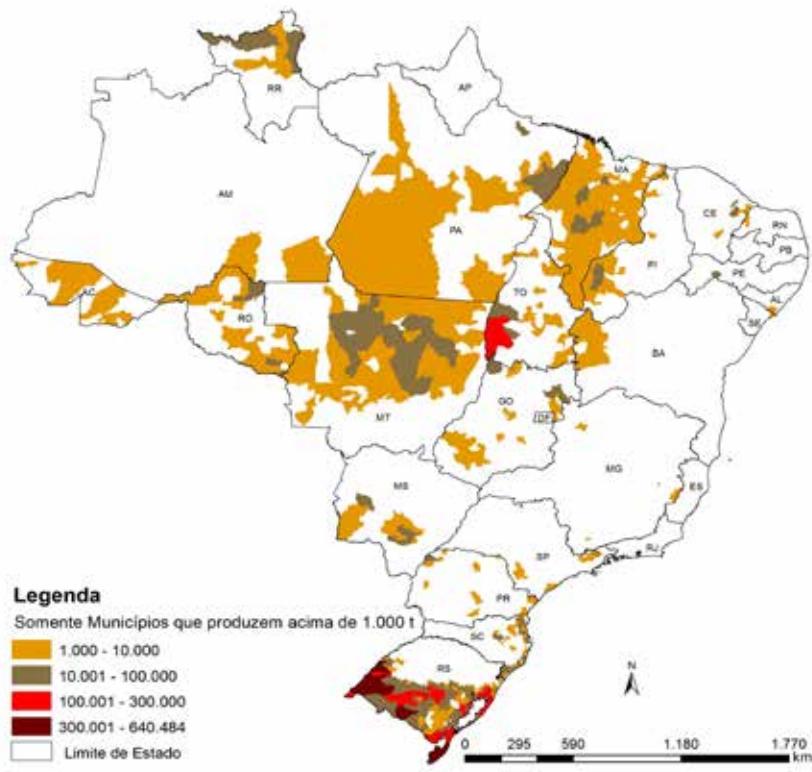
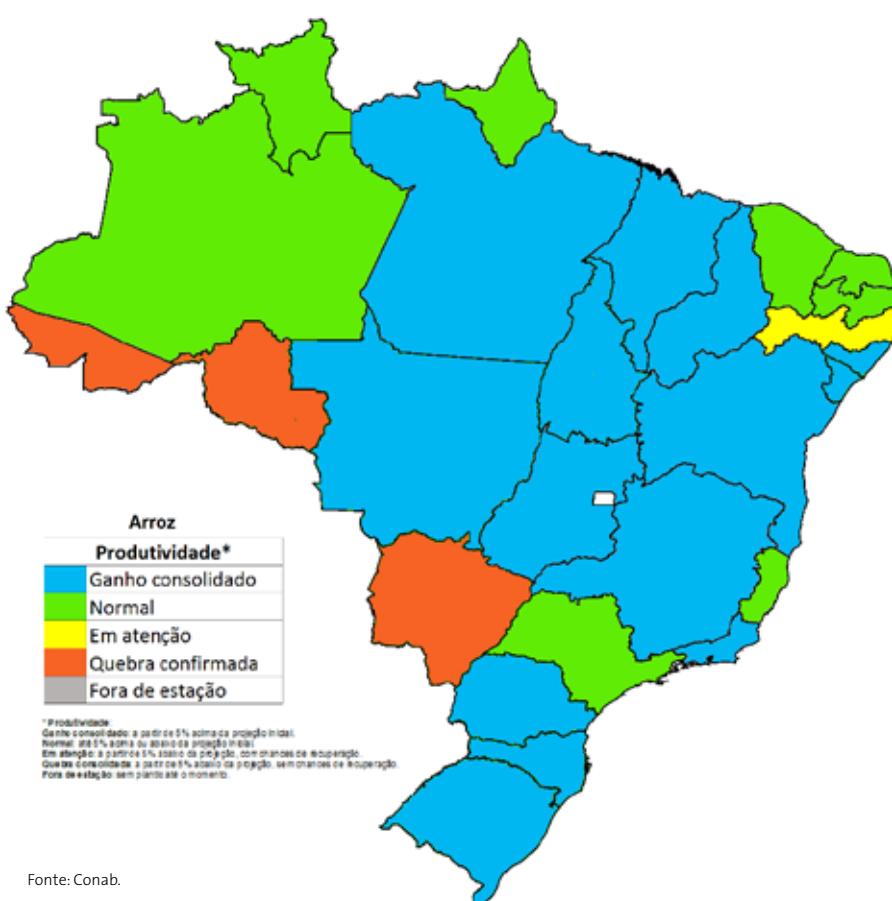


Figura 31 – Mapa da estimativa de produtividade - Arroz



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC**	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS**	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

[Yellow] Baixa restrição - falta de chuvas [Green] Favorável [Orange] Média restrição - falta de chuva [Blue] Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	142,6	(7,9)	2.432	2.490	2,4	376,5	355,1	(5,7)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.399	3,4	6,9	6,0	(13,0)
AM	1,9	3,2	68,4	2.290	2.183	(4,7)	4,4	7,0	59,1
AP	1,5	1,5	(3,3)	918	945	2,9	1,4	1,4	-
PA	68,0	65,7	(3,4)	2.413	2.513	4,1	164,1	165,1	0,6
TO	35,7	27,3	(23,5)	1.509	2.036	34,9	53,9	55,6	3,2
NORDESTE	266,2	213,3	(19,9)	1.141	1.630	42,9	303,6	347,6	14,5
MA	179,7	140,2	(22,0)	1.456	1.775	21,9	261,6	248,9	(4,9)
PI	73,2	60,0	(18,1)	476	1.384	190,8	34,8	83,0	138,5
CE	4,7	4,1	(12,4)	648	1.862	187,3	3,0	7,6	153,3
PB	0,8	0,9	15,1	197	870	341,6	0,2	0,8	300,0
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	176,5	158,1	(10,4)	3.014	3.187	5,7	532,0	503,8	(5,3)
MT	150,5	151,4	0,6	2.861	3.226	12,8	430,6	488,4	13,4
GO	26,0	6,7	(74,2)	3.900	2.300	(41,0)	101,4	15,4	(84,8)
SUDESTE	3,3	6,9	109,1	2.221	2.105	(5,2)	7,3	14,5	98,6
MG	1,0	4,7	370,0	800	1.573	96,6	0,8	7,4	825,0
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.471	(0,4)	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	1,8	12,5	3.027	3.215	6,2	4,8	5,8	20,8
SUL	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
PR	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
NORTE/NORDESTE	421,0	355,9	(15,5)	1.615	1.974	22,2	680,1	702,7	3,3
CENTRO-SUL	186,7	170,3	(8,8)	2.960	3.107	5,0	552,5	529,1	(4,2)
BRASIL	607,7	526,2	(13,4)	2.028	2.341	15,4	1.232,6	1.231,8	(0,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	122,4	10,7	5.799	5.972	3,0	641,3	731,0	14,0
RR	8,6	12,3	43,6	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
PA	4,9	5,1	4,1	4.000	4.433	10,8	19,6	22,6	15,3
TO	97,1	105,0	8,1	5.781	5.915	2,3	561,3	621,1	10,7
NORDESTE	17,1	15,8	(7,6)	5.260	5.643	7,3	90,1	89,2	(1,0)
MA	1,8	1,4	(21,1)	3.700	5.020	35,7	6,7	7,0	4,5
PI	5,9	5,2	(11,5)	4.212	4.453	5,7	24,9	23,2	(6,8)
CE	-	0,5	-	5.800	-	-	2,9	-	-
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.766	28,5	2,9	3,8	31,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(8,1)	5.720	6.220	8,7	17,2	17,4	1,2
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	7.255	-	37,0	34,1	(7,8)
CENTRO-OESTE	16,0	41,3	158,1	4.753	5.532	16,4	76,0	228,5	200,7
MT	2,0	10,9	445,0	4.000	3.815	(4,6)	8,0	41,6	420,0
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	-	14,9	-	-	6.300	-	-	93,9	-
SUDESTE	13,9	8,9	(36,0)	3.399	4.405	29,6	47,3	39,2	(17,1)
MG	5,5	1,3	(76,4)	2.580	5.855	126,9	14,2	7,6	(46,5)
SP	8,4	7,6	(9,5)	3.935	4.157	5,6	33,1	31,6	(4,5)
SUL	1.242,7	1.267,9	2,0	6.853	7.893	15,2	8.515,7	10.006,9	17,5
PR	19,3	19,8	2,7	5.533	7.704	39,2	106,8	152,5	42,8
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.638	7,0	1.052,3	1.125,8	7,0
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.930	16,0	7.356,6	8.728,6	18,6
NORTE/NORDESTE	127,7	138,2	8,2	5.727	5.935	3,6	731,4	820,2	12,1
CENTRO-SUL	1.272,6	1.318,1	3,6	6.788	7.795	14,8	8.639,0	10.274,6	18,9
BRASIL	1.400,3	1.456,3	4,0	6.692	7.618	13,9	9.370,4	11.094,8	18,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	265,0	(0,2)	3.835	4.099	6,9	1.017,8	1.086,1	6,7
RR	8,6	12,3	43,0	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.399	3,4	6,9	6,0	(13,0)
AM	1,9	3,2	68,4	2.290	2.183	(4,7)	4,4	7,0	59,1
AP	1,5	1,5	-	918	945	2,9	1,4	1,4	-
PA	72,9	70,8	(2,9)	2.520	2.651	5,2	183,7	187,7	2,2
TO	132,8	132,3	(0,4)	4.633	5.115	10,4	615,2	676,7	10,0
NORDESTE	283,3	229,1	(19,1)	1.389	1.906	37,2	393,7	436,8	10,9
MA	181,5	141,6	(22,0)	1.478	1.807	22,2	268,3	255,9	(4,6)
PI	79,1	65,2	(17,6)	755	1.629	115,8	59,7	106,2	77,9
CE	4,7	4,6	(2,1)	648	2.290	253,4	3,0	10,5	250,0
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.766	28,5	2,9	3,8	31,0
PB	0,8	0,9	12,5	197	870	341,6	0,2	0,8	300,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(6,7)	5.720	6.220	8,7	17,2	17,4	1,2
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	7.255	-	37,0	34,1	(7,8)
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	192,5	199,4	3,6	3.159	3.672	16,3	608,0	732,3	20,4
MT	152,5	162,3	6,4	2.876	3.266	13,5	438,6	530,0	20,8
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	26,0	21,6	(16,9)	3.900	5.059	29,7	101,4	109,3	7,8
SUDESTE	17,2	15,8	(8,1)	3.173	3.401	7,2	54,6	53,7	(1,6)
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.501	8,4	15,0	15,0	-
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.471	(0,4)	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	9,4	(6,0)	3.790	3.977	4,9	37,9	37,4	(1,3)
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.868	15,3	8.528,9	10.017,7	17,5
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.506	42,0	120,0	163,3	36,1
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.638	7,0	1.052,3	1.125,8	7,0
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.930	16,0	7.356,6	8.728,6	18,6
NORTE/NORDESTE	548,7	494,1	(10,0)	2.572	3.082	19,8	1.411,5	1.522,9	7,9
CENTRO-SUL	1.459,3	1.488,4	2,0	6.299	7.259	15,2	9.191,5	10.803,7	17,5
BRASIL	2.008,0	1.982,5	(1,3)	5.280	6.218	17,8	10.603,0	12.326,6	16,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Em junho, o Brasil exportou 42,9 mil toneladas de arroz base casca e importou 85,8 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 538,66 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em abril, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 44,9 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 393,05 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas, pois identifica-se uma recuperação da produção interna e um provável arrefecimento do real para o segundo se-

mestre, previsto pelo Banco Central.

Acerca do consumo, esse foi consolidado em torno de 11,4 milhões de toneladas para a safra 2015/16 em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo levemente superior em virtude da amena recuperação econômica. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 16,3% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 12,3 milhões toneladas. Essa expansão da produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra, influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país. Logo, em meio a todas as variáveis expostas, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 1.457,4 mil toneladas para a safra 2016/17.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra (safra 2016/17) foi de 1.111 mil hectares, 13,5% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para essa cultura está em 1.250 kg/ha, na média nacional, 18,3% acima da obtida na última temporada. Com esses resultados de área e

produtividade, a produção nacional foi de 1.388,7 mil toneladas, representando acréscimo de 34,3% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. As boas condições climáticas favoreceram a cultura.

Feijão-comum cores

Houve incremento de 16,7% na área semeada com o feijão-comum cores. Para o exercício 2016/17 a área foi de 478,2 mil hectares, impulsionada pelos preços atrativos. O clima teve comportamento favorável e refletiu no aumento da produtividade em 10,9% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.619 kg/ha para 1.795 kg/ha. A produção apresentou acréscimo de 29,3%, atingindo 858,2 mil toneladas.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 iniciou em janeiro de 2017, cultivado na Bahia e em Tocantins. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão-comum cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

No Bahia o cultivo de verão do feijão-comum cores ocupou a área de 57 mil hectares. Os plantios de sequieiro foram realizados em novembro e dezembro e os plantios irrigados foram realizados em sucessão à lavoura de soja. A expectativa é de um rendimento de 999 kg/ha. A colheita iniciou em abril e deve se estender até agosto, com estimativa de produção de 56,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 68,8% na produção em relação à safra passada.

Na Região Centro-Oeste se observou incremento de área (13%), produtividade (3,2%) e produção (16,4%) em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.



Feijão-comum preto

No Brasil houve queda de 3,5% na área plantada de feijão-comum preto, alcançando 174,7 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, obteve-se aumento na produtividade de 14,2%, saindo de 1.601 kg/ha para 1.829 kg/ha, e a produção foi 319,5 mil toneladas, aumento de 10,5% em relação à safra anterior, que foi de 289,1 mil toneladas.

Na Região Sul, principal região produtora, seguiu a

Feijão-caupi

Durante a primeira safra o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área e a produtividade total de feijão-caupi cresceram 18% e 118,8%, respectivamente, em face das condições climáticas mais favoráveis nessa safra. O quadro climático apresentou-se favorável e a produção foi superior em 158,1%, alcançando 210,9 mil toneladas.

Na Região Norte/Nordeste, principal região produtora de feijão-caupi, o plantio da safra 2016/17 iniciou-se em novembro. A opção dos produtores de cultivar feijão-caupi nas áreas de sequeiro se deve a sua maior resistência ao estresse hídrico e é uma alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre. A produção foi de 195,9 mil toneladas numa área de 437,6 mil hectares.

Na Bahia, o cultivo de verão do feijão-caupi ocupou

mesma tendência do país. Apesar da queda de área, em detrimento ao plantio de feijão-comum cores, as boas condições climáticas favoreceram a produtividade. A produção alcançou 307,8 mil toneladas, ou seja, cerca de 8,8% de aumento e aproximadamente 97% da oferta do feijão-comum preto no país.

A área cultivada na Região Sudeste apresentou incremento de 122,7% da área plantada com a leguminosa para o exercício 2016/17.

a área de 169,9 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os irrigados no final de fevereiro. O rendimento esperado é de 504 kg/ha (8,4 sc/ha) e uma produção de 85,6 mil toneladas. No extremo oeste do estado, a colheita das lavouras de sequeiro foi iniciada durante maio e as áreas irrigadas estão sendo colhidas. Os números da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e aumento de 160,2% na produção em relação à safra passada.

No Maranhão a área total semeada foi de 36,4 mil hectares e já está totalmente colhida. A produtividade média alcançou 570 kg/ha e produção de 20,7 mil toneladas. Em relação à safra 2015/16, o aumento de produtividade atingiu 21,8%, refletindo em 50% no incremento da produção, impulsionado pelas boas condições meteorológicas da safra corrente.



Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

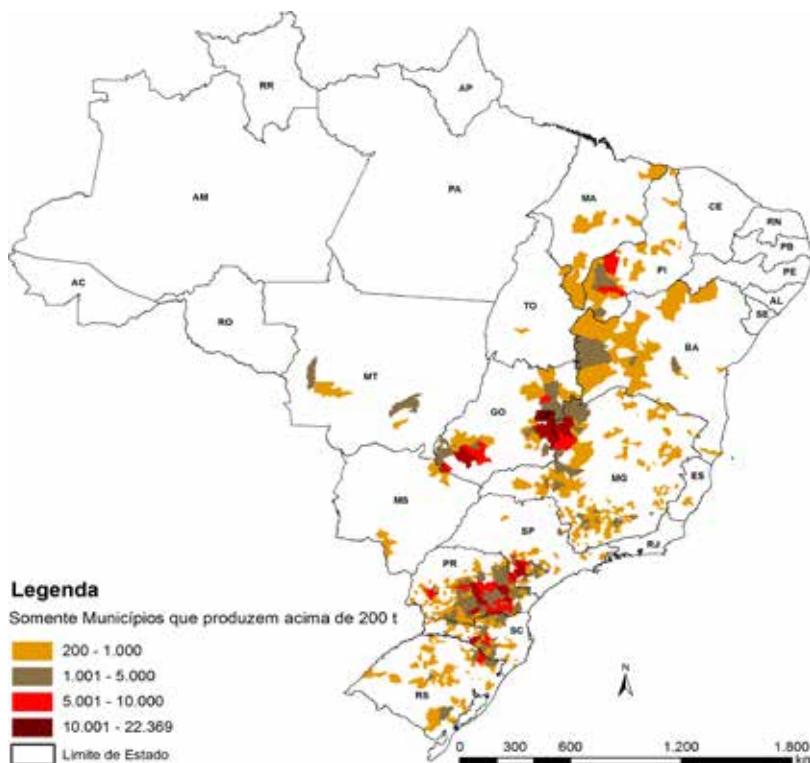


Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

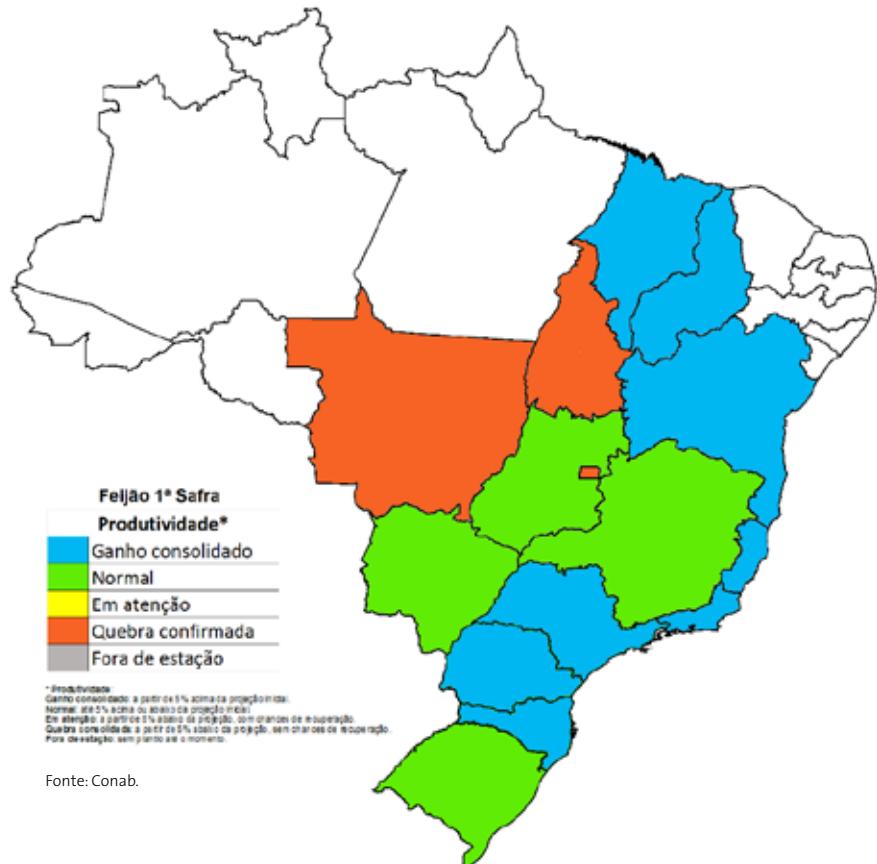
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
NORDESTE	430,2	490,2	13,9	255	510	100,0	109,8	250,2	127,9
MA	29,5	36,4	23,4	468	570	21,8	13,8	20,7	50,0
PI	211,5	226,9	7,3	139	383	175,5	29,4	86,9	195,6
BA	189,2	226,9	19,9	352	628	78,4	66,6	142,6	114,1
CENTRO-OESTE	70,6	81,5	15,4	2.129	2.203	3,5	150,4	179,5	19,3
MT	5,9	10,8	83,1	1.091	1.525	39,8	6,5	16,5	153,8
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	247,3	22,2	1.561	1.651	5,7	315,8	408,3	29,3
MG	146,6	161,0	9,8	1.306	1.213	(7,2)	191,4	195,2	2,0
ES	4,9	4,6	(6,1)	1.239	1.174	(5,3)	6,1	5,4	(11,5)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	270,9	287,2	6,0	1.680	1.907	13,5	455,0	547,6	20,4
PR	181,4	194,1	7,0	1.575	1.880	19,3	285,7	364,8	27,7
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.160	15,5	86,0	110,8	28,8
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	495,0	13,8	260	512	96,7	113,1	253,3	124,0
CENTRO-SUL	543,8	616,0	13,3	1.694	1.843	8,8	921,2	1.135,4	23,3
BRASIL	978,6	1.111,0	13,5	1.057	1.250	18,3	1.034,3	1.388,7	34,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Figura 33 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão primeira safra



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	F/FR/M	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano			P/G	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Goiano			P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C					
	Norte Goiano			P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C					
DF	Distrito Federal		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
SP**	Bauru	P	DV	F	FR	M	C						
	Assis	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,8	122,7	972	965	(0,7)	4,3	9,5	120,9
MG	1,6	6,9	330,6	570	838	47,0	0,9	5,8	544,4
ES	2,0	2,3	15,0	1.239	1.304	5,2	2,5	3,0	20,0
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	163,7	(6,4)	1.618	1.880	16,2	283,0	307,8	8,8
PR	125,3	112,0	(10,6)	1.563	1.929	23,5	195,8	216,0	10,3
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	174,7	(3,2)	1.601	1.829	14,2	289,1	319,5	10,5
BRASIL	180,5	174,7	(3,2)	1.601	1.829	14,2	289,1	319,5	10,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(56,5)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	999	49,1	33,7	56,9	68,8
BA	50,3	57,0	13,3	670	999	49,1	33,7	56,9	68,8
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	223,4	13,2	1.576	1.752	11,2	311,0	391,5	25,9
MG	144,4	140,0	(3,0)	1.316	1.301	(1,1)	190,0	182,1	(4,2)
ES	2,9	2,3	(20,7)	1.239	1.043	(15,8)	3,6	2,4	(33,3)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	96,0	123,5	28,6	1.792	1.941	8,3	172,0	239,8	39,4
PR	56,1	82,1	46,3	1.603	1.812	13,0	89,9	148,8	65,5
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.134	9,8	58,1	67,0	15,3
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	1.000	46,9	34,8	57,3	64,7
CENTRO-SUL	358,7	420,8	17,3	1.752	1.903	8,6	628,7	800,9	27,4
BRASIL	409,9	478,2	16,7	1.619	1.795	10,9	663,5	858,2	29,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	18,2	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	433,2	14,0	200	446	122,7	76,1	193,2	153,9
MA	29,5	36,4	23,3	468	570	21,8	13,8	20,7	50,0
PI	211,5	226,9	7,3	139	383	175,5	29,4	86,9	195,6
BA	138,9	169,9	22,3	237	504	112,7	32,9	85,6	160,2
CENTRO-OESTE	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
MT	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
SUDESTE	0,6	14,1	2.250,0	900	519	(42,3)	0,5	7,3	1.360,0
MG	0,6	14,1	2.250,0	900	519	(42,3)	0,5	7,3	1.360,0
NORTE/NORDESTE	383,6	437,6	14,1	204	448	119,4	78,3	195,9	150,2
CENTRO-SUL	4,6	20,5	345,7	743	732	(1,6)	3,4	15,0	341,2
BRASIL	388,2	458,1	18,0	210	461	118,8	81,7	210,9	158,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17, esse volume da região é quase 78% da produção total, mesmo ocupando apenas 49,2% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra foi de

1.418,7 mil hectares, o que configura um incremento de 8,4% em relação à safra passada. Estima-se uma produtividade 23,1% maior em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 856 kg/ha e a produção deve ser 1.215 mil toneladas.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores, como na primeira safra, é o tipo mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 591,2 mil toneladas para a safra 2016/17, ou seja, 19,2% superior à safra passada. O reflexo é resultado do aumento de área (6,7%) e produtividade (11,7%).

No Paraná a cultura está totalmente colhida, uma vez que a produtividade alcançou 1.385 kg/ha, ou seja, 5,8% menor que na safra anterior. Essa redução se deve a problemas climáticos, como o excesso de chuva na colheita, que, além de afetar a produtividade, comprometeu bastante a qualidade dos grãos. O produto colhido antes das chuvas foi de qualidade boa, entretanto, uma parcela significativa foi de qualidade ruim devido ao excesso de chuvas na colheita. A produtividade também foi prejudicada por esse evento climático, tendo havido, inclusive, perdas de lavouras, por isso, o ajuste ao informado na avaliação anterior.

Em Minas Gerais, diante das condições climáticas favoráveis, espera-se um aumento no rendimento de 14,4% em relação à safra anterior, contudo, a área foi ajustada para 111,1 mil hectares, de forma que a produção esperada é de 161,9 mil toneladas, 8,8% maior em relação à safra passada. As lavouras encontram-

-se praticamente todas colhidas restando apenas algumas áreas onde houve atrasos no plantio devido a indecisão por parte dos produtores em razão de clima e expectativa de mercado futuro.

Em Mato Grosso do Sul, nos estádios finais de desenvolvimento, houve problemas com antracnose e dificuldade para a aplicação de defensivos devido ao excesso de chuvas. No estado, a colheita teve início a partir da segunda semana de junho e atualmente a área já foi toda colhida. No entanto, as precipitações frequentes e o excesso de umidade do ar e do solo causaram a perda da qualidade dos grãos. A expansão de área de 78,6% em relação à safra anterior ocorreu devido a melhores perspectivas de mercado e aos baixos preços pagos pelo milho, sendo a cultura do feijão uma boa alternativa financeira. A produtividade de aproximadamente 1.650 kg/ha é 65,5% superior à da safra anterior devido ao bom regime de chuvas nessa atual safra e aos problemas de seca do ano passado.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão segunda safra foi de 800 hectares. Para a safra 2016/17 manteve-se a área cultivada na safra 2015/16. A produtividade média obtida de 2.200 kg/



ha é superior à registrada na safra passada, resultando numa produção de 1,8 mil toneladas, superior em 12,5% à obtida na safra passada.

Em Rondônia é semeado exclusivamente feijão de segunda safra. O início do seu plantio normalmente se dá com o final do período das chuvas, que ocorre normalmente em fins de março. A leguminosa, na sua quase totalidade, é cultivada em pequenas áreas, em centenas de propriedades que praticam a agricultura familiar. O plantio é feito, geralmente, em áreas utilizadas anteriormente com lavouras de milho primeira safra e também consorciado com café, em áreas recém-plantadas ou que sofreram podas. Recentemente, em algumas regiões, médios produtores também passaram a realizar o plantio em áreas onde anteriormente foi cultivada com milho. É praxe no estado, entre os agricultores familiares, a seleção e guarda dos melhores grãos produzidos para a utilização no plantio da próxima safra. Atualmente essa cultura está com a colheita concluída e grande parte da comercialização já realizada. Embora os produtores tenham reduzido a área de semeadura em 7,2%, devido à ausência de sementes recebidas pelo estado como incentivo, estima-se um aumento de produtividade

em 12,7% e de produção em 4,5%.

No Ceará o cultivo do feijão-comum cores sofreu uma redução de área em virtude dos seguidos anos de seca. A semente, que outrora era distribuída pelo governo estadual, não é mais há alguns anos. Nas áreas onde ainda é realizado o plantio, são utilizadas sementes próprias ou adquiridas no comércio local. A área cultivada totaliza 2,8 mil hectares, localizadas na parte norte do estado, na serra da Ibiapaba e adjacências e na chapada do Araripe. A cultura já foi totalmente colhida.

Na Paraíba, nas últimas cinco safras, a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantados 24 mil hectares, que pelo baixo índice pluviométrico teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra o plantio foi na ordem de 28,4 mil hectares, um acréscimo de 18,3%, com produtividade estimada em torno de 442 kg/ha. A cultura, que já foi praticamente toda semeada, sofre pela deficiência hídrica e já aponta para redução de produtividade, existindo municípios que já apresentaram perda total.

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de 177,4 mil toneladas numa área de 131,5 mil hectares.

No Paraná a área semeada já está completamente colhida. A cultura apresentou área total de 87 mil hectares, o que representa 19,2% de incremento em relação à safra anterior, e produtividade média de 1.437 kg/ha, ou seja, 8,6% inferior ao valor apresentado no levantamento anterior. Essa redução se justifica pelo excesso de chuvas na maturação e colheita, o que fez a qualidade e produtividade reduzir.

No Rio Grande do Sul a colheita da cultura do feijão segunda safra foi finalizada. Essa safra teve a produção de 23,5 mil toneladas, 39,3% menor que na safra 2015/16, em uma área plantada de 19,3 mil hectares. Devido ao excesso de chuvas ocorrido no final de maio e início de junho, o que acarretou problemas como germinação de grãos na vagem, debulha de grãos e início do processo de apodrecimento e desenvolvi-

mento de fungos, a produtividade média foi impactada, ficando em 1.220 kg/ha, redução de 23,2% em relação à safra anterior.

No Sudeste, em Minas Gerais, dentre o total da área de feijão de segunda safra, 5% se refere a feijão-comum preto, o qual está concentrado nas regiões: Zona da Mata, Central e Rio Doce, onde as colheitas finalizaram, com relato de boa qualidade dos grãos. A área semeada foi de 5,8 mil hectares, um aumento de 190%, a estimativa para a produtividade é de 916 kg/ha e a produção esperada é de 5,3 mil toneladas, um aumento de 253,3%.

No Paraíba a cultura do feijão-comum preto é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantados 1,7 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Embora tenha ocorrido redução da área cultivada em 37,2%, estima-se uma produtividade de 379 kg/ha, 238,4% maior do que na safra anterior.



Feijão-caupi

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está finalizada. A área plantada da cultura para o ciclo 2016/17 foi de aproximadamente 202,3 mil hectares, ante aos 169 mil hectares da safra anterior. Esse aumento de 19,7% na área se deve principalmente à boa expectativa de mercado. A estimativa de rendimento para a safra atual é de 1.079 kg/ha, apesar das chuvas excessivas no período de colheita ter comprometido o desempenho produtivo em algumas regiões. O rendimento registrado é 42,7% maior que os 756 kg/ha da safra 2015/16. Com isso, espera-se uma produção de 218,3 mil toneladas do grão, ante às 127,8 mil toneladas da safra passada. Quanto à comercialização estadual do produto, estima-se que 65% da produção estadual esteja comprometida entre mercado interno, com destino à Região Nordeste do país, e mercado externo, com destino à exportação para países da Ásia e Oriente Médio. A produção remanescente está armazenada, com os produtores esperando melhores preços no mercado internacional.

Em Minas Gerais se colheu uma área de 100 hectares. De modo geral, não se planta o feijão-caupi na segunda safra devido aos problemas climáticos que permanecem como desmotivador na região. A área foi totalmente colhida e a produção apresentada foi de 100 toneladas.

Em Tocantins, a área cultivada com feijão na segunda safra teve incremento de 261,6%, se comparada à safra passada. Esse aumento é devido à substituição da área cultivada com milho segunda safra pelo feijão-caupi, dada à expectativa futura de preços após a frustração da safra passada, e também visando aten-

der ao mercado da Região Nordeste do país. Para esta safra é esperada que a produção seja de 33,4 mil toneladas, influenciado pelo incremento de área e pela boa produtividade.

Em Pernambuco o feijão segunda safra é cultivado na Região do Sertão. Apesar das chuvas terem ficado acima da média nos últimos dois meses, foram insuficientes e se deram de forma mal distribuída e tardia, em relação aos estádios de maior necessidade hídrica da cultura e, portanto, estima-se uma produtividade 22,1% menor que na safra anterior.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras, a cultura foi prejudicada pela falta de chuvas. Em um passado próximo, a área plantada chegava a 170 mil hectares. Na safra passada foram plantados 61,1 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra são estimados o plantio de 65,6 mil hectares, com produtividade estimada em 282 kg/ha. A cultura está principalmente nas fases de maturação e colheita, com registros de redução de produtividade na maioria dos municípios, existindo localidades onde a cultura não chegou a produzir.

No Maranhão a área total plantada é estimada em 51,4 mil hectares, com produtividade média igual a 699 kg/ha e produção de 35,9 mil toneladas, representando acréscimo em relação à safra passada de 30,4% na produtividade e 40,8% na produção. A maior parte da área semeada já foi colhida, 36% permanece em estádio de maturação de grãos e 3% ainda está em fase de floração.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

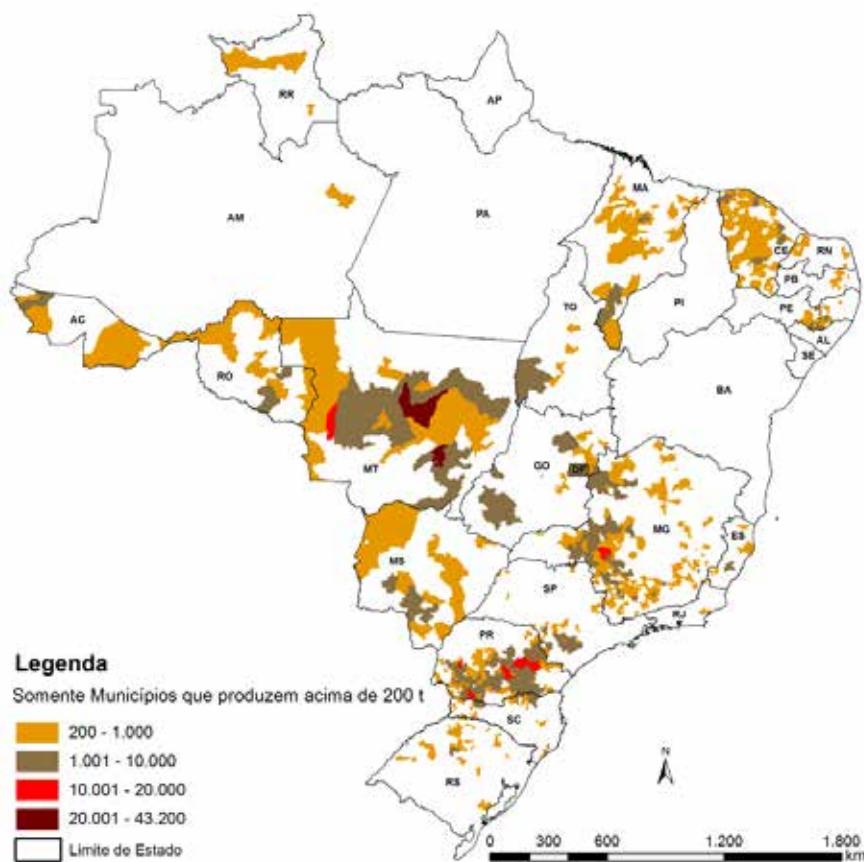
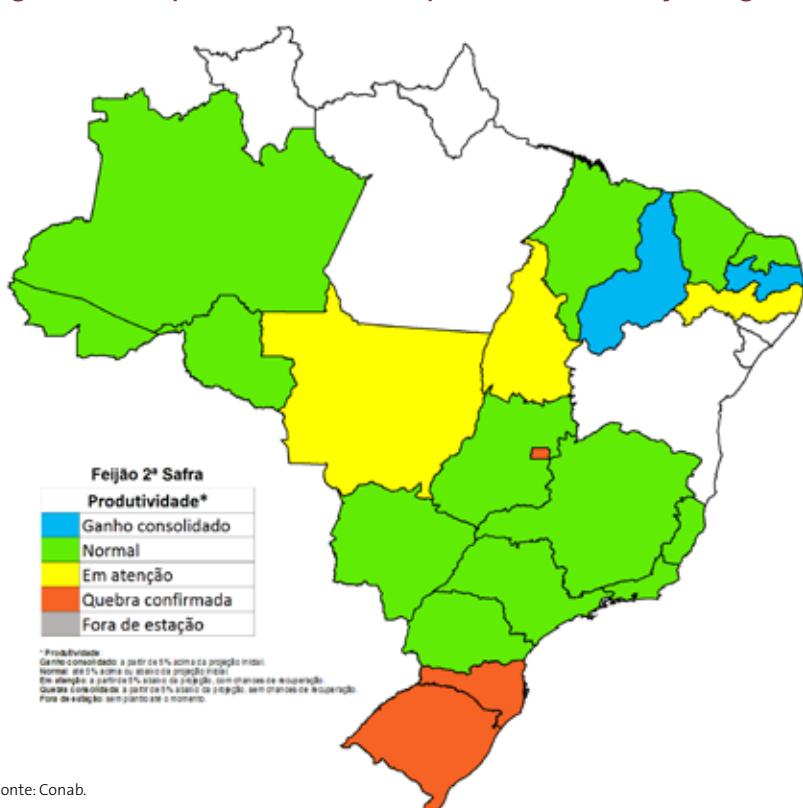


Figura 35 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão segunda safra



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense			P	DV	F	FR	C					
	Oeste Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
MA	Centro Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Sul Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Norte Cearense	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sertões Cearenses	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C						
	Norte Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
MT	Nordeste Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sudeste Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
GO	Noroeste Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Norte Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Leste Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sul Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
MG	Noroeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Central Mineira	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Vale do Rio Doce	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
ES	Zona da Mata	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Central Espírito-Santense	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
SP	Campinas	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Assis	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Itapetininga	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
RS	Sul Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P	P/G	DV/F	FR	M/C	C						

Legenda:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média Restrição - Excesso de Chuvas Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	44,4	55,9	25,9	853	1.169	37,0	37,9	65,3	72,3
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
TO	10,5	23,8	126,7	1.009	1.520	50,6	10,6	36,2	241,5
NORDESTE	650,0	665,4	2,4	177	313	76,3	115,2	208,1	80,6
MA	47,6	51,4	8,0	536	699	30,4	25,5	35,9	40,8
PI	3,0	4,9	63,3	545	572	5,0	1,6	2,8	75,0
CE	371,1	399,7	7,7	155	298	92,3	57,4	119,0	107,3
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	86,8	95,1	9,6	143	331	130,8	12,4	31,5	154,0
PE	111,6	78,5	(29,7)	107	83	(22,1)	11,9	6,5	(45,4)
CENTRO-OESTE	230,4	275,6	19,6	879	1.258	43,2	202,6	346,9	71,2
MT	186,0	230,7	24,0	766	1.172	52,9	142,5	270,3	89,7
MS	14,0	25,0	78,6	997	1.650	65,5	14,0	41,3	195,0
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	137,8	(2,1)	1.316	1.448	10,0	185,4	199,5	7,6
MG	118,8	117,0	(1,5)	1.265	1.430	13,0	150,3	167,3	11,3
ES	5,7	6,1	7,0	870	1.049	20,6	5,0	6,4	28,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	13,5	(11,8)	1.907	1.824	(4,4)	29,2	24,6	(15,8)
SUL	245,6	284,0	15,6	1.513	1.392	(8,0)	371,5	395,2	6,4
PR	203,8	246,4	20,9	1.476	1.403	(4,9)	300,8	345,8	15,0
SC	17,4	18,3	5,2	1.841	1.417	(23,0)	32,0	25,9	(19,1)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.220	(23,2)	38,7	23,5	(39,3)
NORTE/NORDESTE	694,4	721,3	3,9	221	379	71,9	153,1	273,4	78,6
CENTRO-SUL	616,8	697,4	13,1	1.231	1.350	9,7	759,5	941,6	24,0
BRASIL	1.311,2	1.418,7	8,2	696	856	23,1	912,6	1.215,0	33,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
PB	1,7	1,1	(37,2)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	9,5	79,2	828	929	12,2	4,4	8,8	100,0
MG	2,0	5,8	190,0	740	916	23,8	1,5	5,3	253,3
ES	2,3	2,5	8,7	870	920	5,7	2,0	2,3	15,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	120,8	8,9	1.547	1.391	(10,1)	171,5	168,0	(2,0)
PR	73,0	87,0	19,2	1.486	1.437	(3,3)	108,5	125,0	15,2
SC	13,5	14,5	7,4	1.800	1.343	(25,4)	24,3	19,5	(19,8)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.220	(23,2)	38,7	23,5	(39,3)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-SUL	116,3	130,4	12,1	1.514	1.358	(10,3)	176,1	177,0	0,5
BRASIL	118,0	131,5	11,5	1.494	1.350	(9,7)	176,3	177,4	0,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	32,2	(16,1)	881	952	8,0	33,9	30,6	(9,7)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	11,5	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
TO	4,5	2,1	(53,3)	1.457	1.312	(10,0)	6,6	2,8	(57,6)
NORDESTE	34,7	34,8	0,3	193	410	112,5	6,6	14,3	116,7
CE	4,6	2,8	(39,1)	377	530	40,6	1,7	1,5	(11,8)
PB	24,0	28,4	18,3	177	442	149,7	4,2	12,6	200,0
PE	6,1	3,6	(41,0)	116	62	(46,6)	0,7	0,2	(71,4)
CENTRO-OESTE	61,3	73,2	19,4	1.216	1.752	44,1	74,6	128,4	72,1
MT	17,0	28,4	67,3	868	1.831	111,1	14,7	52,0	253,7
MS	14,0	25,0	78,6	997	1.650	65,5	14,0	41,3	195,0
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	128,2	(5,4)	1.335	1.487	11,3	181,0	190,6	5,3
MG	116,8	111,1	(4,9)	1.274	1.457	14,4	148,8	161,9	8,8
ES	3,4	3,6	5,9	870	1.139	30,9	3,0	4,1	36,7
SP	15,3	13,5	(11,8)	1.907	1.824	(4,4)	29,2	24,6	(15,8)
SUL	134,7	163,2	21,2	1.485	1.392	(6,2)	200,0	227,3	13,7
PR	130,8	159,4	21,9	1.470	1.385	(5,8)	192,3	220,8	14,8
SC	3,9	3,8	(2,6)	1.982	1.700	(14,2)	7,7	6,5	(15,6)
NORTE/NORDESTE	73,1	67,0	(8,3)	554	670	20,9	40,5	44,9	10,9
CENTRO-SUL	331,5	364,6	10,0	1.374	1.498	9,0	455,6	546,3	19,9
BRASIL	404,6	431,6	6,7	1.226	1.369	11,7	496,1	591,2	19,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	23,7	295,0	673	1.463	117,4	4,0	34,7	767,5
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	21,7	261,6	673	1.540	128,8	4,0	33,4	735,0
NORDESTE	613,6	629,5	2,6	177	307	73,9	108,4	193,4	78,4
MA	47,6	51,4	7,9	536	699	30,4	25,5	35,9	40,8
PI	3,0	4,9	64,5	545	572	5,0	1,6	2,8	75,0
CE	366,5	396,9	8,3	152	296	94,7	55,7	117,5	111,0
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	61,1	65,6	7,4	131	282	115,3	8,0	18,5	131,3
PE	105,5	74,9	(29,0)	106	84	(20,8)	11,2	6,3	(43,8)
CENTRO-OESTE	169,0	202,3	19,7	756	1.079	42,7	127,8	218,3	70,8
MT	169,0	202,3	19,7	756	1.079	42,7	127,8	218,3	70,8
SUDESTE	-	0,1	-	-	1.013	-	-	0,1	-
MG	-	0,1	-	-	1.013	-	-	0,1	-
NORTE/NORDESTE	619,6	653,2	5,4	181	349	92,4	112,4	228,1	102,9
CENTRO-SUL	169,0	202,4	19,8	756	1.079	42,7	127,8	218,4	70,9
BRASIL	788,6	855,6	8,5	305	522	71,3	240,2	446,5	85,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Feijão-comum cores

Para a Bahia estima-se o cultivo de cerca de 212,3 mil hectares, com a produção de 135,7 mil toneladas. A média produtiva da região é de 639 kg/ha (10,6 sc/ha). O plantio da safra foi finalizado, e o regime hídrico regular tem garantido boas expectativas de produtividades pelos produtores. Devido à irregularidade hídrica em abril e maio houve atraso no plantio. Os cultivos mais produtivos estão nas microrregiões de Ribeira do Pombal e Alagoinhas e representam cerca de 30% da área cultivada com o feijão de inverno. Nelas, o cultivo é mecanizado e há grande utilização de fertilizantes e defensivos.

As microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola e pouco uso de fertilizantes e defensivos. Nessas áreas ocorre o emprego da mão de obra familiar e o plantio consorciado com milho. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 70% da área cultivada com o feijão de inverno.

Em Alagoas a área plantada é de 29,8 mil hectares, com expectativa de produtividade de 490 kg/ha, variação positiva de 107,6% em relação à última safra, em produção em torno de 14,6 mil toneladas.

Em Sergipe, a área plantada é estimada em 13,1 mil hectares, 3,1% a mais que na safra passada, sendo concentrado 68,5% na região de Lagarto. Nessa safra são esperados maiores rendimentos em virtude das chuvas ocorridas nos últimos 60 dias e que permitiram o plantio em um período mais adequado. A produtividade média esperada é de 714 Kg/ha, 429% acima da média da última safra. A produção esperada é de 9,4 mil toneladas, volume significativamente superior à última safra e próximo da normalidade.

O cultivo continua perdendo área para o milho em diversas regiões e seu plantio é majoritariamente para subsistência. É importante destacar que no município de Poço Verde, maior produtor do estado, houve aumento de 1.500 hectares em relação à última safra, impulsionados pelo valor de comercialização que atualmente está em torno de R\$ 150,00 a saca de 60 quilos. Nessa região o cultivo de feijão é realizado com o emprego de maior tecnologia e tratos culturais, objetivando-se maiores rendimentos e a comercialização.

res. Apontando aumento de área de cultivo em 13,5%, produtividade de 1.207 kg/ha e produção de 750,3 mil toneladas, incremento de 16,7% e 32,4%, respectivamente, em relação à safra passada.

Com relação às áreas em produção, mais de 90% se encontra em estágio de granação e maturação, com algumas já sendo colhidas. Não foram relatados ataques significativos de pragas no último mês, enquanto que as chuvas ocorreram em quantidades satisfatórias e de forma bem distribuída.

No Pará, o feijão-comum cores ocupa a área de 6,1 mil hectares. Os plantios são de sequeiro e em sistema convencional, com rendimento esperado de 638 kg/ha (10,6 sc/ha) para produção de 3,9 mil toneladas. A Mesorregião do Sudoeste Paraense continua respondendo pela maior área plantada do estado, 3.545 hectares, correspondendo a 58,1% da área cultivada no estado. Os demais cultivos estão distribuídos nas Mesorregiões do Baixo Amazonas, Sudeste Paraense e Metropolitana de Belém, principalmente nos municípios de Castanhal e Bujaru.

O Paraná tem área plantada de 4,4 mil hectares e aproximadamente 20% já foi colhido. Em relação à safra passada houve redução de 1,2% devido à pouca expressão da cultura no estado. O plantio está 100% concluído e a produtividade estimada é de 988 kg/ha. No estado, a terceira safra de feijão possui pouca expressão econômica e a concentração das lavouras está na região norte do Paraná.

Em São Paulo, na safra de inverno, cultiva-se o feijão irrigado devido às baixas precipitações pluviométricas normais nesse período. A plantação ocorre entre abril e julho e a colheita entre agosto e outubro. A decisão de plantio é levada em conta pelo comportamento dos preços na comercialização do feijão colhido nas safras anteriores (água/seca).

A terceira safra tem uma significativa importância para o mercado de feijão, pois: permite maior estabilidade do mercado, suprindo melhor a oferta e a demanda de um produto com deficiências de estoque e mercado restrito; contribui também para diminuir as fortes oscilações de preços, no mercado; o feijão de inverno tem opções de rotação de cultura, desta forma, quando o mercado se apresentar muito instável, com fortes oscilações nos preços, o produtor pode desistir do plantio e optar por outra cultura, de maior retorno financeiro.



O feijão de terceira safra reduziu sua área em 9,9%, pois o produtor optou pelo cultivo do milho, além dos preços menos atrativos no momento do plantio.

O cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade.

As áreas mais expressivas com feijão terceira safra no Distrito Federal estão localizadas na Região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60% da produção regional. A área plantada foi mantida em comparação à cultivada na safra 2015/16. A produtividade média está estimada em 3.280 kg/ha, levemente superior ao último levantamento, ocasionado, sobretudo, pelas boas condições de clima e ao severo controle da mosca-branca. Mantido os atuais índices de produtividade, essa terceira safra de feijão poderá resultar numa produção próxima a 8,5 mil toneladas. As lavouras conduzidas sob pivô não foram afetadas severamente, em que pese os baixos níveis pluviométricos. Na safra anterior uma grande quantidade de

pivôs foi paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios. Registra-se algumas lavouras já colhidas, permanecendo em campo para secagem, mas a grande maioria ultrapassa o bom estádio de enchimento de vagens, com colheita prevista para os próximos dias do corrente mês, estendendo até meados de setembro. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrupa valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão-caupi e preto, correspondendo a 10% e 6%, respectivamente.

Em Mato Grosso, a área de feijão irrigado deve ser maior na safra 2016/17, saindo de 41 mil hectares na safra 2015/16 para 49,8 mil hectares na safra atual. O incremento de área da leguminosa se deve aos preços atrativos na época do plantio em conjunto com o maior número de pivôs no estado. A lavoura estadual está predominantemente em estádios de floração e frutificação. Em termos de produtividade, espera-se rendimento de 2.237 kg/ha, número 9,1% superior aos 2.050 kg/ha registrados no ciclo anterior, quando sofreu com o clima adverso à cultura.

Figura 36 - Feijão irrigado em nova mutum



Fonte: Conab.

Em Goiás, o feijão-comum cores terceira safra está sendo cultivado em 45 mil hectares, 9,2% a mais do que a safra passada, com estimativa de produtividade de 2.872 kg/ha e a produção em torno de 129,2 mil

toneladas, 12% superior à safra passada. Muitas áreas ainda estão em fase de enchimento de grãos (foto 05) e outras na fase de maturação.

Figura 37 - Área de feijão terceira safra sendo colhida em Cristalina



Fonte: Conab.



Figura 38 – Cultura do Feijão em fase final de enchimento de grãos.



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, o plantio iniciou em maio e tende a se estender até agosto, de modo que se tem feijão em Minas Gerais em todos os estádios de desenvolvimento. Além de áreas que já foram colhidas e outras que ainda nem foram plantadas sendo, de certa forma, difícil para quantificar o percentual para cada fase. A área prevista teve aumento de 3% em relação ao levantamento anterior, agora estimada em 70,2 mil hectares e com produtividade de 2.590 kg/ha, que é condizente com a tecnologia utilizada. Entretanto, a cultura requer atenção no que se refere às questões fitossanitárias, visto que há presença de mofo branco

em algumas áreas. Os problemas com a mosca-branca e mosaico dourado se mostram menores do que no feijão plantado na segunda safra, uma vez que as temperaturas mais baixas inibem o desenvolvimento do inseto. Do total de feijão relatado para Minas Gerais, 99,7% se trata de feijão cores, 3% de feijão-preto.

Em Tocantins, o feijão-comum cores é cultivado, na sua maioria, sob pivô central, estima-se redução de área cultivada de 37% em relação à safra passada e uma produção de 1,4 mil toneladas. As lavouras estão em sua grande maioria em estádio de frutificação.

Feijão-caupi

Para a Bahia, estima-se o cultivo de 11,6 mil hectares, com a produção de 5,9 mil toneladas. A média produtiva da região é de 511 kg/ha (8,5 sc/ha). Apesar de ter área pouco representativa, o feijão-caupi apresenta importante fonte alimentar na Região Nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializado em mercados locais. O feijão-caupi se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparada ao feijão-cores. O plantio foi finalizado.

No Pará, o feijão-caupi ocupa a área de 28,3 mil hectares. Os plantios são basicamente de sequeiro, com área total praticamente colhida, apresentando rendimento de 866 kg/ha (14,4 sc/ha) para uma expectativa de produção de 24,5 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,2% na área cultivada e aumento de 31% na produção em relação à safra passada. O incremento na produção estimada fica por conta da expectativa de melhores condições

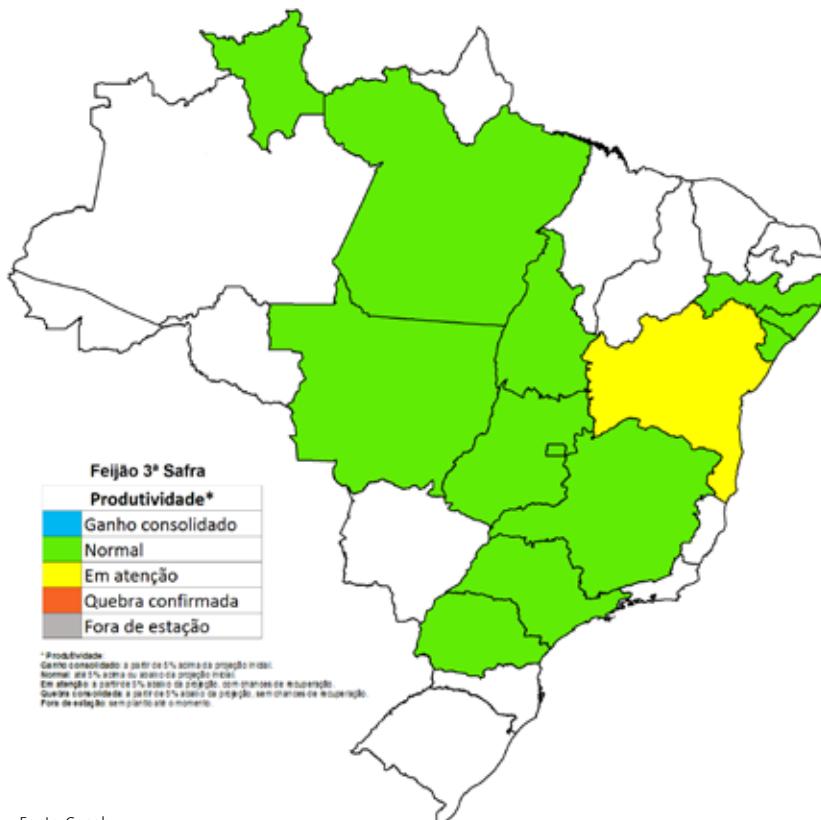
climáticas em relação à safra passada, que elevaram a estimativa de produtividade em 16,1%, além do mercado favorável para o grão. Os campos de feijão-caupi estão distribuídos nas Mesorregiões Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Baixo Amazonas, em manejo de sequeiro, com plantio convencional.

Em Tocantins, a apreensão quanto à possibilidade de restrição de água nos reservatórios está praticamente extinta, dado que o ciclo das culturas (soja subirrigada e feijão) já estão próximas de se encerrarem. Cabe esclarecer que a elevação da produção em relação ao levantamento anterior foi registrada devido a maiores produtividades esperadas nessa safra para o feijão caupi.

Em Alagoas, o feijão-caupi é cultivado em uma área de 10,3 mil hectares, com estimativa de produtividade e produção de 605 kg/ha e 6,2 mil toneladas, respectivamente.



Figura 39 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão terceira safra



Fonte: Conab.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	42,6	52,3	22,8	841	1.189	41,4	35,9	62,3	73,5
PA	32,9	34,4	4,6	723	826	14,2	23,8	28,4	19,3
TO	7,0	15,5	121,4	1.440	2.081	44,5	10,1	32,3	219,8
NORDESTE	332,7	384,7	15,6	341	580	70,3	113,4	223,2	96,8
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	85,5	107,6	25,8	370	478	29,4	31,6	51,4	62,7
AL	30,3	40,1	32,3	271	520	92,0	8,2	20,8	153,7
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	199,5	223,9	12,2	355	632	78,0	70,9	141,6	99,7
CENTRO-OESTE	85,8	97,9	14,1	2.403	2.556	6,4	206,2	250,2	21,3
MT	41,5	49,8	20,0	2.050	2.237	9,1	85,1	111,4	30,9
GO	41,2	45,0	9,2	2.800	2.872	2,6	115,4	129,2	12,0
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.096	68,4	5,7	9,6	68,4
SUDESTE	82,1	82,2	0,1	2.545	2.559	0,5	209,0	210,3	0,6
MG	69,1	70,4	1,9	2.580	2.585	0,2	178,3	182,0	2,1
SP	13,0	11,8	(9,2)	2.361	2.401	1,7	30,7	28,3	(7,8)
SUL	4,5	4,4	(2,2)	460	988	114,8	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,4	(2,2)	460	988	114,8	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	375,3	437,0	16,4	398	653	64,3	149,3	285,5	91,2
CENTRO-SUL	172,4	184,5	7,0	2.420	2.520	4,1	417,3	464,8	11,4
BRASIL	547,7	621,5	13,5	1.034	1.207	16,7	566,6	750,3	32,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	6,6	(24,1)	1.078	794	(26,3)	7,1	5,3	(25,4)
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	638	(2,0)	5,1	3,9	(23,5)
TO	0,8	0,5	(37,0)	2.468	2.701	9,4	2,0	1,4	(30,0)
NORDESTE	287,2	327,4	14,0	300	600	100,2	98,1	196,5	100,3
PE	62,3	72,2	15,9	386	510	32,1	24,0	36,8	53,3
AL	23,3	29,8	27,9	236	490	107,6	5,5	14,6	165,5
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	188,9	212,3	12,4	354	639	80,5	66,9	135,7	102,8
CENTRO-OESTE	85,3	97,4	14,2	2.109	2.558	21,3	205,5	249,1	21,2
MT	41,5	49,8	20,0	2.050	2.237	9,1	85,1	111,4	30,9
GO	41,2	45,0	9,2	2.800	2.872	2,6	115,4	129,2	12,0
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.280	70,6	5,0	8,5	70,0
SUDESTE	82,1	82,0	(0,1)	2.548	2.563	0,6	209,0	210,1	0,5
MG	69,1	70,2	1,6	2.580	2.590	0,4	178,3	181,8	2,0
SP	13,0	11,8	(9,2)	2.361	2.401	1,7	30,7	28,3	(7,8)
SUL	4,5	4,4	(2,2)	470	988	110,0	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,4	(1,2)	460	988	114,8	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	295,9	334,0	12,9	315	604	91,6	105,2	201,8	91,8
CENTRO-SUL	171,9	183,8	6,9	2.266	2.523	11,3	416,6	463,5	11,3
BRASIL	467,8	517,8	10,7	1.008	1.285	27,5	521,8	665,3	27,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9,4	13,9	47,9	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
PE	9,4	13,9	48,0	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.100	55,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.100	55,0	0,4	0,6	50,0
SUDESTE	-	0,2	-	-	910	-	-	0,2	-
MG	-	0,2	-	-	910	-	-	0,2	-
NORTE/NORD-ESTE	9,4	13,9	47,9	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
CENTRO-SUL	0,2	0,4	100,0	2.000	2.005	0,2	0,4	0,8	100,0
BRASIL	9,6	14,3	49,0	420	552	31,5	4,0	7,9	97,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	33,9	45,7	34,8	847	1.247	47,1	28,8	57,0	97,9
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
PA	25,0	28,3	13,2	746	866	16,1	18,7	24,5	31,0
TO	6,2	15,0	141,9	1.307	2.060	57,6	8,1	30,9	281,5
NORDESTE	36,1	43,4	20,2	322	454	41,0	11,6	19,6	69,0
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	13,8	21,5	55,7	284	350	23,2	3,9	7,5	92,3
AL	7,0	10,3	47,1	386	605	56,7	2,7	6,2	129,6
BA	10,6	11,6	9,4	377	511	35,5	4,0	5,9	47,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	70,0	89,1	27,3	576	860	49,3	40,4	76,6	89,6
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	70,3	89,4	27,2	578	862	49,2	40,7	77,1	89,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

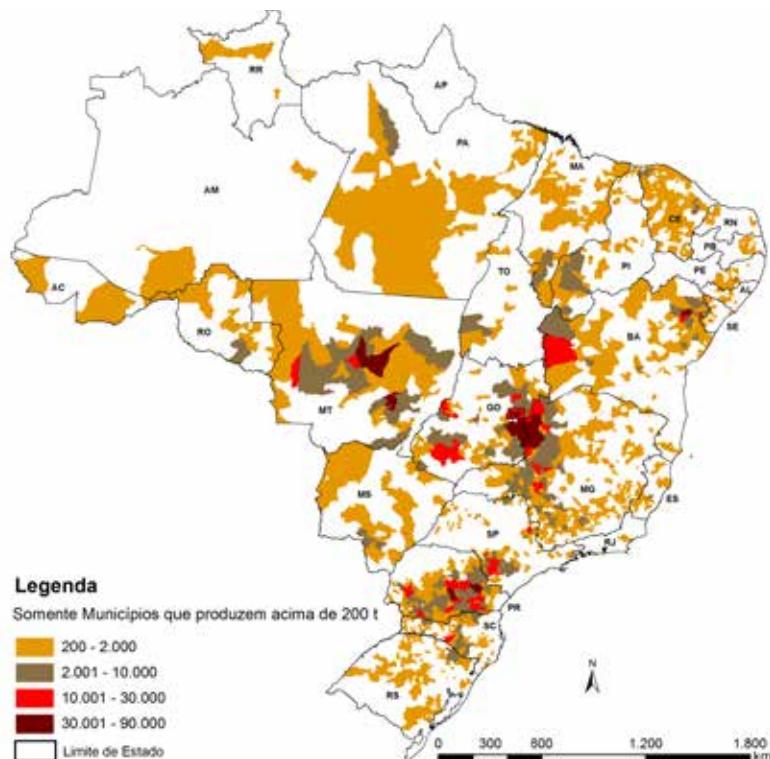


9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se que a área total de feijão terá 3.151,2 mil hectares cultivados, incremento de 11,1% em relação à safra passada, sendo 1.427,6 mil hectares com feijão-comum cores, 320,5 mil hectares com feijão-comum pre-

to e 1.403,1 mil hectares com feijão-caupi. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.354,1 mil toneladas e deverá ser 33,5% maior que a última temporada.

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	113,0	23,4	841	1.156	37,5	77,1	130,6	69,4
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
PA	32,9	34,4	4,6	723	826	14,2	23,8	28,4	19,3
TO	22,1	44,1	99,5	1.084	1.622	49,6	24,0	71,5	197,9
NORDESTE	1.412,9	1.540,3	9,0	240	442	84,7	338,4	681,7	101,4
MA	77,1	87,8	13,9	510	646	26,6	39,3	56,7	44,3
PI	214,5	231,8	8,1	145	387	167,5	31,0	89,7	189,4
CE	375,8	399,7	6,4	155	298	91,4	58,4	119,0	103,8
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	86,8	95,1	9,6	143	331	130,8	12,4	31,5	154,0
PE	197,1	186,1	(5,6)	221	311	41,1	43,5	58,0	33,3
AL	30,3	40,1	32,3	271	520	92,0	8,2	20,8	153,7
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	388,7	450,8	16,0	354	630	78,2	137,5	284,2	106,7
CENTRO-OESTE	386,8	455,0	17,6	1.445	1.707	18,1	558,8	776,6	39,0
MT	233,4	291,3	24,8	1.003	1.367	36,3	234,0	398,2	70,2
MS	14,6	25,8	76,7	1.030	1.655	60,6	15,0	42,7	184,7
GO	122,7	121,8	(0,7)	2.318	2.473	6,7	284,4	301,2	5,9
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.143	35,5	25,4	34,5	35,8
SUDESTE	425,2	467,3	9,9	1.670	1.751	4,8	710,1	818,1	15,2
MG	334,5	348,4	4,2	1.555	1.563	0,5	520,0	544,5	4,7
ES	10,6	10,7	0,9	1.041	1.103	6,0	11,0	11,8	7,3
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	106,4	35,9	2.264	2.443	7,9	177,3	259,9	46,6
SUL	521,0	575,6	10,5	1.590	1.646	3,5	828,5	947,1	14,3
PR	389,7	444,9	14,2	1.510	1.607	6,4	588,5	714,9	21,5
SC	63,4	69,6	9,8	1.862	1.964	5,5	118,0	136,7	15,8
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.563	(13,0)	122,0	95,5	(21,7)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.653,3	9,9	276	491	77,9	415,5	812,3	95,5
CENTRO-SUL	1.333,0	1.497,9	12,4	1.574	1.697	7,8	2.097,4	2.541,8	21,2
BRASIL	2.837,5	3.151,2	11,1	886	1.064	20,2	2.512,9	3.354,1	33,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11,1	15,0	35,1	344	500	45,4	3,8	7,5	97,4
PB	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
PE	9,4	13,9	47,9	386	510	32,1	3,6	7,1	97,2
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.033	29,0	2,3	3,1	34,8
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.033	29,0	2,3	3,1	34,8
SUDESTE	9,7	19,5	101,0	893	947	6,0	8,7	18,5	112,6
MG	3,6	12,9	258,3	664	874	31,6	2,4	11,3	370,8
ES	4,3	4,8	11,6	1.042	1.104	6,0	4,5	5,3	17,8
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	284,5	(0,5)	1.590	1.672	5,2	454,5	475,9	4,7
PR	198,3	199,0	0,4	1.534	1.714	11,7	304,3	341,1	12,1
SC	29,6	34,4	16,2	1.762	1.839	4,3	52,2	63,3	21,3
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.399	(17,4)	98,0	71,5	(27,0)
NORTE/NORDESTE	11,1	15,0	35,1	344	500	45,4	3,8	7,5	97,4
CENTRO-SUL	297,0	305,5	2,9	1.567	1.628	3,9	465,5	497,5	6,9
BRASIL	308,1	320,5	4,0	1.523	1.575	3,4	469,3	505,0	7,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	39,2	(18,3)	877	927	5,7	42,1	36,2	(14,0)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	3,8	(7,3)	927	1.239	33,7	3,8	4,7	23,7
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	638	(2,0)	5,1	3,9	(23,5)
TO	6,2	3,0	(51,6)	1.558	1.513	(2,9)	9,7	4,5	(53,6)
NORDESTE	372,2	419,2	12,6	372	638	71,5	138,5	267,7	93,3
CE	4,6	2,8	(39,1)	377	530	40,6	1,7	1,5	(11,8)
PB	24,0	28,4	18,3	177	442	149,7	4,2	12,6	200,0
PE	68,4	75,8	10,8	362	489	35,0	24,8	37,0	49,2
AL	23,3	29,8	27,9	236	490	107,6	5,5	14,6	165,5
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	239,2	269,3	12,6	420	715	70,1	100,6	192,6	91,5
CENTRO-OESTE	212,0	244,5	15,3	2.008	2.238	11,5	425,6	547,1	28,5
MT	60,4	82,6	36,8	1.712	2.085	21,8	103,4	172,2	66,5
MS	14,6	25,8	76,7	1.030	1.655	60,6	15,0	42,7	184,7
GO	122,7	121,8	(0,7)	2.318	2.473	6,7	284,4	301,2	5,9
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.168	36,0	22,8	31,0	36,0
SUDESTE	414,9	433,6	4,5	1.689	1.827	8,2	701,0	792,2	13,0
MG	330,3	321,3	(2,7)	1.566	1.637	4,5	517,1	525,8	1,7
ES	6,3	5,9	(6,3)	1.040	1.102	5,9	6,6	6,5	(1,5)
SP	78,3	106,4	35,9	2.264	2.443	7,9	177,3	259,9	46,6
SUL	235,2	291,1	23,8	1.591	1.619	1,8	374,2	471,4	26,0
PR	191,4	245,9	28,5	1.485	1.520	2,4	284,3	373,9	31,5
SC	33,8	35,2	4,1	1.948	2.087	7,1	65,9	73,5	11,5
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	420,2	458,4	9,1	430	663	54,3	180,6	303,9	68,3
CENTRO-SUL	862,1	969,2	12,4	1.741	1.868	7,3	1.500,8	1.810,7	20,6
BRASIL	1.282,3	1.427,6	11,3	1.311	1.481	13,0	1.681,4	2.114,6	25,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	73,8	69,3	801	1.278	59,5	35,0	94,4	169,7
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	28,3	13,2	746	866	16,1	18,7	24,5	31,0
TO	15,9	41,1	158,5	900	1.630	81,1	14,3	67,0	368,5
NORDESTE	1.029,6	1.106,1	7,4	191	367	92,9	196,1	406,4	107,2
MA	77,1	87,8	13,9	510	646	26,6	39,3	56,7	44,3
PI	214,5	231,8	8,1	145	387	167,5	31,0	89,7	189,4
CE	371,2	396,9	6,9	153	296	93,8	56,7	117,5	107,2
RN	29,9	35,8	19,7	213	347	62,9	6,4	12,4	93,8
PB	61,1	65,6	7,4	131	282	115,3	8,0	18,5	131,3
PE	119,3	96,4	(19,2)	127	143	13,2	15,1	13,8	(8,6)
AL	7,0	10,3	47,1	386	605	56,7	2,7	6,2	129,6
BA	149,5	181,5	21,4	247	504	104,3	36,9	91,6	148,2
CENTRO-OESTE	173,3	209,0	20,6	756	1.083	43,4	130,9	226,5	73,0
MT	173,0	208,7	20,6	755	1.083	43,4	130,6	226,0	73,0
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,2	2.266,7	900	522	(41,9)	0,5	7,4	1.380,0
MG	0,6	14,2	2.266,7	900	522	(41,9)	0,5	7,4	1.380,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.179,9	9,9	215	424	97,1	231,1	500,8	116,7
CENTRO-SUL	173,9	223,2	28,3	756	1.048	38,6	131,4	233,9	78,0
BRASIL	1.247,1	1.403,1	12,5	291	524	80,1	362,5	734,7	102,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum cores

A partir de maio, diante da expectativa de uma boa terceira safra, onde se espera um produto de melhor qualidade, a demanda enfraqueceu e os preços entraram em trajetória de queda. A concentração da colheita está prevista para meados de agosto/setembro e o clima, até o momento, encontra-se normal. Dоравante, a maior preocupação, para as áreas não irrigadas, é com chuvas excessivas no período de colheita.

O mercado está sendo abastecido com a produção oriunda da segunda e terceira safras e com uma pequena parcela de produto importado. A colheita da terceira safra começou em julho e o volume a ser produzido complementará o abastecimento interno até novembro, quando, a partir daí, terá início à colheita da primeira safra da temporada 2017/18.

Feijão-comum preto

O mercado está acomodado, apesar da menor oferta do produto nacional, com o final da colheita no Sul do país, em junho. As mercadorias importadas têm influindo negativamente nas cotações do produto, e o consumo está retraído nas principais praças de consumo do país, dificultando a formação de um mercado mais dinâmico.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, respectivamente, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se

Contudo, é importante esclarecer que os estoques estão baixos e praticamente todo o feijão colhido nas duas primeiras safras foi vendido pelos produtores. Em novembro a oferta deverá reduzir bastante e os preços contam com chances de recuperação.

As perspectivas do comportamento do mercado ficam na dependência do término do período de férias escolares, quando se espera uma eventual recuperação do consumo, e no desenvolvimento da safra de inverno, que representa cerca de 22% da produção anual. A manutenção dos atuais preços pagos aos produtores é importante para estimular o plantio da próxima safra, que começou a ser cultivada em julho nas regiões sudoeste do Paraná e de São Paulo, evitando a migração dos produtores para outras culturas.

por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas.

Dessa forma prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção de 3.354,1 mil toneladas, o que representa uma variação positiva de 33,5% em relação à fracassada safra de 2015/16. Assim, partindo-se do estoque inicial de 186 mil toneladas, o mesmo consumo registrado anteriormente, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 150 mil toneladas e as exportações de 120 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 220,1 mil toneladas, o que corresponde aproximadamente a um mês de consumo.

Tabela 31 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.354,1	150,0	3.690,1	3.350,0	120,0	220,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a colheita da lavoura do girassol está finalizando. Estima-se que 90% da área esteja colhido, com término previsto no início de agosto. Em relação à área dedicada à cultura, registrou-se aumento de aproximadamente 24,2% em relação à safra anterior, passando de 25,6 mil hectares para 31,8 mil. Apesar do regime de chuvas ter se prolongado até o final de maio, não houve relatos de ocorrência de doenças fora de controle, que pudessem comprometer a produtividade, diferentemente do que ocorreu em ciclos passados.

Assim, espera-se rendimento médio de 1.657 kg/ha, ante os 1.390 kg/ha do período 2015/16. A produção é estimada em 52,7 mil toneladas, volume 48% maior do que as 35,6 mil toneladas da safra anterior. Em relação à comercialização, estima-se que toda produção

da oleaginosa já esteja negociada, por preço médio de R\$ 68,00 a saca de 60 quilos.

Em Goiás, todas as áreas de girassol foram colhidas, com rendimentos de 1.750 kg/ha. Toda produção é destinada à produção de óleo para indústria situada no sul do estado. O clima favoreceu o desenvolvimento da cultura em todas as suas fases sem problemas com doenças e pragas que poderiam causar danos econômicos significativos. A boa produtividade se deu em função do bom regime hídrico e das novas variedades (híbridos) que conferem maior resistência a doenças e/ou pragas e incorporação de novas tecnologias. A assistência técnica esse ano foi decisiva para se alcançar os bons resultados expressivos em números.

Figura 41 - Área de girassol em Vianópolis/GO antes e após colheita



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais a área do girassol está estimada em 9,3 mil hectares e rendimento de 1.400 kg/ha, podendo ser ainda maior, visto as expectativas positivas dada as boas condições das lavouras, as quais estão

se desenvolvendo muito bem e sem relatos de pragas. Mais de 80% da área colhida e está destinada a uma indústria da região.



Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Figura 43 – Mapa da estimativa de produtividade - Girassol

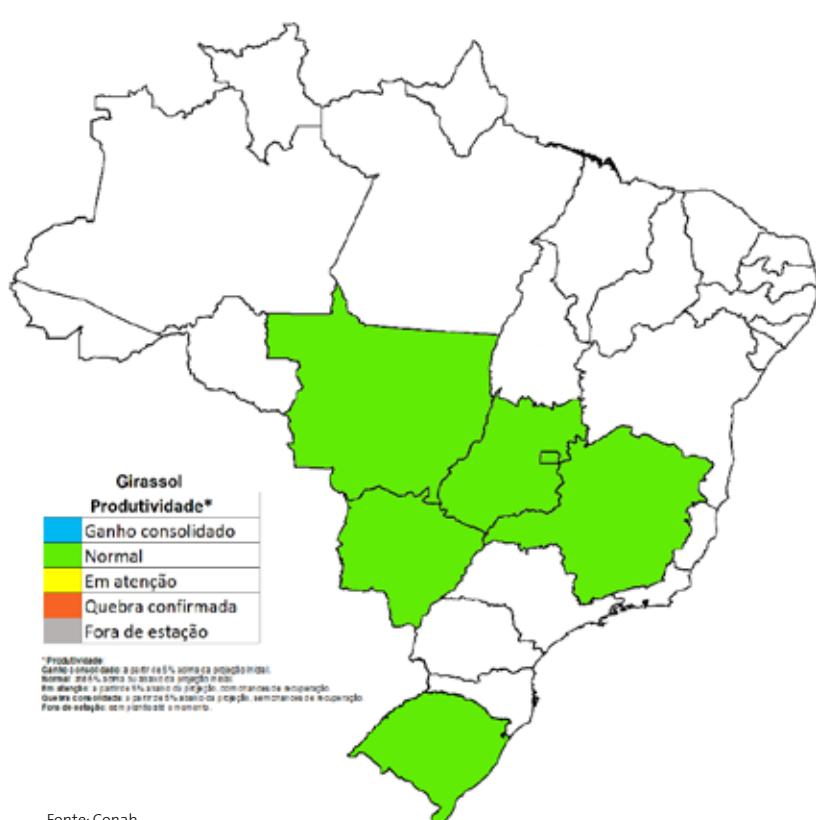


Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	49,7	20,6	1.261	1.696	34,5	52,0	84,4	62,3
MT	25,6	31,8	24,2	1.390	1.657	19,2	35,6	52,7	48,0
MS	1,3	0,7	(46,1)	1.236	1.500	21,4	1,6	1,1	(31,3)
GO	14,0	16,6	18,6	1.000	1.750	75,0	14,0	29,1	107,9
DF	0,3	0,6	100,0	2.500	2.500	-	0,8	1,5	87,5
SUDESTE	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
MG	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	62,3	21,0	1.224	1.648	34,7	63,1	102,8	62,9
BRASIL	51,5	62,3	21,0	1.224	1.648	34,7	63,1	102,8	62,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 é de recuo de área plantada, alcançando 27,9 mil hectares, que representa decréscimo de 12,3% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada, deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada. A retração na produção em 13,6 mil toneladas, 8,1% menor que a safra anterior, que foi de 14,8 mil toneladas.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares. Nessa safra quatro mil hectares são plantas remanescentes da safra passada e 17,1 mil hectares são de plantio novo. A colheita já iniciou e estima-se que sejam produzidas 10,4 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam acréscimo de 0,5% na área cultivada e redução de 18,8% na produção. A severidade do clima, com prolongada estiagem, comprometeu o desenvolvimento das plantas de mamona. A maior parte das áreas de mamona está na fase de frutificação, maturação e colheita mas, devido ao cultivo simultâneo com variedades diferentes, com períodos de plantios variados ou remanescentes de

safras anteriores, é possível observar em campo, em uma mesma área de cultivo, plantas em estágios variados de desenvolvimento. Devido aos baixos índices pluviométricos, a safra de grãos da região centro-norte apresenta perdas significativas nas culturas de feijão, milho e sorgo em relação à safra normal. Apenas a cultura da mamona deverá apresentar resultados significativos de produção apesar da diminuição em relação à safra anterior.

A colheita mecanizada da mamona teve início em Mato Grosso, contudo ainda é incipiente, e deve perdurar até meados de agosto. As lavouras estão espalhadas pelo estado, principalmente nos municípios de Campo Novo do Parecis, Itiquira e Primavera do Leste. A estimativa de área cultivada no estado é de 1,7 mil hectares, com potencial de crescimento nas próximas safras. Em termos de produtividade, estima-se rendimento médio de 1.300 kg/ha e, portanto, produção de 2,2 mil toneladas. A oferta da oleaginosa tem como destino a indústria química, especificamente, do estado de São Paulo. A negociação é realizada através de contratos futuros firmados a um preço mínimo de R\$ 2,00/kg.



Figura 44 - Lavoura de mamona em Primavera do Leste/MT



Fonte: Conab/IBGE.

No Ceará, as áreas de plantio da mamona reduziram em relação à safra 2015/16 para a atual devido à diminuição do incentivo da Petrobras através do programa de Biodiesel. Como exemplo, tem-se o município de Quixadá, que este ano não realizou o plantio.

Em Pernambuco a falta de rentabilidade e a paralisação do programa do biodiesel, que fomentava o cultivo da referida lavoura, inviabilizou o seu plantio no estado. Além disso, a mamona apresenta riscos de intoxicação aos rebanhos, principal fonte de renda de boa parte dos agricultores.

Figura 45 – Mapa da produção agrícola - Mamona

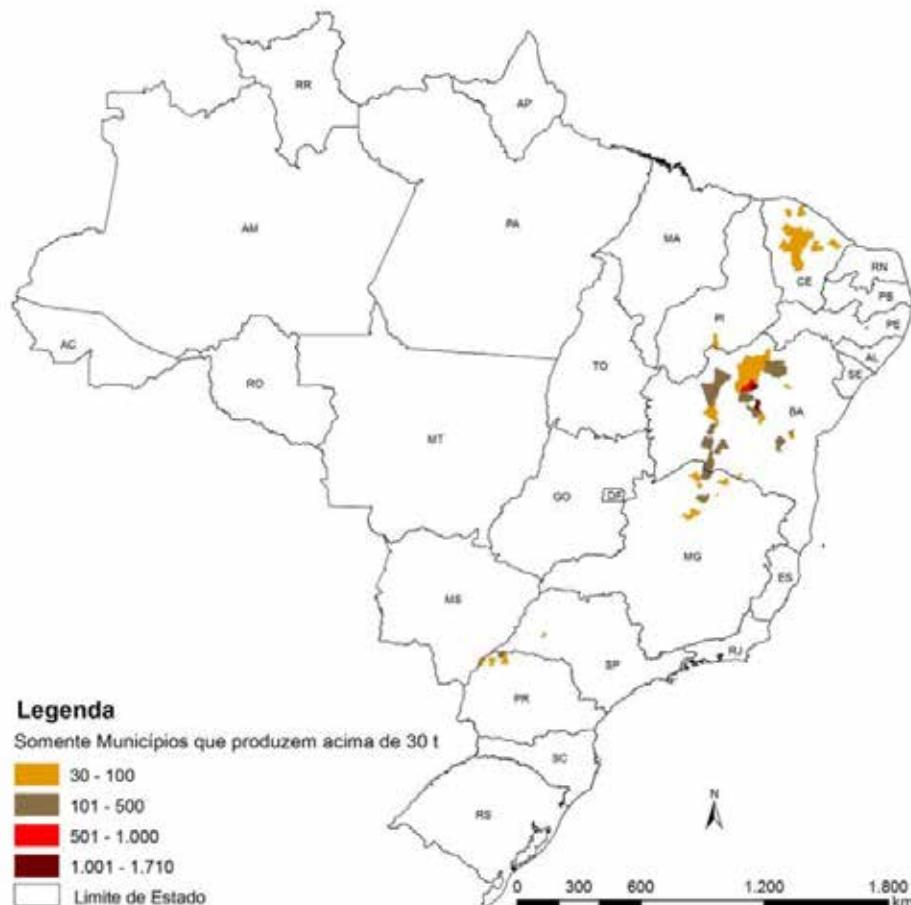
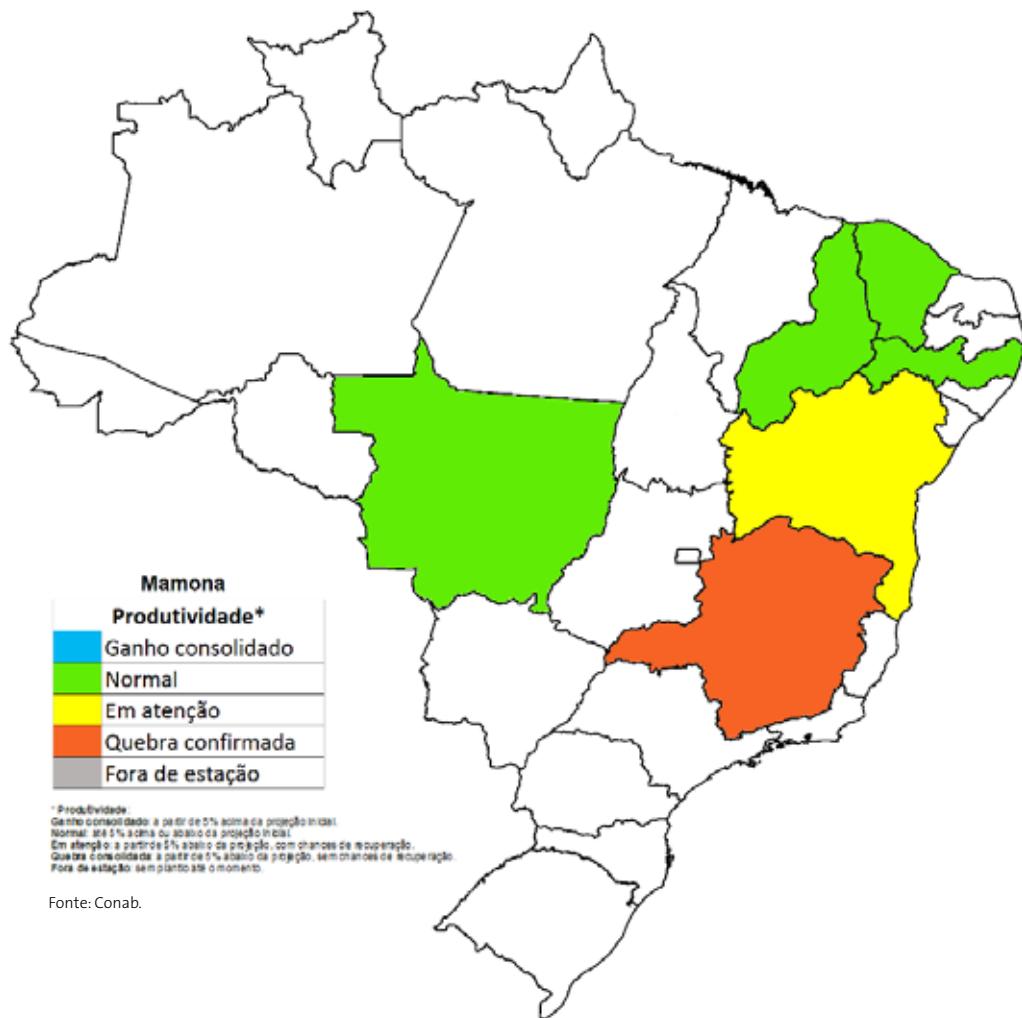


Figura 46 – Mapa da estimativa de produtividade - Mamona



Fonte: Conab.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	26,0	(17,5)	461	437	(5,1)	14,5	11,3	(22,1)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	4,7	(42,8)	122	179	46,7	1,0	0,8	(20,0)
PE	1,6	-	(100,0)	244		(100,0)	0,4	-	(100,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	494	(19,0)	12,8	10,4	(18,8)
CENTRO-OESTE	-	1,7	-	-	1.300	-	-	2,2	-
MT	-	1,7	-	-	1.300	-	-	2,2	-
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
NORTE/NORDESTE	31,5	26,0	(17,5)	461	437	(5,1)	14,5	11,3	(22,1)
CENTRO-SUL	0,3	1,9	533,3	909	1.210	33,1	0,3	2,3	666,7
BRASIL	31,8	27,9	(12,3)	465	490	5,3	14,8	13,6	(8,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A área estimada neste levantamento apresentou incremento nacional de 3,7% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que aumentaram em 6,3% a área de plantio.

Na Região Centro-Oeste, a área de milho primeira safra foi estimada em 350 mil hectares, 9,3% superior aos registrados na safra passada.

Em Mato Grosso, a colheita da área de milho primeira safra 2016/17 está finalizada. Em termos de produtividade, as boas condições climáticas permitiram rendimento médio de 7.676 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha no período anterior. O cultivo da cultura atingiu 33,4 mil hectares, número 7,3% superior aos 31,1 mil hectares

registrados na safra passada. Assim, calcula-se produção de aproximadamente 256,4 mil toneladas do cereal, volume 28,6% superior às 199,4 mil toneladas da safra 2015/16. Além do consumo doméstico das fazendas de confinamento bovino, a produção também foi destinada ao mercado disponível do cereal.

Em Goiás, o milho colhido apresentou excelente rendimento nesta temporada, atingindo 8.000 kg/ha. Nenhum registro de ataques de pragas e doenças causando danos econômicos à lavoura. Na reta final da colheita o grande problema para os produtores foi a armazenagem devido à lenta comercialização da soja. Parte da produção do milho verão foi destinada às granjas da região (alimentação de aves e suínos) e o restante acondicionada em silos-bolsa.

Figura 47 –Colheita milho safrinha Campo Alegre de Goiás/GO



Fonte: Conab.

Na Região Sul ocorreu incremento na área de 6,6% em relação ao período anterior.

No Rio Grande do Sul, a colheita de milho encontra-se encerrada nas regiões noroeste, norte e nordeste, restando apenas cerca de 11% da área do estado. A colheita nessas últimas áreas foi um pouco prejudicada em razão das chuvas, mas a tendência é de conclusão nos próximos dias. A produtividade média do estado foi revisada para 7.499 kg/ha, atingindo uma produção de 6.035,9 mil toneladas em 804,9 mil hectares. Esses resultados confirmam uma das maiores safras do estado, impulsionada pela maior produtividade média verificada desde que a série foi iniciada.

Em Santa Catarina, as lavouras de milho se encontram totalmente colhidas. Não houve alteração da informação de produção obtida no último levantamento, haja vista que a área e a produtividade já haviam

sido definidas quando da estabilização das condições das lavouras na época. Muitos agricultores ainda possuem produto em estoque para negociação futura na esperança de melhores preços, já que os atuais não apresentaram reação nos últimos meses. O alto custo de implantação da lavoura, aliado às expectativas futuras de mercado e incertezas climáticas estão fazendo com que os produtores já pensem em alternativas de plantio, como a soja ou o feijão.

No Paraná, a colheita dos 507,7 mil hectares plantados nessa safra já está concluída. A produtividade obtida foi de 9.243 kg/ha, representando um aumento de 16,2% em relação à safra anterior. Esse ótimo rendimento se deve às condições climáticas favoráveis e à utilização de materiais transgênicos de alta performance. A qualidade do produto está sendo considerada boa, mas a comercialização está lenta, estimando-se 79% da safra.



Figura 49 – Lavoura de milho pronta para ser colhida em Cambé/PR



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, a cultura experimentou forte incremento na área plantada, 5,2% em relação ao exercício anterior.

Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra foi reavaliada para 909,4 mil hectares, acréscimo de 8,6% em relação à safra anterior devido as boas cotações do produto ao longo da última temporada. Obteve-se uma produtividade média de 6.374 kg/ha, superior em 4,5% à safra passada devido ao clima favorável. Dessa forma, espera-se uma produção de 5.796,5 mil toneladas, 13,5% superior à safra 2015/16.

Em São Paulo, apesar da redução na área plantada de 2,1% em relação ao exercício anterior, as boas condições do clima nas diversas fases da lavoura permitiu que a produção atingisse 2.372,3 mil toneladas, incremento de 0,2% em relação à safra passada.

Na Região Norte-Nordeste, o levantamento apontou para um incremento na área plantada de 0,7% em relação ao ano passado, contrariando as expectativas no início do plantio.

Em Tocantins, a área cultivada com milho primeira safra este ano foi 36,3% menor se comparada à safra passada, devido às anormalidades climáticas que possibilitaram o retorno do plantio da soja no plantio de verão. Ao contrário dos anos normais, onde o milho era semeado somente após o término do plantio da soja, nessa safra aumentou o percentual das lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando uma colheita antecipada e, consequentemente, com a possibilidade de melhores preços. A colheita já foi finalizada. A produtividade média das lavouras cresceu 38,7% nesta safra, reflexo significativo das melhores

condições climáticas.

No Maranhão, os grandes e médios produtores anteciparam a preparação da área cultivada, no intuito de otimização de tempo, o que explica o encerramento da colheita em todas as lavouras no sul do estado. A produtividade está estimada em 4.240 kg/ha e a produção total em 1.241,5 mil toneladas em razão das condições meteorológicas favoráveis nessa safra.

No Piauí, como consequência do retorno das áreas para a soja, a área do milho primeira safra atingiu 418,2 mil hectares, apresentando redução de 11,2% em relação à safra passada. A produtividade esperada do milho primeira safra incluindo agricultura empresarial e familiar, gira em torno de 2.983 kg/ha, gerando um aumento de 100,2% em relação ao obtido na safra anterior, explicado pelas ótimas condições climáticas ocorridas durante o plantio. A produção está estimada em 1.247,5 mil toneladas.

No Bahia, o cultivo do milho primeira safra ocupa área de 381,8 mil hectares, com produção aproximada de 1.473,7 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 2,8% na área cultivada e aumento de 19,8% na produção de grãos. No extremo oeste, estima-se o cultivo de 237 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado. Estima-se a produtividade de 6.000 kg/ha com uma produção de 1.422 mil toneladas.

O total da área plantada com milho primeira safra, para o período 2016/17, atingiu 5.486,4 mil hectares, contra 5.289,4 mil observada no exercício anterior. A produção atinge o montante de 30.508,2 mil toneladas, representando incremento de 18,5% em relação à safra passada.



Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

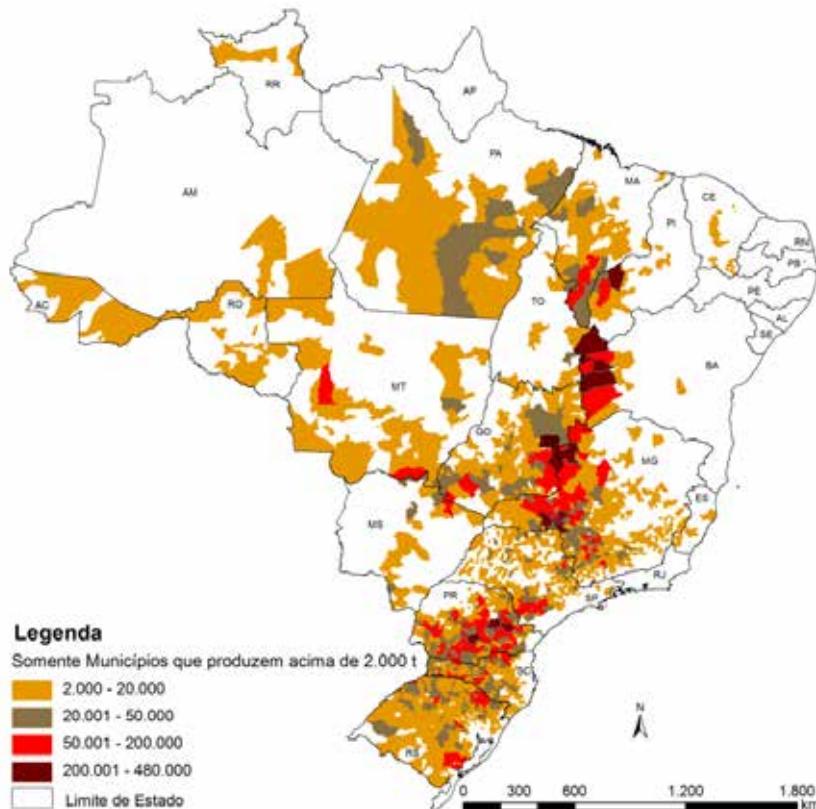
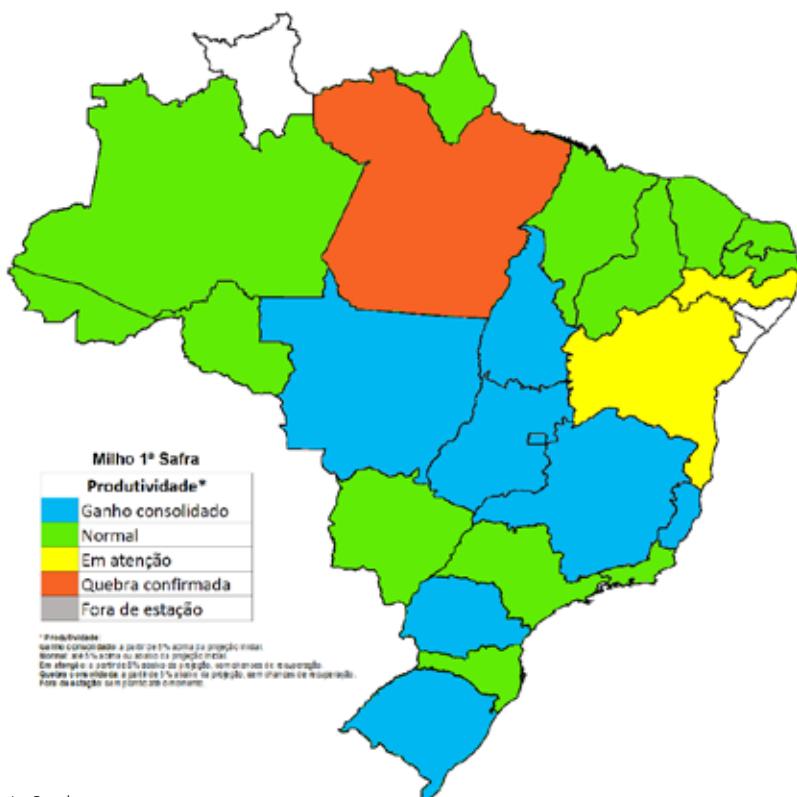


Figura 50 – Mapa da estimativa de produtividade milho primeira safra



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
PI	Norte Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Pernambucano						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
MT	Sudeste Mato-grossense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
GO	Centro Goiano	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Leste Goiano	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
DF	Distrito Federal	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C								
MG	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

- [Yellow Box] Baixa restrição - falta de chuvas
 - [Green Box] Favorável
 - [Orange Box] Média restrição - falta de chuva
- * - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
- ** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	327,0	312,6	(4,4)	3.142	3.188	1,5	1.027,3	996,6	(3,0)
RO	38,6	40,2	4,1	2.657	2.661	0,2	102,6	107,0	4,3
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	12,2	125,9	2.515	2.526	0,4	13,6	30,8	126,5
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	962	6,7	1,6	1,6	-
PA	169,6	177,7	4,8	3.334	3.131	(6,1)	565,4	556,4	(1,6)
TO	72,0	45,9	(36,3)	3.436	4.766	38,7	247,4	218,8	(11,6)
NORDESTE	1.798,0	1.809,7	0,7	1.587	2.479	56,2	2.854,3	4.486,3	57,2
MA	268,4	292,8	9,1	2.687	4.240	57,8	721,2	1.241,5	72,1
PI	471,0	418,2	(11,2)	1.490	2.983	100,2	701,8	1.247,5	77,8
CE	460,2	508,1	10,4	356	897	152,0	163,8	455,8	178,3
RN	25,0	29,2	16,8	309	468	51,5	7,7	13,7	77,9
PB	84,6	95,7	13,1	237	501	111,4	20,1	47,9	138,3
PE	117,4	83,9	(28,5)	82	74	(9,8)	9,6	6,2	(35,4)
BA	371,4	381,8	2,8	3.312	3.860	16,5	1.230,1	1.473,7	19,8
CENTRO-OESTE	320,3	350,0	9,3	7.636	8.060	5,5	2.445,9	2.821,0	15,3
MT	31,1	33,4	7,3	6.412	7.676	19,7	199,4	256,4	28,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	9.340	3,8	144,0	261,5	81,6
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.301,2	5,2	6.079	6.311	3,8	7.519,9	8.212,5	9,2
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.374	4,5	5.108,1	5.796,5	13,5
ES	13,6	13,2	(3,0)	2.910	2.832	(2,7)	39,6	37,4	(5,6)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	375,9	(2,1)	6.164	6.311	2,4	2.367,0	2.372,3	0,2
SUL	1.607,1	1.712,9	6,6	7.403	8.169	10,3	11.898,1	13.991,8	17,6
PR	414,1	507,7	22,6	7.953	9.243	16,2	3.293,3	4.692,7	42,5
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.499	4,7	5.892,7	6.035,9	2,4
NORTE/NORDESTE	2.125,0	2.122,3	(0,1)	1.827	2.583	41,4	3.881,6	5.482,9	41,3
CENTRO-SUL	3.164,4	3.364,1	6,3	6.909	7.439	7,7	21.863,9	25.025,3	14,5
BRASIL	5.289,4	5.486,4	3,7	4.867	5.561	14,2	25.745,5	30.508,2	18,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.504 mil hectares, representando um incremento de 11,2% em relação ao plantio passado.

Em Mato Grosso, a colheita do milho segunda safra está no final. Em vários municípios da região médio-norte os trabalhos estão finalizados, estimando-se que até o início de agosto tenha sido colhido os 4.455 mil hectares semeados no estado. Na região da BR-163 há relatos de milho avariado, em maior ou menor grau, durante todo o período de colheita, ainda em decorrência de chuvas em maio, contudo, nada que compromettesse a boa produtividade da cultura, cuja estimativa média estadual é de 6.160 kg/ha, número 54% superior ao da safra 2015/16. Dessa maneira, espera-se produção recorde de 27.442,8 mil toneladas. A produção elevada, combinada com a baixa comercialização da soja, ainda do ciclo 2016/17, tem ocasionado problemas com a armazenagem do cereal. Estima-se que 70% da safra do milho esteja comercialmente

comprometida no atual ciclo, volume considerado baixo para esta época do ano. Com o avanço da colheita do milho, verificou-se aumento na produtividade em relação ao último levantamento.

Em Goiás, o milho segunda safra está em fase final de colheita na região sudoeste e na região leste, ainda não registrou avanços significativos em razão de preços e problemas de armazenagem. Nessa safra a utilização de materiais mais resistentes, além das boas condições do clima, possibilitou o incremento na produtividade de 73% em relação ao exercício anterior, particularmente nas regiões onde o plantio foi realizado após 10 de fevereiro, quando foram beneficiados com chuvas mais volumosas na fase reprodutiva.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade estimada para a cultura é 5.380 kg/ha, em uma área plantada de 1.75 milhão de hectares. Essa alta produtividade decorre das condições climáticas ideais desde o início do plantio da cultura até a presente data, contrastan-



do com a seca severa que ocorreu no ano passado. A produtividade atrelada ao aumento de área plantada condicionará uma produção recorde para essa safra de aproximadamente 9,41 milhões de toneladas, um valor 53,7% maior que a safra anterior. A cultura está com aproximadamente 45% da área colhida e a geada ocorrida em meados de julho não afetou significativamente a produção total, apesar de registros de perdas pontuais em lavouras que ainda estavam em enchi-
mento de grãos. Ainda há muitas áreas com umidade acima de 23% devido à baixa temperatura e nebulosidade ocorridas em meados de julho, dificultando a se-
cagem dos grãos. Até o momento, aproximadamente 32% da safra 2016/17 foi comercializada, nas modalidades de contratos futuros e pronta entrega. Os pre-
ços considerados baixos pelos produtores retardaram a colheita em muitas regiões produtoras. Entretanto, os riscos climáticos de ventos fortes que ocorrem tra-

dicionalmente em agosto e as chuvas, forçarão a re-
tomada na colheita do grão. Muitas unidades arma-
zenadoras já estão adotando ou adotarão o silo-bolsa
para o armazenamento do cereal, dada à safra recorde
deste ano. Vale ressaltar que a capacidade estática do
estado é similar à produção do milho deste ano. Como
ainda há soja da safra anterior a ser comercializada, a
alternativa é o uso de silo-bolsa.

A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o Paraná como único representante. A colheita da se-
gunda safra de milho paranaense atinge 43% da área
plantada. Segue lenta devido à falta de armazéns,
avançando a partir da liberação de espaço nas unida-
des armazenadoras. Devido ao atraso no plantio e ao
clima frio no início de ciclo, ainda existem muitas la-
vouras em maturação, necessitando de mais 20 ou 25
dias para alcançar o ponto ideal de colheita.

Figura 51 - Lavoura de milho em floração em Santa Mariana/PR



Fonte: Conab.

A Região Nordeste, especialmente nos estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permi-
te a sucessão do plantio, apresentou forte incremento
na área plantada.

No Maranhão, o plantio ocorre nas regiões sul e su-
doeste, conhecidas como “região de Balsas” e Tocan-
tina”, cultivada por médios e grandes produtores e a

colheita já atingiu 64% das lavouras. A área cultivada equivale a 198,9 mil hectares, mostrando aumento em relação à safra 2015/16 (85,9 mil hectares) de aproxi-
madamente 131,5%. A produtividade média se encontra em torno de 3.572 kg/ha e a produção deverá atin-
gir 710,5 mil toneladas, o que significa uma produção quase cinco vezes maior em relação à safra anterior (153,2 mil toneladas) Esse acréscimo da produção de



grãos de milho é motivado pelo aumento das áreas de cultivo, bem como da produtividade das lavouras em relação à safra anterior.

No Piauí, a expectativa para a segunda safra é de um aumento na área plantada de 128,8%, totalizando 49,2 mil hectares e aumento de 58,4% nos níveis de produ-

tividades, atingindo 2.781 kg/ha. O milho encontra-se com 90% da área colhida. A previsão é que até o final da primeira quinzena de agosto a colheita tenha finalizado no estado. Do total colhido, 28% já foi comercializado, e o restante se encontra armazenado em silos e graneleiros.

Figura 52 - Lavouras de milho segunda safra - Baixa Grande do Ribeira/PI



Fonte: Conab.

Em Tocantins, a cultura se encontra em pleno estádio de colheita, estimando-se cerca de 70 a 80% da área total colhida. Estima-se aumento de 133,5% no volume produzido caso se confirme à produtividade média esperada no atual momento (4.402 kg/ha). Conforme relatos, a negociação do produto, mesmo voltado para o mercado externo, está estagnado, com pouquíssima procura para compra do produto, um fator que vem retardando um pouco o avanço da colheita, visto que boa parte dos produtores não detêm de nenhum meio próprio para armazenar o produto.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 265,1 mil hectares, com a produção de 488,8 mil toneladas do milho segunda safra. A produtividade média da região está estimada em 1.844 kg/ha. O plantio das lavouras se encontra finalizado, mas os estandes estão bastantes heterogêneos, sendo possível encontrar lavouras com estágios variando de desenvolvimento vegetativo a enchimento de grãos. Os cultivos mais produtivos, com o emprego da mecanização agrícola em todas as fases da cultura, concentram-se nas microrregiões de Ribeira do Pombal e Alagoinhas. Essas áreas, com maior utilização de tecnologia (mecanização, fertilizantes e defensivos), representam cerca de 45% da área cultivada, com produtores que atingem o rendimento de até 150 sc/ha. No município de Rio Real foi observado a expansão das lavouras de milho em áreas ocupadas pela citricultura. As microrregiões de Serri-

nha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana, são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola. Essas áreas são caracterizadas pelo emprego da mão de obra familiar, pelo plantio consorciado com feijão e pela pouca utilização de fertilizantes e defensivos. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 55% da área cultivada com o cereal e os produtores atingem rendimentos de até 30 sc/ha.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra incremento de 5,5% em relação ao ocorrido na safra passada.

Em Minas Gerais, apesar das condições climáticas favoráveis, a produtividade média do milho sofreu redução em relação ao levantamento anterior, passando de 5.133 kg/ha, para 4.861 kg/ha no atual. No Sul de Minas as expectativas são boas. Vale ressaltar que nessa região a ocorrência de ventos fortes causaram acamamento em algumas lavouras, contudo, não foram suficientes para causar danos significativos. Na região noroeste há relatos da presença de mosca-branca, mas ainda não se fala em perdas por causa dessa praga. Nas demais regiões a situação permanece a mesma. A cultura se encontra em fase de maturação, uma vez que uma pequena parte já foi colhida.



Figura 53 - Lavouras de milho segunda safra – Passos/MG



Fonte: Conab.

Em São Paulo, a área plantada apresentou incremento de 11% em relação ao ano anterior, e as boas condições climáticas deram suporte a expectativa de safra recorde neste ano, com um incremento de 79% em relação à safra 2015/16. Estima-se que entre 40 a 50% das lavouras tenham sido colhidas, com o produtor aguardando a recuperação dos preços. No decorrer de agosto, o milho restante deverá ser todo colhido, para que ocorra o novo ciclo de plantio da soja e milho pri-

meira safra.

A posição consolidada da área de milho, reunindo a primeira e segunda safras no exercício 2016/17, deverá atingir 17.470,7 mil hectares, representando um incremento de 9,7% se comparada com o plantio passado. A produção está estimada em 97.191,2 mil toneladas, com um incremento percentual de 46,1% em relação à safra passada.

Figura 54 - Lavouras de milho segunda safra – Ourinhos/SP



Fonte: Conab.

Figura 55 - Lavouras de milho segunda safra – Presidente Prudente/SP



Fonte: Conab.

Figura 56 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

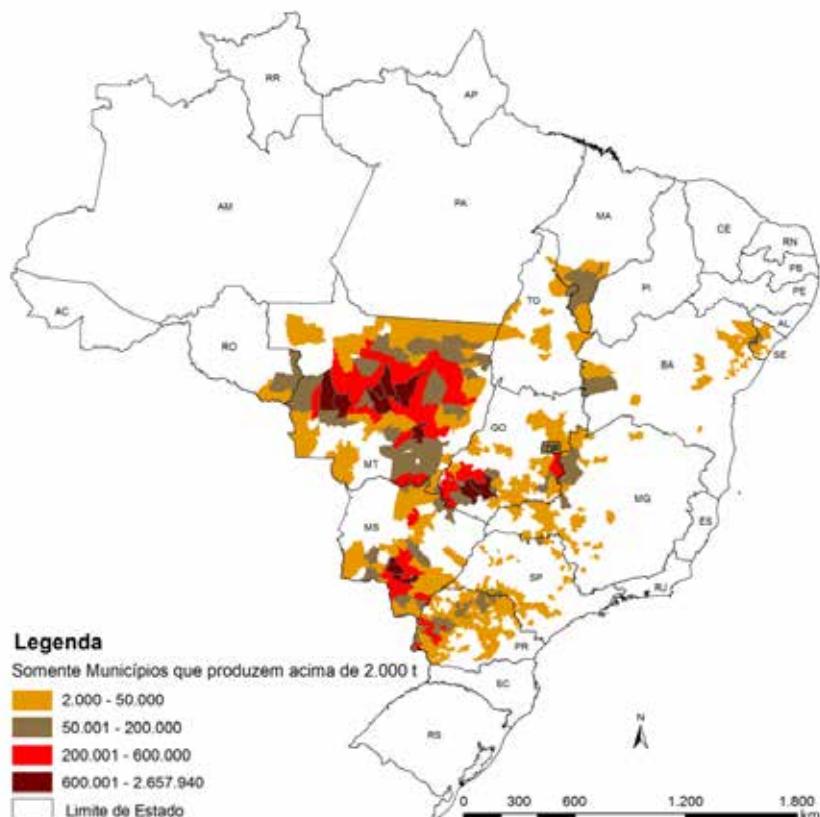
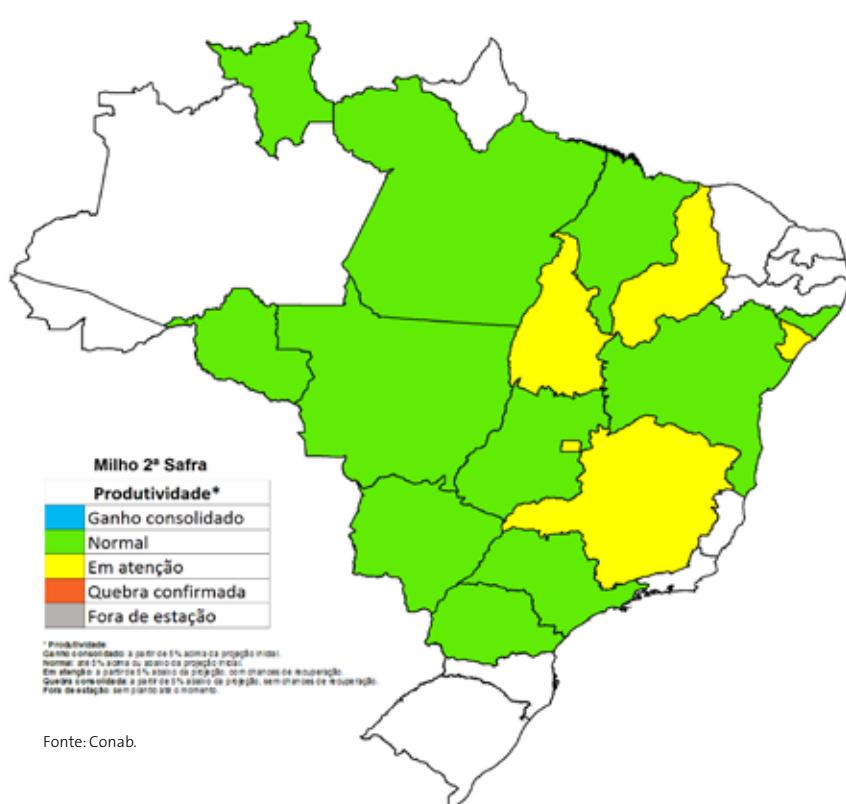


Figura 57 – Mapa da estimativa de produtividade milho segunda safra



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MA	Sul Maranhense - MA					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						PP	P/G	G/ DV/F	DV/F	F/FR
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
SP	Assis - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/ M/C	C		
	Itapetininga - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/ M/C	C		
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/ M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/ M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/ M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/ M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/ M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

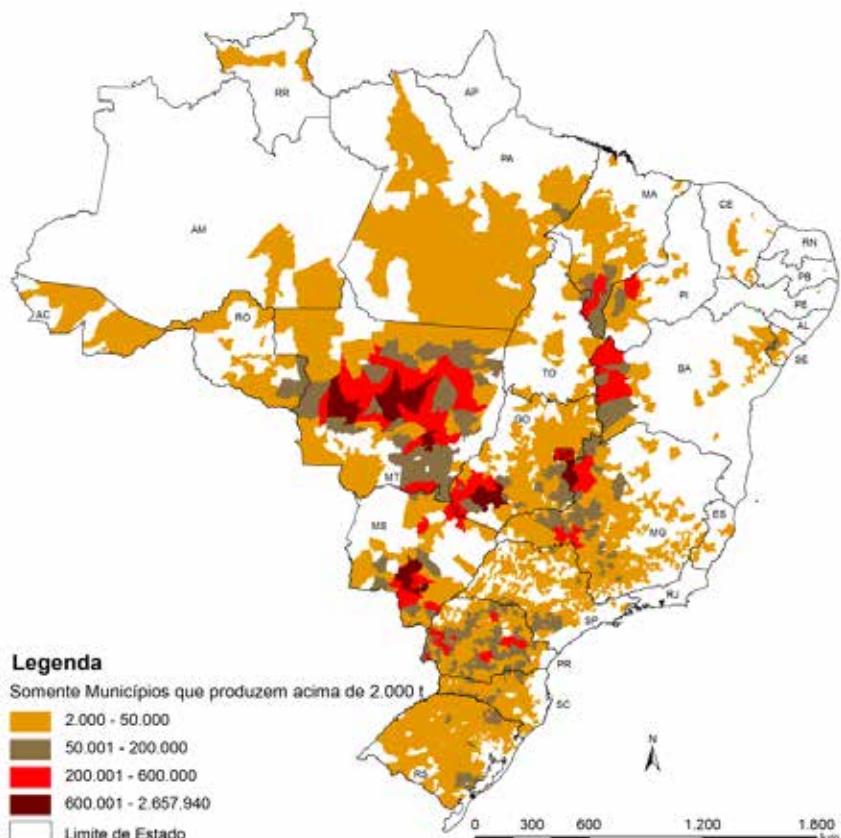
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	246,2	401,2	63,0	3.816	4.253	11,4	939,5	1.706,1	81,6
RR	4,6	7,6	65,2	3.036	6.000	97,6	14,0	45,6	225,7
RO	119,5	156,9	31,3	4.613	4.385	(4,9)	551,3	688,0	24,8
PA	26,5	81,4	207,2	3.072	3.549	15,5	81,4	288,9	254,9
TO	95,6	155,3	62,4	3.063	4.402	43,7	292,8	683,6	133,5
NORDESTE	627,2	803,8	28,2	927	2.636	184,4	581,3	2.118,7	264,5
MA	85,9	198,9	131,5	1.784	3.572	100,2	153,2	710,5	363,8
PI	21,5	49,2	128,8	1.756	2.781	58,4	37,8	136,8	261,9
PE	67,2	73,9	9,9	187	654	249,7	12,6	48,3	283,3
AL	28,3	37,2	31,4	674	674	-	19,1	25,1	31,4
SE	177,0	179,5	1,4	795	3.951	397,0	140,7	709,2	404,1
BA	247,3	265,1	7,2	881	1.844	109,3	217,9	488,8	124,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.504,0	11,2	3.824	5.983	56,5	25.798,5	44.893,4	74,0
MT	3.769,0	4.455,0	18,2	3.999	6.160	54,0	15.072,2	27.442,8	82,1
MS	1.665,0	1.749,9	5,1	3.679	5.380	46,2	6.125,5	9.414,5	53,7
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	6.120	73,0	4.508,6	7.715,5	71,1
DF	38,4	38,4	-	2.400	8.350	247,9	92,2	320,6	247,7
SUDESTE	814,3	859,4	5,5	2.793	5.122	83,4	2.274,5	4.401,9	93,5
MG	371,0	367,3	(1,0)	2.191	4.861	121,9	812,9	1.785,4	119,6
SP	443,3	492,1	11,0	3.297	5.317	61,3	1.461,6	2.616,5	79,0
SUL	2.198,3	2.415,9	9,9	5.091	5.614	10,3	11.191,5	13.562,9	21,2
PR	2.198,3	2.415,9	9,9	5.091	5.614	10,3	11.191,5	13.562,9	21,2
NORTE/NORDESTE	873,4	1.205,0	38,0	1.741	3.174	82,3	1.520,8	3.824,9	151,5
CENTRO-SUL	9.759,7	10.779,3	10,4	4.023	5.831	44,9	39.264,5	62.858,2	60,1
BRASIL	10.633,1	11.984,3	12,7	3.836	5.564	45,1	40.785,3	66.683,1	63,5

Fonte: Conab. Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 58 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	713,8	24,5	3.431	3.786	10,4	1.966,8	2.702,7	37,4
RR	4,6	7,6	65,2	3.036	6.000	97,6	14,0	45,6	225,7
RO	158,1	197,1	24,7	4.135	4.033	(2,5)	653,8	795,0	21,6
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	12,2	125,9	2.515	2.526	0,4	13,6	30,8	126,5
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	962	6,7	1,6	1,6	-
PA	196,1	259,1	32,1	3.299	3.262	(1,1)	646,9	845,3	30,7
TO	167,6	201,2	20,0	3.223	4.485	39,1	540,2	902,4	67,0
NORDESTE	2.425,2	2.613,5	7,8	1.417	2.527	78,4	3.435,4	6.605,0	92,3
MA	354,3	491,7	38,8	2.468	3.970	60,8	874,4	1.951,9	123,2
PI	492,5	467,4	(5,1)	1.502	2.962	97,2	739,5	1.384,3	87,2
CE	460,2	508,1	10,4	356	897	152,0	163,8	455,8	178,3
RN	25,0	29,2	16,8	309	468	51,5	7,7	13,7	77,9
PB	84,6	95,7	13,1	237	501	111,4	20,1	47,9	138,3
PE	184,6	157,8	(14,5)	120	346	187,5	22,2	54,5	145,5
AL	28,3	37,2	31,4	674	674	-	19,1	25,1	31,4
SE	177,0	179,5	1,4	795	3.951	397,0	140,7	709,2	404,1
BA	618,7	646,9	4,6	2.340	3.034	29,6	1.447,9	1.962,6	35,5
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.854,0	11,1	3.996	6.075	52,0	28.244,4	47.714,4	68,9
MT	3.800,1	4.488,4	18,1	4.019	6.171	53,6	15.271,6	27.699,2	81,4
MS	1.681,0	1.777,9	5,8	3.730	5.442	45,9	6.269,5	9.676,0	54,3
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.441	52,4	6.430,5	9.795,5	52,3
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.115	94,0	272,8	543,7	99,3
SUDESTE	2.051,3	2.160,6	5,3	4.775	5.838	22,3	9.794,3	12.614,5	28,8
MG	1.208,4	1.276,7	5,7	4.900	5.939	21,2	5.921,0	7.582,0	28,1
ES	13,6	13,2	(2,9)	2.910	2.832	(2,7)	39,6	37,4	(5,6)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	868,0	4,9	4.628	5.747	24,2	3.828,5	4.988,8	30,3
SUL	3.805,4	4.128,8	8,5	6.068	6.674	10,0	23.089,7	27.554,6	19,3
PR	2.612,4	2.923,6	11,9	5.545	6.244	12,6	14.484,9	18.255,5	26,0
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.499	4,7	5.892,7	6.035,9	2,4
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.327,3	11,0	1.802	2.797	55,3	5.402,2	9.307,7	72,3
CENTRO-SUL	12.924,1	14.143,4	9,4	4.730	6.214	31,4	61.128,4	87.883,5	43,8
BRASIL	15.922,5	17.470,7	9,7	4.178	5.563	33,1	66.530,6	97.191,2	46,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 37 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
2016/17	7.999,0	97.191,2	500,0	105.690,2	56.100,0	28.000,0	21.590,2

Fonte: Conab.

A colheita do milho segunda safra já ultrapassou a metade da área plantada. A produtividade está superando as expectativas iniciais e, com isso, aumentando a produção estimada para 97,2 milhões de toneladas, sendo esta a maior produção de milho já registrada.

O cenário de consumo doméstico de milho não está permitindo ajustes nos números de 56,1 milhões de toneladas, isso por que a estagnação no volume dos mercados importadores, sobretudo de frango, principal setor consumidor de milho no país e situações como a Operação Carne Fraca, bem como o bloqueio dos Estados Unidos à exportação de carne bovina brasileira, são fatores que restringem um novo ciclo de crescimento das cadeias de proteína animal.

Já a exportação de milho, apesar de um crescimento significativo para julho, acumulando mais de 2,3 milhões de toneladas embarcadas (o maior volume já registrado para o período), as condições de paridade e os constantes bloqueio na BR – 163, são fatores que podem interferir diretamente na dinâmica de exportação de milho para a safra 2016/17, principalmente no que se refere ao fluxo de embarques para os próximos meses.

Mesmo assim, apesar de ainda restar 23,9 milhões de toneladas até o fim de janeiro de 2018, é plenamente possível o cumprimento das 28 milhões previstas para este ano-safra.

Pode acontecer, ainda, semelhante ao que aconteceu em 2016, que haja exportações do produto colhido na

safra 2016/17 em fevereiro e março.

A comercialização do milho, no momento, tem ocorrido basicamente através dos leilões de PEP e Pepro, nos quais já foram negociadas, até o final de julho, 6,7 milhões de toneladas, necessitando de um aporte de recursos de 335 milhões de reais do total de 500 milhões destinadas a essas operações.

Contudo, os preços domésticos continuam abaixo do preço mínimo no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, bem como algumas localidades do Paraná. Fora o que tem sido feito através das intervenções governamentais, a comercialização tem ocorrido muito lentamente, vez que os demandantes se sentem bastante confortáveis diante da oferta ampla do cereal para este ano.

As cotações em Chicago primeira entrega continuam abaixo de US\$ 4,00/bu (US\$157,47/tonelada), mas como houve um forte período de estiagem em algumas localidades do Meio Oeste dos Estados Unidos, acredita-se que haverá perdas na produção de milho estadunidense, podendo quebrar essa barreira de cotação.

Contudo, a cotação do dólar abaixo de R\$ 3,20 e os prêmios negativos já levam à paridade de exportação para abaixo de R\$ 26,00 a saca de 60 quilos no Porto de Paranaguá.

Dessa feita, os estoques finais tendem a ficar em 21,6 milhões de toneladas, permanecendo a pressão de baixa sobre as cotações domésticas.



9.1.8. Soja

O atual levantamento consolida o crescimento na área plantada da oleaginosa em 2% e uma produção de 114.041,9 milhões de toneladas, se comparado com o observado na safra anterior. O excelente desenvolvimento da oleaginosa foi respaldado pelo comportamento do clima em praticamente todas as regiões do país.

Na Região Sul houve, ao longo dos levantamentos realizados, redução da área plantada em relação ao ocorrido no ano anterior, atingindo 11.459,6 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. Foram boas as produtividades alcançadas devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras.

No Rio Grande do Sul a área de soja encontra-se praticamente colhida, restando apenas lavouras nas regiões de Bagé e Cachoeira do Sul. A produção, produtividade e área foram mantidas em relação ao levantamento anterior, configurando a melhor safra do estado, com produtividade média de 3.360 kg/ha e produção total de 18.713,9 mil toneladas. Os baixos preços de mercado têm travado a comercialização, tendo sido negociado até o momento aproximadamente 40% da produção. Os produtores têm comercializado o estritamente necessário para o saldamento das dívidas com vencimento a curto prazo, aguardando cotações melhores do produto na entressafra.

Em Santa Catarina, as informações de produção de soja permanecem inalteradas em relação ao último levantamento, quando as lavouras já se encontravam em final de colheita e os índices produtivos já haviam sido definidos. A comercialização da safra atual avança de acordo com a necessidade do produtor em vender parte dos seus estoques para quitar dívidas e fazer investimentos. A procura por informação para a nova safra já é evidente, e as empresas agrícolas já começam a fechar contratos futuros com os agricultores.

No Paraná, a área plantada com a oleaginosa, totalizando 5.249,6 mil hectares, encontra-se totalmente colhida, apresentando rendimentos de 3.721 kg/ha. As condições climáticas e o uso de tecnologias são os responsáveis por essa excelente produtividade. Apesar da safra recorde, com produção total de 16% acima da safra passada, a comercialização está muito lenta, uma vez que os produtores estão postergando a venda, aguardando a reação dos preços. Como consequência, o atraso na comercialização mantém os armazéns cheios, ocupando boa parte da capacidade estática estadual. Essa situação será agravada quan-

do for intensificada a colheita do milho segunda safra, podendo resultar em falta de espaço para armazenagem do cereal.

Na Região Sudeste, ao longo da temporada, a expectativa de redução da área plantada com a oleaginosa foi alterada para um crescimento de 2,2% em relação ao ocorrido no exercício anterior, decorrente, basicamente, de ajustes realizados na área plantada em Minas Gerais. Nesse estado a área foi estimada em 1.456,1 mil hectares, representando uma redução de 0,9% em comparação com a safra passada. Foi obtida uma produtividade média de 3.466 kg/ha, superior em 7,6% à safra anterior.

Em São Paulo, a safra apresentou forte incremento na área plantada em relação à safra passada de 7,4%, obtendo também resultados importantes nas produtividades em virtude das condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo da cultura.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa, a área plantada deverá apresentar incremento de 1,8% em relação ao exercício passado.

Em Mato Grosso, o balanço geral da safra 2016/17 da oleaginosa foi favorável. As condições climáticas contribuíram para o aumento de 14,9% na produtividade da soja, que saltou de 2.848 kg/ha no ciclo 2015/16, para 3.273 kg/ha no atual. Além do bom rendimento no campo, a área destinada à cultura registrou incremento de 2%, saindo de 9.140 mil hectares, na safra 2015/16, para 9.322 mil hectares na atual. Assim, a maior área e maior produtividade da oleaginosa propiciaram a produção de 30.513 mil toneladas de soja na safra 2016/17, volume 17,2% superior às 26.030 mil toneladas produzidas na safra 2015/16. A comercialização da oleaginosa segue em ritmo lento, com vendas pontuais quando o dólar e/ou CBOT se valorizam. Estima-se que, para a safra 2015/16, a comercialização do grão esteja entre 85% e 90% da produção, com os últimos negócios sendo cotados, em média, entre R\$ 55,00 e R\$ 58,00 a saca de 60 quilos, enquanto que para a safra 2017/18, o volume comprometido atinge cerca de 20% da oferta esperada da oleaginosa, com negócios girando em torno de R\$ 60,00 a saca de 60 quilos. Os produtores estão aguardando melhores preços na entressafra para avançar na comercialização.

Em Mato Grosso do Sul, até o momento, aproximadamente 71% da safra 2016/17 foi comercializada, contrastando com o mesmo período do ano passado, quando esse percentual ultrapassava 85% da safra passada. Apesar da boa liquidez do produto, este ano



é caracterizado como de pouca rentabilidade para a cultura e os produtores operaram com margens estreitas de lucro. Apesar disso, os movimentos para o planejamento da safra 2017/2018 já iniciaram, com expectativa de incremento na área.

Na Região Norte-Nordeste ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa - 14,1%.

Em Tocantins a cultura já teve sua colheita encerrada, registrando uma produtividade 51,4% superior à constatada na safra passada. As lavouras se desenvolveram bem e na maior parte das regiões produtoras do estado a produtividade se manteve dentro da média esperada. Vale lembrar que a área de soja que foi cultivada no ano passado havia sofrido redução em relação a 2015 devido ao baixo volume hídrico dos reservatórios na ocasião. Para este ano há um projeto para monitorar e fiscalizar o uso da água na irrigação dos tabuleiros cultivados. As lavouras com a oleaginosa, já iniciaram o período de floração (26,7% das lavouras) e é esperado um incremento de 9,9% no volume produzido.

Na Bahia, o cultivo da soja ocupou a área de 1.580 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado. A colheita está finalizada e estima-se uma produtividade de 3.242 kg/ha, com a produção de 5.123,3 mil toneladas de grãos.

No Maranhão há alteração positiva de 4,5% na área plantada desta safra, com produtividade estimada em 3.010 kg/ha e produção total no estado de 2.473,3 mil toneladas. A colheita nas regiões de Balsas e Tocantina está praticamente finalizada, visto que no contexto estadual, 96% das lavouras de soja já foram colhidas.

No Piauí, a cultura da soja se encontra totalmente colhida, apresentando uma produção de boa qualidade. Nas regiões de Uruçuí, Ribeiro Gonçalves e Baixa Grande do Ribeiro a cultura atingiu a produtividade esperada pelos produtores locais. Já na região de Bom Jesus, Currais e Palmeira do Piauí, a expectativa de produtividade não foi atingida devido a problemas com variedades, clima e pragas, que afetaram a produtividade média nessas localidades. Com isso, a produtividade média das lavouras. Com isso, produtividade média para o estado foi reduzida, ficando em 2.952 kg/ha. A área atual de soja é de 693,8 mil hectares.

O desempenho observado nas diversas regiões produtoras nessa temporada, indica uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 2% em relação à safra passada, totalizando 33.925 mil hectares, com uma produção de 114.035,9 mil toneladas.



Figura 59 – Mapa da produção agrícola – Soja

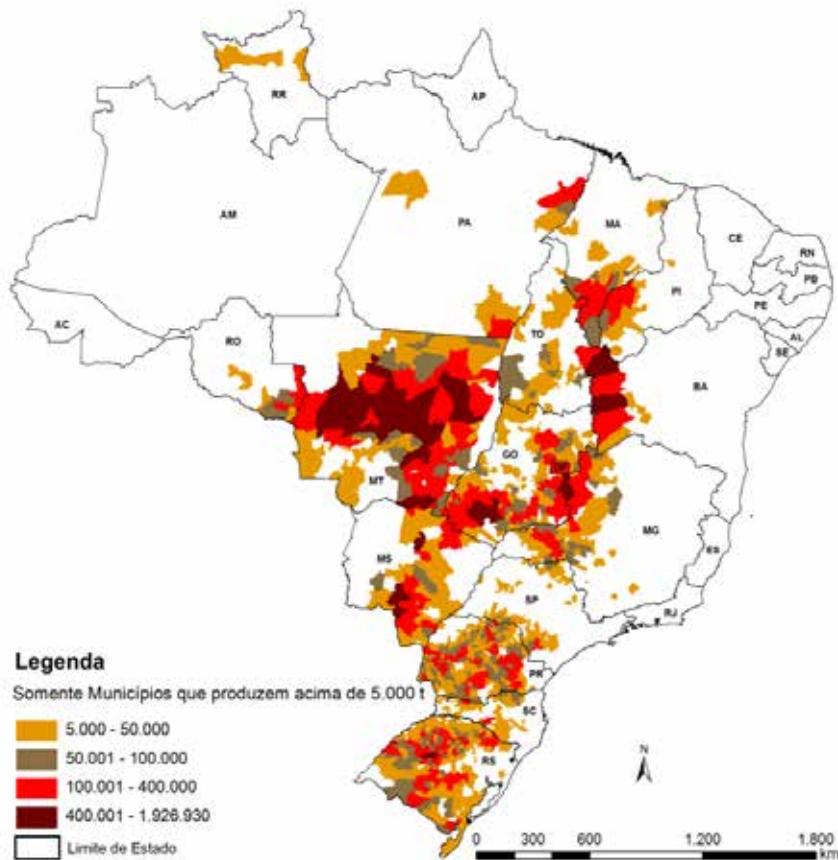
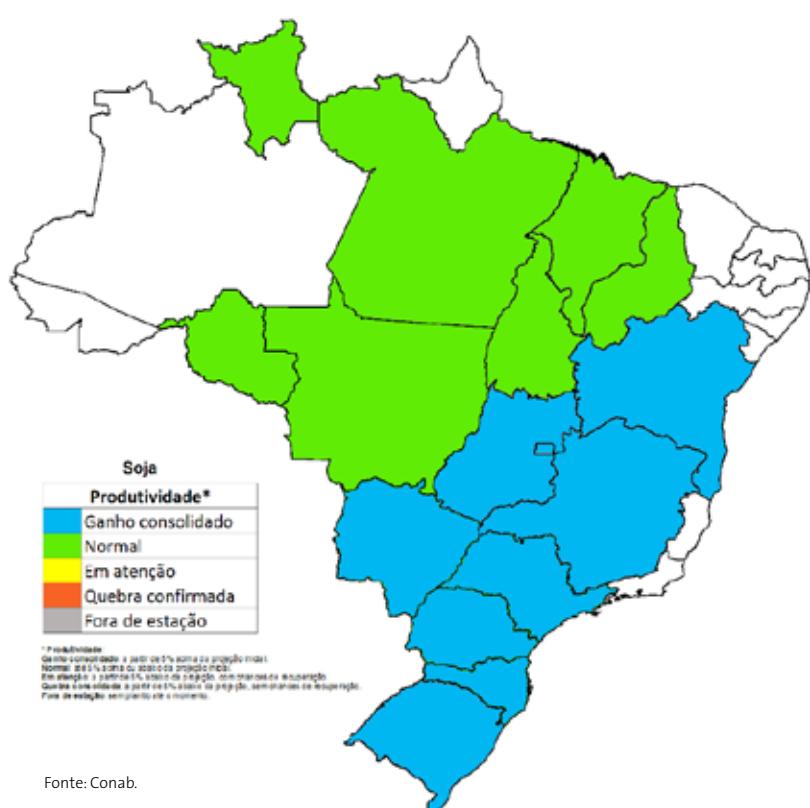


Figura 60 – Mapa da estimativa de produtividade – Soja



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.798,8	14,1	2.423	3.050	25,9	3.818,9	5.487,0	43,7
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.200	(3,0)	79,2	96,0	21,2
RO	252,6	296,0	17,2	3.028	3.143	3,8	765,0	930,3	21,6
PA	428,9	508,8	18,6	3.003	3.212	7,0	1.288,0	1.634,3	26,9
TO	870,8	964,0	10,7	1.937	2.932	51,4	1.686,7	2.826,4	67,6
NORDESTE	2.878,2	3.095,8	7,6	1.774	3.115	75,6	5.107,1	9.644,7	88,8
MA	786,3	821,7	4,5	1.590	3.010	89,3	1.250,2	2.473,3	97,8
PI	565,0	693,8	22,8	1.143	2.952	158,3	645,8	2.048,1	217,1
BA	1.526,9	1.580,3	3,5	2.103	3.242	54,2	3.211,1	5.123,3	59,5
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.193,6	1,8	2.931	3.301	12,6	43.752,6	50.149,9	14,6
MT	9.140,0	9.322,8	2,0	2.848	3.273	14,9	26.030,7	30.513,5	17,2
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.400	14,1	7.241,4	8.575,8	18,4
GO	3.285,1	3.278,5	(0,2)	3.120	3.300	5,8	10.249,5	10.819,1	5,6
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.450	4,5	231,0	241,5	4,5
SUDESTE	2.326,9	2.377,2	2,2	3.255	3.458	6,2	7.574,9	8.220,0	8,5
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.466	7,6	4.731,1	5.046,8	6,7
SP	857,6	921,1	7,4	3.316	3.445	3,9	2.843,8	3.173,2	11,6
SUL	11.545,4	11.459,6	(0,7)	3.047	3.538	16,1	35.181,1	40.540,3	15,2
PR	5.451,3	5.249,6	(3,7)	3.090	3.721	20,4	16.844,5	19.533,8	16,0
SC	639,1	640,4	0,2	3.341	3.580	7,2	2.135,2	2.292,6	7,4
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	3.360	13,1	16.201,4	18.713,9	15,5
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.894,6	9,9	2.004	3.092	54,3	8.926,0	15.131,7	69,5
CENTRO-SUL	28.797,4	29.030,4	0,8	3.004	3.407	13,4	86.508,6	98.910,2	14,3
BRASIL	33.251,9	33.925,0	2,0	2.870	3.362	17,1	95.434,6	114.041,9	19,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA SOJA

Mercado nacional

Segundo Conab, no seu décimo primeiro levantamento de safras, a produção nacional de soja em grãos para a safra 2016/17 será de 114,04 milhões de toneladas.

As exportações brasileiras de grãos de soja continuam acima dos valores exportados em 2016 e dentro do valor estimado para safra a atual, que deve totalizar 63 milhões de toneladas.

A Secretaria de Comercio Exterior (Secex) estimou que as exportações de soja de julho de 2017 fecharam em 6,95 milhões de toneladas. Assim, a soma das exportações de janeiro a julho de 2017 é de 50,94 mi-

lhões de toneladas, esse valor é superior em mais de 6,59 milhões de toneladas ao mesmo período de 2016.

Não houve nenhuma mudança nos valores de consumo total em julho da safra brasileira com relação ao estimado anteriormente e, finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 5,54 milhões de toneladas, o maior valor dos últimos dez anos. Apesar disso, esse valor equivale a um pouco mais de um mês e meio de consumo interno, por isso, ainda dentro da normalidade, apesar de também ser o maior percentual de estoque consumo dos últimos 11 anos.



9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 634,1 mil hectares e produtividade de 2.952 kg/ha, com produção de 1,87 milhão de toneladas. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Goiás é o maior produtor de sorgo do Brasil. A produ-

ção é destinada principalmente à elaboração de ração animal, principalmente à pecuária de corte e leite. No momento, na região leste, as primeiras áreas estão sendo colhidas, com rendimentos médios em torno de 58 sc/ha. Assim como está ocorrendo no milho, pequenos volumes estão sendo comercializados diretamente na lavoura. O ritmo lento da colheita se dá devido aos baixos preços praticados em Goiás. O valor da saca está em torno dos R\$ 13,00, com algumas variações, dependendo da região e da demanda do produto.

Figura 61 - Sorgo Itaberaí/GO pronto para colheita



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais em relação à safra passada registra-se um aumento de área de 6,9%, muito embora, o cultivo desse grão tenha reduzido, consideravelmente, no Norte do estado por causa da restrição da mão-de-obra no momento da colheita e da substituição pelo sorgo forrageiro. Apesar da redução de área ter sido significativa a queda na produção foi irrigária devido ao aumento de produtividade, especialmente, no Triângulo Mineiro, região com alta representativida-

de para a cultura. Nessa região houve aumento, inclusive de área, motivado pelo elevado custo de produção do milho em virtude do ataque de pragas. As lavouras se encontram em boas condições fitossanitárias, entretanto tem sido refúgio para a cigarrinha no Triângulo Mineiro, gerando uma preocupação para extensionistas e produtores. De modo geral a colheita ocorre dentro da normalidade, dado o risco de perda por causa de ataque de pássaros.

Figura 62 - Lavoura de sorgo em Carmo do Rio Claro/MG



Fonte: Conab.



Na Bahia o cultivo do sorgo ocupa a área de 98,5 mil hectares e com a colheita praticamente finalizada estima-se a produção de 105,2 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 11,4% na área cultivada e aumento de 18,3% na produção em relação à safra passada. A produção de sorgo é destinada

basicamente ao consumo interno, sendo consumido pelas indústrias granjeiras e pecuárias. Os campos de sorgo estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional, com rotação de cultura com o algodão, milho e soja.

Figura 63 - Lavoura de sorgo, aguardando a colheita. Riachão das Neves - BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso a lavoura estadual registra predominância do estádio da cultura em frutificação, com colheita em apenas alguns municípios. Assim, os trabalhos de campo se concentrarão após o término da colheita do milho segunda safra. A estimativa para a safra 2016/17 é de área de 37,6 mil hectares, decréscimo de 23,3% em relação aos 49 mil hectares semeados na safra passada. Tal recuo no espaço dedicado ao sorgo deve-se, em grande parte, à concorrência por espaço com o milho, que nesta safra registrou incremento significativo de área. A produtividade esperada é de 2.312 kg/ha, aumento de 20,7% em relação aos 1.915 kg/ha da safra anterior. Sendo assim, a produção está estimada em 86,9 mil toneladas, ante 93,8 mil da safra anterior.

Em Tocantins verificou-se um crescimento do cultivo do grão de 17,1% em relação à safra passada. Além do ganho na área ocupada, a cultura apresenta um ga-

nho em investimento, com maior uso de cultivares híbridos em algumas regiões do estado. A cultura já se encontra em plena fase de colheita e se espera uma produtividade de 12% maior em relação à safra passada.

Em São Paulo o sorgo, por ser uma cultura mais resistente à seca que o milho, e por ter as mesmas finalidades, tem surgido como uma alternativa para a segunda safra desde que supridas suas exigências hídricas. Essa cultura é mais tolerante às condições de estresse hídrico, o que lhe permite um período maior de cultivo. Outra peculiaridade desse importante cereal, utilizado para alimentação animal e humana, é exigir investimentos menores que o de outras culturas. O sorgo apresenta queda de 15,3% na área (produtor optou pelo milho) e a produtividade cresce 5,7% devido às boas condições climáticas.



Figura 64 - Lavoura de sorgo (maturação) – Orlândia/SP



Fonte: Conab.

Figura 65 - Lavoura de sorgo (maturação) - Franca/SP



Fonte: Conab.

No Piauí a área semeada de sorgo está estimada em 11,4 mil hectares, representando um aumento de 307,3% em relação à safra passada, já a produtividade prevista é de 2.044 kg/ha, redução de 13% em relação

ao levantamento anterior, devido à falta de chuva no final do ciclo da cultura que é plantada no período de safrinha. Atualmente 50% da área da cultura já foi colhida.

Figura 66 - Sorgo segunda safra Uruçuí/PI



Fonte: Conab.



Em Mato Grosso do Sul essa cultura vem sofrendo redução acentuada nos últimos anos, visto que os 7,7 mil hectares cultivados nessa safra apresentam queda de 19% em relação à safra passada. Quanto à produtividade, a expectativa é que sejam colhidos 3.500 kg/ha, o que representa um incremento de 3,2% sobre a safra anterior em decorrência de melhores condições climáticas durante o ciclo da cultura na safra atual. Esse grão, cultivado apenas no norte e nordeste do estado, segue como alternativa ao milho segunda safra, principalmente após atingir o período ideal de plantio desse grão, por ser uma cultura mais resistente às intempéries. O produto normalmente é de fácil comercialização e imediatamente após a colheita, são escoados para os centros consumidores não permanecendo armazenados no estado. Os preços são orientados pelo mercado de milho e via de regra segue na proporção de 80% desse grão.

Na Paraíba o produtor tradicionalmente não planta sorgo granífero. Por fatores econômicos não tem interesse na produção do grão de sorgo, ficando restrito à exploração do sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem e feno, para o consumo dos seus rebanhos. Na safra passada foram plantados 0,3 mil hectares de

sorgo granífero, destinado à formação de sementes. Essa cultura teve o plantio encerrado nessa safra, com uma área de 1,3 mil hectares e produtividade estimada em 1.600 kg/ha. Toda a cultura foi colhida, apresentando condições regulares. Do total plantado, 70% foi realizado por uma empresa especializada na produção de sementes, com uso de pacote tecnológico avançado que, em razão das restrições pluviométricas e falta de água para irrigação, a cultura aponta para redução de produtividade.

No Rio Grande do Norte, a área cultivada com sorgo granífero está estimada em 1,3 mil hectares, com um significativo incremento de 225% em relação aos 0,4 mil hectares plantados no ano anterior. A variação de área plantada foi a maior entre todas as culturas pesquisadas. O aumento da área plantada com sorgo ocorreu devido ao aumento das chuvas em relação ao ano anterior e pelo fato da espécie ser mais resistente a eventuais déficits hídricos que outras culturas. A produtividade apurada foi ligeiramente superior à da safra anterior, mas a produção total foi significativamente superior à do ano anterior em razão do aumento da área plantada.

Figura 67 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

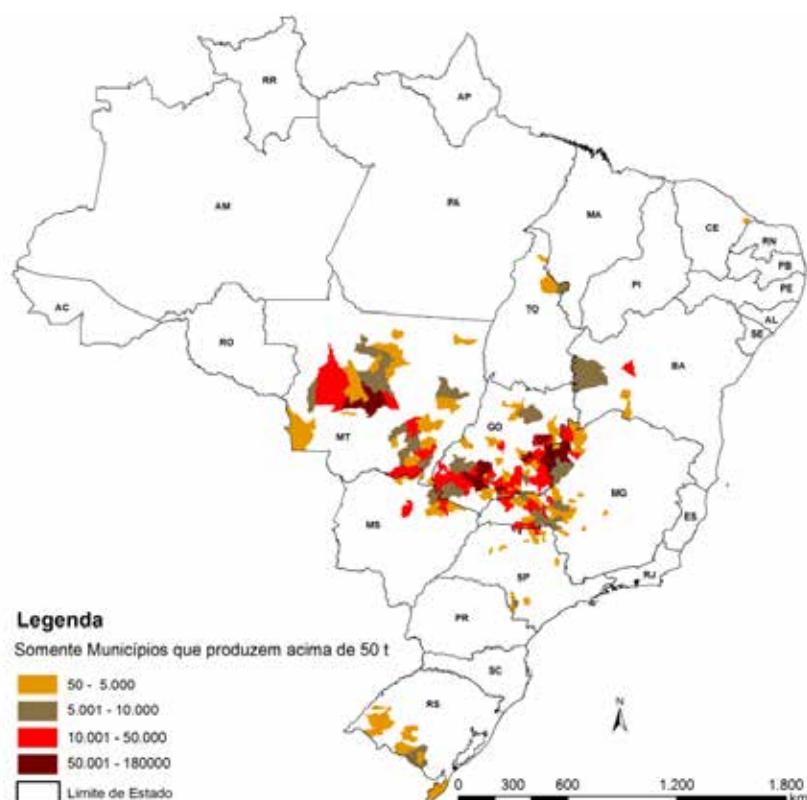
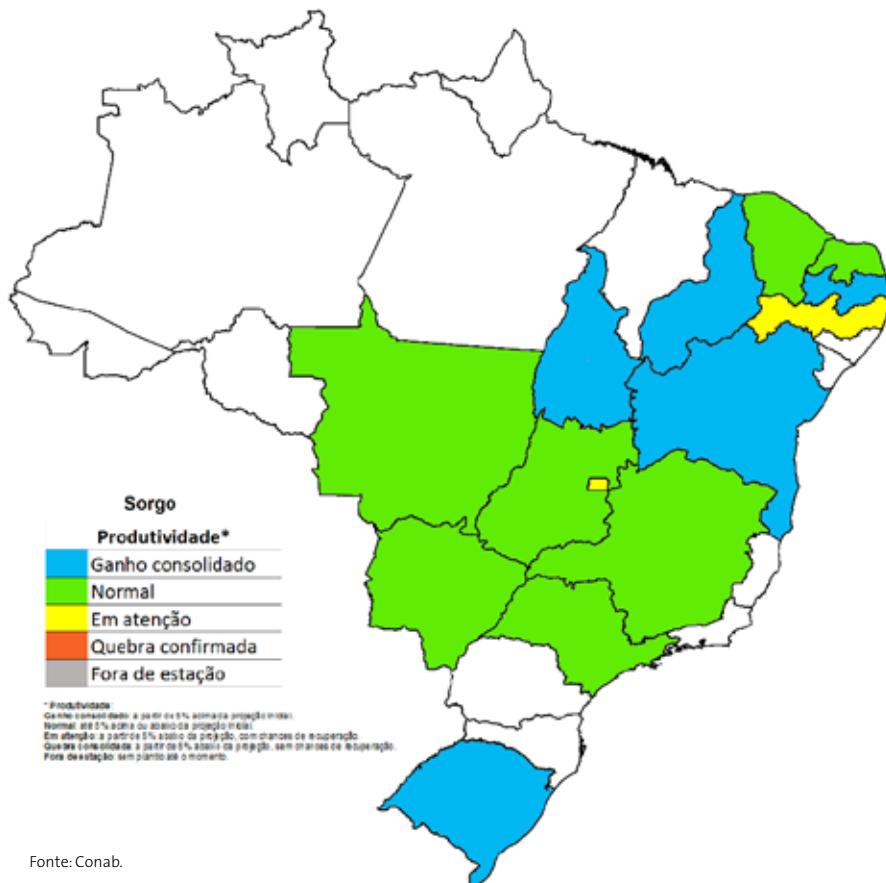


Figura 68 - Mapa da estimativa de produtividade - Sorgo



Fonte: Conab.

Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

[Laranja] Baixa restrição - falta de chuvas [Verde] Favorável [Amarelo] Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio; (G)=plantio; (DV)=germinação; (D)V=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	29,4	17,1	1.687	1.889	12,0	42,3	55,5	31,2
TO	25,1	29,4	17,1	1.687	1.889	12,0	42,3	55,5	31,2
NORDESTE	97,1	118,3	21,8	942	1.135	20,5	91,4	134,3	46,9
PI	2,8	11,4	307,3	45	2.044	4.442,2	0,1	23,3	23.200,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	1,3	225,0	1.224	1.244	1,6	0,5	1,6	220,0
PB	0,3	1,3	332,0	800	1.600	100,0	0,2	2,1	950,0
PE	4,5	5,1	13,3	167	155	(7,2)	0,8	0,8	-
BA	88,4	98,5	11,4	1.006	1.068	6,2	88,9	105,2	18,3
CENTRO-OESTE	262,8	282,4	7,5	1.836	3.374	83,7	482,6	952,9	97,5
MT	49,0	37,6	(23,3)	1.915	2.312	20,7	93,8	86,9	(7,4)
MS	9,5	7,7	(18,9)	3.390	3.500	3,2	32,2	27,0	(16,1)
GO	201,0	230,1	14,5	1.700	3.500	105,9	341,7	805,4	135,7
DF	3,3	7,0	112,1	4.500	4.800	6,7	14,9	33,6	125,5
SUDESTE	185,0	195,0	5,4	2.102	3.601	71,4	388,8	702,2	80,6
MG	172,6	184,5	6,9	2.018	3.610	78,9	348,3	666,0	91,2
SP	12,4	10,5	(15,3)	3.266	3.452	5,7	40,5	36,2	(10,6)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	147,7	20,9	1.095	1.285	17,4	133,7	189,8	42,0
CENTRO-SUL	456,8	486,4	6,5	1.965	3.458	76,0	897,8	1.682,1	87,4
BRASIL	579,0	634,1	9,5	1.782	2.952	65,7	1.031,5	1.871,9	81,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

9.2 CULTURAS DE INVERNO

Nesse décimo primeiro levantamento, a avaliação é que a produção nacional da safra de culturas de inverno seja de 6.572,1 mil toneladas. A semeadura está praticamente finalizada. Após atraso no plantio, em consequência do excesso de chuvas nas principais regiões produtoras, muitas áreas deixaram de ser cultivadas, representando uma diminuição de 9,1% em

relação à safra anterior. Devido ao deficit hídrico enfrentado nos últimos dias, principalmente na Região Sul do país, a situação é de atenção. Os relatos de geada também trouxeram reflexos negativos, principalmente no trigo plantado na região oeste do Paraná, onde a maior parte das lavouras estavam em fase suscetível, floração e enchimento de grãos.

9.2.1. AVEIA

No Rio Grande do Sul, as lavouras estão encaminhando para o início do período reprodutivo. Como as demais culturas, a aveia também sofre com a falta de chuva e 70% das lavouras apresentam padrão irregular, estande desuniforme e folhas amareladas por conta da

falta de umidade do solo. Além do deficit hídrico, de agora em diante a ocorrência de geadas poderá afetar mais significativamente a produtividade das lavouras. A estimativa de área plantada é de 248,2 mil hectares, 13,7% superior ao ano passado.



Figura 69 – Aveia em enchimento de grãos, em Ibiaçá-RS



Fonte: Conab.

Figura 70 – Aveia em maturação, em Tapejara-RS



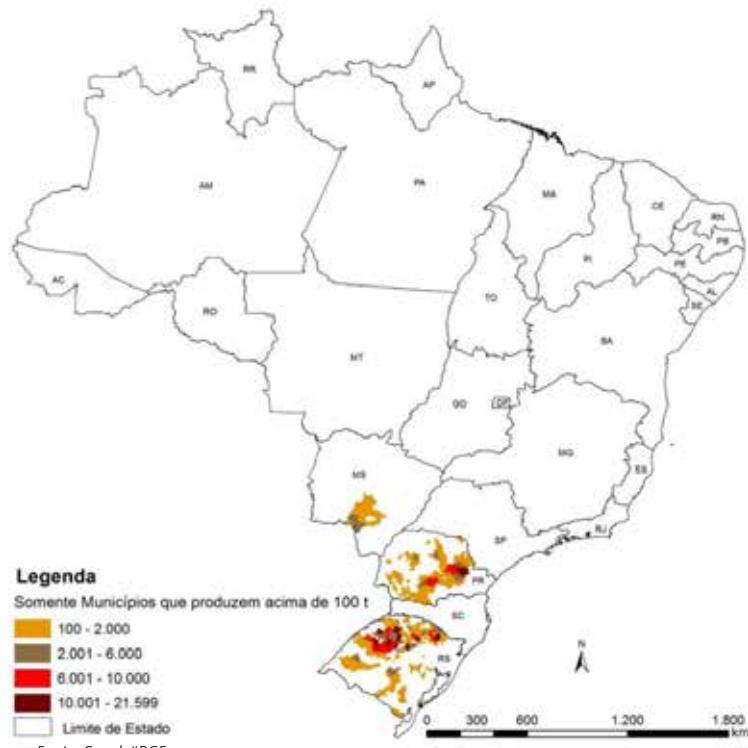
Fonte: Conab.

No Paraná, o plantio já atinge 94% da área estimada, 63,2 mil hectares. O aumento de 8,6% na área, em relação ao ano anterior, deve-se ao desestímulo dos produtores com a cultura do trigo. A produtividade prevista é de 2.315 kg/ha, o que representa 7,7% a menos que a safra anterior. Essa redução deve-se à estiagem dos últimos 40 dias. A maior parte das lavouras estão em boas condições, e as que se encontram em condições regulares é devido à ocorrência de geada e estiagem.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade estimada de aveia teve aumento de 6,7% em comparação com a safra anterior, refletindo as boas condições climáticas da atual safra. A maioria das lavouras plantadas são destinadas à cobertura do solo, pois o cereal tem pouco mercado no estado e a produção é enviada para o interior de São Paulo e para fabricação de ração. Atualmente as lavouras estão, principalmente, nos estádios de frutificação e maturação.



Figura 71 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 11 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	19,0	26,7	1.500	1.600	6,7	22,5	30,4	35,1
MS	15,0	19,0	26,7	1.500	1.600	6,7	22,5	30,4	35,1
SUL	276,5	311,4	12,6	2.912	2.622	(10,0)	805,3	816,4	1,4
PR	58,2	63,2	8,6	2.508	2.315	(7,7)	146,0	146,3	0,2
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	2.700	(10,6)	659,3	670,1	1,6
CENTRO-SUL	291,5	330,4	13,3	2.840	2.563	(9,8)	827,8	846,8	2,3
BRASIL	291,5	330,4	13,3	2.840	2.563	(9,8)	827,8	846,8	2,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.2.2. CANOLA

No Rio Grande do Sul, a semeadura da canola se iniciou no final de abril e primeiras semanas de maio e, portanto, as lavouras sofreram com os elevados índices de precipitação logo no início dessa fase, o que comprometeu a emergência. Depois disso, os últimos 30 dias com baixo regime de chuvas e a ocorrência de geadas devem refletir na produtividade e na lucratividade da cultura no estado. O clima seco impede o

manejo adequado do nitrogênio em cobertura, prejudicando o desenvolvimento das plantas e a floração. As plantas apresentam porte inferior ao normal, com aspecto amarelado nas folhas basais. Atualmente, as áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo (73%) e início de florescimento (27%), sendo essa a fase crítica à ocorrência de novas geadas e/ou excesso ou déficit hídrico.

Figura 72 – Canola em Erechim-RS.

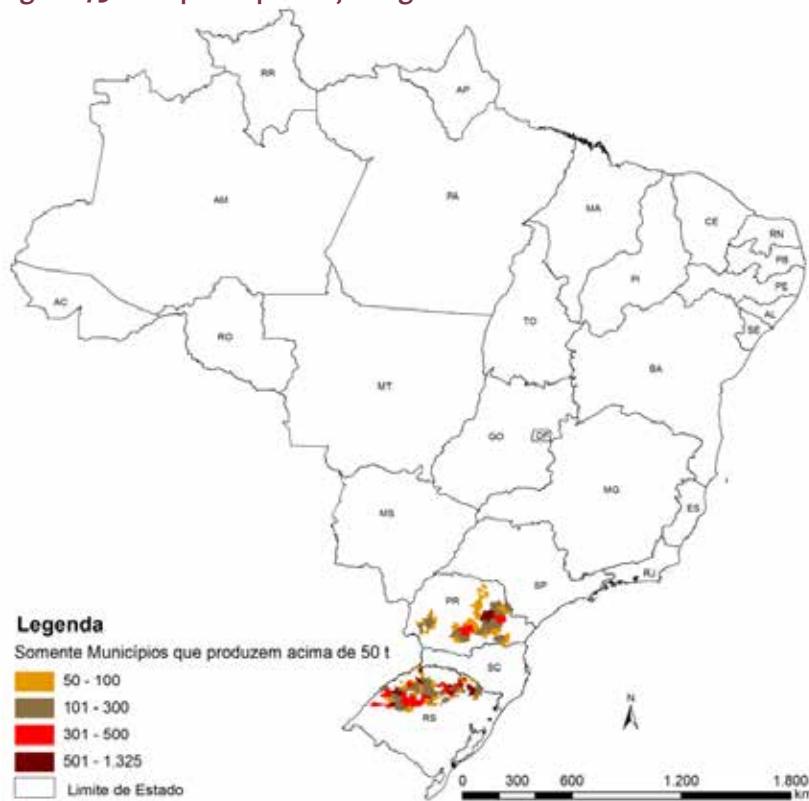


Fonte: Conab.

No Paraná, o plantio dos 4,6 mil hectares já está finalizado. Quando comparado à safra anterior, houve redução de área de 27,5%, atribuída à expectativa futura de mercado. Espera-se uma produtividade média de

1.497 kg/ha, valor muito próximo ao da safra anterior. Com relação ao levantamento anterior, o rendimento diminuiu em 10,3% porque a cultura foi afetada por estiagem e geada.

Figura 73 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	47,9	0,8	1.514	1.501	(0,9)	71,9	71,9	-
PR	6,3	4,6	(27,5)	1.479	1.497	1,2	9,3	6,9	(25,8)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	1.500	(1,3)	62,6	65,0	3,8
CENTRO-SUL	47,5	47,9	0,8	1.514	1.501	(0,9)	71,9	71,9	-
BRASIL	47,5	47,9	0,8	1.514	1.501	(0,9)	71,9	71,9	-

Fonte: Conab.

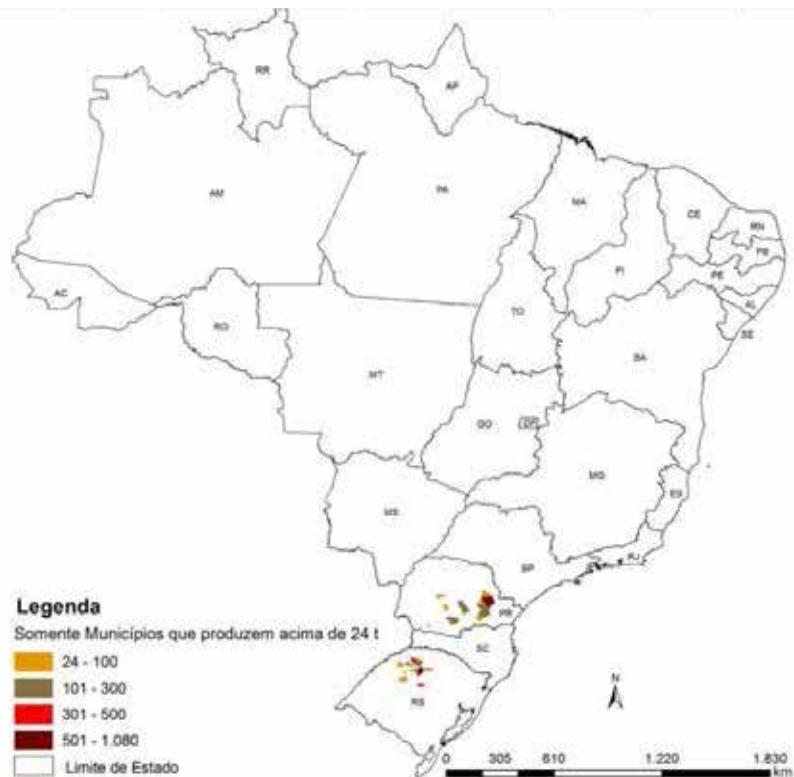
Nota: Estimativa em agosto/2017.

9.2.3. CENTEIO

No Paraná são poucos os municípios que plantam centeio e muitas vezes é consorciado com outras gramíneas de inverno, como opção de manejo em substituição ao trigo. A previsão de área é de 2,1 mil hectares, dos quais 81% já está plantado. No momento, não se

consideram perdas de produtividade em decorrência da estiagem. Se confirmada essa área, haverá um incremento de 111%, quando comparada à safra anterior, pois na safra passada houve falta de sementes.

Figura 81 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.500	(3,8)	6,5	9,0	38,5
PR	1,0	2,1	111,0	2.402	2.328	(3,1)	2,4	4,9	104,2
RS	1,5	1,5	-	2.700	2.700	-	4,1	4,1	-
CENTRO-SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.500	(3,8)	6,5	9,0	38,5
BRASIL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.500	(3,8)	6,5	9,0	38,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.2.4. CEVADA

No Rio Grande do Sul, a cevada segue situação semelhante às demais culturas de inverno, em fase de desenvolvimento vegetativo e com problemas de estabelecimento, perfilhamento e crescimento.

No Paraná, o plantio do cereal é tipicamente realizado com fomento das maltarias, que fornecem todos os insumos e garantem a compra do produto a preços pré-definidos em contratos. O plantio está concluído e a área plantada foi de 50,9 mil hectares, ou seja, 19,8% superior em relação à safra anterior. Esse aumento ocorre devido aos baixos preços do trigo, fomento das maltarias e pelo ótimo desempenho da cultura na safra passada.

Em Santa Catarina, o plantio, estimado em uma área de 1,2 mil hectares, é concentrado em municípios do Oeste, fomentados por Cooperativa local, para atender demanda da indústria cervejeira. Assim como acontece com o trigo, as condições climáticas não estão favoráveis ao cultivo da cevada. Baixas precipitações estão interferindo no desenvolvimento das lavouras e nos tratos culturais, principalmente em relação à aplicação de adubação de cobertura. As últimas lavouras semeadas podem apresentar desuniformidade em relação à germinação devido ao baixo índice de umidade do solo. As fases da cultura se concentram em germinação (30%) e desenvolvimento vegetativo (70%).

Figura 74 - Mapa da produção agrícola - Cevada

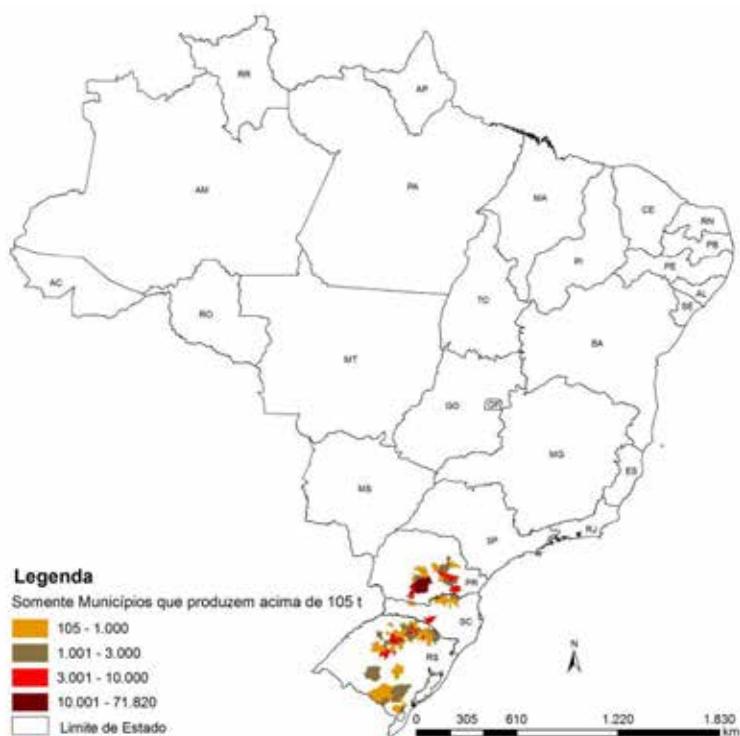


Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	109,1	14,1	3.921	3.555	(9,3)	374,8	387,8	3,5
PR	42,5	50,9	19,8	4.682	4.521	(3,4)	199,0	230,1	15,6
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	3.175	(33,9)	6,2	3,8	(38,7)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.700	(17,5)	169,6	153,9	(9,3)
CENTRO-SUL	95,6	109,1	14,1	3.921	3.555	(9,3)	374,8	387,8	3,5
BRASIL	95,6	109,1	14,1	3.921	3.555	(9,3)	374,8	387,8	3,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.



9.2.5. TRIGO

No Paraná, o plantio está concluído, totalizando uma área de 864,8 mil hectares, 20,4% menor quando comparada à safra anterior. Essa redução ocorreu devido aos baixos preços do cereal no plantio. A maior preocupação para a cultura está no clima, que compromete significativamente toda a safra. As geadas ocorridas em julho atingiram as lavouras de plantio mais adiantado, que estavam em estádio de floração, frutificação (fases críticas para a falta de chuva) e parte das áreas em desenvolvimento vegetativo. Porém, os números de perda pela geada não são conclusivos e necessitam de mais tempo para uma resposta no campo. Também tem sido muito visível o efeito da estiagem, onde as lavouras estão pouco desenvolvidas. Há relatos sobre a incidência de óidio, fato que tem ocorrido devido à combinação de clima seco e baixas temperaturas, aumentando assim, o número de aplicações de fungicida.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do trigo se encontra praticamente finalizada, restando apenas cerca de 5% a ser plantada. Em praticamente todas as regiões do estado a cultura se encontra em estádio de desen-

volvimento vegetativo. As condições meteorológicas, observadas desde a semeadura, não devem proporcionar produtividades semelhantes às verificadas na safra passada, visto à dificuldade de semeadura devido ao excesso de chuvas e a posterior estiagem no período de estabelecimento da cultura, reduzindo o crescimento das plantas e impedindo a adubação nitrogenada de cobertura. Na região noroeste do estado o estande desuniforme, pouco perfilhamento e baixa umidade do solo estão comprometendo as lavouras, que já se encontram 55% boas e 45% regulares. Já em outras regiões, caso chova em breve e com auxílio da adubação nitrogenada, ainda é possível reverter perdas iniciais. Outro fator que provavelmente levará a uma redução da produtividade do trigo é a baixa tecnologia empregada na implantação da cultura, influenciado pelo baixo preço recebido pelos produtores na safra anterior, que até o momento segue pouco atrativo. Com isso, os produtores reduziram investimento, principalmente em adubação. Além disso, confirmou-se a expectativa de redução de cerca de 10% na área semeada.

Figura 75 - Trigo em desenvolvimento vegetativo, em Ibiaçá-RS.



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as condições climáticas não estão sendo favoráveis às lavouras. Depois do excesso de chuva em junho, que atrapalhou o início do plantio em algumas regiões, a estiagem, que dura desde o final daquele mês e que avançou nos primeiros dias de agosto, já causa problemas nas lavouras de todas as regiões. Nas áreas implantadas há mais tempo, onde a cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo e perfilhamento, a falta de umidade no solo não dá condições para a aplicação de fertilizantes nitrogenados em cobertura, o que poderá afetar o po-

tencial produtivo de muitas lavouras. Nas lavouras semeadas há poucos dias, a baixa umidade do solo não dá condições ideais para a germinação e, quando esta acontece, não é raro sua desuniformidade. Ainda, após a chuva de fraca intensidade ocorrida no início da segunda quinzena de julho, uma forte massa polar derrubou as temperaturas, favorecendo a ocorrência de geadas por vários dias consecutivos, o que afetou a qualidade de algumas lavouras de trigo, apesar de a cultura ser considerada resistente a estas condições. Devido, principalmente, à baixa rentabilidade obtida



com a cultura na safra passada, a área de plantio sofreu um decréscimo na safra atual em torno de 7,2%, podendo alcançar aproximadamente 53,9 mil hectares. As lavouras se encontram totalmente semeadas e estão distribuídas nos estádios de germinação (39%), desenvolvimento vegetativo (37%) e perfilhamento (24%), e sua qualidade pode ser definida como boas (53%), regulares (45%) e ruins (2%).

Em Minas Gerais, as lavouras de trigo se encontram em estádios de granação e, principalmente, maturação no sul do estado. No Triângulo Mineiro aproxi-

madamente 70% se encontra colhido e o restante em ponto de colheita. Houve redução de 2,1% na produtividade em relação ao levantamento anterior devido ao baixo desenvolvimento da cultura em alguns municípios do Sul de Minas, por motivos ainda não identificados e ao ataque de brusone no Triângulo Mineiro. Apesar da doença, os grãos colhidos nas áreas tecnificadas são de boa qualidade visto que o controle foi realizado de maneira adequada. Praticamente não houve alteração na área plantada, apesar do preço estar atrativo no cenário atual. Há relatos de falta de semente para comercialização na região.

Figura 76 - Lavoura de trigo em Boa Esperança-MG.



Fonte: Conab.

Em São Paulo, as lavouras de trigo seguem em bom estado. As condições para o cereal de inverno são favoráveis. A onda de frio que atingiu o estado recentemente só trouxe benefício para a cultura, pois não houve incidência de geadas. A maioria das lavouras se encontram em fase de desenvolvimento e enchimento de grãos, fato que se observa junto a esse levanta-

mento foi o aumento da área de trigo, se comparada ao levantamento anterior, pois a cultura substituiu as áreas que até então seriam destinadas ao milho segunda safra devido à melhor remuneração. A avaliação é de acréscimo de 18,4% na área e 4,2% na produtividade em relação à safra passada.

Figura 77 - Lavoura de trigo em Itapeva-SP.



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras se encontram, principalmente, nos estádios de frutificação e perfilhamento. O clima não está favorável ao crescimento e desenvolvimento da cultura, pois há um veranico de

mais de 40 dias em todo o estado e a geada ocorrida em julho afetou muito as lavouras do cereal. Além disso, há relatos de brusone e oídio em muitos campos de produção do cereal.



No Distrito Federal, a área cultivada com trigo será de 0,9 mil hectares, com produtividade média estimada em 6.000 kg/ha, configurando, portanto, uma produção estimada de 5,4 mil toneladas. Os produtores estavam otimistas em relação ao crescimento de área, porém, no período de semeadura, quando as culturas concorrentes como feijão e milho apresentaram cotações recordes no mercado, associadas à falta de umidade para implantação das lavouras, o trigo de sequeiro sofreu drástica redução de área. No trigo irrigado, muitos produtores desistiram de plantar pela falta de água para irrigação, destinando os recursos escassos para culturas mais rentáveis, como milho para semente. A colheita está prevista para acontecer em agosto. O triticultor da região central do Brasil tem

como vantagem o trigo do cerrado, que é o primeiro a ser colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além dos preços atrativos de mercado favorece também o período de escassez do produto, por ser a entressafra da produção nacional.

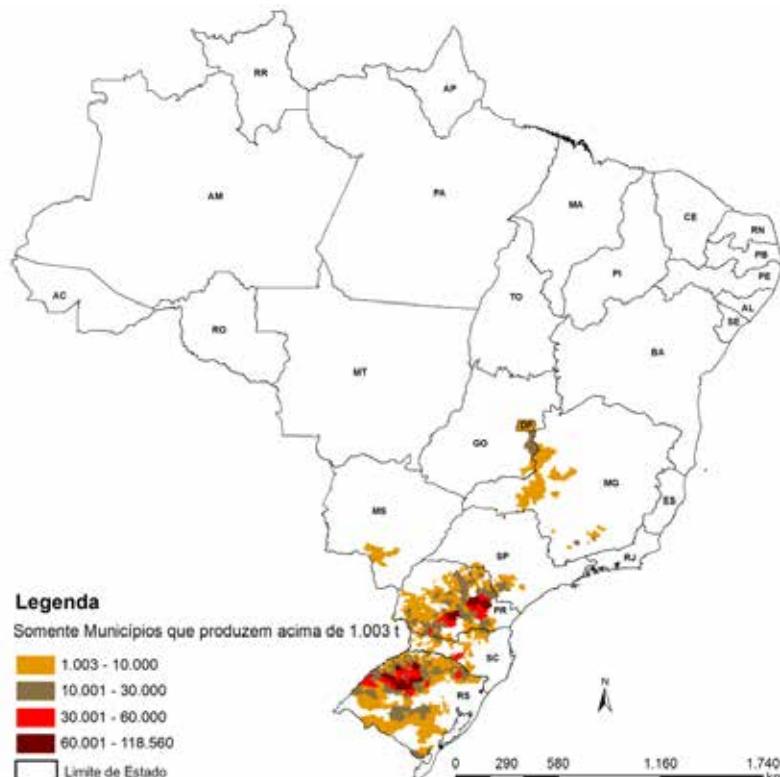
Na Bahia, o cultivo de inverno do trigo foi iniciado em meados de maio em manejo irrigado. A expectativa de plantio é de 5 mil hectares, esperando-se o rendimento de 6.000 kg/ha (100 sc/ha) e a produção de 30 mil toneladas. A colheita deverá ocorrer em agosto. Os plantios se concentram na região extremo-oeste do estado em manejo irrigado com pivô central, realizado em sistema de plantio direto e convencional.

Figura 78 - Trigo irrigado em estágio de frutificação em Riachão das Neves - BA.



Fonte: Conab.

Figura 79 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,9	(3,0)	3.657	3.511	(4,0)	120,3	112,0	(6,9)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	2.400	3,1	41,4	48,0	15,9
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,9	12,5	6.000	6.000	-	4,8	5,4	12,5
SUDESTE	161,1	175,6	9,0	2.852	3.000	5,2	459,4	526,8	14,7
MG	84,3	84,7	0,5	2.599	2.722	4,7	219,1	230,6	5,2
SP	76,8	90,9	18,4	3.129	3.259	4,2	240,3	296,2	23,3
SUL	1.921,4	1.617,9	(15,8)	3.190	2.798	(12,3)	6.129,1	4.527,4	(26,1)
PR	1.086,4	864,8	(20,4)	3.140	2.868	(8,7)	3.411,3	2.480,2	(27,3)
SC	58,1	53,9	(7,2)	3.800	2.957	(22,2)	220,8	159,4	(27,8)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.700	(16,0)	2.497,0	1.887,8	(24,4)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.825,4	(13,7)	3.171	2.830	(10,8)	6.708,8	5.166,2	(23,0)
BRASIL	2.118,4	1.830,4	(13,6)	3.175	2.839	(10,6)	6.726,8	5.196,2	(22,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.

Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	G/DV	DV/F	M/C	FR/M	M/C	C		
SP	Itapetininga				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Serrana						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA DO TRIGO

Diante dos números divulgados acerca das importações e exportações realizadas em julho, tornou-se necessário revisar os valores do quadro de oferta e demanda de trigo para a safra 2016/17. Foram importadas 505,4 mil toneladas a um valor total na ordem de US\$ 98,3 milhões. Em contrapartida, não houve qualquer operação de exportação nesse período.

De acordo com a Secex, entre agosto de 2016 e julho deste ano, a importação brasileira de trigo foi de 7,09 milhões de toneladas, a um custo total de US\$ 1.346,8 milhões. O trigo de origem argentina, até julho, participou com 64,7% do total, enquanto o estadunidense com 17,8%, o paraguaio com 10,5%, o uruguai com 4,3% e o canadense com 2,7%.

Quanto às exportações, foram negociadas com o exterior 576,8 mil toneladas. A Coréia do Sul adquiriu 43,4% do total, Vietnã 18,8%, Indonésia 11,2%, Arábia Saudita 10,8%, Mauritânia 10,5% e a Argélia 5,3%. Como já observado nos últimos anos, a balança comercial para esse produto apresentou saldo negativo, registrando um déficit de 6,51 milhões de toneladas.

O suprimento nacional na safra 2016/17 correspondeu a 14,62 milhões de toneladas, valor 19,6% maior

que o anterior. Esse aumento se deu pelo elevado volume importado e pelas boas condições climáticas observadas nas principais regiões produtoras do país. Desse modo, foi estimada uma moagem industrial de 11,2 milhões de toneladas e um estoque de passagem para a safra 2017/18 na ordem de 2,53 milhões de toneladas.

Para a safra 2017/18, cujo plantio encontra-se praticamente finalizado na Região Sul, a previsão é que sejam produzidas 5,20 milhões de toneladas de trigo em todo o país, utilizando uma área total de 1,83 milhão de hectares.

Com estoques iniciais estimados em 2,53 milhões de toneladas, será necessário importar 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Por outro lado, espera-se que o país exporte o equivalente a 700 mil toneladas de trigo.

Projetando um cenário de recuperação econômica, espera-se uma moagem industrial na ordem de 11,2 milhões de toneladas ao longo da safra 2017/18. Com isso, a previsão é que o consumo interno gire em torno de 11,47 milhões de toneladas, impulsionado pela ampla oferta de trigo no Brasil e no resto do mundo.



9.2.6. TRITICALE

No Paraná, da área estimada de 9,5 mil hectares a ser plantada nessa safra, 91% já se encontra concluída. Quando comparada à safra anterior, haverá redução de área de 2,1% devido à pequena expressão econômica do cereal. A previsão de produtividade é de 2.823 kg/ha, o que representa uma redução de 8,8% em relação à safra anterior devido à ocorrência de geadas e estiagem.

Em São Paulo, os grãos de triticale são utilizados principalmente para a alimentação animal e, em menor

quantidade, na alimentação humana. Todavia, devido ao baixo interesse na triticultura nacional e consequente queda dos preços do trigo em grão, o triticale passou a ser demandado para ração animal em substituição ao milho devido ao menor custo de produção. Além do uso na ração animal, que varia em face das oscilações do preço do milho, há também a demanda por alimentação humana, onde é misturado ao trigo. A área plantada deverá ser de 7,5 mil hectares e a produtividade esperada é de 2.880 kg/ha.

Figura 80 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.880	0,9	21,4	21,6	0,9
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.880	0,8	21,4	21,6	0,9
SUL	16,0	15,2	(5,0)	2.919	2.553	(12,5)	46,7	38,8	(16,9)
PR	9,7	9,5	(2,1)	3.097	2.823	(8,8)	30,0	26,8	(10,7)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.100	(22,2)	15,4	12,0	(22,1)
CENTRO-SUL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.661	(8,2)	68,1	60,4	(11,3)
BRASIL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.661	(8,2)	68,1	60,4	(11,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2017.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2016/17, estimada com base nos dados décimo primeiro levantamento da safra de grãos 2016/17 e nos preços recebidos pelos produtores em julho de 2017, totalizou R\$ 167,19 bilhões. Esse número é 12,8% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 191,73 bilhões.

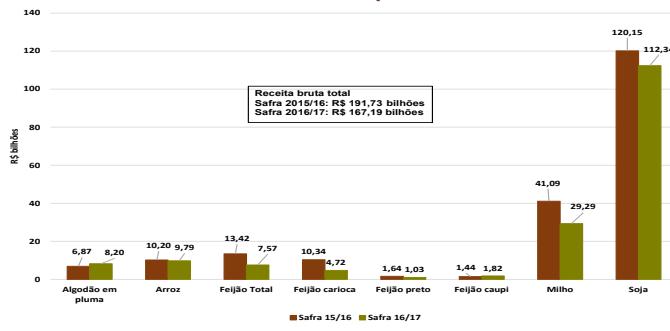
Tabela 46 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade			VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)			
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	07/2016	07/2017	Variação	07/2016	07/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,52	18,2%	15	79,95	80,76	1,0%	6,87	8,20	19,4%
Arroz	10,60	12,33	16,3%	60	57,73	47,64	-17,5%	10,20	9,79	-4,1%
Feijão Total	2,51	3,36	33,6%	60	320,32	135,27	-57,8%	13,42	7,57	-43,6%
Feijão-carioca	1,68	2,12	26,0%	60	369,02	133,63	-63,8%	10,34	4,72	-54,4%
Feijão-preto	0,47	0,50	7,5%	60	209,63	122,68	-41,5%	1,64	1,03	-37,1%
Feijão-caipi	0,36	0,73	102,7%	60	237,71	148,65	-37,5%	1,44	1,82	26,7%
Milho	66,53	97,19	46,1%	60	37,05	18,08	-51,2%	41,09	29,29	-28,7%
Soja	95,43	114,04	19,5%	60	75,54	59,11	-21,8%	120,15	112,34	-6,5%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	191,73	167,19	-12,8%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de produção em julho/2017 e preços de julho de 2016 e 2017.

Gráfico 58 – Receita bruta dos produtores rurais– Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

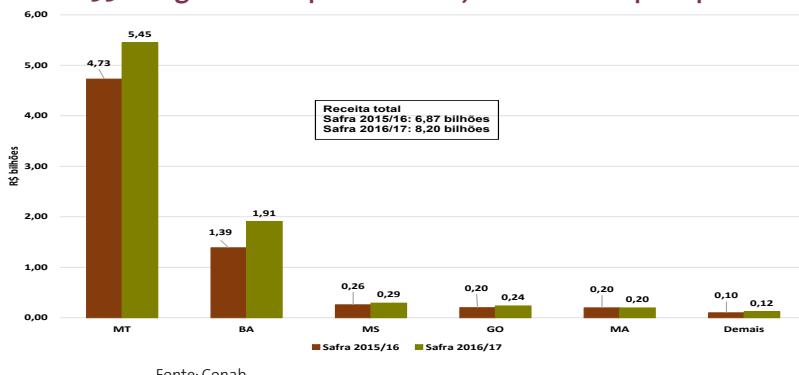
A seguir, serão apresentados os cálculos detalhados do cômputo da receita bruta para cada um dos produtos supracitados.

10.1. ALGODÃO

Em Mato Grosso, maior produtor da fibra (67% do total da safra), a produção aumentou de 880,5 para 1.013 mil toneladas (15%) e os preços médios recebidos evoluíram de R\$ 80,54 para R\$ 80,65/arroba (0,1%) entre julho de 2016 e 2017. Com esses dados, a estimativa da receita passará de R\$ 6,8 em 2015/2016 para R\$ 8,2 bilhões em 2016/17, variação de 19,4%.

Na Bahia, segundo maior produtor (21% do total da safra), a produção aumentou 29,1% (de 247,3 para 338,7 mil toneladas) e os preços, 0,5% (de R\$ 84,16 para R\$ 84,54/arroba). Em consequência desse comportamento, a receita bruta do algodão baiano apresenta crescimento de 37,6%, saltando de R\$ 1,39 para R\$ 1,91 bilhão.

Gráfico 59 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Julho/2016 a Julho/2017



Fonte: Conab.



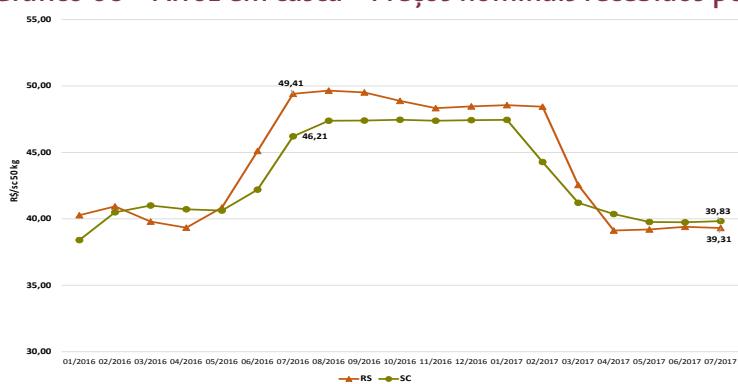
Para os demais estados produtores foram encontrados aumentos ou estabilizações nas respectivas estimativas da receita bruta para os estados da Região Nordeste e da Região Centro-Oeste. Dessa forma, observa-se no cálculo total para a receita bruta dos

10.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, esse fator indica forte componente principal dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Isso posto, a produção

produtores da fibra no Brasil, na safra 2016/17, o valor de 8,2 bilhões de reais, valor superior em 19,4% a aquele observado para a safra anterior. Na safra 2016/17, o valor de 8,64 bilhões de reais, valor superior em 22,6% a aquele observado para a safra anterior.

Gráfico 60 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

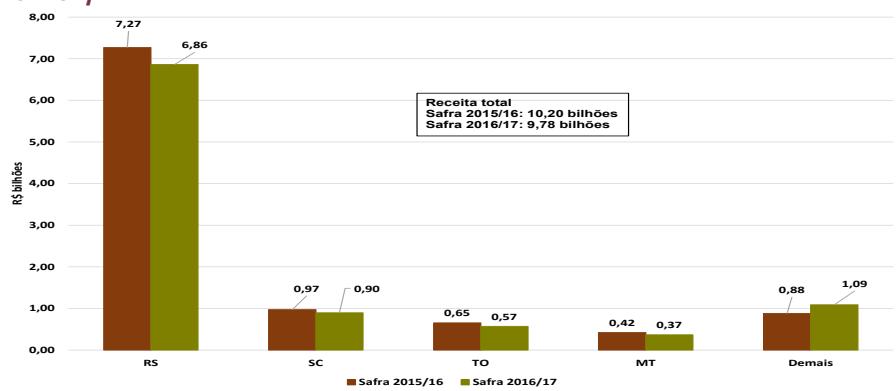


Fonte: Conab.

O cenário de incremento da produção não conseguiu superar o impacto do decréscimo dos preços praticados, o que culminou em redução da receita bruta estimada para a safra atual, com o montante de 6,9 bilhões para o Rio Grande do Sul, frente a 7,27 bilhões da safra anterior; e o montante de 0,9 bilhões estimados para a safra 2016/17, contra 0,9 bilhões da safra imediatamente anterior. Esses valores estimados da receita bruta culminaram em reduções de 5,6% e 7,8% para o Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, respectivamente.

nas Unidades da Federação supracitadas, conforme décimo primeiro levantamento, indica retração de 5,6% e 7,8%, respectivamente. Além disso, os preços praticados na região sofreram decréscimos de 20,4% e 13,8%, respectivamente.

Gráfico 61 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 e julho/2017



Fonte: Conab.

Nos demais estados produtores do cereal encontramos distintos comportamentos na produção, alguns com diminuição e outros com aumento, de magnitudes distintas que impactaram a receita bruta total do arroz de diferentes formas. Já em relação aos preços recebidos pelos produtos nas demais Unidades da Federação produtoras, foram observadas tendências de queda. A partir da conjunção desses movimentos na produção e nos preços, observa-se uma estimativa de 9,78 bilhões de reais para a safra 2016/17, frente a 10,2 bilhões da safra 2015/16, apresentando decréscimo de 4,1%.



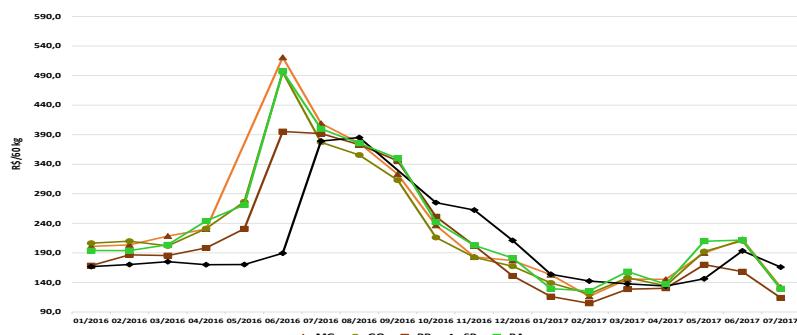
10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO-CARIOMA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Especialmente para o feijão-carioca, observam-se aumentos na produção nos maiores estados produtores, são eles: Minas Gerais, Paraná e Goiás, na safra

2016/17; especialmente para o Paraná, com aumento na produção de 39%. Todavia, há uma forte tendência de queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de julho de 2016 e julho de 2017.

Gráfico 62 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

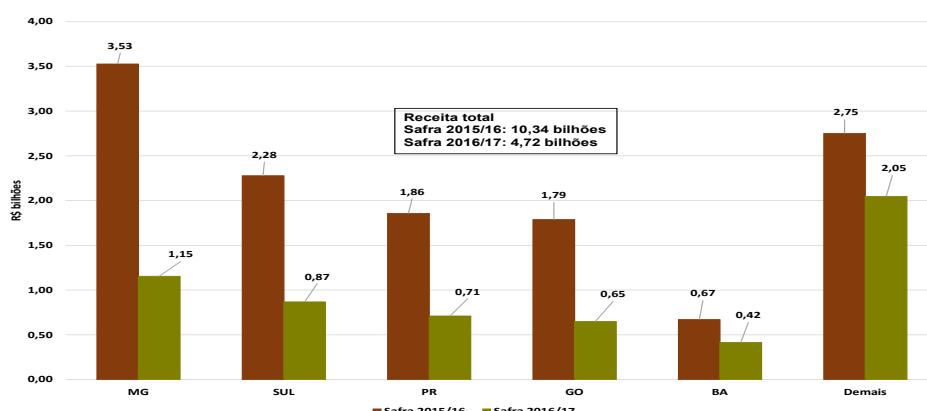


Fonte: Conab.

Essa forte diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 4,72 bilhões para

2016/17, 54% menor do que o observado na safra anterior, de 10,34 bilhões em 2015/16.

Gráfico 63 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-carioca – Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 e julho/2017



Fonte: Conab.

10.3.2. FEIJÃO-PRETO

A cultura de feijão-preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca, ou seja, crescimento na produção da semente; porém, queda considerável nos preços recebidos pelo produtor. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina; juntos, correspondem a 95% da produção do feijão-preto. O Paraná apresenta cres-

cimento de 15% na produção, todavia, encontra-se decréscimo de 42,9% nos preços recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Catarina, e no Rio Grande do Sul houve decréscimo na produção e, também, nos preços.

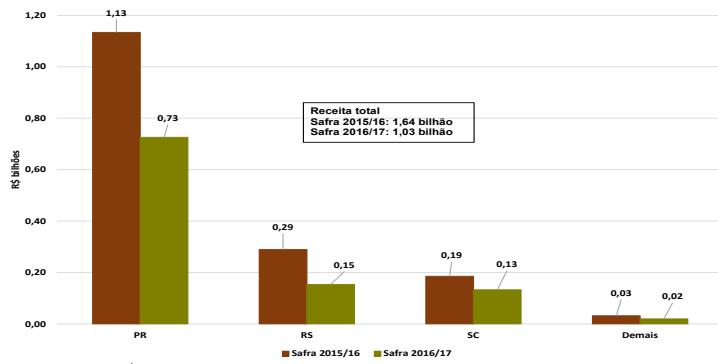
A partir desse cenário de crescimento na produção e



forte queda nos preços praticados a estimativa total da receita bruta para o feijão-preto, na safra 2016/17,

foi de 1,03 bilhão de reais, valor 37,1% menor que o observado na safra 2015/16, de 1,64 bilhões.

Gráfico 64 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-preto – Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 a julho/2017



Fonte: Conab.

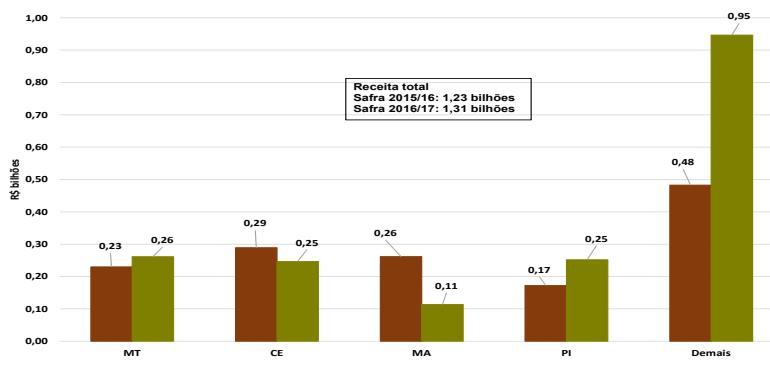
10.3.3. FEIJÃO-CAUPI

Já para o feijão-caupi se encontra maior produção na Região Norte - Nordeste do que na Região Centro-Sul. Nesse caso, em diferença ao observado para o feijão-carioca e o feijão-preto, o movimento de expansão da produção frente ao decréscimo dos preços foi superior, pois, no total se espera a produção duas vezes maior em relação à safra de 2015/16 e o decréscimo nos preços esteve por volta de 47,5%. Dessa forma, o estado com maior parcela na produção no Nordeste, Ceará, apresentara crescimento expressivo na produ-

ção da semente, 134,2% e queda nos preços recebidos pelos produtores de 58,8%.

Nesse cenário, com a presença do Mato Grosso, maior produtor do feijão-caupi, também se observa aumento na produção e decréscimo nos preços, 62,7% e 34,3%, respectivamente. Isso posto, a receita bruta total do feijão-caupi para a safra 2016/17 está estimada em 1,82 bilhão de reais, 26,7% maior que o estimado para a safra 2015/16 (1,4 bilhão).

Gráfico 65 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-caupi– Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 a julho/2017



Fonte: Conab.

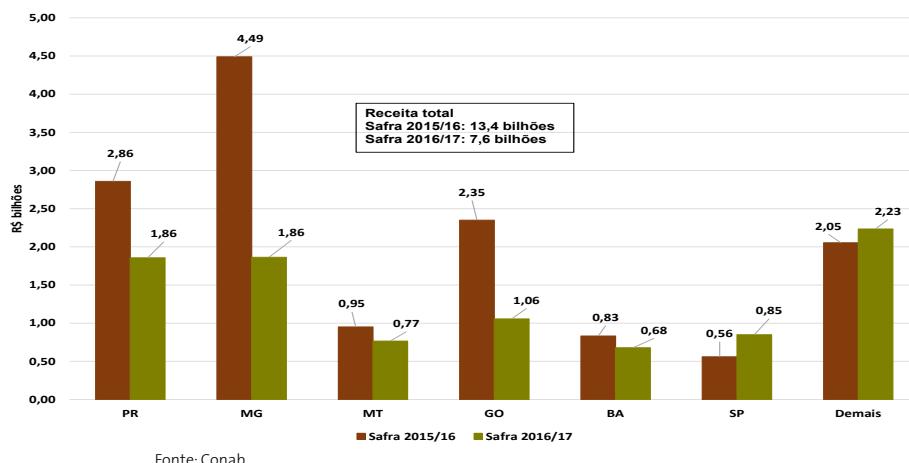
10.3.4. FEIJÃO TOTAL (CAUPI, PRETO E CAUPI)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se a

receita bruta do total de R\$ 13,4 bilhões na temporada 2015/16 e R\$ 7,6 bilhões em 2016/17.



Gráfico 66 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 e julho/2017



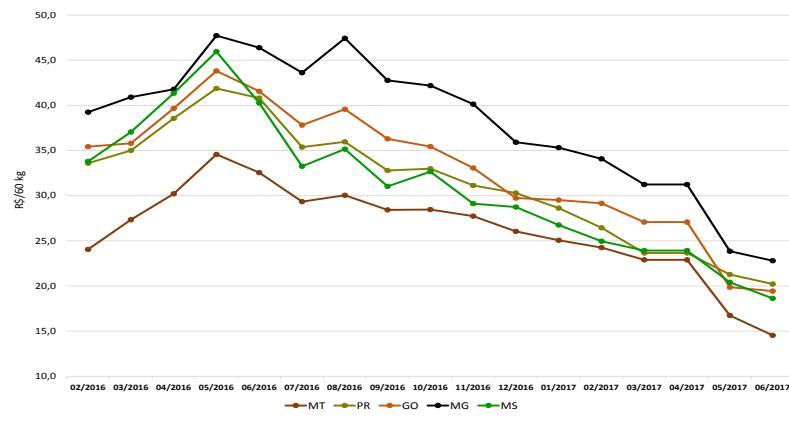
Fonte: Conab.

10.4. MILHO

O cereal apresenta duas safras no Brasil, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todos os Estados da Federação. Os dois maiores produtores são o Mato Grosso e o Paraná, com 28,5% e 18,8% da produção nacional, respectivamente.

Todavia, tanto os preços externos e internos estão sofrendo forte pressão baixista nesse período. Por exemplo, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média, na comparação de Julho de 2016 e Julho de 2017, de 51%.

Gráfico 67 – Preços nominais recebidos pelos produtores



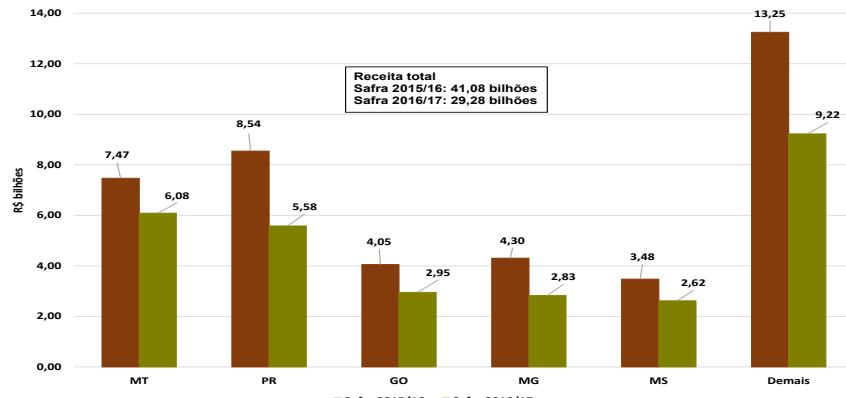
Fonte: Conab.

A produção nacional apresentou forte tendência de crescimento na produção, inclusive nos maiores estados produtores, porém a queda observada nos preços praticados foi mais relevante no binômio produção versus preço recebido. Em Mato Grosso, a produção superou a safra anterior em 75,6%, porém, acompanhada de um decréscimo nos preços de 55,1%; de forma semelhante,

no Paraná, observa-se crescimento de 26,2% na produção do cereal e queda no preço de 48,2%. Nesse cenário, a estimativa da receita bruta total para o milho foi de 29,3 bilhões de reais para a safra 2016/17, já para a safra de 2015/16, observa-se a estimativa de 41,01 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 28,7%.



Gráfico 68 – Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 e julho 2017



Fonte: Conab.

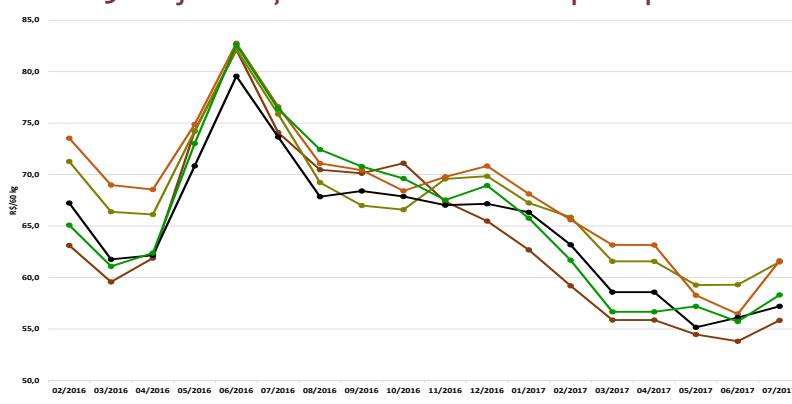
10.5. SOJA

O décimo primeiro levantamento estima a produção da soja para a safra 2016/17 em 114,03 mil toneladas, quando comparada com a safra anterior, 2015/16, a produção experimenta um novo aumento de 19,4% para a produção nacional. Os maiores estados produtores se encontram nas Regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, com destaque para o Mato Grosso, Paraná e o Rio Grande do Sul, que juntos, correspondem a 60% da produção nacional. É relevante também apresentar o forte crescimento relativo observado no Maranhão, Tocantins, Piauí e na Bahia, que apresentaram aumento de 99,8%, 68,4%, 217,1% e 59,5%, respectivamente, na produção dessa oleaginosa. A região formada por esses estados, denominada Matopiba, vem apresentando de maneira contínua crescimentos ex-

pressivos na cultura da soja.

Todavia, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos em todos os 16 estados produtores, com queda média de 21,8% nos preços recebidos pelos produtores. Ou seja, há uma tendência de queda nos preços tanto internamente como no mercado externo, conforme apresentado na conjuntura semanal da Conab para soja na semana de 24 de julho de 2017 a 28 de julho de 2017, na qual a variação anual da cotação internacional na bolsa de Chicago é de diminuição em 1,21%. O Gráfico a seguir apresenta o comportamento dos preços internos da soja para o período de fevereiro de 2016 a julho de 2017.

Gráfico 69 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

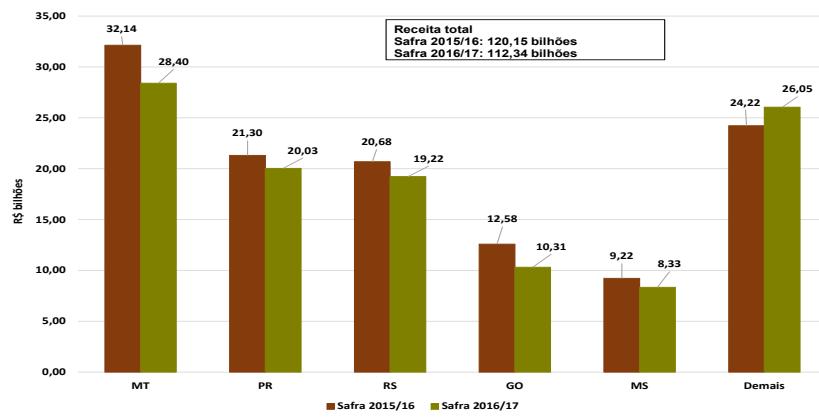
Todavia, o movimento de forte incremento na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda relativa na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2016/17. De forma particular,

o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 28,4 bilhões de reais para a temporada 2016/17. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 32,14 bilhões, com decréscimo relativo de 11,6%. To-



davia, nas Unidades da Federação que formam o Matopiba, encontram-se aumentos na receita bruta estimada para eles. Os valores são 2,72 bilhões de reais no Maranhão, 2,8 bilhões no Tocantins, 2,08 bilhões no Piauí e 5,01 bilhões de reais na Bahia, com destaque para o Piauí, onde a receita bruta cresceu em 152,5%.

Gráfico 70 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17 de julho/2016 e julho/2017



Fonte: Conab.

Isso posto, com distintos movimentos nas diferentes regiões produtoras, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2016/17 foi de 112,34 bilhões de reais, frente à estimativa de 120,15 bilhões da safra anterior; um decréscimo de 6,5%.





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 47 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.523,2	25,0	1.749,5	720,0	850,0	179,5
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.326,6	1.000,0	13.757,4	11.500,0	800,0	1.457,4
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.354,1	150,0	3.690,1	3.350,0	120,0	220,1
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
	2016/17	7.999,0	97.191,2	500,0	105.690,2	56.100,0	28.000,0	21.590,2
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	114.041,9	300,0	115.818,1	47.281,0	63.000,0	5.537,1
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.443,8	1.846,3
	2016/17	1.846,3	33.110,0	1,0	34.957,3	17.000,0	15.900,0	2.057,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	66,1	8.203,8	6.380,0	1.254,2	569,6
	2016/17	569,6	8.385,0	40,0	8.994,6	6.800,0	1.550,0	644,6
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	5.196,2	7.000,0	14.726,3	11.474,6	700,0	2.551,7

Fonte: Conab.

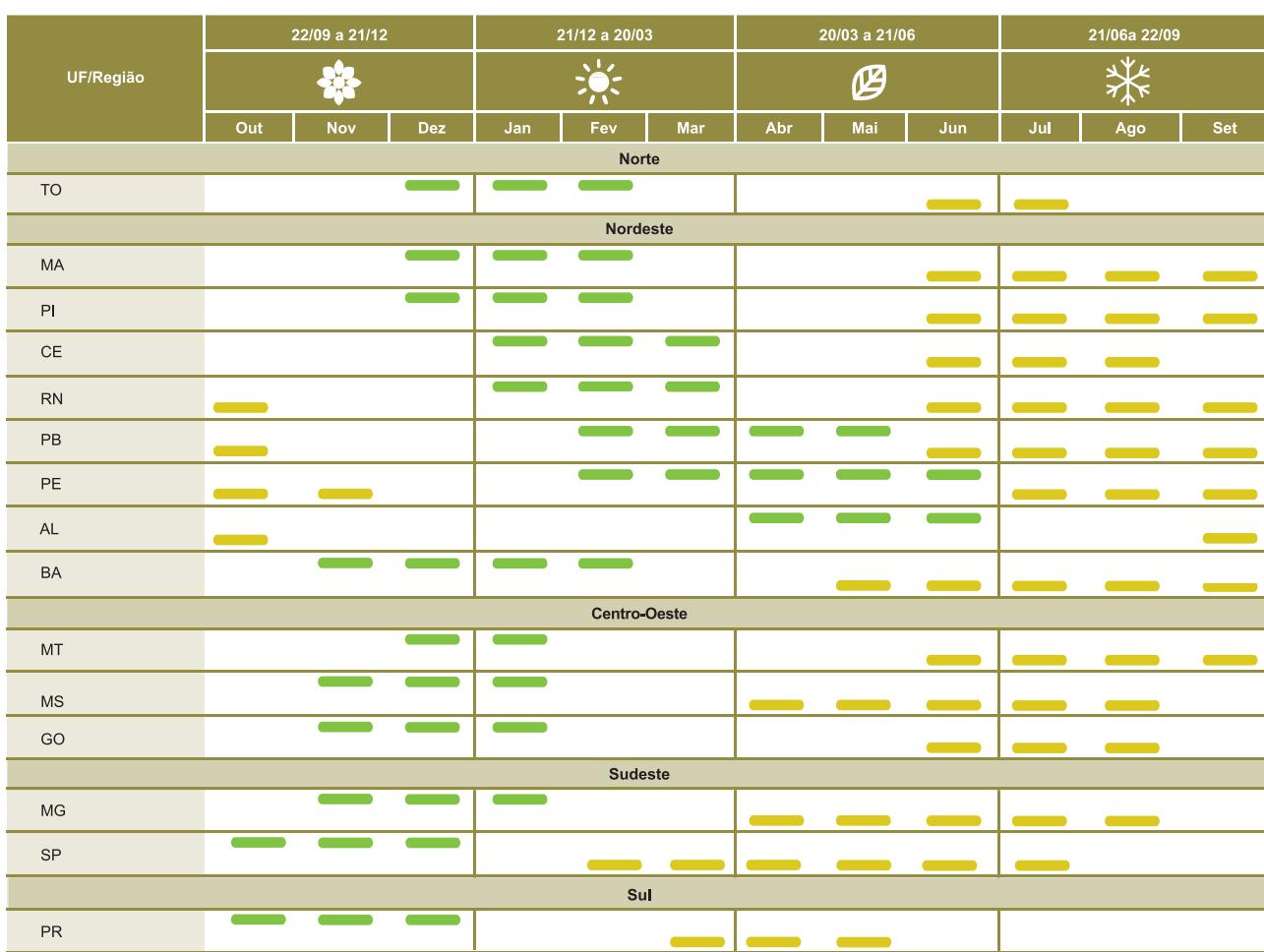
Notas: Estimativa em junho 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





12. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 13 - Calendário de plantio e colheita - Algodão



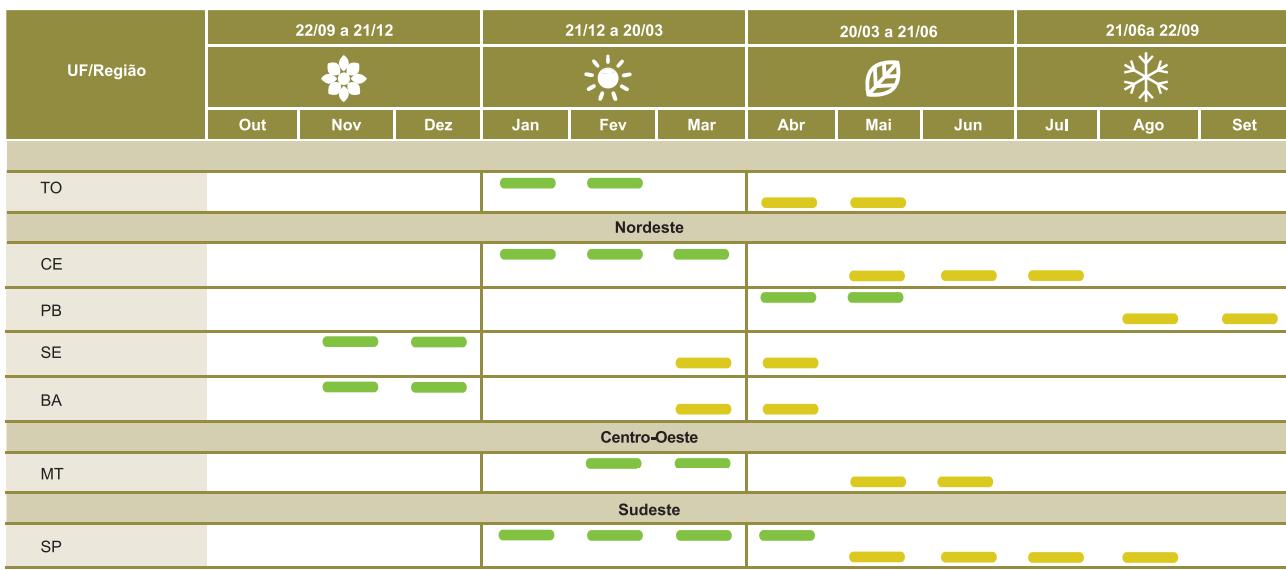
Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	 Out Nov Dez			 Jan Fev Mar			 Abr Mai Jun			 Jul Ago Set		
	Norte											
Norte												
RR							  			 		
RO	  			 								
AC	  			  								
AM	  			  								
AP				  			  					
PA	  			  			  					
TO	  			  			  					
Nordeste												
MA	  			  			  					
PI		 		  			  					
CE				  						  		
RN	 			  			  					
PB				  			  					
PE	 			  			  					
AL	  			  			  					
SE	 			  								
BA	  			  			  					
Centro-Oeste												
MT	  			  			  					
MS	  			  			  					
GO	  			  			  					
Sudeste												
MG	  			  			  					
ES	  			  			  					
RJ	  			  			  					
SP	  			  			  					
Sul												
PR	  			  			  					
SC	  			  			  					
RS	  			  			  					

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

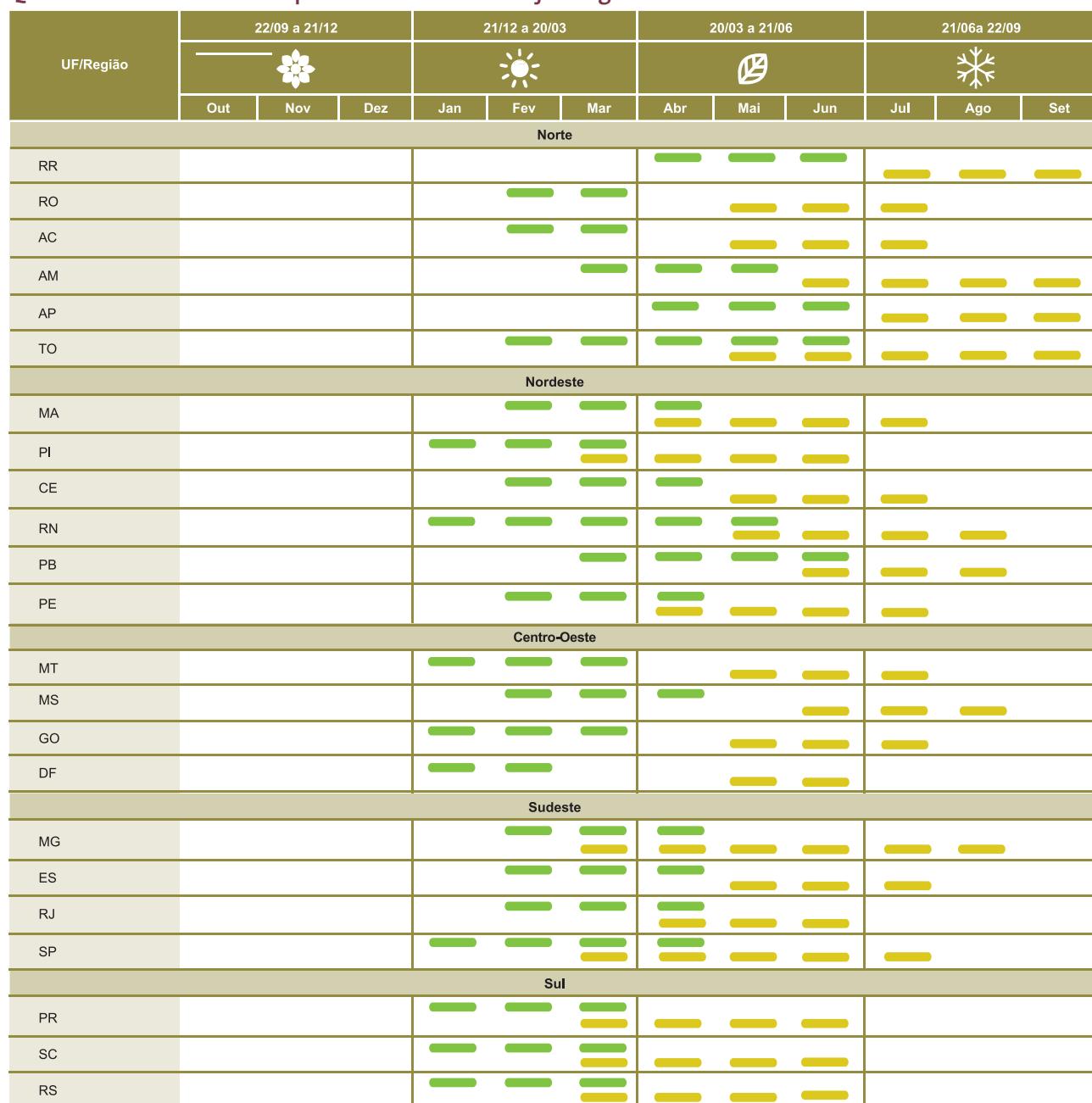


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra



Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



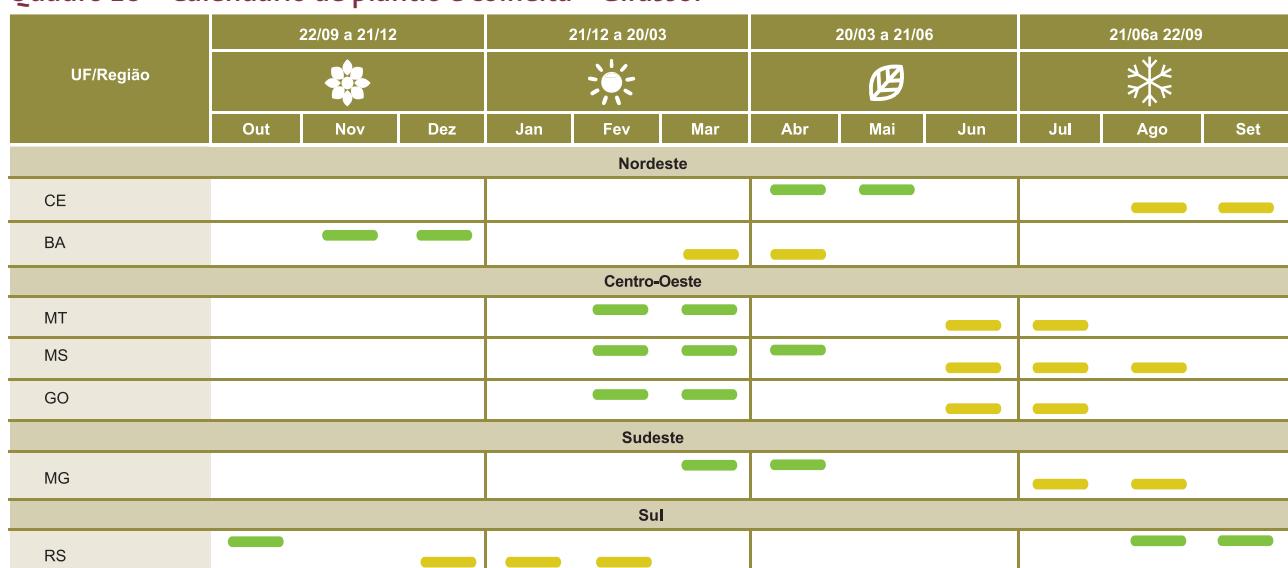
Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

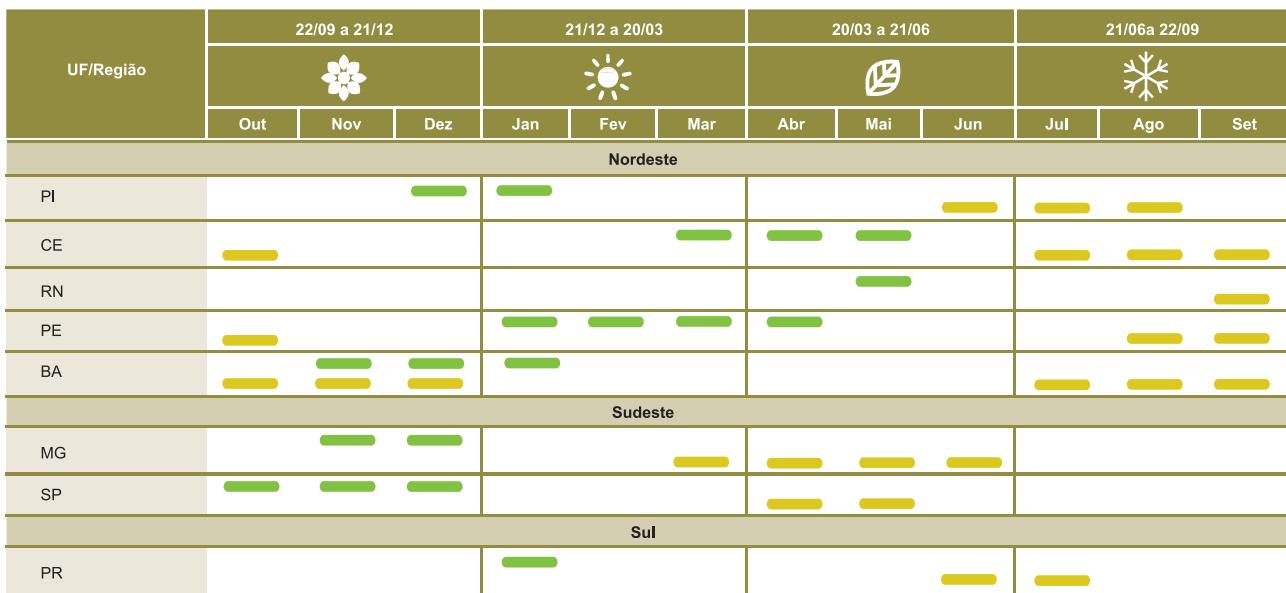


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Mamona



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	 Out Nov Dez			 Jan Fev Mar			 Abr Mai Jun			 Jul Ago Set		
	Norte											
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

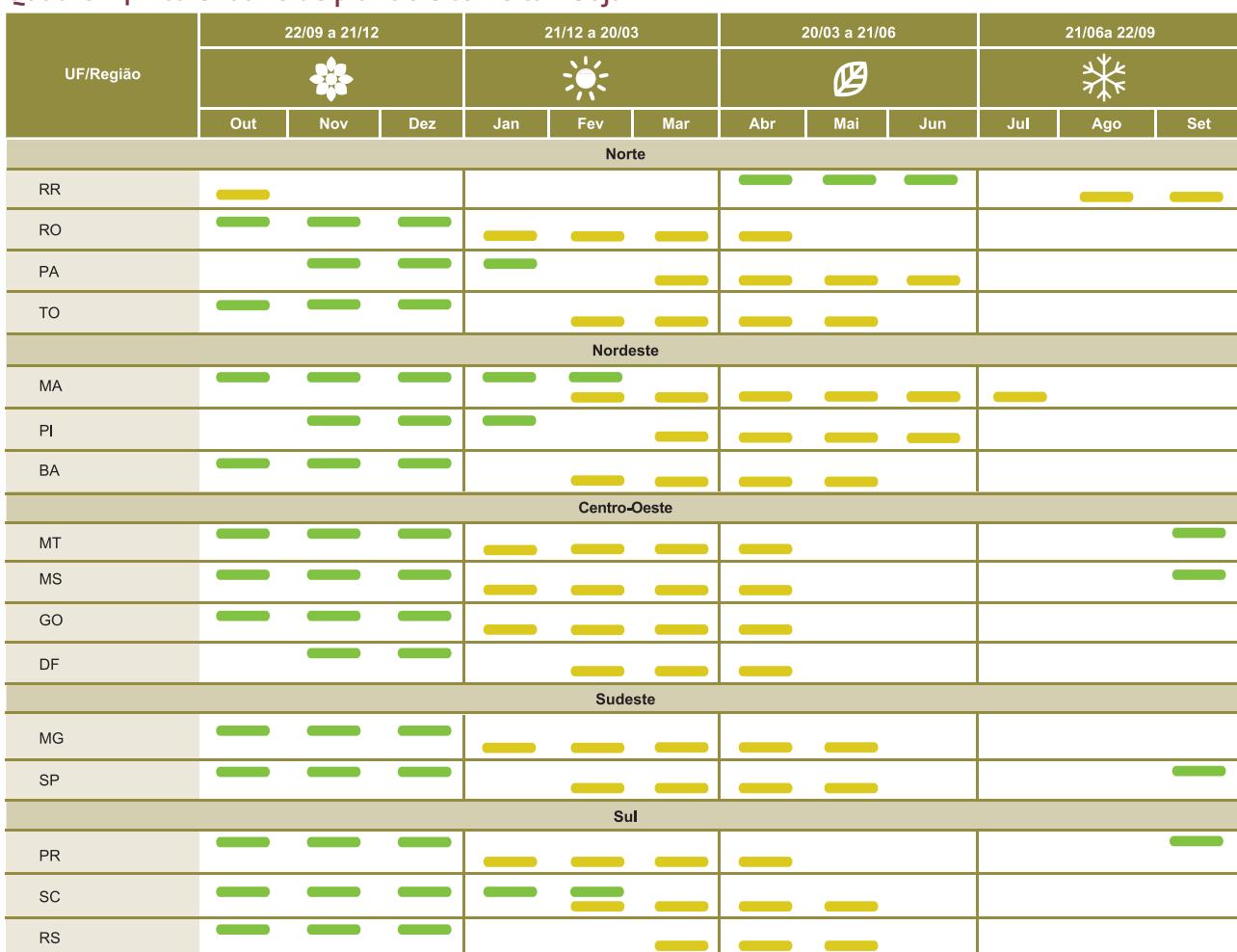


Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Soja

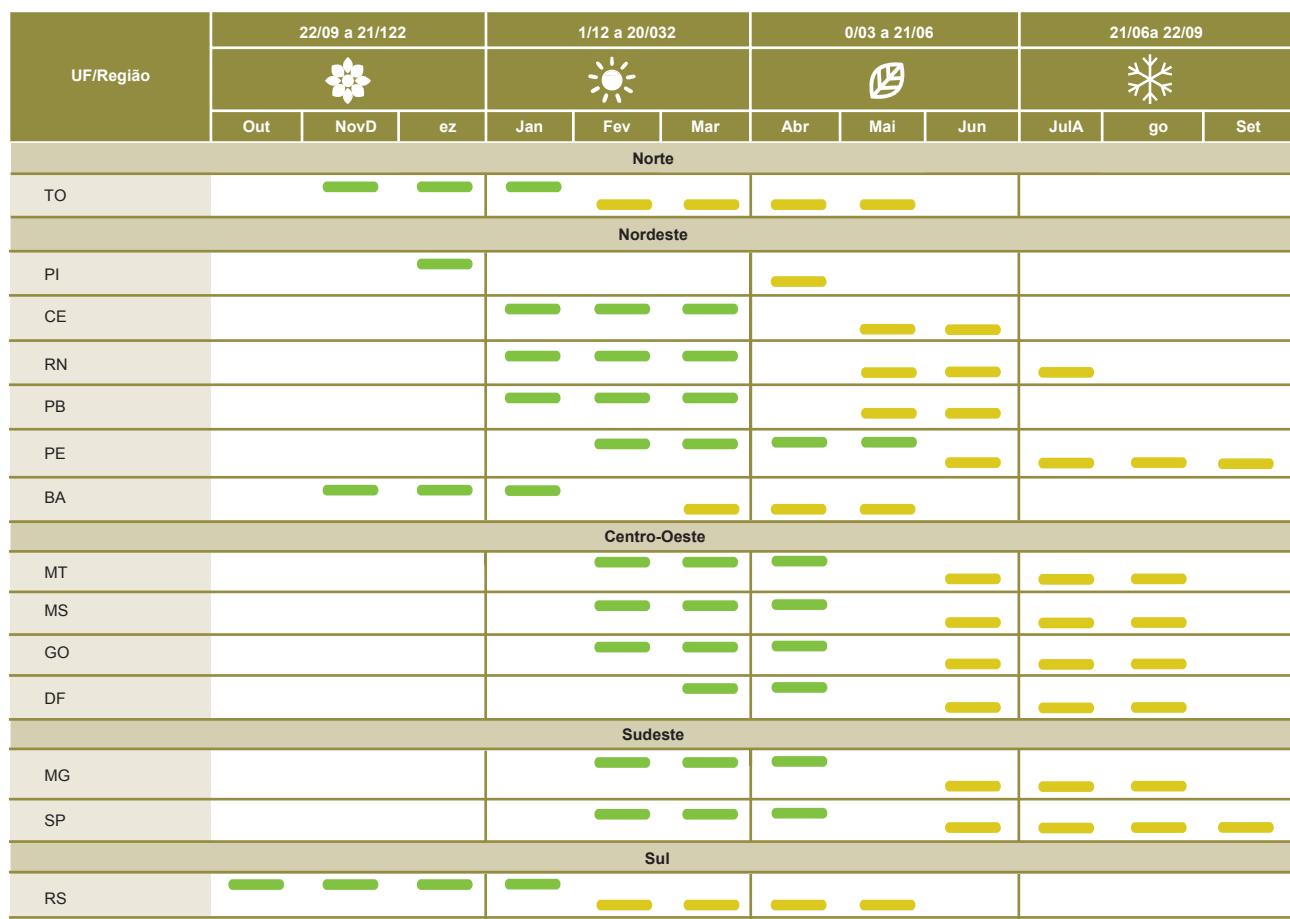


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab



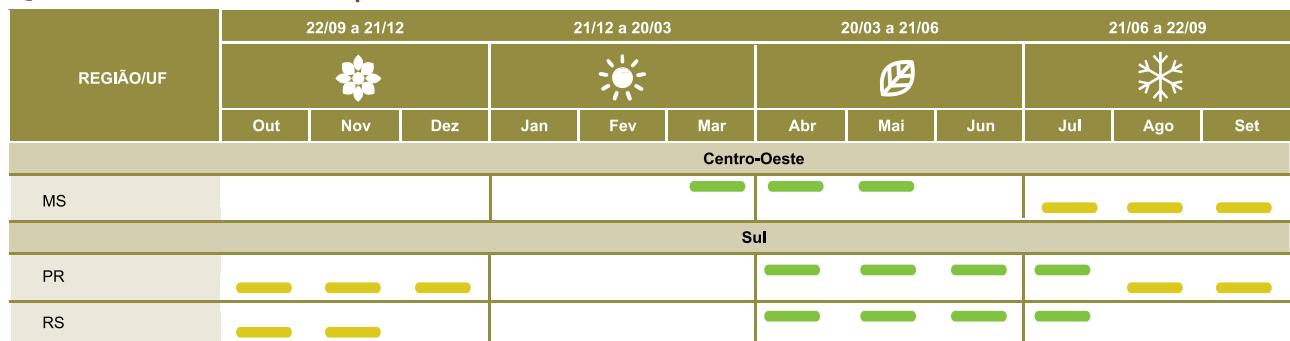
Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Aveia



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 30 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							 			 		
GO							  	 				
DF							  			 		
Sudeste												
MG				 			  			 		
SP							 			 		
Sul												
PR	  						  		 		 	
SC	  						  		 			
RS	  						 					

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 31 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP							  			 		
Sul												
PR	  						  					
SC	  						 		 			
RS	 						 			 		

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

